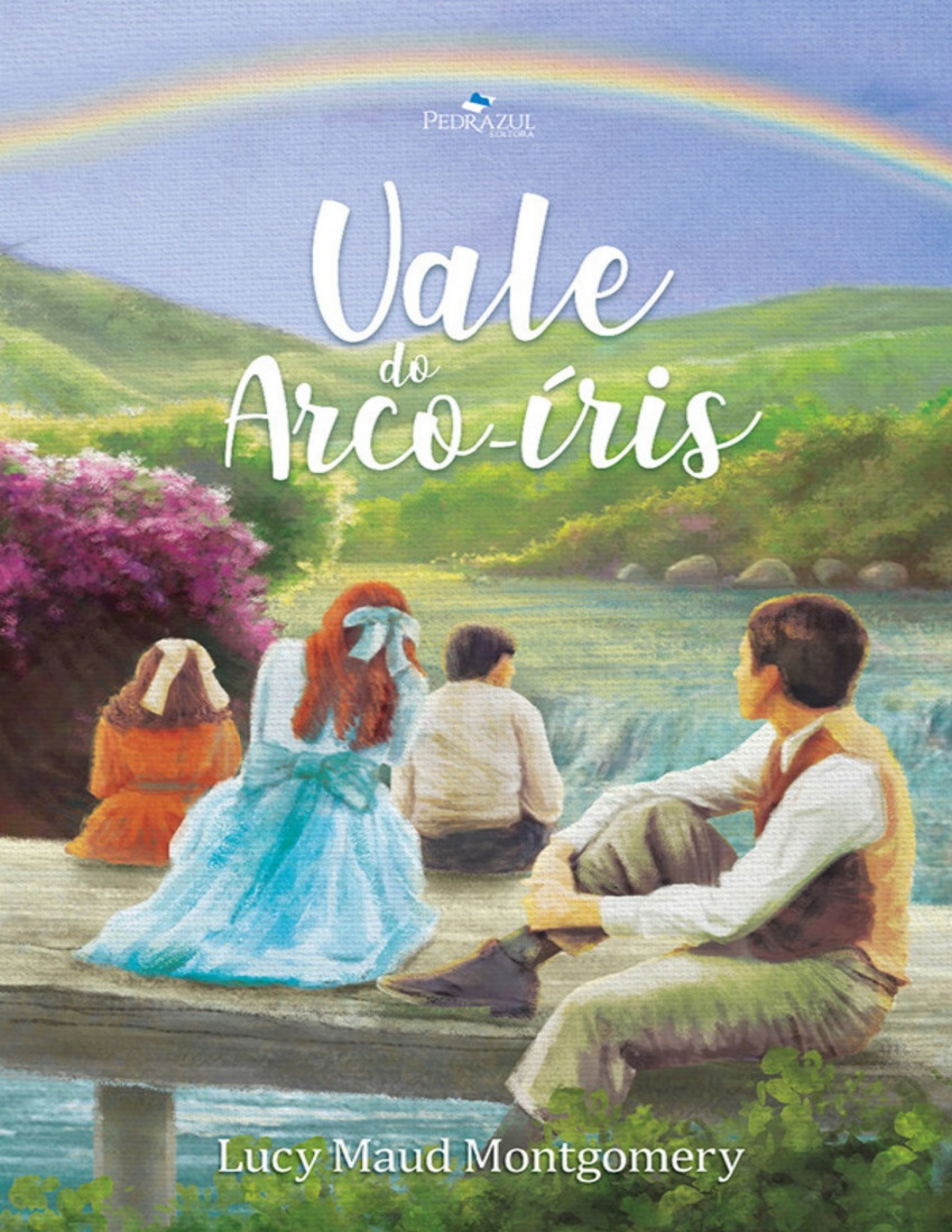

PEDRAZUL
EDITORA
Vale
do
Arco-íris
Lucy Maud Montgomery

Vale do Arco-Íris
Lucy Maud Montgomery

"Os pensamentos da juventude são longos, longos pensamentos."

- LONGFELLOW

À MEMÓRIA DE
GOLDWIN LAPP,

ROBERT BROOKES E

MORLEY SHIER,

QUE FORNECERAM

O SACRIFÍCIO

SUPREMO DE QUE

OS FELIZES VALES

DA SUA TERRA

PODERÃO SER

MANTIDOS

A SALVO DA

DEVASTAÇÃO DO

INVASOR

CAPÍTULO I

DE NOVO EM CASA

Era uma noite clara e verde-maçã, em maio, e o Porto dos Quatro Ventos refletia as nuvens do oeste dourado entre suas margens suaves e escuras. O mar gemia assustadoramente na barra de areia, triste até na primavera, mas um vento manhoso e jovial soprava pela estrada vermelha do porto, ao longo da qual a confortável figura matronal da senhorita Cornelia caminhava em direção à vila de Glen St. Mary. A senhorita Cornelia era legitimamente a sra. Marshall Elliott, e era a sra. Marshall Elliott por treze anos, mas ainda mais pessoas a chamavam de senhorita Cornelia do que de sra. Elliott. O nome antigo era caro para seus velhos amigos, apenas um deles o desprezou. Susan Baker, a criada cinzenta, sombria e fiel da família Blythe em Ingleside, nunca perdeu a oportunidade de chamá-la de "Sra. Marshall Elliott, "com a maior ênfase matadora e pontiaguda, como se dissesse:" Você queria ser a sra. E a sra. Você estará com uma vingança no que me diz respeito. "

A senhorita Cornelia estava subindo para Ingleside para ver o dr. Eles estavam ausentes há três meses, partindo em fevereiro para participar de um famoso congresso médico em Londres; e certas coisas que Miss Cornelia estava ansiosa para discutir ocorreram no Glen durante a ausência deles. Por um lado, havia uma nova família na mansão. E que família! A senhorita Cornelia sacudiu a cabeça sobre eles várias vezes enquanto caminhava rapidamente.

Susan Baker e Anne Shirley de outros dias a viram chegando, sentadas na grande varanda de Ingleside, apreciando o encanto da luz do gato, a doçura de piscos sonolentos assobiando entre os bordos crepusculares e a dança de um grupo raivoso de narcisos soprando contra a velha e suave parede de tijolos vermelhos do gramado.

Anne estava sentada nos degraus, as mãos cruzadas sobre o joelho, parecendo, no crepúsculo amável, tão infantil quanto uma mãe de muitos tem o direito de ser; e os lindos olhos cinza-esverdeados, contemplando a estrada do porto, estavam tão cheios de brilho e sonho inatingíveis quanto sempre. Atrás dela, na rede, Rilla Blythe estava encolhida, uma criatura gorda e gorducha de seis anos, a caçula das crianças inglesinas. Ela tinha cabelos ruivos encaracolados e olhos castanhos que estavam abotoados depois da moda engraçada e enrugada em que Rilla sempre dormia.

Shirley, "o menininho moreno", como era conhecido na família "Quem é Quem", estava dormindo nos braços de Susan. Ele era de cabelos castanhos,

olhos castanhos e pele marrom, com bochechas muito rosadas, e ele era o amor especial de Susan. Depois de seu nascimento, Anne ficou muito doente por um longo tempo, e Susan "cuidou" do bebê com uma ternura apaixonada que nenhuma das outras crianças, queridas como eram para ela, jamais chamou. O Dr. Blythe havia dito isso, mas para ela ele nunca teria vivido.

"Eu lhe dei a vida tanto quanto você, Sra. Dr. querida", Susan costumava dizer. "Ele é tanto meu bebê quanto ele é seu." E, de fato, sempre foi para Susan que Shirley correu, para ser beijada por solavancos, balançada para dormir e protegida de palmadas bem merecidas. Susan espancou conscientemente todos os outros filhos de Blythe quando pensou que eles precisavam dele para o bem de suas almas, mas ela não espancou Shirley nem permitiu que sua mãe o fizesse. Certa vez, o Dr. Blythe o espancou e Susan ficou indignada.

"Aquele homem espancaria um anjo, Sra. Dra. Querida, que sim", ela declarou amargamente; e ela não faria do pobre médico uma torta por semanas.

Ela levou Shirley com ela para a casa de seu irmão durante a ausência de seus pais, enquanto todos os outros filhos foram para Avonlea, e ela teve três meses abençoados dele só para ela. No entanto, Susan ficou muito feliz por se encontrar de volta a Ingleside, com todos os seus queridos ao seu redor novamente. Ingleside era o seu mundo e nele reinava supremo. Até Anne raramente questionava suas decisões, para desgosto da sra. Rachel Lynde, de Green Gables, que dizia tristemente a Anne, sempre que ela visitava o Four Winds, que ela estava deixando Susan ser uma chefe demais e viveria para lamentar. isto.

"Aqui está Cornelia Bryant subindo a estrada do porto, Sra. Dra. Querida", disse Susan. "Ela virá para descarregar fofocas de três meses sobre nós."

Espero que sim disse Anne, abraçando os joelhos. - Estou morrendo de fome pelas fofocas de Glen St. Mary, Susan. Espero que a senhorita Cornelia possa me contar tudo o que aconteceu enquanto estivermos fora - TUDO - quem nasceu, se casou ou se embriagou; quem morreu, ou se foi, ou veio, ou lutou, ou perdeu uma vaca, ou encontrou um namorado. É tão delicioso estar em casa novamente com todos os caras queridos de Glen, e eu quero saber tudo sobre eles. Lembro-me de perguntar por que, ao atravessar a Abadia de Westminster, com quem de seus dois namorados especiais, Millicent Drew finalmente se casaria. Você sabe, Susan, tenho uma suspeita terrível de que adoro fofocas.

"Bem, é claro, senhora Dra. Querida", admitiu Susan, "toda mulher de verdade gosta de ouvir as notícias. Estou bastante interessado no caso de Millicent Drew. Nunca tive um namorado, muito menos dois, e não me importo agora, pois ser uma empregada velha não dói quando você se acostuma. O cabelo de Millicent sempre parece para mim como se ela tivesse varrido com

uma vassoura. Mas os homens não parecem se importar com isso.

"Eles vêem apenas seu rostinho bonito, picante, zombeteiro, Susan."

- Isso pode muito bem ser, senhora Dra. Querida. O Bom Livro diz que o favor é enganoso e a beleza é inútil, mas eu não deveria ter me importado em descobrir isso sozinho, se tivesse sido assim ordenado. Não tenho dúvida de que todos seremos lindos quando somos anjos, mas que bem isso fará para nós então? Falando em fofocas, no entanto, eles dizem que a pobre Sra. Harrison Miller sobre o porto tentou se enforcar na semana passada.

"Oh, Susan!"

-Acalme-se, senhora Dra. Querida. Ela não teve sucesso. Mas eu realmente não a culpo por tentar, pois o marido é um homem terrível. Mas ela era muito tola ao pensar em se enforcar e deixar o caminho livre para ele se casar com outra mulher. Se eu estivesse no lugar dela, Sra. Dra. Querida, teria ido trabalhar para preocupá-lo, para que ele tentasse se enforcar em vez de mim. Não que eu me agarre com pessoas se enforcando sob nenhuma circunstância, senhora Dra.

"Qual é o problema com Harrison Miller, afinal?", Disse Anne, impaciente. "Ele está sempre levando alguém a extremos."

-Bem, algumas pessoas chamam isso de religião e outras de xingamento, pedindo perdão, sra. Dr. querida, por usar essa palavra. Parece que eles não conseguem entender qual é o caso de Harrison. Há dias em que ele rosna para todos porque acha que está predestinado ao castigo eterno. E há dias em que ele diz que não se importa e vai e fica bêbado. Minha opinião é que ele não é bom em seu intelecto, pois nenhum desses ramos dos Miller era. Seu avô ficou louco. Ele pensou que estava cercado por grandes aranhas negras. Eles rastejaram sobre ele e flutuaram no ar sobre ele. Espero nunca enlouquecer, senhora Dra. Querida, e acho que não, porque não é um hábito dos padeiros. Mas, se uma providência onisciente a decretar, Espero que não assuma a forma de grandes aranhas negras, porque detesto os animais. Quanto à sra. Miller, não sei se ela realmente merece pena ou não. Há quem diga que ela acabou de se casar com Harrison, apesar de Richard Taylor, o que me parece uma razão muito peculiar para se casar. Mas então, é *claro,Não* sou juiz de coisas matrimoniais, senhora Dra. Querida. E tem Cornelia Bryant no portão, então eu vou colocar esse bebê marrom abençoado em sua cama e pegar meu tricô.

CAPÍTULO II

MAIS FOFOCA

- Onde estão as outras crianças? - perguntou Miss Cornelia, quando terminaram as primeiras saudações - cordiais ao seu lado, arrebatadoras na casa de Anne e dignas na de Susan -.

"Shirley está na cama e Jem, Walter e os gêmeos estão no seu amado Rainbow Valley", disse Anne. - Eles chegaram em casa hoje à tarde e mal podiam esperar até o jantar terminar antes de correrem para o vale. Eles adoram isso acima de todos os lugares da terra. Até o bosque de bordo não rivaliza com isso em seus afetos.

"Receio que eles gostem muito bem", disse Susan, sombria. "O pequeno Jem disse uma vez que preferia ir ao vale do arco-íris do que ao céu quando morreu, e isso não foi uma observação apropriada."

Suponho que se divertiram muito em Avonlea? Disse Miss Cornelia.

"Enorme. Marilla estragá-los terrivelmente. Jem, em particular, não pode errar aos olhos dela.

"A senhorita Cuthbert deve ser uma senhora agora", disse a senhorita Cornelia, tirando o tricô, para poder se manter com Susan. Cornelia sustentou que a mulher cujas mãos estavam empregadas sempre teve vantagem sobre a mulher cujas mãos não estavam.

"Marilla tem oitenta e cinco", disse Anne com um suspiro. "O cabelo dela é branco como a neve. Mas, estranho dizer, sua visão é melhor do que quando tinha sessenta anos.

"Bem, querida, estou realmente feliz por você ter voltado. Eu tenho sido terrível solitário. Mas não fomos chatos no Glen, acredite em mim. Não houve uma primavera tão emocionante no meu tempo, no que diz respeito às questões da igreja. Finalmente nos acertamos com uma ministra, Anne, querida.

"O reverendo John Knox Meredith, sra. Dr. querida", disse Susan, decidida a não deixar a senhorita Cornelia contar todas as notícias.

"Ele é legal?" Perguntou Anne, interessada.

Cornelia suspirou e Susan gemeu.

"Sim, ele é legal o suficiente se isso fosse tudo", disse o primeiro. "Ele é MUITO gentil - e muito instruído - e muito espiritual. Mas, oh Anne querida, ele não tem bom senso!

"Como você o chamou, então?"

"Bem, não há dúvida de que ele é, de longe, o melhor pregador que já

tivemos na igreja de Glen St. Mary", disse Miss Cornelia, virando uma tacada ou duas. Suponho que é porque ele é tão desanimado e distraído que nunca recebeu uma ligação da cidade. Seu sermão de julgamento foi simplesmente maravilhoso, acredite em mim. Todo mundo ficou louco por isso - e sua aparência.

"Ele é MUITO simpático, senhora Dra. Querida, e quando tudo estiver dito e feito, eu gosto de ver um homem bonito no púlpito", interrompeu Susan, pensando que era hora de se afirmar novamente.

"Além disso", disse Miss Cornelia, "estávamos ansiosos para nos acomodar. E o Sr. Meredith foi o primeiro candidato em que todos concordamos. Alguém tinha alguma objeção a todos os outros. Houve uma conversa sobre ligar para o Sr. Folsom. Ele também era um bom pregador, mas de alguma forma as pessoas não se importavam com a aparência dele. Ele era muito escuro e elegante.

"Ele parecia exatamente um grande gato preto, o que era, sra. Dr. querida", disse Susan. "Eu nunca poderia suportar um homem assim no púlpito todos os domingos."

"Então o Sr. Rogers veio e ele era como um pedaço de mingau - nem mal nem bem", retomou Miss Cornelia. "Mas se ele tivesse pregado como Pedro e Paulo, isso não lhe valeria nada, pois esse foi o dia em que as ovelhas de Caleb Ramsay entraram na igreja e deram um 'ba-a-a' alto assim que ele anunciou seu texto. Todo mundo riu, e o pobre Rogers não teve chance depois disso. Alguns achavam que deveríamos ligar para o sr. Stewart, porque ele era muito educado. Ele sabia ler o Novo Testamento em cinco idiomas.

"Mas eu não acho que ele estava mais certo do que outros homens de chegar ao céu por causa disso", interrompeu Susan.

"A maioria de nós não gostou da entrega dele", disse Miss Cornelia, ignorando Susan. "Ele falou em grunhidos, por assim dizer. E o Sr. Arnett não sabia pregar. E ele escolheu o pior texto de candidatura que existe na Bíblia - 'Amaldiçoe Meroz'. "

"Sempre que ficava preso por uma idéia, ele batia na Bíblia e gritava amargamente: 'Amaldiçoe a Meroz.' O pobre Meroz foi completamente amaldiçoado naquele dia, quem quer que fosse, senhora Dra. Querida ", disse Susan.

"O ministro que está se candidatando não pode ter muito cuidado com o texto que escolhe", disse Miss Cornelia solenemente. "Acredito que o Sr. Pierson teria recebido a ligação se tivesse escolhido um texto diferente. Mas quando ele anunciou 'eu irei erguer meus olhos para as colinas', o motivo pelo qual ele havia acabado. Todos sorriram, pois todos sabiam que aquelas duas garotas de Hill Head, em Harbor Head, estavam definindo seus limites para cada ministro que

veio a Glen nos últimos quinze anos. E o Sr. Newman tinha uma família muito grande.

"Ele ficou com meu cunhado, James Clow", disse Susan. "'Quantos filhos você tem?' Eu perguntei a ele. "Nove meninos e uma irmã para cada um deles", disse ele. 'Dezoito!' disse eu. "Querida, que família!" E então ele riu e riu. Mas não sei por que, senhora Dra. Querida, e tenho certeza de que dezoito filhos seriam demais para qualquer homem.

"Ele tinha apenas dez filhos, Susan", explicou Miss Cornelia, com paciência desdenhosa. "E dez bons filhos não seriam muito piores para a mansão e a congregação do que os quatro que estão lá agora. Embora eu não diria, Anne, querida, que elas são tão ruins também. Eu gosto deles - todo mundo gosta deles. É impossível ajudar a gostar deles. Seriam pequenas almas muito boas se houvesse alguém para cuidar de suas maneiras e ensinar-lhes o que é certo e apropriado. Por exemplo, na escola, o professor diz que são crianças modelo. Mas em casa eles simplesmente correm soltos.

- E a senhora Meredith? - perguntou Anne.

"Não há Sra. Meredith. Esse é apenas o problema. Meredith é viúvo. A esposa dele morreu há quatro anos. Se soubéssemos que não acho que o chamaríamos, pois um viúvo é ainda pior em uma congregação do que um homem solteiro. Mas ele foi ouvido falar dos filhos e todos supusemos que havia uma mãe também. E quando eles chegaram, não havia mais que a velha tia Martha, como a chamam. Ela é prima da mãe do Sr. Meredith, acredito, e ele a levou para salvá-la da casa dos pobres. Ela tem setenta e cinco anos, meio cega, muito surda e muito irritadiça.

"E uma cozinheira muito pobre, Sra. Dr. querida."

"O pior gerente possível para uma mansão", disse Miss Cornelia amargamente. "Senhor. Meredith não vai ter outra governanta porque ele diz que isso machucaria os sentimentos da tia Martha. Anne, querida, acredite, o estado dessa mansão é algo terrível. Tudo está cheio de poeira e nada está em seu lugar. E tínhamos pintado e papelado tudo tão bem antes de eles chegarem. "

"Há quatro filhos, você diz?" Perguntou Anne, começando a cuidar deles já em seu coração.

"Sim. Eles correm como os degraus de uma escada. Gerald é o mais velho. Ele tem doze anos e eles o chamam de Jerry. Ele é um garoto esperto. A fé é onze. Ela é uma moleca normal, mas bonita como uma imagem, devo dizer.

"Ela parece um anjo, mas é um terror sagrado para travessuras, sra. Dra. Querida", disse Susan solenemente. - Estive na mansão uma noite na semana passada e a sra. James Millison também estava lá. Trouxera para eles uma dúzia de ovos e um pequeno balde de leite - um balde MUITO pequeno, sra. Dra.

Querida. Faith os pegou e levou a adega com eles. Perto do pé da escada, ela pegou o dedo do pé e caiu o resto do caminho, leite, ovos e tudo. Você pode imaginar o resultado, senhora Dra. Querida. Mas aquela criança veio rindo. "Não sei se sou eu ou uma torta de creme", disse ela. E a sra. James Millison estava muito zangada. Ela disse que nunca levaria outra coisa à mansão se ela fosse desperdiçada e destruída dessa maneira. "

"Maria Millison nunca se machucou levando coisas para a mansão", cheirou Miss Cornelia. "Ela apenas os tomou naquela noite como desculpa para a curiosidade. Mas a pobre Faith está sempre se metendo em arranhões. Ela é tão desatenta e impulsiva.

"Apenas como eu. Vou gostar da sua fé - disse Anne decididamente.

"Ela é cheia de coragem - e eu gosto de coragem, sra. Dr. querida", admitiu Susan.

"Há algo acontecendo com ela", admitiu Miss Cornelia. "Você nunca a vê, mas ela está rindo, e de alguma forma sempre faz você querer rir também. Ela não consegue nem manter a cara séria na igreja. Una tem dez anos - ela é uma coisinha doce - não bonita, mas doce. E Thomas Carlyle tem nove anos. Eles o chamam de Carl, e ele tem uma mania regular de coletar sapos, insetos e sapos e trazê-los para dentro de casa.

Suponho que ele era o responsável pelo rato morto que estava deitado em uma cadeira na sala na tarde em que a sra. Grant telefonou. Isso lhe deu uma guinada ", disse Susan," e não me pergunto, pois as salas de jantar não são lugar para ratos mortos. Para ter certeza, pode ter sido o gato que o deixou lá. Ele é tão cheio do velho Nick quanto pode ser empalhado, Sra. Dr. querida. Um gato manse deve, pelo menos, parecer respeitável, na minha opinião, o que ele realmente é. Mas eu nunca vi uma fera de aparência tão imprudente. E ele anda pelo cume da mansão quase todas as noites ao pôr do sol, senhora Dra. Querida, e balança o rabo, e isso não está se tornando.

"O pior de tudo é que eles nunca estão vestidos decentemente", suspirou Miss Cornelia. "E desde que a neve foi, eles vão para a escola descalços. Agora, você conhece Anne, querida, isso não é a coisa certa para os filhos de homens - especialmente quando a menininha do ministro metodista sempre usa botas tão abotoadas. E desejo que eles não joguem no antigo cemitério metodista.

"É muito tentador, quando está ao lado da mansão", disse Anne. "Sempre achei que os cemitérios deviam ser lugares agradáveis para se brincar."

"Oh, não, senhora Dra. Querida", disse Susan leal, determinada a proteger Anne de si mesma. "Você tem muito bom senso e decoro."

"Por que eles construíram aquela mansão ao lado do cemitério?", Perguntou Anne. "O gramado deles é tão pequeno que não há lugar para eles brincarem,

exceto no cemitério."

"Foi um erro", admitiu Miss Cornelia. "Mas eles ficaram muito baratos. E nenhuma outra criança virgem jamais pensou em brincar lá. O Sr. Meredith não deveria permitir. Mas ele sempre enterra o nariz em um livro, quando está em casa. Ele lê e lê, ou anda em seu escritório em um sonho. Até agora, ele não se esqueceu de ir à igreja aos domingos, mas duas vezes se esqueceu da reunião de oração e um dos anciãos teve que ir até a mansão e lembrá-lo. E ele esqueceu o casamento de Fanny Cooper. Eles ligaram para ele no telefone e então ele correu, como estava, chinelos de tapete e tudo. Não se importaria se os metodistas não rissem tanto disso. Mas há um conforto - eles não podem criticar seus sermões. Ele acorda quando está no púlpito, acredite em mim. *Eu* nunca o ouvi, graças a Deus.

O desprezo da senhorita Cornelia pelos homens havia diminuído um pouco desde o casamento, mas seu desprezo pelos metodistas continuava untado da caridade. Susan sorriu maliciosamente.

"Eles dizem, sra. Marshall Elliott, que os metodistas e presbiterianos estão falando em se unir", disse ela.

"Bem, tudo o que espero é que eu esteja sob a grama se isso acontecer", respondeu Miss Cornelia. "Eu nunca terei caminhões ou trocas com metodistas, e o Sr. Meredith descobrirá que é melhor se afastar deles também. Ele é sociável demais com eles, acredite em mim. Por que, ele foi ao jantar de prata dos Jacob Drews e, como resultado, teve uma bela briga?

"O que foi isso?"

"Sra. Drew pediu para ele esculpir o ganso assado - porque Jacob Drew nunca fazia ou podia esculpir. Bem, o Sr. Meredith o atacou e, no processo, ele o jogou no colo da sra. Reese, que estava sentada ao lado dele. E ele apenas disse sonhadoramente. 'Sra. Reese, você pode me devolver esse ganso? A sra. Reese 'devolveu', tão mansa quanto Moisés, mas devia estar furiosa, pois usava seu novo vestido de seda. O pior de tudo é que ela era metodista.

"Mas acho que é melhor do que se ela fosse presbiteriana", interrompeu Susan. "Se ela fosse presbiteriana, provavelmente teria deixado a igreja e não podemos nos dar ao luxo de perder nossos membros. E a sra. Reese não é apreciada em sua própria igreja, porque ela se dá tão bem, para que os metodistas fiquem bastante satisfeitos que o Sr. Meredith estrague seu vestido.

"O ponto é que ele se tornou ridículo, e *eu* , por exemplo, não gosto de ver meu ministro ridicularizado aos olhos dos metodistas", disse Miss Cornelia rigidamente. "Se ele tivesse uma esposa, isso não teria acontecido."

"Não vejo se ele tinha uma dúzia de esposas como elas poderiam ter impedido a sra. Drew de usar seu velho e duro dinheiro para o banquete de

casamento", disse Susan, teimosa.

"Dizem que foi o marido dela", disse Miss Cornelia. "Jacob Drew é uma criatura vaidosa, mesquinha e dominadora."

"E eles dizem que ele e a esposa se detestam - o que não me parece a maneira correta de as pessoas casadas se darem bem. Mas então, é claro, não tive nenhuma experiência nesse sentido ", disse Susan, sacudindo a cabeça. "E *eu* não sou o culpado de tudo. A Sra. Drew é má o bastante. Dizem que a única coisa que ela soube dar foi uma vasilha de manteiga feita com creme em que um rato caiu. Ela contribuiu para um social da igreja. Ninguém descobriu o rato até depois.

"Felizmente, todas as pessoas que os Merediths ofenderam até agora são metodistas", disse Miss Cornelia. - Que Jerry foi à reunião metodista de oração uma noite, cerca de duas semanas atrás, e sentou-se ao lado do velho William Marsh, que se levantou como de costume e testemunhou com gemidos temerosos. "Você se sente melhor agora?" sussurrou Jerry quando William se sentou. O pobre Jerry queria ser compreensivo, mas o Sr. Marsh achou que era impertinente e está furioso com ele. Obviamente, Jerry não tinha a menor obrigação de participar de uma reunião de oração metodista. Mas eles vão aonde querem.

"Espero que não ofendam a sra. Alec Davis, de Harbor Head", disse Susan. "Ela é uma mulher muito sensível, eu entendo, mas ela está muito bem e paga o máximo de alguém pelo salário. Ouvi dizer que ela diz que os Merediths são os piores filhos que ela já viu.

"Cada palavra que você diz me convence cada vez mais que os Merediths pertencem à raça que conhece Joseph", disse a senhora Anne decididamente.

"Quando tudo está dito e feito, eles fazem", admitiu Miss Cornelia. "E isso equilibra tudo. Enfim, nós os temos agora e devemos apenas fazer o melhor que pudermos por eles e defendê-los dos metodistas. Bem, suponho que devo estar chegando ao porto. Marshall logo estará em casa - ele passou por cima do porto hoje - e querendo seu super homem. Me desculpe, eu não vi as outras crianças. E cadê o médico?

"No Harbour Head. Ficamos em casa apenas três dias e, nesse período, ele passou três horas em sua própria cama e fez duas refeições em sua própria casa. "

"Bem, todo mundo que esteve doente nas últimas seis semanas esperava que ele voltasse para casa - e eu não os culpo. Quando o médico do porto se casou com a filha do agente funerário em Lowbridge, as pessoas suspeitavam dele. Não parecia bem. Você e o médico devem descer em breve e nos contar tudo sobre sua viagem. Suponho que você teve um tempo esplêndido.

"Nós tínhamos", concordou Anne. "Foi a realização de anos de sonhos. O mundo antigo é muito amável e maravilhoso. Mas voltamos muito bem satisfeitos com nossa própria terra. O Canadá é o melhor país do mundo, Miss Cornelia.

"Ninguém nunca duvidou disso", disse Miss Cornelia, complacente.

"E o antigo PEI é a província mais bonita do país e o Four Winds o local mais adorável do PEI", riu Anne, olhando adoravelmente o esplendor do vale, do vale e do golfo. Ela acenou com a mão. - Não vi nada mais bonito do que isso na Europa, senhorita Cornelia. Você deve ir? As crianças vão se arrepender de sentir sua falta.

"Eles devem vir me ver em breve. Diga a eles que a jarra de rosca está sempre cheia.

"Oh, no jantar eles estavam planejando uma descida em você. Eles vão em breve; mas eles devem se estabelecer na escola novamente agora. E os gêmeos vão fazer aulas de música. "

- Não da esposa do ministro metodista, espero? - perguntou Miss Cornelia, ansiosa.

- Não, de Rosemary West. Eu estava acordado ontem à noite para combinar com ela. Que menina bonita ela é!

Rosemary se mantém bem. Ela não é tão jovem quanto era antes.

"Eu a achei muito charmosa. Eu nunca tive nenhum conhecimento real com ela, você sabe. A casa deles está tão fora do caminho, e eu raramente a vi, exceto na igreja.

"As pessoas sempre gostaram de Rosemary West, embora não a entendam", disse Miss Cornelia, bastante inconsciente do alto tributo que estava prestando ao charme de Rosemary. "Ellen sempre a manteve no chão, por assim dizer. Ela tiranizou-a e, no entanto, sempre a entregou de muitas maneiras. Rosemary ficou noiva uma vez, você sabe, com o jovem Martin Crawford. Seu navio foi afundado nas Madalenas e toda a tripulação foi afogada. Rosemary era apenas uma criança - apenas dezessete. Mas ela nunca mais foi a mesma depois. Ela e Ellen ficaram muito perto de casa desde a morte de sua mãe. Eles não costumam frequentar sua própria igreja em Lowbridge e eu entendo que Ellen não aprova ir com muita frequência a uma igreja presbiteriana. Para o metodista que ela NUNCA vai, direi isso por ela. Essa família de ocidentais sempre foi forte episcopal. Rosemary e Ellen estão muito bem. Rosemary realmente não precisa dar aulas de música. Ela faz isso porque gosta. Eles são parentes distantes de Leslie, você sabe. Os Fords estão chegando ao porto neste verão?

"Não. Eles vão viajar para o Japão e provavelmente ficarão um ano fora. O novo romance de Owen é ter um cenário japonês. Este será o primeiro verão em

que a querida e velha Casa dos Sonhos estará vazia desde que a deixamos.

"Acho que Owen Ford pode encontrar o suficiente para escrever no Canadá sem arrastar sua esposa e seus filhos inocentes para um país pagão como o Japão", resmungou Miss Cornelia. " *O Livro da Vida* foi o melhor livro que ele já escreveu e conseguiu o material aqui em Four Winds."

- O capitão Jim deu a ele o máximo disso, você sabe. E ele colecionou em todo o mundo. Mas os livros de Owen são todos deliciosos, eu acho.

"Oh, eles estão bem o suficiente na medida em que vão. Faço questão de ler todos os que ele escreve, embora eu sempre tenha sustentado, Anne Dearie, que ler romances é uma perda de tempo pecaminosa. Escreverei e direi a ele minha opinião sobre esse negócio japonês, acredite em mim. Ele quer que Kenneth e Persis sejam convertidos em pagãos?

Com que enigma irrespondível Miss Cornelia partiu. Susan começou a colocar Rilla na cama e Anne sentou-se nos degraus da varanda sob as primeiras estrelas e sonhou seus sonhos incorrigíveis e aprendeu novamente pela centésima vez que o esplendor e o brilho da lua poderiam ser em Four Winds Harbor.

CAPÍTULO III
AS CRIANÇAS INGLESAS

Durante o dia, as crianças Blythe gostavam muito de brincar nos ricos e macios verdes e sombrios do grande bosque de bordo entre Ingleside e a lagoa Glen St. Mary; mas para as festas da tarde não havia lugar como o pequeno vale atrás do bosque. Era um reino de romance de fadas para eles. Certa vez, olhando pelas janelas do sótão de Ingleside, através da névoa e do rescaldo de uma tempestade de verão, viram o local amado arqueado por um arco-íris glorioso, cuja extremidade parecia mergulhar diretamente para onde um canto da lagoa corria. no extremo inferior do vale.

"Vamos chamá-lo de Rainbow Valley", disse Walter deliciosamente, e Rainbow Valley a partir de então.

Fora do vale do arco-íris, o vento pode ser agitado e barulhento. Aqui sempre foi gentil. Pequenos e sinuosos caminhos de fadas corriam aqui e ali sobre raízes enfeitadas com almofadas de musgo. Cerejeiras silvestres, que na época da floração seriam brancas e enevoadas, estavam espalhadas por todo o vale, misturando-se com os abetos vermelhos escuros. Um pequeno riacho com águas cor de âmbar passava pela aldeia Glen. As casas da vila estavam confortavelmente distantes; apenas na extremidade superior do vale havia uma pequena cabana deserta e tombada, conhecida como "a antiga casa de Bailey". Ela não era ocupada há muitos anos, mas um dique cultivado em grama o cercava e dentro havia uma antiga jardim onde as crianças Ingleside podiam encontrar violetas e margaridas e lírios de junho ainda florescendo na estação. Para o resto, Para os procurados, jazia a lagoa e além dela a distância amadurecida se perdia na floresta púrpura, exceto onde, em uma colina alta, uma solitária e velha fazenda cinza olhava para o vale e o porto. Havia um certo bosque selvagem e solidão no vale do arco-íris, apesar de sua proximidade com a vila, o que a agradava aos filhos de Ingleside.

O vale estava cheio de cavidades queridas e amigáveis, e a maior delas era o local de estampagem favorito. Aqui eles foram reunidos nesta noite em particular. Havia um bosque de abetos jovens neste buraco, com uma pequena clareira gramada no coração, abrindo-se na margem do riacho. Ao lado do ribeiro, crescia uma bétula de prata, uma coisa jovem e incrivelmente reta que Walter chamara de "Dama Branca". Nessa clareira também estavam os "Amantes das Árvores", como Walter chamava de abeto e bordo que cresciam tão intimamente. juntos que seus galhos estavam inextricavelmente entrelaçados. Jem havia pendurado um velho cordão de sinos, dado a ele pelo ferreiro de Glen,

nos Amantes das Árvores, e toda brisa de visitantes gritava repentinos sons de fadas.

"Como é bom estar de volta!", Disse Nan. "Afinal, nenhum dos lugares de Avonlea é tão bom quanto o Rainbow Valley."

Mas eles gostavam muito dos lugares de Avonlea por tudo isso. Uma visita a Green Gables sempre foi considerada um grande prazer. Tia Marilla era muito boa com elas, assim como a sra. Rachel Lynde, que passava o lazer da velhice tricotando mantas de algodão contra o dia em que as filhas de Anne precisassem de uma "partida". Havia colegas de brincadeira alegres. lá também - os filhos de "tio" Davy e os de "tia" Diana. Eles conheciam todos os lugares que sua mãe amara tão bem em sua infância na antiga Green Gables - a longa Lover's Lane, coberta de rosas em tempo de rosas silvestres, o quintal sempre limpo, com salgueiros e choupos, a Bolha do Dríade, lúcido e amável até então, o lago das águas brilhantes e Willowmere. Os gêmeos tinham o antigo quarto com empena da mãe, e tia Marilla costumava entrar à noite, quando pensava que estavam dormindo, para se gabar deles. Mas todos eles sabiam que ela amava Jem melhor.

No momento, Jem estava ocupado ocupando em fritar uma bagunça de truta pequena que ele acabara de pegar na lagoa. Seu fogão consistia em um círculo de pedras vermelhas, com uma fogueira acesa, e seus utensílios culinários eram uma lata velha, martelada e um garfo com apenas um dente sobrando. No entanto, rasgar boas refeições até agora tinha sido preparado.

Jem era o filho da Casa dos Sonhos. Todos os outros nasceram em Ingleside. Ele tinha cabelos ruivos encaracolados, como os da mãe, e olhos castanhos claros, como os do pai; ele tinha o nariz fino de sua mãe e a boca firme e bem-humorada de seu pai. E ele era o único da família que tinha ouvidos bons o suficiente para agradar a Susan. Mas ele teve uma briga permanente com Susan, porque ela não desistia de chamá-lo de Little Jem. Era escandaloso, pensou Jem, de 13 anos. Mãe tinha mais sentido.

"Eu não sou mais pequena, mãe", ele chorou indignado, no seu oitavo aniversário. "Eu sou grande demais."

Mãe suspirou, riu e suspirou de novo; e ela nunca mais o chamou Little Jem - ao menos em sua audiência.

Ele era e sempre fora um sujeito robusto e confiável. Ele nunca quebrou uma promessa. Ele não era um grande falador. Seus professores não o consideravam brilhante, mas ele era um bom aluno. Ele nunca aceitou as coisas com fé; ele sempre gostou de investigar a verdade de uma declaração por si mesmo. Uma vez Susan disse a ele que, se ele tocasse sua língua em uma trava gelada, toda a pele arrancaria. Jem havia feito isso prontamente, "apenas para ver

se era verdade". Ele descobriu que era "verdade", à custa de uma língua muito dolorida por vários dias. Mas Jem não ressentiu o sofrimento pelos interesses da ciência. Por experimentos e observações constantes, ele aprendeu bastante e seus irmãos e irmãs acharam maravilhoso o amplo conhecimento do pequeno mundo. Jem sempre sabia onde as primeiras e mais maduras bagas cresciam, onde as primeiras violetas pálidas acordavam timidamente do sono do inverno e quantos ovos azuis havia em um ninho de robin no bosque de bordo. Podia distinguir fortunas com pétalas de margarida e sugar mel de trevos vermelhos e arrancar todo tipo de raízes comestíveis nas margens do lago, enquanto Susan receava diariamente que todos fossem envenenados. Ele sabia onde o melhor chiclete era encontrado, em nós de âmbar pálido na casca de líquen, sabia onde as castanhas cresciam mais grossas nos bosques de faia ao redor de Harbor Head, e onde ficavam os melhores locais de trutas nos riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. onde as primeiras violetas pálidas acordavam timidamente do sono do inverno e quantos ovos azuis havia em um ninho de robin no bosque de bordo. Podia distinguir fortunas com pétalas de margarida e sugar mel de trevos vermelhos e arrancar todo tipo de raízes comestíveis nas margens do lago, enquanto Susan receava diariamente que todos fossem envenenados. Ele sabia onde o melhor chiclete era encontrado, em nós de âmbar pálido na casca de líquen, sabia onde as castanhas cresciam mais grossas nos bosques de faia ao redor de Harbor Head e onde ficavam os melhores locais de trutas nos riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. onde as primeiras violetas pálidas acordavam timidamente do sono do inverno e quantos ovos azuis havia em um ninho de robin no bosque de bordo. Podia distinguir fortunas com pétalas de margarida e sugar mel de trevos vermelhos e arrancar todo tipo de raízes comestíveis nas margens do lago, enquanto Susan receava diariamente que todos fossem envenenados. Ele sabia onde o melhor chiclete era encontrado, em nós de âmbar pálido na casca de líquen, sabia onde as castanhas cresciam mais grossas nos bosques de faia ao redor de Harbor Head e onde ficavam os melhores locais de trutas nos riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. e quantos ovos azuis havia em um dado ninho de robin no bosque de bordo. Podia distinguir fortunas com pétalas de margarida e sugar mel de trevos vermelhos e arrancar todo tipo de raízes comestíveis nas margens do lago, enquanto Susan receava diariamente que todos fossem envenenados. Ele sabia onde o melhor chiclete era encontrado, em nós de âmbar pálido na casca de líquen, sabia onde

as castanhas cresciam mais grossas nos bosques de faia ao redor de Harbor Head e onde ficavam os melhores locais de trutas nos riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. e quantos ovos azuis havia em um dado ninho de robin no bosque de bordo. Podia distinguir fortunas com pétalas de margarida e sugar mel de trevos vermelhos e arrancar todo tipo de raízes comestíveis nas margens do lago, enquanto Susan receava diariamente que todos fossem envenenados. Ele sabia onde o melhor chiclete era encontrado, em nós de âmbar pálido na casca de líquen, sabia onde as castanhas cresciam mais grossas nos bosques de faia ao redor de Harbor Head e onde ficavam os melhores locais de trutas nos riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. e arranque todo tipo de raízes comestíveis nas margens do lago, enquanto Susan temia diariamente que todos fossem envenenados. Ele sabia onde o melhor chiclete era encontrado, em nós de âmbar pálido na casca de líquen, sabia onde as castanhas cresciam mais grossas nos bosques de faia ao redor de Harbor Head, e onde ficavam os melhores locais de trutas nos riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. e arranque todo tipo de raízes comestíveis nas margens do lago, enquanto Susan temia diariamente que todos fossem envenenados. Ele sabia onde o melhor chiclete era encontrado, em nós de âmbar pálido na casca de líquen, sabia onde as castanhas cresciam mais grossas nos bosques de faia ao redor de Harbor Head, e onde ficavam os melhores locais de trutas nos riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. e onde ficavam os melhores lugares para trutas até os riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono. e onde ficavam os melhores lugares para trutas até os riachos. Ele podia imitar o chamado de qualquer pássaro selvagem ou animal em Four Winds e conhecia o local de todas as flores silvestres da primavera ao outono.

Walter Blythe estava sentado sob a Dama Branca, com um volume de poemas a seu lado, mas ele não estava lendo. Ele estava olhando agora para os salgueiros embaçados de esmeralda na lagoa, e agora para um bando de nuvens, como ovelhas prateadas, pastoreadas pelo vento, que flutuavam sobre o vale do arco-íris, com êxtase em seus olhos esplêndidos. Os olhos de Walter eram muito maravilhosos. Toda a alegria, tristeza, riso, lealdade e aspiração de muitas gerações caídas sob a grama pareciam fora de suas profundezas cinzas escuras.

Walter era um "pulo de parentesco", tanto quanto parecia. Ele não se parecia com nenhum parente conhecido. Ele era o mais bonito dos filhos de Ingleside, com cabelos lisos e negros e feições bem modeladas. Mas ele tinha toda a imaginação vívida de sua mãe e um amor apaixonado pela beleza. Geada do inverno, convite da primavera, sonho do verão e glamour do outono, tudo significava muito para Walter.

Na escola, onde Jem era um chefe, Walter não era considerado altamente. Ele deveria ser "feminino" e insensato ao leite, porque nunca brigava e raramente participava dos esportes da escola, preferindo se reunir sozinho em cantos fora do caminho e ler livros - especialmente "livros de poesia". Walter adorava os poetas e debruçaram suas páginas desde o momento em que ele pôde ler. A música deles foi tecida em sua alma crescente - a música dos imortais. Walter acalentou a ambição de ser poeta algum dia. A coisa poderia ser feita. Um certo tio Paul - assim chamado por cortesia - que vivia agora naquele reino misterioso chamado "os Estados", era o modelo de Walter. O tio Paul já fora um garotinho em Avonlea e agora sua poesia era lida em todos os lugares. Mas os estudantes de Glen não conheciam os sonhos de Walter e não ficariam muito impressionados se tivessem. Apesar de sua falta de capacidade física, no entanto, ele conquistou um certo respeito relutante por causa de seu poder de "falar sobre livros falados". Ninguém na escola de Glen St. Mary podia falar como ele. Ele "parecia um pregador", disse um garoto; e por esse motivo, ele geralmente era deixado sozinho e não perseguido, como a maioria dos meninos era suspeita de não gostar ou temer brigas. Disse um garoto; e por esse motivo, ele geralmente era deixado sozinho e não perseguido, como a maioria dos meninos era suspeita de não gostar ou temer brigas. Disse um garoto; e por esse motivo, ele geralmente era deixado sozinho e não perseguido, como a maioria dos meninos era suspeita de não gostar ou temer brigas.

Os gêmeos ingleses de dez anos violaram a tradição de gêmeos por não parecerem nem um pouco iguais. Anne, que sempre foi chamada Nan, era muito bonita, com olhos castanhos aveludados e cabelos sedosos. Ela era uma donzela muito alegre e delicada - Blythe por nome e por natureza, segundo um de seus professores. Sua pele era perfeitamente impecável, para grande satisfação de sua mãe.

"Estou tão feliz por ter uma filha que pode usar rosa", a Sra. Blythe costumava dizer com júbilo.

Diana Blythe, conhecida como Di, era muito parecida com a mãe, com olhos verde-acinzentados que sempre brilhavam com um brilho e um brilho peculiar no crepúsculo e cabelos ruivos. Talvez fosse por isso que ela era a favorita do pai. Ela e Walter eram amigos especiais; Di era o único a quem ele

leria os versos que escreveu a si mesmo - o único que sabia que ele estava secretamente trabalhando duro em um épico, assemelhando-se a Marmion em algumas coisas, se não em outras. Ela guardou todos os segredos dele, até de Nan, e contou a ele todos os dela.

- Você logo não terá esses peixes prontos, Jem? - disse Nan, fungando com o nariz delicado. "O cheiro me deixa com muita fome."

"Eles estão quase prontos", disse Jem, dando uma volta hábil. "Pegue o pão e os pratos, meninas. Walter, acorde.

"Como o ar brilha esta noite", disse Walter sonhadoramente. Não que ele desprezasse a truta frita, por qualquer meio; mas, com Walter, a comida para a alma sempre ocupava o primeiro lugar. "O anjo das flores tem andado sobre o mundo hoje, chamando pelas flores. Eu posso ver suas asas azuis naquela colina perto da floresta.

"As asas de qualquer anjo que eu já vi eram brancas", disse Nan.

"O anjo da flor não é. Eles são de um azul pálido e nebuloso, assim como a névoa no vale. Oh, como eu gostaria de poder voar. Deve ser glorioso.

"Às vezes se voa em sonhos", disse Di.

"Eu nunca sonho que estou voando exatamente", disse Walter. "Mas muitas vezes sonho que me levanto do chão e flutuo sobre as cercas e as árvores. É delicioso - e eu sempre penso: 'Isso não é um sonho como sempre foi antes. ISSO é real '- e então eu acordo, afinal, e é de partir o coração. "

"Depressa, Nan", ordenou Jem.

Nan havia produzido o tabuleiro de banquetes - um tabuleiro literal e figurativamente - a partir do qual muitos banquetes, temperados como não havia outros lugares, haviam sido comidos em Rainbow Valley. Foi convertida em uma mesa, apoiando-a em duas pedras grandes e cobertas de musgo. Os jornais serviam de toalha de mesa, e pratos quebrados e xícaras sem as mãos do descarte de Susan forneciam os pratos. De uma caixa de lata secretada na raiz de uma árvore, Nan trouxe pão e sal. O riacho dava a cerveja de Adam de cristal insuperável. Quanto ao resto, havia um certo molho, composto de ar fresco e apetite da juventude, que dava a tudo um sabor divino. Para sentar-se no vale do arco-íris, mergulhado em um crepúsculo meio ouro, meia ametista, "Sente-se", convidou Nan, enquanto Jem colocava sua travessa de truta sobre a mesa. "É a sua vez de dizer graça, Jem."

"Fiz minha parte fritando a truta", protestou Jem, que odiava dizer graça. "Deixe Walter dizer isso. Ele gosta de dizer graça. E encurte também, Walt. Estou faminto."

Mas Walter não disse graça, curta ou longa, naquele momento. Ocorreu uma interrupção.

"Quem está descendo da colina de Manse?", Disse Di.

CAPÍTULO IV
AS CRIANÇAS DA MANSÃO

Tia Martha pode ser, e foi, uma governanta muito pobre; o Rev. John Knox Meredith pode ser, e foi, um homem muito distraído e indulgente. Mas não se podia negar que havia algo de muito acolhedor e amável na mansão Glen St. Mary, apesar de sua desordem. Até as donas-de-casa críticas do Glen sentiram isso, e inconscientemente se acalmaram no julgamento por causa disso. Talvez seu encanto se devesse em parte a circunstâncias acidentais - as videiras luxuriantes agrupando-se sobre suas paredes cinza e com tábuas de madeira, as acácias e bálsamos dourados que se amontoavam sobre ele com a liberdade dos velhos conhecidos e as belas vistas do porto e dunas de areia pelas janelas da frente. Mas essas coisas estavam lá no reinado do antecessor do Sr. Meredith, quando a mansão era a casa mais primitiva, mais arrumada e mais sombria do Glen. Grande parte do crédito deve ser dada à personalidade de seus novos presos. Havia uma atmosfera de riso e camaradagem sobre isso; as portas estavam sempre abertas; e mundos interno e externo se uniram. O amor era a única lei na mansão de Glen St. Mary.

O povo de sua congregação disse que o Sr. Meredith mimava seus filhos. Muito provavelmente ele fez. É certo que ele não suportaria repreendê-los. "Eles não têm mãe", costumava dizer para si mesmo, com um suspiro, quando um pecadilho invulgarmente gritante se obrigava a perceber. Mas ele não conhecia a metade de seus acontecimentos. Ele pertencia à seita dos sonhadores. As janelas de seu escritório davam para o cemitério, mas, enquanto ele andava de um lado para o outro da sala, refletindo profundamente sobre a imortalidade da alma, ele não sabia que Jerry e Carl estavam brincando de pular de sapo hilariamente sobre as pedras achatadas daquele lugar. morada de metodistas mortos. O Sr. Meredith teve ocasionais realizações agudas de que seus filhos não eram tão bem cuidados, física ou moralmente, como estavam antes da morte de sua esposa, e ele sempre tinha uma subconsciência sombria de que a casa e as refeições eram muito diferentes sob a administração de tia Martha do que eram sob a administração de Cecilia. De resto, ele viveu em um mundo de livros e abstrações; e, portanto, embora suas roupas raramente fossem escovadas, e embora as donas de casa de Glen concluíssem, pela palidez de marfim de seus traços nítidos e mãos esbeltas, que ele nunca tinha o suficiente para comer, ele não era um homem infeliz.

Se alguma vez um cemitério pudesse ser chamado de lugar alegre, o antigo cemitério metodista de Glen St. Mary poderia ser assim. O novo cemitério, do

outro lado da igreja metodista, era um local limpo, apropriado e triste; mas o antigo havia sido deixado por tanto tempo nos ministérios gentis e graciosos da natureza que se tornara muito agradável.

Era cercado por três lados por um dique de pedras e grama, encimado por um empalidecimento cinza e incerto. Do lado de fora do dique crescia uma fileira de altos pinheiros com galhos grossos e balsâmicos. O dique, construído pelos primeiros colonos do Glen, tinha idade suficiente para ser bonito, com musgos e coisas verdes brotando de suas fendas, violetas ronronando em sua base nos primeiros dias da primavera, ásteres e bastões de ouro. fazendo uma glória outonal em seus cantos. Pequenas samambaias se aglomeravam entre suas pedras, e aqui e ali uma grande samambaia crescia.

No lado oriental, não havia cerca nem dique. O cemitério ali se arrastava para uma jovem plantação de abetos, sempre se aproximando dos túmulos e se aprofundando para o leste em uma floresta densa. O ar estava sempre cheio das vozes do mar, como harpa, e da música das árvores cinzentas e velhas e nas manhãs da primavera os coros de pássaros nos olmos em torno das duas igrejas cantavam a vida e não a morte. As crianças Meredith adoravam o antigo cemitério.

Hera de olhos azuis, "abeto-do-jardim" e hortelã corriam tumultuados sobre os túmulos afundados. Os arbustos de mirtilo cresceram generosamente no canto arenoso ao lado da madeira de abeto. As variadas modas das lápides por três gerações foram encontradas ali, desde as lajes planas e oblongas de arenito vermelho de antigos colonos, passando pelos dias de salgueiros chorando e mãos entrelaçadas, até as mais recentes monstruosidades de altos "monumentos" e urnas cobertas . Um deles, o maior e mais feio do cemitério, era sagrado para a memória de um certo Alec Davis que nascera metodista, mas que havia tomado para si uma noiva presbiteriana do clã Douglas. Ela o fez virar presbiteriano e manteve-o na marca presbiteriana a vida toda. Mas quando ele morreu, ela não se atreveu a condená-lo a uma sepultura solitária no cemitério presbiteriano. Seu povo foi todo enterrado no cemitério metodista; então Alec Davis voltou a si próprio na morte e sua viúva consolou-se erguendo um monumento que custava mais do que qualquer um dos metodistas podia pagar. As crianças Meredith odiavam isso, sem saber o porquê, mas adoravam as pedras velhas, planas e parecidas com bancos, com as ervas altas crescendo rançosamente sobre eles. Eles fizeram assentos alegres para uma coisa. Eles estavam todos sentados em um agora. Jerry, cansado de saltar sapo, estava tocando uma harpa de judeu. Carl estava debruçado sobre um besouro estranho que havia encontrado; Una estava tentando fazer um vestido de boneca, e Faith, recostada nos pulsos marrons e esbeltos, Jerry tinha os cabelos pretos do pai e grandes olhos negros, mas nele os

últimos brilhavam em vez de sonhadores. Faith, que veio ao seu lado, usava sua beleza como uma rosa, descuidada e brilhante. Ela tinha olhos castanhos dourados, cachos castanhos dourados e bochechas vermelhas. Ela riu demais para agradar a congregação de seu pai e chocou a velha sra. Taylor, a esposa desconsolada de vários maridos que faleceram, declarando atrevidamente - na varanda da igreja - - O mundo não é um vale de lágrimas, sra. Taylor. É um mundo de risadas.

A pouco sonhadora Una não se ria. Suas tranças de cabelos lisos e negros não traíam torções sem lei, e seus olhos azul-escuros em forma de amêndoa tinham algo melancólico e triste neles. Sua boca tinha um truque de se abrir sobre seus minúsculos dentes brancos, e um sorriso tímido e meditativo surgia ocasionalmente sobre seu pequeno rosto. Ela era muito mais sensível à opinião pública do que Faith, e tinha uma consciência desconfortável de que havia algo distorcido no modo de viver deles. Ela desejava consertar as coisas, mas não sabia como. De vez em quando ela espanava os móveis - mas era tão raro que ela conseguia encontrar o espanador porque nunca estava no mesmo lugar duas vezes. E quando o pincel foi encontrado, ela tentou escovar o melhor traje do pai aos sábados, e uma vez costurou um botão que faltava com fio branco grosso. Quando o Sr. Meredith foi à igreja no dia seguinte, todos os olhos de mulheres viram aquele botão e a paz do Serviço de Damas ficou perturbada por semanas.

Carl tinha os olhos claros, brilhantes e azul-escuros, destemidos e diretos, de sua mãe morta e o cabelo castanho com reflexos dourados. Ele conhecia os segredos dos insetos e tinha uma espécie de maçonaria com abelhas e besouros. Una nunca gostou de se sentar perto dele, porque ela nunca sabia que criatura misteriosa poderia ser secretada sobre ele. Jerry se recusou a dormir com ele porque Carl uma vez levou uma cobra jovem para a cama com ele; então Carl dormiu em sua velha cama, tão baixa que nunca podia se esticar, e tinha estranhos companheiros de cama. Talvez fosse melhor que tia Martha estivesse meio cega quando ela arrumou a cama. No total, eles eram uma tripulação alegre e adorável, e o coração de Cecilia Meredith deve ter doído muito quando ela enfrentou o conhecimento de que deveria deixá-los.

"Onde você gostaria de ser enterrado se fosse metodista?" Perguntou Faith alegremente.

Isso abriu um campo interessante de especulação.

"Não há muita escolha. O lugar está cheio ", disse Jerry. "Eu gostaria daquela esquina perto da estrada, eu acho. Eu podia ouvir as equipes passando e as pessoas conversando. "

"Eu gostaria daquele pequeno buraco embaixo da bétula chorosa", disse Una. "Essa bétula é um lugar para pássaros e eles cantam como loucos pela

manhã."

"Eu pegaria o estacionamento de Porter, onde há tantas crianças enterradas. *Eu* gosto de muita companhia ", disse Faith. "Carl, onde você estava?"

"Prefiro não ser enterrado", disse Carl, "mas se eu tivesse que estar, gostaria da cama de formiga. As formigas são INTENSAMENTE int'restantes. "

"Quão boas todas as pessoas que estão enterradas aqui devem ter sido", disse Una, que estava lendo os velhos epitáfios louváveis. "Parece não haver uma pessoa má em todo o cemitério. Os metodistas devem ser melhores que os presbiterianos, afinal. "

"Talvez os metodistas enterrem suas pessoas más como fazem gatos", sugeriu Carl. "Talvez eles não se incomodem em trazê-los para o cemitério."

"Bobagem", disse Faith. "As pessoas que estão enterradas aqui não eram melhores do que as outras pessoas, Una. Mas quando alguém está morto, você não deve dizer nada sobre ele, mas é bom, ou ele voltará e te odiará. Tia Martha me disse isso. Perguntei ao pai se era verdade e ele apenas olhou através de mim e murmurou: 'É verdade? Verdade? O que é verdade? O que é a verdade, ó Pilatos? Concluí que deve ser verdade.

"Eu me pergunto se o Sr. Alec Davis voltaria e não teria me jogado uma pedra na urna em cima da lápide", disse Jerry.

"Sra. Davis faria - riu Faith. "Ela apenas nos observa na igreja como um gato observando ratos. No domingo passado eu fiz uma careta para o sobrinho dela e ele fez uma de volta para mim e você deveria ter visto o olhar dela. Aposto que ela encaixotou os ouvidos quando saíram. A sra. Marshall Elliott me disse que não devemos ofendê-la de forma alguma ou teria feito uma careta para ela também!

"Eles dizem que Jem Blythe estendeu a língua para ela uma vez e ela nunca mais teria o pai dele, mesmo quando o marido estivesse morrendo", disse Jerry. "Eu me pergunto como será a gangue Blythe."

"Gostei da aparência deles", disse Faith. As crianças da mansão estavam na estação naquela tarde, quando os filhotes Blythe chegaram. "Gostei da aparência de Jem ESPECIALMENTE."

"Dizem na escola que Walter é um maricas", disse Jerry.

"Não acredito", disse Una, que considerara Walter muito bonito.

"Bem, ele escreve poesia, de qualquer maneira. Ele ganhou o prêmio que o professor ofereceu no ano passado por escrever um poema, Bertie Shakespeare Drew me disse. A mãe de Bertie achou que ELE deveria ter recebido o prêmio por causa do nome dele, mas Bertie disse que não podia escrever poesia para salvar sua alma, nome ou nenhum nome.

"Suponho que nos familiarizaremos com eles assim que começarem a

estudar", refletiu Faith. "Espero que as meninas sejam legais. Eu não gosto da maioria das garotas por aqui. Até os mais legais são esquisitos. Mas os gêmeos Blythe parecem alegres. Eu pensei que os gêmeos sempre se pareciam, mas eles não. Eu acho que o ruivo é o mais legal.

"Gostei da aparência da mãe", disse Una com um pequeno suspiro. Una invejou todas as crianças de suas mães. Ela tinha apenas seis anos quando sua mãe morreu, mas ela tinha algumas lembranças muito preciosas, guardadas em sua alma como jóias, abraços crepusculares e brincadeiras matinais, olhos amorosos, uma voz terna e a risada mais doce e alegre.

"Eles dizem que ela não é como as outras pessoas", disse Jerry.

"Sra. Elliot diz que é porque ela nunca realmente cresceu ", disse Faith.

"Ela é mais alta que a sra. Elliott."

"Sim, sim, mas está lá dentro - Sra. Elliot diz que a Sra. Blythe ficou apenas uma garotinha lá dentro.

"O que eu cheiro?" Interrompeu Carl, fungando.

Todos eles cheiravam agora. Um odor muito delicioso veio flutuando no ar parado da noite, vindo da direção do pequeno bosque abaixo da colina de Manse.

"Isso me deixa com fome", disse Jerry.

"Tínhamos apenas pão e melaço no jantar e o mesmo no jantar", disse Una, queixosa.

O hábito da tia Martha era ferver uma grande porção de carne de carneiro no início da semana e servi-la todos os dias, fria e gordurosa, enquanto durasse. A essa fé, em um momento de inspiração, dera o nome de "idem", e com isso era invariavelmente conhecido na mansão.

"Vamos ver de onde vem esse cheiro", disse Jerry.

Todos saltaram, brincaram no gramado com o abandono de filhotes, subiram uma cerca e derrubaram a encosta coberta de musgo, guiada pela atração salgada que crescia cada vez mais forte. Alguns minutos depois, chegaram sem fôlego ao sanctum sanctorum de Rainbow Valley, onde as crianças Blythe estavam prestes a dar graças e comer.

Eles pararam timidamente. Desesperou que não tivessem sido tão precipitados: mas Di Blythe era igual a essa e a qualquer ocasião. Ela deu um passo à frente, com o sorriso de um camarada.

"Acho que sei quem você é", disse ela. "Você pertence à mansão, não é?"

Faith assentiu, com o rosto enrugado por covinhas.

"Sentimos o cheiro da sua truta cozinhando e imaginamos o que era."

"Você deve se sentar e nos ajudar a comê-los", disse Di.

"Talvez você não tenha mais do que deseja", disse Jerry, olhando avidamente para o prato de lata.

"Temos montes - três cada", disse Jem. "Sentar-se."

Não foi necessária mais cerimônia. Lá embaixo, todos estavam sentados em pedras cobertas de musgo. Feliz foi esse banquete e muito tempo. Nan e Di provavelmente teriam morrido de horror se soubessem o que Faith e Una sabiam perfeitamente bem - que Carl tinha dois ratos jovens no bolso do paletó. Mas eles nunca souberam, por isso nunca os machucaram. Onde as pessoas podem se familiarizar melhor do que em uma mesa de refeições? Quando a última truta desapareceu, os filhos da mansão e os ingleses eram amigos e aliados jurados. Eles sempre se conheceram e sempre o conheceriam. A raça de José reconheceu a sua.

Eles espalharam a história de seu pequeno passado. As crianças da mansão ouviram falar de Avonlea e Green Gables, das tradições do vale do arco-íris e da casinha à beira do porto onde Jem nascera. As crianças de Ingleside ouviram falar de Maywater, onde os Merediths moravam antes de chegar a Glen, da amada boneca de um olho de Una e do galo de estimação de Faith.

Faith estava inclinada a se ressentir do fato de as pessoas rirem dela por acariciar um galo. Ela gostou dos Blythes porque eles o aceitaram sem questionar.

"Um galo bonito como Adam é um animal de estimação tão bom quanto um cachorro ou gato, *eu* acho", ela disse. "Se ele fosse um canário, ninguém se perguntaria. E eu o criei de uma galinha amarela pequenina. A sra. Johnson em Maywater o deu para mim. Uma doninha havia matado todos os seus irmãos e irmãs. Liguei para ele após o marido dela. Eu nunca gostei de bonecas ou gatos. Gatos são sorrateiros demais e bonecas estão INOPERANTES.

"Quem mora naquela casa lá em cima?", Perguntou Jerry.

- A senhorita Wests - Rosemary e Ellen - respondeu Nan. "Di e eu vamos fazer aulas de música com a senhorita Rosemary neste verão."

Una olhou para os gêmeos sortudos com olhos cujo desejo era gentil demais para inveja. Oh, se ela pudesse apenas ter aulas de música! Foi um dos sonhos de sua pequena vida oculta. Mas ninguém nunca pensou nisso.

"Miss Rosemary é tão doce e ela sempre se veste tão bonita", disse Di. "O cabelo dela é da cor de um novo caramelo de melaço", ela acrescentou melancolicamente - porque Di, como sua mãe antes dela, não se resignava a suas próprias mechas avermelhadas.

"Eu também gosto da senhorita Ellen", disse Nan. "Ela sempre me dava doces quando ia à igreja. Mas Di tem medo dela.

"Suas sobrancelhas são tão negras e ela tem uma voz profunda tão boa", disse Di. "Oh, que medo dela Kenneth Ford costumava ter quando era pequeno! A mãe diz que, no primeiro domingo, a sra. Ford o levou à igreja, a senhorita

Ellen estava lá, sentada logo atrás deles. E no minuto em que Kenneth a viu, ele apenas gritou e gritou até que a Sra. Ford teve que levá-lo adiante.

- Quem é a senhora Ford? - perguntou Una, pensativa.

"Oh, os Fords não moram aqui. Eles só vêm aqui no verão. E eles não virão neste verão. Eles moram naquela casinha 'no caminho', na margem do porto, onde pai e mãe costumavam mentir. Eu gostaria que você pudesse ver Persis Ford. Ela é como uma foto.

"Eu ouvi falar da Sra. Ford", interrompeu Faith. "Bertie Shakespeare Drew me contou sobre ela. Ela foi casada catorze anos com um homem morto e então ele voltou à vida.

"Bobagem", disse Nan. "Não é assim que as coisas acontecem. Bertie Shakespeare nunca consegue entender nada direito. Conheço a história toda e conto a você algum tempo, mas não agora, pois é muito longo e é hora de voltarmos para casa. Mamãe não gosta que saímos tarde nessas noites úmidas.

Ninguém se importava se as crianças virgens estavam na umidade ou não. Tia Martha já estava na cama e o ministro ainda estava profundamente perdido em especulações sobre a imortalidade da alma para lembrar a mortalidade do corpo. Mas eles foram para casa também, com visões de bons tempos chegando em suas cabeças.

"Acho que o Rainbow Valley é ainda melhor do que o cemitério", disse Una. "E eu simplesmente amo aqueles queridos Blythes. É tão bom quando você pode amar as pessoas, porque muitas vezes você não pode. O pai disse em seu sermão no domingo passado que devemos amar a todos. Mas como podemos? Como poderíamos amar a sra. Alec Davis?

"Oh, pai só disse isso no púlpito", disse Faith, com ar. "Ele tem mais senso do que realmente pensar do lado de fora."

As crianças Blythe foram para Ingleside, exceto Jem, que escapou por alguns momentos em uma expedição solitária para um canto remoto do vale do arco-íris. Flores de maio cresceram lá e Jem nunca se esqueceu de levar um buquê para sua mãe enquanto durassem.

CAPÍTULO V

O ADVENTO DE MARY VANCE

"Este é exatamente o tipo de dia em que você sente que as coisas podem acontecer", disse Faith, respondendo à atração do ar cristalino e das colinas azuis. Ela se abraçou de alegria e dançou uma buzina na lápide do velho banco de Ezequias Pollock, para o horror de duas donzelas antigas que passavam por ela, assim como Faith pulava em um pé ao redor da pedra, agitando o outro e os braços no ar .

"E essa", gemeu uma donzela antiga, "é a filha de nosso ministro".

"O que mais você poderia esperar da família de um viúvo?", Gemeu a outra donzela antiga. E então os dois balançaram a cabeça.

Era cedo na manhã de sábado e os Meredith estavam no mundo encharcado de orvalho com uma deliciosa consciência do feriado. Eles nunca tiveram nada para fazer em um feriado. Até Nan e Di Blythe tinham certas tarefas domésticas nas manhãs de sábado, mas as filhas da mansão estavam livres para vagar da manhã corada à véspera úmida, se assim o agradasse. Isso agradou a Faith, mas Una sentiu uma humilhação secreta e amarga, porque eles nunca aprenderam a fazer nada. As outras meninas da turma da escola sabiam cozinhar, costurar e tricotar; ela era apenas um pouco ignorante.

Jerry sugeriu que eles fossem explorar; então eles atravessaram o bosque abertamente, pegando Carl no caminho, que estava de joelhos na grama pingando, estudando suas queridas formigas. Além do bosque, eles saíam no campo de pasto do Sr. Taylor, salpicado de fantasmas brancos de dentes de leão; em um canto remoto, havia um velho celeiro em ruínas, onde o Sr. Taylor às vezes armazenava sua colheita de feno excedente, mas que nunca era usada para nenhum outro propósito. Lá as crianças Meredith se aproximaram e rondaram o andar térreo por vários minutos.

"O que foi isso?" Sussurrou Una de repente.

Todos ouviram. Havia um farfalhar fraco, mas distinto, no palheiro acima. Os Merediths se entreolharam.

"Há algo lá em cima", respirou Faith.

"Vou ver o que é", disse Jerry resolutamente.

"Oh, não", implorou Una, pegando seu braço.

"Vou."

"Nós todos iremos também, então", disse Faith.

Os quatro subiram a escada instável, Jerry e Faith bastante assustadores,

Una pálida de medo e Carl, distraído, especulando distraidamente a possibilidade de encontrar um morcego no sótão. Ansiava por ver um morcego à luz do dia.

Quando desceram da escada, viram o que havia feito o farfalhar e a visão os deixou burros por alguns instantes.

Em um pequeno ninho no feno, uma menina estava enroscada, como se tivesse acabado de acordar. Quando os viu, levantou-se, um tanto trêmula, ao que parecia, e à luz do sol que atravessava a janela de teias de aranha atrás dela, viram que seu rosto magro e queimado pelo sol estava muito pálido sob o bronzeado. Ela tinha duas tranças finas, cabelos grossos e olhos muito esquisitos - "olhos brancos", pensavam as crianças, quando eles os encaravam meio desafiadores, meio piedosos. Eles eram realmente de um azul tão pálido que pareciam quase brancos, especialmente quando contrastados com o estreito anel preto que circundava a íris. Ela estava com os pés descalços e a cabeça nua, e usava um vestido xadrez desbotado, esfarrapado e velho, muito curto e apertado para ela. Quanto anos, ela poderia ter quase qualquer idade, "Quem é você?" Perguntou Jerry.

A garota olhou em volta como se estivesse procurando uma maneira de escapar. Então ela pareceu ceder com um pequeno arrepio de desespero.

"Eu sou Mary Vance", disse ela.

"De onde você veio?" Perseguiu Jerry.

Maria, em vez de responder, de repente se sentou ou caiu no feno e começou a chorar. Instantaneamente Faith se jogou ao lado dela e colocou o braço em volta dos ombros finos e trêmulos.

"Você para de incomodá-la", ela ordenou a Jerry. Então ela abraçou o waif. "Não chore, querida. Diga-nos qual é o problema. Nós somos amigos."

"Estou com tanta fome", lamentou Mary. "Eu - eu não como nada desde quinta-feira de manhã, exceto um pouco de água do riacho por aí."

Os filhos da mansão se entreolharam horrorizados. A fé surgiu.

"Você chega direto à mansão e come algo antes de dizer outra palavra."

Mary encolheu.

"Oh, eu não posso. O que seu pai e sua mãe dirão? Além disso, eles me mandariam de volta.

"Não temos mãe, e o pai não vai se incomodar com você. Tia Martha também não. Venha, eu digo. Faith bateu com o pé, impaciente. Essa garota estranha insistiria em morrer de fome quase à sua porta?

Mary cedeu. Ela estava tão fraca que mal conseguia descer a escada, mas de alguma forma a levaram para o campo e para a cozinha da mansão. Tia Martha, atrapalhando a comida de sábado, não a notou. Faith e Una voaram para a despensa e a saquearam para comer os comestíveis que ela continha - alguns

"idem", pão, manteiga, leite e uma torta duvidosa. Mary Vance atacou a comida voraz e acriticamente, enquanto as crianças da mansão estavam ao redor e a observavam. Jerry notou que ela tinha uma boca bonita e dentes brancos muito agradáveis. Faith decidiu, com horror secreto, que Mary não tinha um ponto nela, exceto aquele vestido esfarrapado e desbotado. Una estava cheio de pura piedade, Carl de admiração divertida e todos eles de curiosidade.

"Agora, vá ao cemitério e conte-nos sobre você", ordenou Faith, quando o apetite de Mary mostrou sinais de falhar com ela. Maria agora não era nada repugnante. A comida restabeleceu sua vivacidade natural e a soltou de maneira alguma relutante em sua língua.

- Você não vai contar a seu pai ou a ninguém, se eu contar? - ela estipulou, quando foi entronizada na lápide do Sr. Pollock. Em frente a ela, os filhos da mansão alinhavam-se em outra. Aqui estava tempero, mistério e aventura. Algo aconteceu.

"Não, nós não vamos."

"Cruze seus corações?"

"Cruze nossos corações."

"Bem, eu fugi. Eu estava morando com a Sra. Wiley no porto. Você conhece a sra. Wiley?

"Não."

"Bem, você não quer conhecê-la. Ela é uma mulher horrível. Meu Deus, como eu a odeio! Ela me trabalhou até a morte e não me dava metade o suficiente para comer, e costumava me arruinar a cada dia. Olhe aqui.

Mary arregaçou as mangas esfarrapadas e ergueu os braços magros e as mãos magras, rachadas quase até a crueza. Eles eram pretos de hematomas. Os filhos da mansão estremeceram. Faith ficou vermelha de indignação. Os olhos azuis de Una se encheram de lágrimas.

"Ela me lambeu na quarta-feira à noite com um graveto", disse Mary, indiferentemente. "Foi porque deixei a vaca chutar um balde de leite. Como eu sabia que a vaca velha danada ia chutar?

Uma emoção não desagradável tomou conta de seus ouvintes. Eles nunca sonhariam em usar palavras tão duvidosas, mas era bastante emocionante ouvir alguém usá-las - e uma garota. Certamente esta Mary Vance era uma criatura interessante.

"Eu não culpo você por fugir", disse Faith.

"Oh, eu não fugi porque ela me lambeu. Todos os dias do trabalho comigo estava lambendo. Eu estava muito acostumado a isso. Não, eu pretendia fugir por uma semana porque descobri que a sra. Wiley ia alugar sua fazenda e ir para Lowbridge para morar e me dar a um primo dela em Charlottetown. Eu não

aceitaria isso. Ela era do tipo pior do que a sra. Wiley. A sra. Wiley me emprestou a ela por um mês no último verão e eu prefiro morar com o próprio diabo.

Sensação número dois. Mas Una parecia duvidoso.

"Então eu decidi que vencería. Economizei setenta centavos que a sra. John Crawford me deu na primavera para plantar batatas para ela. A sra. Wiley não sabia disso. Ela estava visitando seu primo quando eu os plantei. Pensei em ir até aqui ao Glen, comprar uma passagem para Charlottetown e tentar conseguir trabalho lá. Eu sou um traficante, deixe-me dizer. Não existe um osso preguiçoso no MEU corpo. Então acendi a quinta-feira de manhã antes da sra. Wiley levantar e caminhar até o Glen - 10 quilômetros. E quando cheguei à estação, descobri que havia perdido meu dinheiro. Não sei como - não sei onde. De qualquer forma, foi embora. Eu não sabia o que fazer Se eu voltasse para a velha Lady Wiley, ela me esconderia. Então fui me esconder naquele velho celeiro.

"E o que você fará agora?", Perguntou Jerry.

"Não sei. Acho que vou ter que voltar e tomar meu remédio. Agora que tenho um nó no estômago, acho que aguento.

Mas havia medo por trás da bravata nos olhos de Mary. De repente, Una escorregou de uma lápide para a outra e abraçou Mary.

Não volte. Apenas fique aqui conosco.

"Oh, a Sra. Wiley vai me caçar", disse Mary. "É provável que ela esteja no meu caminho antes disso. Eu posso ficar aqui até que ela me encontre, suponho, se seus pais não se importam. Eu era um idiota ao pensar em pular. Ela correu uma doninha para a terra. Mas eu estava tão confusa.

A voz de Mary tremeu, mas ela tinha vergonha de mostrar sua fraqueza.

"Eu não tive a vida de um cachorro por esses quatro anos", explicou ela em tom desafiador.

"Você tem quatro anos com a sra. Wiley?"

"Yip. Ela me tirou do asilo em Hopetown quando eu tinha oito anos.

"Esse é o mesmo lugar de origem da sra. Blythe", exclamou Faith.

"Eu tinha dois anos no asilo. Fui colocado lá quando tinha seis anos. Minha mãe se enforcou e meu pai cortou sua garganta.

"Santos gatos! Por quê? "Disse Jerry.

"Bebida", disse Mary laconicamente.

"E você não tem parentes?"

"Não é um maldito que eu conheça. Deve ter tido uma vez, no entanto. Fui chamado depois de meia dúzia deles. Meu nome completo é Mary Martha Lucilla Moore Ball Vance. Você pode vencer isso? Meu avô era um homem rico. Aposto que ele era mais rico que o seu avô. Mas pa bebeu tudo e ma, ela fez sua

parte. Eles costumavam me bater também. Leis, eu fui tão lambida que meio que gosto disso. "

Mary sacudiu a cabeça. Ela adivinhou que os filhos dos homens estavam com pena dela por suas muitas riscas e ela não queria pena. Ela queria ser invejada. Ela parecia alegre sobre ela. Seus olhos estranhos, agora que a monotonia da fome lhes fora removida, eram brilhantes. Ela mostraria a esses jovens que personagem ela era.

"Fiquei muito doente", disse ela com orgulho. "Não há muitas crianças que poderiam passar pelo que eu tenho. Tive escarlatina, sarampo, ersipela, caxumba, tosse convulsa e pewmonia.

"Você já esteve fatalmente doente?" Perguntou Una.

Não sei disse Mary, duvidosa.

"Claro que ela não estava", zombou Jerry. "Se você é fatalmente doente, morre."

"Oh, bem, eu nunca morri exatamente", disse Mary, "mas sou culpada uma vez. Eles pensaram que eu estava morto e estavam se preparando para me deitar quando eu levantasse e viesse.

"Como é estar meio morto?" Perguntou Jerry, curioso.

"Como nada. Eu não sabia disso por dias depois. Foi quando eu tive a pewmonia. A sra. Wiley não teria o médico - disse que não pagaria tais despesas para uma menina em casa. A velha tia Christina MacAllister me cuidou com cataplasmas. Ela me puxou. Mas às vezes eu gostaria de ter morrido na outra metade e acabado com isso. Eu estava melhor.

"Se você fosse para o céu, suponho que o faria", disse Faith, bastante duvidosa.

"Bem, que outro lugar há para ir?" Perguntou Mary em uma voz confusa.

"Existe um inferno, você sabe", disse Una, baixando a voz e abraçando Mary para diminuir o horror da sugestão.

"Inferno? O que é isso?"

"Ora, é onde mora o diabo", disse Jerry. "Você já ouviu falar dele, você falou sobre ele."

"Ah, sim, mas eu não sabia que ele morava em algum lugar. Eu pensei que ele apenas vagava. O Sr. Wiley costumava mencionar o inferno quando ele estava vivo. Ele estava sempre dizendo para as pessoas irem para lá. Eu pensei que era algum lugar em New Brunswick, de onde ele veio.

"O inferno é um lugar horrível", disse Faith, com o prazer dramático que nasce de contar coisas terríveis. "As pessoas más vão para lá quando morrem e queimam no fogo para todo o sempre."

- Quem te contou isso? - perguntou Mary, incrédula.

"Está na Bíblia. Isaac Crothers, de Maywater, também nos contou na Escola Dominical. Ele era ancião e um pilar da igreja e sabia tudo sobre isso. Mas você não precisa se preocupar. Se você for bom, irá para o céu e se for mau, acho que prefere ir para o inferno.

"Eu não faria", disse Mary positivamente. "Não importa o quão ruim eu fosse, não gostaria de ser queimada e queimada. *Eu* sei como é. Peguei um póquer quente uma vez por acidente. O que você deve fazer para ser bom?

"Você deve ir à igreja e à Escola Dominical, ler sua Bíblia e orar todas as noites e doar às missões", disse Una.

"Parece uma ordem grande", disse Mary. "Algo mais?"

"Você deve pedir a Deus que perdoe os pecados que cometeu.

"Mas eu nunca cometi nenhum", disse Mary. "O que é um pecado de qualquer maneira?"

"Oh, Mary, você deve ter. Todo mundo faz. Você nunca mentiu?

"Montes deles", disse Mary.

"Isso é um pecado terrível", disse Una solenemente.

- Você quer me dizer - exigiu Mary - que eu seria mandada para o inferno por mentir de vez em quando? Por que eu tinha que. O Sr. Wiley teria quebrado todos os ossos do meu corpo uma vez se eu não tivesse lhe dito uma mentira. Mentiras me salvaram muito, posso lhe dizer.

Una suspirou. Havia muitas dificuldades para ela resolver. Ela estremeceu ao pensar em ser cruelmente açoitada. Muito provavelmente ela teria mentido também. Ela apertou a mãozinha calejada de Mary.

"Esse é o único vestido que você tem?" Perguntou Faith, cuja natureza alegre se recusava a insistir em assuntos desagradáveis.

"Acabei de colocar este vestido porque não era bom", exclamou Mary corando. "Sra. Wiley tinha comprado minhas roupas e eu não a agradaria por nada. E eu sou honesto. Se eu fosse fugir, não pegaria o que lhe pertencia que valia alguma coisa. Quando crescer, vou usar um vestido azul. Suas próprias roupas não parecem tão elegantes. Eu pensei que os filhos dos ministros estavam sempre vestidos.

Era evidente que Maria tinha um temperamento e era sensível em alguns pontos. Mas havia um charme estranho e selvagem nela que os cativou. Ela foi levada para o Vale do Arco-íris naquela tarde e apresentada aos Blythes como "uma amiga nossa de porto aberto que está nos visitando." Os Blythes a aceitaram sem questionar, talvez porque ela fosse razoavelmente respeitável agora. Depois do jantar - pelo qual tia Martha murmurara e o sr. Meredith estava em um estado de semi-inconsciência enquanto refletia sobre o sermão de domingo - Faith prevaleceu em Mary para vestir um de seus vestidos, bem como

outras peças de vestuário. Com os cabelos bem trançados, Mary passou bem de maneira razoável. Ela era uma companheira aceitável, pois sabia vários jogos novos e emocionantes, e sua conversa não tinha tempero. De fato, algumas de suas expressões fizeram Nan e Di olharem para ela bastante desconfiados. Eles não tinham muita certeza do que sua mãe pensaria dela, mas sabiam muito bem o que Susan faria. No entanto, ela era uma visitante na mansão, então ela deve estar bem.

Quando chegou a hora de dormir, havia o problema de onde Maria deveria dormir.

"Não podemos colocá-la no quarto de hóspedes, você sabe", disse Faith perplexa para Una.

"Eu não tenho nada na minha cabeça", exclamou Mary em tom ferido.

"Oh, eu não quis dizer isso", protestou Faith. "O quarto de hóspedes está todo destruído. Os ratos roeram um grande buraco no carrapato e fizeram um ninho nele. Nós nunca descobrimos isso até a tia Martha colocar o Rev. Mr. Fisher de Charlottetown lá para dormir na semana passada. Ele logo descobriu. Então o pai teve que dar a cama e dormir na sala de estudos. Tia Martha ainda não teve tempo de arrumar a cama do quarto de hóspedes, diz ela; para que ninguém possa dormir lá, por mais limpas que sejam suas cabeças. E nosso quarto é tão pequeno e a cama tão pequena que você não consegue dormir com a gente.

"Posso voltar para o feno no velho celeiro durante a noite, se você me emprestar uma colcha", disse Mary filosoficamente. "Estava meio frio ontem à noite, mas com exceção de que eu tive camas piores."

"Oh, não, não, você não deve fazer isso", disse Una. "Pensei em um plano, Faith. Você conhece aquela pequena cama de cavalete na sala do sótão, com o velho colchão, que o último ministro deixou lá? Vamos pegar as roupas de cama dos quartos de hóspedes e fazer uma cama para Mary lá. Você não se importará em dormir no sótão, Mary? Está logo acima do nosso quarto.

"Qualquer lugar me fará. Leis, eu nunca tive um lugar decente para dormir na minha vida. Eu dormi no sótão sobre a cozinha da Sra. Wiley. O telhado vazava chuva no verão e a neve entrava no inverno. Minha cama era um carrapato de palha no chão. Você não vai me achar um pouco zangado sobre onde *eu* durmo.

O mansão era um lugar longo, baixo e sombrio, com uma extremidade empena dividida. Ali, uma cama foi arrumada para Mary, com os delicados lençóis e bainhas bordados que Cecilia Meredith havia feito tão orgulhosamente para o seu quarto de hóspedes, e que ainda sobrevivia às lavagens incertas da tia Martha. As boas noites foram ditas e o silêncio caiu sobre a mansão. Una estava

apenas adormecendo quando ouviu um som na sala logo acima que a fez se sentar de repente.

"Escute, Faith - Mary está chorando", ela sussurrou. Faith respondeu que não, já adormecida. Una saiu da cama e caminhou em seu pequeno vestido branco pelo corredor e subiu as escadas do sótão. O chão rangendo notou sua chegada, e quando ela chegou ao quarto da esquina, tudo estava em silêncio ao luar e a cama de cavalete mostrava apenas uma corcova no meio.

"Mary", sussurrou Una.

Não houve resposta.

Una rastejou para perto da cama e puxou a extensão. "Mary, eu sei que você está chorando. Eu te ouvi. Você é solitário?

Mary apareceu de repente para ver, mas não disse nada.

"Deixe-me entrar ao seu lado. Estou com frio - disse Una tremendo no ar frio, pois a pequena janela do sótão estava aberta e o sopro agudo da costa norte à noite soprou.

Mary se aproximou e Una se aconchegou ao lado dela.

"Agora você não será solitário. Não deveríamos ter deixado você aqui sozinha na primeira noite.

"Eu não era solitário", cheirou Mary.

"Por que você estava chorando então?"

"Oh, eu comecei a pensar nas coisas quando estava aqui sozinha. Pensei em ter que voltar para a Sra. Wiley - e ser lambida por fugir - e - e - e ir para o inferno por contar mentiras. Tudo isso me preocupou com algo escandaloso.

"Oh, Mary", disse o pobre Una, angustiado. "Eu não acredito que Deus o mandará para o inferno por contar mentiras quando você não sabia que estava errado. Ele não podia. Ele é gentil e bom. Claro, você não deve contar mais agora que sabe que está errado.

"Se eu não posso mentir, o que será de mim?", Disse Mary com um soluço. "Você não entende. Você não sabe nada sobre isso. Você tem um lar e um pai gentil - embora me pareça que ele não esteja na metade. Mas, de qualquer maneira, ele não lambe você, e você come o suficiente como é - embora essa sua velha tia não saiba NADA sobre cozinhar. Ora, este é o primeiro dia em que me lembro de ter sentido o suficiente para comer. Fui nocauteado por toda a minha vida, exceto pelos dois anos em que estive no asilo. Eles não me lamberam lá e não foi tão ruim, embora a matrona estivesse zangada. Ela sempre parecia pronta para arrancar minha cabeça de uma unha. Mas a Sra. Wiley é um terror sagrado, é o que ELA é, e só fico com medo quando penso em voltar para ela.

"Talvez você não precise. Talvez consigamos pensar em uma saída. Vamos pedir a Deus que impeça você de voltar para a sra. Wiley. Você faz suas orações,

não é Mary?

"Ah, sim, eu sempre repito uma velha rima antes de ir para a cama", disse Mary indiferentemente. "Eu nunca pensei em pedir algo em particular. Ninguém neste mundo se incomodou comigo, então eu não imaginei que Deus o faria. Ele pode ter mais problemas para você, vendo que você é filha de um ministro.

"Ele teria tantos problemas para você, Mary, tenho certeza", disse Una. "Não importa de quem você é filho. Você apenas pergunta a Ele - e eu também irei.

"Tudo bem", concordou Mary. "Não fará mal se não fizer muito bem. Se você conhecesse a Sra. Wiley tão bem quanto eu, não pensaria que Deus iria querer se meter com ela. De qualquer forma, não vou mais chorar por isso. Esta é uma visão melhor do que ontem à noite naquele velho celeiro, com os ratos correndo. Olhe para a luz dos Quatro Ventos. Não é bonito?

"Esta é a única janela em que podemos vê-la", disse Una. "Adoro assistir."

"Você? Eu também. Eu podia vê-lo no loft Wiley e era o único conforto que eu tinha. Quando eu estava com muita dor de ser lambida, eu assistia e esquecia os lugares que doíam. Eu pensava nos navios navegando para longe e longe dele e gostaria de estar em um deles navegando para longe também - longe de tudo. Nas noites de inverno, quando não brilhava, eu me sentia realmente solitário. Diga, Una, o que faz com que todos vocês sejam tão gentis comigo quando eu sou apenas um estranho?

"Porque é certo estar. A Bíblia nos diz para sermos gentis com todos.

"Faz? Bem, acho que a maioria das pessoas não se importa muito com isso. Eu nunca me lembro de alguém sendo gentil comigo antes - é verdade que você vive, eu não. Diga, Una, essas sombras nas paredes não são bonitas? Eles se parecem com um bando de passarinhos dançando. E diga: Una, eu gosto de todos vocês e dos meninos da Blythe e do Di, mas eu não gosto da Nan. Ela é orgulhosa.

"Oh, não, Mary, ela não está nem um pouco orgulhosa", disse Una, ansiosa. "Nem um pouco."

Não me diga. Qualquer um que segura sua cabeça assim está orgulhoso. Eu não gosto dela.

"Todos nós gostamos muito dela."

"Oh, suponho que você goste dela melhor do que eu?", Disse Mary ciumenta. "Você?"

"Mary, nós a conhecemos há semanas e só a conhecemos há algumas horas", gaguejou Una.

- Então você gosta mais dela? - perguntou Mary, furiosa. "Tudo certo! Como ela, tudo que você quer. *Eu* não ligo *Eu* posso *me* dar bem sem você.

Ela se jogou contra a parede do sótão com um golpe.

"Oh, Mary", disse Una, passando um braço terno pelas costas intransigentes de Mary, "não fale assim. Eu gosto tanto de você. E você me faz sentir tão mal.

Sem resposta. Atualmente Una soluçou. Instantaneamente, Mary se contorceu novamente e envolveu Una em um abraço de urso.

"Calma", ela ordenou. "Não chore pelo que eu disse. Eu era tão mau quanto o diabo para falar dessa maneira. Eu desejo ser esfolado vivo - e vocês todos são tão bons para mim. Eu acho que você gostaria de alguém melhor em mim. Eu mereço cada lambida que eu já recebi. Silêncio, agora. Se você chorar mais, irei e vou direto para o porto nesta roupa de noite e me afogarei.

Essa terrível ameaça fez Una sufocar seus soluços. Suas lágrimas foram enxugadas por Mary com o babado de renda do travesseiro do quarto de hóspedes e o perdão e os perdidos abraçados juntos novamente, a harmonia restaurada, para observar as sombras das folhas da videira na parede iluminada pela lua até que adormecessem.

E no escritório abaixo, o Rev. John Meredith percorreu o chão com o rosto extasiado e os olhos brilhantes, pensando em sua mensagem do dia seguinte, e não sabia que, sob seu próprio teto, havia uma pequena alma abandonada, tropeçando nas trevas e na ignorância, cercada por terror e cercado de dificuldades grandes demais para lidar com sua luta desigual com um grande mundo indiferente.

CAPÍTULO VI
MARY PERMANECE NA MANSÃO

Os filhos da mansão levaram Mary Vance à igreja com eles no dia seguinte. A princípio, Mary se opôs à ideia.

"Você não foi à igreja por cima do porto?" Perguntou Una.

"Pode apostar. A sra. Wiley nunca incomodou muito a igreja, mas eu ia todo domingo para sair. Fiquei muito agradecido por ir a algum lugar onde pudesse me sentar para um feitiço. Mas não posso ir à igreja com este vestido velho e esfarrapado.

Essa dificuldade foi removida por Faith oferecendo o empréstimo de seu segundo melhor vestido.

"Está um pouco esmaecido e dois botões estão desligados, mas acho que funcionará."

Vou costurar os botões num instante disse Mary.

"Não no domingo", disse Una, chocado.

"Certo. Quanto melhor o dia, melhor a ação. Você só me dá uma agulha e uma linha e olha para o outro lado, se for sensível.

As botas da escola de Faith e um velho boné de veludo preto que outrora fora de Cecilia Meredith completaram o traje de Mary e foram à igreja. Seu comportamento era bastante convencional, e, embora alguns se perguntassem quem era a menininha surda com os filhos do homem, ela não atraía muita atenção. Ela ouviu o sermão com decoro externo e juntou-se luxuriosamente ao canto. Aparentemente, ela tinha uma voz clara e forte e um bom ouvido.

"O sangue dele pode fazer os VIOLETS limpos", brincou Mary alegremente. A sra. Jimmy Milgrave, cujo banco estava logo em frente ao banco da mansão, virou-se repentinamente e olhou a criança de cima a baixo. Mary, em um mero excesso de maldade, enfiou a língua na sra. Milgrave, para horror de Una.

"Eu não pude evitar", declarou ela depois da igreja. "Para que ela queria me encarar assim? Que maneiras! Estou contente que estiquei minha língua para ela. Eu gostaria de colocá-lo mais longe. Diga, eu vi Rob MacAllister do porto lá. Gostaria de saber se ele vai contar para a Sra. Wiley em mim.

Nenhuma sra. Wiley apareceu, no entanto, e em poucos dias as crianças esqueceram de procurá-la. Mary era aparentemente uma figura da mansão. Mas ela se recusou a ir à escola com os outros.

"Não. Eu terminei minha educação - ela disse, quando Faith pediu que ela fosse embora. "Fui à escola por quatro invernos desde que cheguei à sra. Wiley e

tive tudo o que quero disso. Estou enjoada e cansada de ser eternamente queixada porque não concluí minhas aulas em casa. Não tenho tempo para fazer aulas em casa.

"Nosso professor não vai te queixar. Ele é muito gentil - disse Faith.

"Bem, eu não vou. Eu posso ler e escrever e cifrar em frações. Isso é tudo o que eu quero. Vocês vão e eu fico em casa. Você não precisa ter medo, eu vou roubar qualquer coisa. Eu juro que sou honesto.

Mary empregou-se enquanto os outros estavam na escola limpando a mansão. Em poucos dias, era um lugar diferente. Os pisos foram varridos, os móveis empoeirados, tudo arrumado. Ela consertou o tiquetaque do quarto de hóspedes, costurou os botões que faltavam, ajeitou as roupas ordenadamente, até invadiu o escritório com vassoura e pá de lixo e ordenou que o sr. Mas havia um departamento com o qual tia Martha se recusava a deixá-la interferir. Tia Martha podia ser surda, meio cega e muito infantil, mas estava decidida a manter o comissariado em suas próprias mãos, apesar de todas as artimanhas e estratagemas de Maria.

- Posso dizer que, se a velha Martha me deixar cozinhar, você comeria algumas refeições decentes - disse ela aos filhos da mansão, indignada. "Não haveria mais 'idem' - nem mingau irregular e leite azul também. O que ela faz com todo o creme?

"Ela dá para o gato. Ele é dela, você sabe - disse Faith.

"Eu gostaria de CAT", exclamou Mary amargamente. "Eu não tenho utilidade para gatos de qualquer maneira. Eles pertencem ao velho Nick. Você pode dizer isso pelos olhos deles. Bem, se a velha Martha não, ela não, eu suponho. Mas me dá nos nervos ver estragados bons vietles.

Quando a escola saía, eles sempre iam ao Rainbow Valley. Mary se recusou a brincar no cemitério. Ela declarou que tinha medo de fantasmas.

"Não existem fantasmas", declarou Jem Blythe.

"Oh, não existe?"

"Você já viu alguma?"

"Centenas deles", disse Mary prontamente.

"Como eles são?", Disse Carl.

"De aparência horrível. Vestido todo de branco com mãos e cabeças skellington ", disse Mary.

"O que você fez?" Perguntou Una.

"Corra como o diabo", disse Mary. Então ela chamou a atenção de Walter e corou. Mary era muito admirada por Walter. Ela declarou às meninas homens que seus olhos a deixavam nervosa.

"Penso em todas as mentiras que já contei quando olho para elas", disse ela,

"e gostaria de não ter contado."

Jem era o favorito de Mary. Quando ele a levou ao sótão de Ingleside e lhe mostrou o museu de curiosidades que o capitão Jim Boyd lhe dera, ela ficou imensamente satisfeita e lisonjeada. Ela também conquistou o coração de Carl por seu interesse pelos besouros e formigas dele. Não se podia negar que Mary se dava melhor com os meninos do que com as meninas. Ela brigou amargamente com Nan Blythe no segundo dia.

"Sua mãe é uma bruxa", ela disse a Nan com desdém. "Mulheres ruivas são sempre bruxas." Então ela e Faith brigaram com o galo. Mary disse que sua cauda era muito curta. Faith respondeu com raiva que ela adivinhou que Deus sabia que comprimento fazer um rabo de galo. Eles não "falaram" por um dia sobre isso. Mary tratou a boneca sem pêlos de um olho de Una com consideração; mas quando Una mostrou seu outro tesouro valioso - a imagem de um anjo carregando um bebê, provavelmente para o céu, Mary declarou que parecia demais um fantasma para ela. Una se arrastou para o quarto e chorou por isso, mas Mary a perseguiu, abraçou-a arrependida e implorou perdão. Ninguém conseguia manter uma briga longa com Mary - nem mesmo Nan, que era bastante propensa a guardar rancores e nunca perdoou completamente o insulto à mãe. Maria estava alegre. Ela poderia e contou as mais emocionantes histórias de fantasmas. As sessões do Vale do Arco-Íris foram inegavelmente mais emocionantes depois que Maria chegou. Ela aprendeu a tocar harpa e logo eclipsou Jerry.

"Nunca atingi nada, mas eu não poderia fazer se me dedicasse a isso", declarou ela. Maria raramente perdia a chance de tocar seu próprio chifre. Ela os ensinou a fazer "sacos de sopro" com as folhas grossas do "viver para sempre" que floresceram no antigo jardim de Bailey; ela os iniciou nas qualidades dolorosas dos "azedos" que cresciam nos nichos dos jardins. dique do cemitério, e ela podia fazer as mais maravilhosas imagens de sombras nas paredes com seus dedos longos e flexíveis. E quando todos eles apanhavam chiclete no vale do arco-íris, Mary sempre ficava com "a maior mastigação" e se gabava disso. Houve momentos em que a odiaram e momentos em que a amavam. Mas em todos os momentos eles a achavam interessante. Então eles se submeteram bastante humildemente à sua chefia, "É a coisa mais estranha que a sra. Wiley não está atrás de mim", disse Mary. "Eu não consigo entender."

"Talvez ela não se incomode com você", disse Una. "Então você pode continuar aqui."

"Esta casa não é grande o suficiente para mim e para a velha Marta", disse Mary sombriamente. "É uma coisa muito boa ter o suficiente para comer - sempre me perguntei como seria -, mas sou muito interessada em cozinhar. E a

Sra. Wiley já estará aqui. Ela tem uma vara em picles para mim, tudo bem. Eu não penso muito sobre isso durante o dia, mas digo, meninas, lá em cima naquele sótão à noite, eu penso e penso nisso, até que quase desejo que ela venha e acabe logo com isso. Não sei se uma boa surra seria muito pior do que toda a dúzia que vivi em minha mente desde que fugi. Algum de vocês já lambeu?

"Não, claro que não", disse Faith, indignada. "Pai nunca faria uma coisa dessas."

"Você não sabe que está vivo", disse Mary com um suspiro, metade da inveja, metade da superioridade. "Você não sabe o que eu passei. E suponho que os Blythes também nunca foram lambidos?

"Não-oo, acho que não. Mas acho que às vezes eram espancadas quando eram pequenas.

"Uma surra não significa nada", disse Mary com desprezo. "Se meus pais tivessem me espancado, eu teria pensado que estavam me acariciando. Bem, não é um mundo justo. Eu não me importaria de tomar minha parte dos papéis de parede, mas tive uma visão danada demais.

"Não é certo dizer essa palavra, Mary", disse Una, reprovadoramente. "Você me prometeu que não diria isso."

"Vá em frente", respondeu Mary. "Se você soubesse algumas das palavras que eu poderia dizer, se eu gostasse, você não faria tanto barulho. E você sabe muito bem que nunca contei mentiras desde que cheguei aqui.

"E todos os fantasmas que você disse que viu?" Perguntou Faith.

Mary corou.

"Isso foi difícil", disse ela, desafiadora. "Eu sabia que você não acreditaria neles e não pretendia. E realmente vi algo estranho uma noite, quando eu passava pelo cemitério do porto, é verdade que você mora. Não sei se é um fantasma ou o velho nag branco de Sandy Crawford, mas parecia culpado de esquisito e digo que fugi à velocidade dos negócios de ninguém.

CAPÍTULO VII
UM EPISÓDIO DUVIDOSO

Rilla Blythe andou orgulhosa, e talvez um pouco impulsiva, pela "rua" principal do Glen e subiu a colina de Manse, carregando cuidadosamente uma pequena cesta de morangos antigos, que Susan havia atraído para a luxúria em um dos cantos ensolarados de Ingleside. Susan encarregara Rilla de dar a cesta a ninguém, exceto tia Martha ou o sr. Meredith, e Rilla, muito orgulhosa de ter sido encarregada dessa tarefa, resolveu seguir suas instruções por carta.

Susan a vestira delicadamente com um vestido branco, engomado e bordado, com faixa de chinelos azuis e brilhantes. Seus longos cachos avermelhados eram lisos e redondos, e Susan a deixara vestir seu melhor chapéu, como complemento à mansão. Era um assunto um tanto elaborado, em que o gosto de Susan tinha mais a dizer do que o de Anne, e a pequena alma de Rilla se gloriava em seus esplendores de seda, renda e flores. Ela estava muito consciente do chapéu e receio que ela subisse a colina de mansão. O suporte, ou o chapéu, ou ambos, irritou Mary Vance, que estava balançando no portão do gramado. O temperamento de Mary ficou um pouco confuso naquele momento, na barganha. Tia Martha se recusara a deixá-la descascar as batatas e a mandara sair da cozinha.

"Yah! Você levará as batatas para a mesa com tiras de pele penduradas nelas e fervidas pela metade como de costume! Meu Deus, mas será bom ir ao seu funeral - gritou Mary. Ela saiu da cozinha, estremecendo a porta de tal maneira que até a tia Martha ouviu. O Sr. Meredith em seu escritório sentiu a vibração e pensou distraidamente que devia ter havido um leve choque de terremoto. Então ele continuou seu sermão.

Mary escorregou do portão e confrontou a donzela de Ingleside.

"O que você tem aí?" Ela exigiu, tentando pegar a cesta.

Rilla resistiu. "É para Mithter Meredith", ela disse.

"Me dê isto. Vou dar a ele - disse Mary.

"Não. É claro que não vou dar a ninguém, a não ser Mithter Mer'dith ou tia Martha - insistiu Rilla.

Mary a olhou amargamente.

"Você pensa que é alguma coisa, não está, toda vestida como uma boneca! Olhe para mim. Meu vestido é todo trapos e *eu* não me importo! Prefiro ser esfarrapado do que um bebê de boneca. Vá para casa e peça para colocá-lo em uma caixa de vidro. Olhe para mim, olhe para mim, olhe para mim!

Mary executou uma dança selvagem em tomo de Rilla, consternada e

confusa, flertando com sua saia esfarrapada e vociferando "Olhe para mim - olhe para mim" até que a pobre Rilla estivesse tonta. Mas enquanto o último tentava se afastar em direção ao portão, Mary a atacou novamente.

"Você me dá essa cesta", ela ordenou com uma careta. Mary era ex-amante da arte de "fazer caretas". Ela podia dar ao rosto uma aparência mais grotesca e sobrenatural, da qual seus estranhos, brilhantes e brancos olhos brilhavam com um efeito estranho.

"Eu não vou", ofegou Rilla, assustada, mas firme. "Você me deixa ir, Mary Vanth."

Mary soltou-se por um minuto e olhou por aqui. Logo ao lado do portão havia um pequeno "floco", no qual meia dúzia de grandes bacalhaus estavam secando. Um dos paroquianos do Sr. Meredith o apresentou um dia, talvez em vez da assinatura que ele deveria pagar ao salário e nunca o fez. Meredith agradeceu e depois esqueceu tudo sobre o peixe, que prontamente estragaria se a infatigável Mary os tivesse preparado para secar e montado o próprio "floco" sobre o qual secá-los.

Maria teve uma inspiração diabólica. Ela voou para o "floco" e pegou o maior peixe de lá - uma coisa enorme e plana, quase tão grande quanto ela. Com um grito, ela se lançou sobre a aterrorizada Rilla, brandindo seu míssil estranho. A coragem de Rilla cedeu. Ser picado com um bacalhau seco era algo tão inédito que Rilla não conseguia enfrentá-lo. Com um grito agudo, ela deixou cair a cesta e fugiu. As belas bagas, que Susan selecionara tão ternamente para o ministro, rolaram em uma torrente rosada pela estrada poeirenta e foram pisadas pelos pés voadores do perseguidor e perseguidas. A cesta e o conteúdo não estavam mais na mente de Mary. Ela pensou apenas no prazer de dar a Rilla Blythe o susto de sua vida.

Rilla voou colina abaixo e ao longo da rua. O terror deu asas a seus pés, e ela conseguiu manter-se à frente de Mary, que estava um pouco prejudicada por sua própria risada, mas que tinha fôlego suficiente para dar gritos de gelar o sangue ocasionalmente enquanto corria, florescendo seu bacalhau no ar. Pela rua Glen eles varreram, enquanto todos corriam para as janelas e portões para vê-los. Mary sentiu que estava fazendo uma tremenda sensação e gostou. Rilla, cega de terror e sem fôlego, sentiu que não podia mais correr. Em outro instante, aquela garota terrível estaria com ela com o bacalhau. Nesse momento, o pobre ácaro tropeçou e caiu na poça de lama no final da rua, no momento em que Miss Cornelia saiu da loja de Carter Flagg.

A senhorita Cornelia viu toda a situação de relance. Mary também. Este último parou brevemente em sua louca carreira e, antes que a Srta. Cornelia pudesse falar, ela girara e corria o mais rápido que correra. Os lábios da

senhorita Cornelia se apertaram ameaçadoramente, mas ela sabia que não havia sentido pensar em persegui-la. Então ela pegou a pobre e soluçada, desgrenhada Rilla e a levou para casa. Rilla estava com o coração partido. Seu vestido, chinelos e chapéu estavam arruinados e seu orgulho de seis anos havia recebido terríveis hematomas.

Susan, branca de indignação, ouviu a história da senhorita Cornelia sobre a façanha de Mary Vance.

"Oh, o hussy - oh, o hussy pequenino!" Ela disse, enquanto levava Rilla embora para purificação e conforto.

"Essa coisa já foi longe o suficiente, Anne, querida", disse Miss Cornelia resolutamente. "Algo deve ser feito. QUEM é essa criatura que fica na mansão e de onde ela vem?

"Eu entendi que ela era uma garotinha de over-harbor que estava visitando a mansão", respondeu Anne, que viu o lado cômico da perseguição ao bacalhau e secretamente pensou que Rilla era bastante vaidosa e precisava de uma ou duas aulas.

"Conheço todas as famílias que abrigam a igreja e esse diabrete não pertence a nenhuma delas", replicou Miss Cornelia. "Ela está quase em trapos e, quando vai à igreja, veste as roupas velhas de Faith Meredith. Há algum mistério aqui, e vou investigar, pois parece que ninguém mais o fará. Acredito que ela estava no fundo de suas atividades no arbusto de Warren Mead, outro dia. Você ouviu falar deles assustando a mãe dele?

"Não. Eu sabia que Gilbert havia sido chamado para vê-la, mas não ouvi qual era o problema.

"Bem, você sabe que ela tem um coração fraco. E um dia, na semana passada, quando estava sozinha na varanda, ouviu os gritos mais terríveis de "assassinato" e "ajuda" vindos do mato - sons positivamente assustadores, Anne dearie. Seu coração cedeu imediatamente. Warren os ouviu no celeiro e foi direto para o mato investigar. Lá, ele encontrou todas as crianças virgens sentadas em uma árvore caída e gritando 'assassinato' no topo de seus pulmões. Eles disseram a ele que estavam apenas se divertindo e não achavam que alguém os ouviria. Eles estavam apenas fazendo uma emboscada indiana. Warren voltou para casa e encontrou sua pobre mãe inconsciente na varanda.

Susan, que havia retornado, cheirou com desdém.

"Acho que ela estava muito longe de ficar inconsciente, senhora Marshall Elliott, e com quem você pode se ligar. Ouvi falar do coração fraco de Amelia Warren por quarenta anos. Ela tinha quando tinha vinte anos. Ela gosta de fazer barulho e ter o médico, e qualquer desculpa serve.

"Não acho que Gilbert tenha achado o ataque muito sério", disse Anne.

"Oh, isso pode muito bem ser", disse Miss Cornelia. "Mas o assunto fez muita conversa e os Meads sendo metodistas tornam isso muito pior. O que vai acontecer com essas crianças? Às vezes, não consigo dormir à noite por pensar nelas, Anne, querida. Eu realmente questiono se eles conseguem o suficiente para comer, até porque o pai deles está tão perdido em sonhos que ele nem sempre se lembra de ter estômago, e essa velha preguiçosa não se incomoda em cozinhar o que deveria. Eles estão correndo soltos e agora que a escola está fechando, serão piores do que nunca. "

"Eles têm momentos divertidos", disse Anne, rindo das lembranças de alguns acontecimentos do vale do arco-íris que chegaram aos seus ouvidos. "E todos são corajosos, francos, leais e verdadeiros."

"Essa é uma palavra verdadeira, Anne, querida, e quando você pensa em todos os problemas na igreja que esses dois jovens enganadores e enganosos do último ministro fizeram, estou inclinado a ignorar bastante os Merediths."

"Quando tudo estiver dito e feito, senhora Dra. Querida, eles são filhos muito bons", disse Susan. "Eles têm muitos pecados originais neles e eu admito, mas talvez seja melhor assim, pois, se eles não tivessem, poderiam estragar por excesso de doçura. Só acho que não é apropriado que eles joguem no cemitério e que eu vou manter. "

"Mas eles realmente tocam bastante silenciosamente lá", desculpou Anne. "Eles não correm e gritam como em outros lugares. Uivos como aqui chegam algumas vezes do vale do arco-íris! Embora eu goste da minha própria batata frita ter uma parte valente nelas. Eles tiveram uma batalha falsa lá na noite passada e tiveram que "rugir", porque não tinham artilharia para fazê-lo, diz Jem. Jem está passando pelo estágio em que todos os meninos desejam ser soldados.

"Bem, graças a Deus, ele nunca será um soldado", disse Miss Cornelia. "Eu nunca aprovei nossos meninos indo para as brigas sul-africanas. Mas acabou, e provavelmente nada disso acontecerá novamente. Eu acho que o mundo está ficando mais sensato. Quanto aos Merediths, já falei muitas vezes e repito, se o Sr. Meredith tivesse uma esposa, tudo ficaria bem.

"Ele ligou duas vezes na casa dos Kirks na semana passada, pelo que me disseram", disse Susan.

"Bem", disse Miss Cornelia, pensativa, "como regra, não aprovo um ministro se casando em sua congregação. Geralmente o mima. Mas, neste caso, não faria mal, pois todo mundo gosta de Elizabeth Kirk e ninguém mais anseia pelo trabalho de madrasta desses jovens. Até as garotas de Hill se recusam a isso. Eles não foram encontrados armadilhas para o Sr. Meredith. Elizabeth faria dele uma boa esposa se ele pensasse assim. Mas o problema é que ela é realmente caseira e, Anne Dearie, o Sr. Meredith, abstrato como ele é, tem olhos

para uma mulher bonita, parecida com um homem. Ele não é tão sobrenatural quando se trata disso, acredite em mim. "

"Elizabeth Kirk é uma pessoa muito legal, mas eles dizem que as pessoas quase morreram congeladas na cama do quarto de sua mãe até agora, Sra. Dra. Querida", disse Susan sombriamente. "Se eu sentisse que tinha o direito de expressar uma opinião a respeito de um assunto tão solene como o casamento de um ministro, diria que acho que a prima de Elizabeth, Sarah, que está acima do porto, faria de Meredith uma esposa melhor."

"Sarah Kirk é uma metodista", disse Miss Comelia, como se Susan tivesse sugerido um hotentote como noiva de mansão.

"Ela provavelmente se tornaria presbiteriana se casasse com o sr. Meredith", replicou Susan.

Comelia balançou a cabeça. Evidentemente, com ela, era uma vez metodista, sempre metodista.

"Sarah Kirk está totalmente fora de questão", disse ela positivamente. "E o mesmo acontece com Emmeline Drew - embora os Drews estejam tentando fazer a partida. Eles estão literalmente jogando o pobre Emmeline na cabeça dele, e ele não tem a menor idéia disso.

"Emmeline Drew não tem bom senso, devo admitir", disse Susan. - Ela é o tipo de mulher, senhora Dra. Querida, que colocava uma garrafa de água quente em sua cama em uma noite de cachorro e depois fazia seus sentimentos doerem porque você não estava agradecido. E sua mãe era uma governanta muito pobre. Você já ouviu a história do pano de prato dela? Ela perdeu o pano de prato um dia. Mas no dia seguinte ela encontrou. Ah, sim, senhora Dra. Querida, ela encontrou no ganso da mesa de jantar misturado com o recheio. Você acha que uma mulher assim faria pela sogra de um ministro? Eu não. Mas sem dúvida eu estaria melhor empregado em consertar as calças do pequeno Jem do que em fofocar sobre meus vizinhos. Ele rasgou algo escandaloso ontem à noite em Rainbow Valley.

-Onde está Walter? - perguntou Anne.

-Receio que ele não seja bom, senhora Dra. Querida. Ele está no sótão escrevendo algo em um livro de exercícios. E ele não se saiu tão bem em aritmética quanto deveria, então o professor me diz. Muito bem, eu sei o motivo. Ele escreveu rimas bobas quando deveria estar fazendo suas somas. Receio que o menino seja poeta, senhora Dra. Querida.

"Ele é um poeta agora, Susan."

-Bem, fique calmo, senhora Dra. Querida. Suponho que seja o melhor caminho, quando uma pessoa tem força. Tive um tio que começou por ser poeta e acabou por ser um vagabundo. Nossa família tinha uma vergonha terrível dele.

"Você não parece muito bem com os poetas, Susan", disse Anne, rindo.

-Quem é, senhora Dra. Querida? - perguntou Susan, genuinamente espantada.

"E Milton e Shakespeare? E os poetas da Bíblia?

"Eles me dizem que Milton não se dava bem com sua esposa, e Shakespeare não era mais do que respeitável às vezes. Quanto à Bíblia, é claro que as coisas eram diferentes naqueles dias sagrados - embora eu nunca tenha tido uma alta opinião do rei Davi, diga o que quiser. Eu nunca soube que havia algo de bom em escrever poesia, e espero e rezo para que o menino abençoado supere a tendência. Caso contrário, precisamos ver o que a emulsão de óleo de fígado de bacalhau fará.

CAPÍTULO VIII
MISS CORNELIA INTERVÉM

A senhorita Cornelia desceu sobre a mansão no dia seguinte e interrogou Maria, que, sendo uma jovem de considerável discernimento e astúcia, contou sua história de maneira simples e sincera, com toda uma ausência de queixa ou de bravata. A senhorita Cornelia ficou mais impressionada do que esperava, mas considerou seu dever severo.

"Você acha", disse ela severamente, "que você mostrou sua gratidão a esta família, que foi muito gentil com você, por insultar e perseguir um de seus amiguinhos como você fez ontem?"

"Diga, foi péssimo para mim", admitiu Mary facilmente. "Não sei o que me possuía. Aquele velho bacalhau parecia muito útil. Mas eu estava arrependido - chorei ontem à noite depois de dormir, honestamente. Você pergunta a Una se eu não fiz. Eu não diria a ela por que, porque tinha vergonha disso, e então ela chorou também, porque temia que alguém tivesse ferido meus sentimentos. Leis, *eu* não tenho nenhum sentimento de pena mágoa falando. O que me preocupa é por que a sra. Wiley não está me caçando. Não é como ela.

A própria Srta. Cornelia achou isso bastante peculiar, mas apenas advertiu Mary a não tomar mais liberdades com o bacalhau do ministro e foi relatar o progresso em Ingleside.

"Se a história da criança é verdadeira, o assunto deve ser analisado", disse ela. "Eu sei algo sobre essa mulher Wiley, acredite em mim. Marshall costumava conhecê-la quando ele morava no porto. Eu o ouvi dizer algo no verão passado sobre ela e um filho em casa que ela tinha - provavelmente essa mesma criatura de Mary. Ele disse que alguém lhe disse que ela estava trabalhando com a criança até a morte e não a alimentando pela metade e vestindo-a. Você sabe, Anne, querida, sempre foi meu hábito nem me intrometer com essas pessoas super-portuárias. Mas mandarei Marshall amanhã para descobrir os direitos disso, se puder. E então eu vou falar com o ministro. Veja bem, Anne, querida, os Merediths encontraram essa garota literalmente morrendo de fome no velho celeiro de James Taylor. Ela esteve lá a noite toda, frio e com fome e sozinho. E nós dormindo quente em nossas camas depois de boas ceias.

- A coitadinha - disse Anne, imaginando um de seus queridos bebês, com frio, fome e sozinho em tais circunstâncias. - Se ela foi mal utilizada, senhorita Cornelia, não deve ser levada de volta a um lugar assim. *Eu* fui órfão uma vez em uma situação muito semelhante. "

"Vamos ter que consultar o pessoal de asilo de Hopetown", disse Miss

Cornelia. "De qualquer forma, ela não pode ser deixada na mansão. Caro sabe o que aquelas crianças pobres podem aprender com ela. Eu entendo que ela é conhecida por jurar. Mas pense nela duas semanas inteiras e o Sr. Meredith nunca acorda! Que negócio um homem assim tem para ter uma família? Anne, querida, ele deveria ser um monge.

Duas noites depois, Miss Cornelia estava de volta a Ingleside.

"É a coisa mais incrível!", Ela disse. "Sra. Wiley foi encontrada morta em sua cama na manhã seguinte à fuga da criatura de Mary. Ela tem um coração ruim há anos e o médico avisou que isso poderia acontecer a qualquer momento. Ela mandou embora o homem contratado e não havia ninguém na casa. Alguns vizinhos a encontraram no dia seguinte. Eles sentiam falta da criança, ao que parece, mas supostamente a sra. Wiley a havia enviado a sua prima perto de Charlottetown, como ela havia dito que faria. A prima não compareceu ao funeral e, portanto, ninguém nunca soube que Mary não estava com ela. As pessoas com quem Marshall falou lhe disseram algumas coisas sobre o modo como a Sra. Wiley usou essa Mary que fazia seu sangue ferver, então ele declara. Sabe, isso coloca Marshall em uma fúria regular ao ouvir sobre uma criança sendo mal usada. Disseram que ela a açoitava sem piedade por cada pequena falha ou erro. Algumas pessoas falaram em escrever para as autoridades de asilo, mas o negócio de todos não é da conta de ninguém e nunca foi feito. "

"Sinto muito que a pessoa Wiley esteja morta", disse Susan ferozmente. "Eu gostaria de passar por cima do porto e pensar um pouco nela. Morrer de fome e espancar uma criança, Sra. Dr. querida! Como você sabe, eu seguro com palmadas legais, mas não vou além. E o que há com esta pobre criança agora, sra. Marshall Elliott?

Suponho que ela deva ser mandada de volta para Hopetown disse Miss Cornelia. "Acho que todo mundo que quer um filho em casa tem um. Verei o Sr. Meredith amanhã e direi a ele minha opinião sobre o caso.

"E sem dúvida ela vai, senhora Dra. Querida", disse Susan, depois que Miss Cornelia se foi. "Ela não se ateve a nada, nem mesmo a atirar a torre da igreja se ela a metesse na cabeça. Mas não consigo entender como Cornelia Bryant pode falar com um ministro como ela. Você pensaria que ele era qualquer pessoa comum.

Quando Miss Cornelia se foi, Nan Blythe se desenrolou da rede onde estudara suas lições e se afastou para Rainbow Valley. Os outros já estavam lá. Jem e Jerry estavam brincando com ferraduras antigas emprestadas do ferreiro de Glen. Carl perseguia formigas numa colina ensolarada. Walter, deitado de bruços no meio da samambaia, estava lendo em voz alta para Mary e Di e Faith e Una de um maravilhoso livro de mitos em que eram fascinantes relatos do Preste

João e do Judeu Errante, varas divinas e homens de cauda, de Schamir, o verme que partiu pedras e abriu caminho para tesouros dourados, de ilhas afortunadas e donzelas de cisnes. Foi um grande choque para Walter saber que William Tell e Gelert também eram mitos; e a história do bispo Hatto era mantê-lo acordado a noite toda; mas o melhor de tudo era que ele adorava as histórias do Flautista e do San Greal. Ele as leu emocionadamente, enquanto os sinos dos Amantes das Árvores tilintavam ao vento do verão e a frescura das sombras da tarde atravessava o vale.

"Diga, eles não estão mentindo?", Disse Mary, admirada, quando Walter fechou o livro.

"Eles não são mentiras", disse Di, indignado.

- Você não quer dizer que são verdadeiras? - perguntou Mary, incrédula.

"Não, não exatamente. Eles são como suas histórias de fantasmas. Eles não eram verdadeiros, mas você não esperava que acreditássemos neles, então eles não eram mentiras. "

"Esse fio sobre a varinha de condão não é mentira, de qualquer maneira", disse Mary. - O velho porto de Jake Crawford pode funcionar. Eles o mandam de todos os lugares quando querem cavar um poço. E acredito que conheço o judeu errante.

"Oh, Mary", disse Una, impressionada.

"Sim, é verdade que você está vivo. Havia um homem velho na casa da sra. Wiley no outono passado. Ele parecia velho o suficiente para ser QUALQUER COISA. Ela estava perguntando sobre postes de cedro, se ele achava que eles durariam bem. E ele disse: 'Último bem? Eles vão durar mil anos. Eu sei, porque já tentei duas vezes. Agora, se ele tinha dois mil anos, quem era ele senão seu judeu errante?

"Não acredito que o judeu errante se associasse a uma pessoa como a sra. Wiley", disse Faith decididamente.

"Adoro a história do flautista", disse Di, "e a mãe também. Eu sempre sinto muito pelo pobre coxo que não conseguia acompanhar os outros e foi expulso da montanha. Ele deve ter ficado tão decepcionado. Acho que o resto da vida ele ficou imaginando que coisa maravilhosa ele tinha perdido e desejando ter entrado com os outros.

"Mas quão feliz sua mãe deve ter ficado", disse Una, baixinho. "Acho que ela se arrependeu a vida toda por ele ser coxo. Talvez ela até chorasse por isso. Mas ela nunca iria se arrepender de novo - nunca. Ela ficaria feliz que ele fosse coxo porque era por isso que ela não o havia perdido.

"Um dia", disse Walter sonhadoramente, olhando para o céu, "o flautista subirá a colina lá em cima e descerá o vale do arco-íris, cantando alegre e

docemente. E eu o seguirei - segui-lo até a costa - até o mar - para longe de todos vocês. Acho que não vou querer ir - Jem vai querer - será uma aventura mas não vou. Só vou ter que ... a música vai ligar e ligar e me ligar até que eu DEVE seguir.

"Todos nós iremos", exclamou Di, pegando fogo na chama da fantasia de Walter, e quase acreditando que ela podia ver a figura zombeteira e recuada do flautista místico no extremo oposto do vale.

"Não. Você vai sentar aqui e esperar - disse Walter, seus grandes e esplêndidos olhos cheios de um estranho glamour. "Você esperará que voltemos. E nós não podemos vir - pois não podemos vir enquanto o Flautista tocar. Ele pode nos dar a volta ao mundo. E ainda assim você vai sentar aqui e esperar - e ESPERE.

"Oh, seque", disse Mary, tremendo. "Não fique assim, Walter Blythe. Você me dá arrepios. Você quer me fazer chorar? Eu podia ver aquele velho e horrível Flautista indo embora, e vocês, seguindo-o, e nós, meninas, sentadas aqui, esperando sozinhas. Não sei por que é ... nunca fui do tipo que chorava, mas assim que você começa a falar, sempre quero chorar.

Walter sorriu em triunfo. Gostava de exercer esse poder sobre seus companheiros - brincar com seus sentimentos, despertar seus medos, emocionar suas almas. Satisfazia algum instinto dramático nele. Mas sob seu triunfo havia um arrepio estranho de algum medo misterioso. O flautista parecia muito real para ele - como se o véu esvoaçante que escondia o futuro tivesse sido, por um momento, jogado de lado no crepúsculo estrelado do vale do arco-íris e um vislumbre sombrio dos próximos anos concedidos a ele.

Carl, chegando ao grupo deles com um relatório das ações na terra das formigas, trouxe-os de volta ao reino dos fatos.

"As formigas são condenadas por serem incontroláveis", exclamou Mary, contente por escapar do escravo de Flautista. "Carl e eu assistimos aquela cama no cemitério durante toda a tarde de sábado. Eu nunca pensei que havia tanto em bugs. Digamos, mas eles são pequenos xingamentos briguentos - alguns deles gostam de começar uma briga por qualquer motivo, até onde pudemos ver. E alguns deles são covardes. Eles ficaram tão assustados que se dobraram e deixaram os outros baterem neles. Eles não brigariam nem um pouco. Alguns deles são preguiçosos e não funcionam. Nós assistimos eles se esquivando. E houve uma formiga morta de pesar, porque outra formiga foi morta - não funcionaria - não comeria - apenas morreu - morreu, foi, é honesto para Go - maldade. "

Um silêncio chocado prevaleceu. Todos sabiam que Mary não havia começado a dizer "bondade". Faith e Di trocaram olhares que teriam dado

crédito à própria senhorita Cornelia. Walter e Carl pareciam desconfortáveis e os lábios de Una tremeram.

Mary se contorceu desconfortavelmente.

"Isso escapou antes que eu pensasse - honestamente - quero dizer, é verdade que você mora, e eu engoli metade dela. Vocês aqui são poderosos e delicados, parece-me. Gostaria que você pudesse ter ouvido os Wileys quando eles brigaram.

"As mulheres não dizem essas coisas", disse Faith, muito primordialmente para ela.

"Não está certo", sussurrou Una.

"Eu não sou uma dama", disse Mary. - Que chance eu já tive de ser uma dama? Mas não direi isso de novo se puder evitar. Eu prometo."

"Além disso", disse Una, "você não pode esperar que Deus responda às suas orações se tomar o nome dele em vão, Maria."

"Eu não espero que Ele responda de qualquer maneira", disse Maria de pouca fé. "Estou lhe pedindo há uma semana para esclarecer esse caso Wiley e ele não fez nada. Eu vou desistir.

Nesse momento, Nan chegou sem fôlego.

"Oh, Mary, tenho novidades para você. A sra. Elliott já passou dos limites e o que você acha que ela descobriu? A sra. Wiley está morta - ela foi encontrada morta na cama na manhã seguinte depois que você fugiu. Então você nunca terá que voltar para ela.

"Morto!" Disse Mary estupefata. Então ela estremeceu.

-Você acha que minha oração tem algo a ver com isso? - ela chorou implorando para Una. "Se tivesse, nunca mais rezarei enquanto viver. Por que ela pode voltar e não me ama.

"Não, não, Mary", disse Una confortavelmente, "não tinha. Sra. Wiley morreu muito antes de você começar a orar sobre isso.

"É verdade", disse Mary se recuperando de seu pânico. "Mas eu lhe digo que isso me deu um sobressalto. Eu não gostaria de pensar que tinha rezado alguém até a morte. Eu nunca pensei nela morrendo quando eu estava orando. Ela não parecia muito com o tipo que estava morrendo. A senhora Elliott disse algo sobre mim?

"Ela disse que você provavelmente teria que voltar para o asilo."

"Pensei o mesmo", disse Mary tristemente. "E então eles vão me denunciar de novo - provavelmente para alguém como a Sra. Wiley. Bem, acho que aguento. Eu sou forte.

-Vou rezar para que você não precise voltar - sussurrou Una, enquanto ela e Mary voltavam para a mansão.

- Você pode fazer o que quiser - disse Mary decididamente -, mas juro *que* não vou. Estou bem e com medo desse negócio de orar. Veja o que aconteceu. Se a Sra. Wiley tivesse morrido depois que eu comecei a orar, teria sido o meu feito.

"Oh, não, não seria", disse Una. "Eu gostaria de poder explicar melhor as coisas - o pai poderia, eu sei, se você falasse com ele, Mary."

"Pegue-me! Eu não sei o que pensar do seu pai, esse é o longo e curto. Ele passa por mim e nunca me vê em plena luz do dia. Não tenho orgulho, mas também não sou um tapete de porta!

"Oh, Mary, é apenas o caminho do pai. Na maioria das vezes ele também nunca nos vê. Ele está pensando profundamente, isso é tudo. E vou rezar para que Deus o mantenha em quatro ventos - porque gosto de você, Maria.

"Tudo certo. Só não me deixe ouvir falar de mais pessoas morrendo por causa disso - disse Mary. "Eu gostaria de ficar bem em Four Winds. Gosto e gosto do porto e do farol - e você e os Blythes. Vocês são os únicos amigos que já tive e detestaria deixar você.

CAPÍTULO IX
UNA INTERVÉM

A senhorita Cornelia teve uma entrevista com o Sr. Meredith, que provou ser um choque para aquele cavalheiro abstraído. Ela apontou para ele, sem muito respeito, a negligência de seu dever ao permitir que uma mulher como Mary Vance entrasse em sua família e se associasse a seus filhos sem saber ou aprender nada sobre ela.

"Não digo que haja muito dano, é claro", concluiu. "Esta criatura de Maria não é o que você pode chamar de ruim, quando tudo estiver dito e feito. Eu tenho questionado seus filhos e os Blythes, e pelo que pude perceber, não há muito o que dizer contra a criança, exceto que ela é gíria e não usa uma linguagem muito refinada. Mas pense no que poderia ter acontecido se ela tivesse sido como algumas dessas crianças em casa que conhecemos. Você conhece a si mesmo o que aquela pobre criatura que Jim Flaggs tinha, ensinou e contou às crianças Flagg.

O Sr. Meredith sabia e ficou honestamente chocado com seu próprio descuido no assunto.

- Mas o que deve ser feito, senhora Elliott? - perguntou ele, impotente. "Não podemos expulsar a pobre criança. Ela deve ser cuidada.

"Claro. É melhor escrevermos imediatamente para as autoridades de Hopetown. Enquanto isso, suponho que ela poderia ficar aqui por mais alguns dias até ouvirmos deles. Mas mantenha seus olhos e ouvidos abertos, Sr. Meredith.

Susan teria morrido de horror no local se tivesse ouvido Miss Cornelia admoestar um ministro. Mas a Srta. Cornelia partiu com um brilho caloroso de satisfação pelo trabalho cumprido, e naquela noite o Sr. Meredith pediu a Mary para ir ao seu escritório com ele. Mary obedeceu, parecendo literalmente horrorosa de susto. Mas ela teve a surpresa de sua pobre e maltratada vida. Este homem, de quem ela tinha ficado terrivelmente admirada, era a alma mais gentil e gentil que já conhecera. Antes que ela soubesse o que aconteceu, Mary se viu derramando todos os seus problemas em seu ouvido e recebendo em troca uma simpatia e um entendimento terno como nunca lhe ocorrera imaginar. Mary deixou o escritório com o rosto e os olhos tão suavizados que Una mal a conhecia.

"Seu pai está bem, quando ele acorda", disse ela com uma fungada que escapou de ser um soluço. "É uma pena que ele não acorde com mais frequência. Ele disse que não sou culpado pela morte da sra. Wiley, mas que devo tentar

pensar em seus pontos positivos e não nos ruins. Não sei que pontos positivos ela tinha, a menos que estivesse mantendo a casa limpa e fazendo manteiga de primeira classe. Eu sei que eu usava meus braços esfregando o chão da cozinha antiga com os nós nele. Mas qualquer coisa que seu pai disser vai comigo depois disso.

Maria se mostrou uma companhia bastante monótona nos dias seguintes, no entanto. Ela confidenciou a Una que quanto mais pensava em voltar para o asilo, mais odiava. Una mexeu com o cérebro pequeno para evitar isso, mas foi Nan Blythe quem veio ao resgate com uma sugestão um tanto surpreendente.

"Sra. Elliott pode levar a própria Mary. Ela tem uma casa grande e o Sr. Elliott está sempre querendo que ela tenha ajuda. Seria apenas um lugar esplêndido para Mary. Só ela teria que se comportar.

"Oh, Nan, você acha que a sra. Elliott a levaria?"

"Não faria mal se você perguntasse a ela", disse Nan. A princípio, Una não achou que pudesse. Ela era tão tímida que pedir um favor a alguém era uma agonia para ela. E ela estava muito admirada com a movimentada e enérgica Sra. Elliott. Ela gostava muito dela e sempre gostava de visitar sua casa; mas pedir que ela adotasse Mary Vance parecia uma presunção tão grande que o espírito tímido de Una tremeu.

Quando as autoridades de Hopetown escreveram ao Sr. Meredith para enviar Mary para eles sem demora, Mary chorou até dormir no sótão naquela noite e Una encontrou uma coragem desesperada. Na noite seguinte, ela fugiu da mansão para a estrada do porto. Lá no vale do arco-íris, ouviu risadas alegres, mas seu caminho não estava lá. Ela era terrivelmente pálida e terrivelmente sincera - tanto que não prestava atenção nas pessoas que conheceu - e a velha sra. Stanley Flagg ficou bastante ofendida e disse que Una Meredith ficaria tão distraída quanto o pai quando crescesse.

A senhorita Cornelia morava a meio caminho entre o Glen e o Four Winds Point, em uma casa cuja tonalidade verde brilhante original tinha amadurecido até um agradável cinza esverdeado. Marshall Elliott plantou árvores e montou um jardim de rosas e uma cerca viva de abetos. Era um lugar bem diferente do que era há anos. Os filhos de mansão e os filhos de Ingleside gostavam de ir para lá. Era uma bela caminhada pela antiga estrada do porto, e sempre havia um pote de cozinha bem cheio no final.

O mar enevoado lambia suavemente as areias. Três grandes barcos deslizavam pelo porto como grandes pássaros marinhos brancos. Uma escuna estava subindo pelo canal. O mundo dos Quatro Ventos estava mergulhado em cores brilhantes, música sutil e glamour estranho, e todos deveriam estar felizes nele. Mas quando Una entrou no portão da senhorita Cornelia, suas próprias

pernas quase se recusaram a carregá-la.

Miss Cornelia estava sozinha na varanda. Una esperava que o Sr. Elliott estivesse lá. Ele era tão grande, caloroso e cintilante que haveria encorajamento em sua presença. Ela se sentou no banquinho que Miss Cornelia trouxe e tentou comer o donut que Miss Cornelia lhe deu. Ele ficou preso na garganta, mas ela engoliu desesperadamente para que a senhorita Cornelia não se ofendesse. Ela não conseguia falar; ela ainda estava pálida; e seus grandes olhos azuis escuros pareciam tão repugnantes que Miss Cornelia concluiu que a criança estava com problemas.

"O que você está pensando, querida?" Ela perguntou. "Há algo que está claro para ser visto."

Una engoliu a última torção de donut com um gole desesperado.

"Sra. Elliott, você não aceita Mary Vance? - ela disse suplicante.

Cornelia olhou sem expressão.

"Eu! Tome Mary Vance! Você quer dizer mantê-la?

"Sim, mantenha-a, adote-a", disse Una ansiosamente, ganhando coragem agora que o gelo estava quebrado. "Oh, senhora Elliott, por favor. Ela não quer voltar para o asilo - ela chora todas as noites por isso. Ela tem tanto medo de ser enviada para outro lugar difícil. E ela é TÃO inteligente - não há nada que ela não possa fazer. Eu sei que você não se arrependeria se a levasse.

"Eu nunca pensei nisso", disse Miss Cornelia, impotente.

"Você não pensou nisso?" Implorou Una.

"Mas, querida, eu não quero ajuda. Sou capaz de fazer todo o trabalho aqui. E nunca pensei que gostaria de ter uma garota em casa se precisasse de ajuda.

A luz saiu dos olhos de Una. Os lábios dela tremeram. Ela se sentou no banquinho novamente, uma patética figura de decepção e começou a chorar.

"Não, querida, não", exclamou Miss Cornelia em perigo. Ela nunca suportaria machucar uma criança. "Eu não digo que não vou aceitá-la, mas a idéia é tão nova que me deixou desconcertada. Eu devo pensar sobre isso.

"Mary é tão inteligente", disse Una novamente.

"Humph! Então eu ouvi. Ouvi dizer que ela jura também. Isso é verdade?"

"Eu nunca a ouvi xingar EXATAMENTE", vacilou Una desconfortavelmente. "Mas eu tenho medo que ela PODE."

"Eu acredito em você! Ela sempre diz a verdade?

"Acho que sim, exceto quando tem medo de açoitar."

"E ainda assim você quer que eu a leve!"

"Alguém tem que levá-la", soluçou Una. "ALGUÉM tem que cuidar dela, senhora Elliott."

"Isso é verdade. Talvez seja meu dever fazê-lo - disse Miss Cornelia com

um suspiro. - Bem, vou ter que conversar com o Sr. Elliott. Portanto, não diga nada sobre isso ainda. Pegue outro donut, querida.

Una pegou e comeu com mais apetite.

"Gosto muito de rosquinhas", confessou. "Tia Martha nunca faz nada. Susan, no Ingleside, sim, e às vezes ela nos deixa comer um prato no Rainbow Valley. Sabe o que faço quando estou com fome de rosquinhas e não consigo, sra. Elliott?

"Não, querida. O que?"

"Pego o antigo livro de receitas da mãe e leio a receita de rosquinha - e as outras receitas. Eles parecem tão legais. Eu sempre faço isso quando estou com fome - especialmente depois de jantarmos juntos. ENTÃO, li as receitas de frango frito e ganso assado. Mãe poderia fazer todas essas coisas legais.

"Esses filhos de homem ainda morrerão de fome se o Sr. Meredith não se casar", disse Miss Cornelia ao marido, indignada, depois que Una foi embora. "E ele não vai - e o que deve ser feito? E vamos levar esta criatura de Maria, Marshall?

"Sim, leve-a", disse Marshall laconicamente.

"Como um homem", disse sua esposa, desesperada. 'Leve-a' - como se isso fosse tudo. Há cem coisas a serem consideradas, acredite em mim.

"Leve-a - e nós as consideraremos depois, Cornelia", disse o marido.

No final, Miss Cornelia a levou e foi primeiro anunciar sua decisão ao povo dos Ingleside.

- Esplêndido! - disse Anne, encantada. - Espero que você faça exatamente isso, senhorita Cornelia. Quero que aquela criança pobre consiga um bom lar. Eu era uma pequena órfã sem teto como ela uma vez.

"Eu não acho que essa criatura de Mary seja ou nunca será muito parecida com você", replicou Miss Cornelia, sombria. "Ela é uma gata de outra cor. Mas ela também é um ser humano com uma alma imortal para salvar. Tenho um catecismo mais curto e um pente pequeno e vou cumprir meu dever com ela, agora que coloquei minha mão no arado, acredite em mim.

Maria recebeu a notícia com satisfação castigada.

"É mais sorte do que eu esperava", disse ela.

"Você terá que cuidar dos seus pontos de vista com a sra. Elliott", disse Nan.

"Bem, eu posso fazer isso", brilhou Mary. "Eu sei como me comportar quando quero tão bem quanto você, Nan Blythe."

"Você não deve usar palavrões, você sabe, Mary", disse Una, ansiosa.

"Acho que ela morreria de horror se eu morresse", sorriu Mary, seus olhos brancos brilhando com alegria profana pela idéia. "Mas você não precisa se

preocupar, Una. Manteiga não vai derreter na minha boca depois disso. Serei todas as ameixas e prismas.

"Nem conte mentiras", acrescentou Faith.

- Nem para sair de um chicote? - implorou Mary.

"Sra. Elliott NUNCA chicoteará você - NUNCA - exclamou Di.

-Ela não vai? - perguntou Mary, cética. "Se eu me encontrar em um lugar onde não sou lambido, pensarei que é o paraíso. Sem medo de eu contar mentiras então. Eu não gosto de contar a eles, eu não diria, se for o caso.

No dia anterior à partida de Mary da mansão, eles fizeram um piquenique em sua homenagem em Rainbow Valley, e naquela noite todas as crianças da mansão deram-lhe algo da escassa loja de objetos de valor para uma lembrança. Carl deu a ela a arca de Noé e Jerry a segunda melhor harpa dos judeus. Faith deu a ela uma pequena escova de cabelo com um espelho atrás, que Mary sempre considerou muito maravilhosa. Una hesitou entre uma bolsa velha de contas e uma foto alegre de Daniel na cova dos leões, e finalmente ofereceu a Mary sua escolha. Mary realmente ansiava pela bolsa de contas, mas sabia que Una adorava, então ela disse:

Me dê Daniel. Eu gostaria de ter isso porque sou parcial com leões. Só queria que eles tivessem encontrado Daniel. Teria sido mais emocionante.

Na hora de dormir, Mary convenceu Una a dormir com ela.

"É a última vez", ela disse, "e está chovendo esta noite, e eu odeio dormir lá em cima sozinho quando chove por causa daquele cemitério. Não me importo com isso em noites agradáveis, mas em uma noite como essa não consigo ver nada além da chuva caindo sobre essas velhas pedras brancas, e o vento em torno da janela soa como se aquelas pessoas mortas estivessem tentando entrar e chorando porque eles não podiam.

"Gosto de noites chuvosas", disse Una, quando estavam abraçadas no quartinho do sótão, "e as meninas Blythe também."

"Eu não me importo com eles quando não sou útil para cemitérios", disse Mary. "Se eu estivesse sozinha aqui, choraria, seria tão solitária. Eu me sinto muito mal por deixar todos vocês.

"Sra. Elliott deixará você subir e tocar em Rainbow Valley com frequência, tenho certeza ", disse Una. - E você será uma boa garota, não é, Mary?

"Oh, eu vou tentar", suspirou Mary. "Mas não será tão fácil para mim ser bom - tanto por dentro quanto por fora - como é para você. Você não tinha tantas relações de escala quanto eu.

"Mas seu pessoal deve ter tido boas e más qualidades", argumentou Una. "Você deve cumpri-los e não se importar com os maus."

"Não acredito que eles tenham boas qualidades", disse Mary, sombria. "Eu

nunca ouvi falar de nada. Meu avô tinha dinheiro, mas eles dizem que ele era um patife. Não, vou ter que começar por conta própria e fazer o melhor que puder. "

"E Deus o ajudará, você sabe, Maria, se você Lhe pedir."

"Eu não sei sobre isso."

"Oh, Mary. Você sabe que pedimos a Deus que arranjasse um lar para você e Ele conseguiu. "

"Não vejo o que ele tinha a ver com isso", replicou Mary. "Foi você que colocou na cabeça da sra. Elliott."

"Mas Deus colocou no coração dela para levá-lo. Todo o meu trabalho em sua CABEÇA não teria feito nenhum bem se não tivesse feito.

"Bem, pode haver algo nisso", admitiu Mary. "Veja bem, eu não tenho nada contra Deus, Una. Estou disposto a dar uma chance a ele. Mas, honestamente, acho que Ele é muito parecido com seu pai - apenas distraído e nunca reparando em um corpo a maior parte do tempo, mas às vezes acordando de repente e sendo horrível, gentil e sensível. "

"Oh, Mary, não!", Exclamou Una horrorizado. "Deus não é nem um pouco como pai - quero dizer, ele é mil vezes melhor e mais gentil."

"Se ele é tão bom quanto seu pai, ele fará por mim", disse Mary. "Quando seu pai estava falando comigo, senti como se nunca mais pudesse ser ruim."

"Eu gostaria que você falasse com ele sobre o pai", suspirou Una. "Ele pode explicar tudo muito melhor do que eu."

"Por que, assim eu vou, da próxima vez que ele acordar", prometeu Mary. Naquela noite, ele conversou comigo no escritório, mostrou-me bem claro que minhas orações não mataram a sra. Wiley. Minha mente está tranquila desde então, mas sou muito cautelosa em orar. Eu acho que a antiga rima é a mais segura. Diga, Una, parece-me que se é preciso orar a alguém, é melhor orar ao diabo do que a Deus. Deus é bom, de qualquer maneira, como você diz, para que Ele não faça nenhum mal a você, mas, pelo que posso entender, o diabo precisa ser pacificado. Penso que a maneira mais sensata seria dizer-lhe: 'Bom diabo, por favor, não me tente. Apenas me deixe em paz, por favor. Agora não é?

"Oh, não, não, Mary. Tenho certeza de que não seria certo orar ao diabo. E não faria nenhum bem porque ele é ruim. Pode agravá-lo e ele seria pior do que nunca.

"Bem, quanto a essa questão de Deus", disse Mary teimosamente, "já que você e eu não podemos resolver isso, não adianta falar mais sobre isso até que tenhamos a chance de descobrir os direitos dela. . Farei o melhor que puder sozinha até então.

"Se a mãe estivesse viva, ela poderia nos contar tudo", disse Una com um suspiro.

"Queria que ela estivesse viva", disse Mary. "Eu não sei o que vai acontecer com vocês, jovens, quando eu partir. De qualquer forma, tente manter a casa um pouco arrumada. A maneira como as pessoas falam sobre isso é escandalosa. E a primeira coisa que você sabe que seu pai vai se casar de novo e que seu nariz ficará fora de comum.

Una ficou assustada. A ideia de seu pai se casar novamente nunca se apresentara a ela antes. Ela não gostou e ficou em silêncio sob o frio.

"Madrastas são criaturas INCRÍVEIS", continuou Mary. "Eu poderia fazer seu sangue gelar se eu dissesse tudo o que sei sobre eles. Os garotos Wilson do outro lado da rua Wiley's tiveram uma madrasta. Ela era tão ruim para eles quanto a Sra. Wiley para mim. Será horrível se você conseguir uma madrasta.

"Tenho certeza que não vamos", disse Una, trêmulo. "Pai não se casa com mais ninguém."

"Ele vai ser perseguido, eu espero", disse Mary sombriamente. - Todas as velhas empregadas domésticas estão atrás dele. Não há como decidir com eles. E a pior das madrastas é que sempre colocam seu pai contra você. Ele nunca mais se importaria com você. Ele sempre participava da parte dela e dos filhos dela. Veja bem, ela o faria acreditar que você era ruim.

"Eu gostaria que você não tivesse me dito isso, Mary", exclamou Una. "Isso me faz sentir tão infeliz."

"Eu só queria avisar você", disse Mary, um tanto arrependida. "É claro que seu pai está tão distraído que pode não pensar em se casar de novo. Mas é melhor estar preparado. "

Muito tempo depois de Mary ter dormido serenamente, Una estava acordada, com os olhos cheios de lágrimas. Que horror, se o pai dela se casasse com alguém que o faria odiá-la, Jerry, Faith e Carl! Ela não suportava - não podia!

Mary não havia instilado nenhum veneno do tipo que a senhorita Cornelia temia na mente das crianças da mansão. No entanto, ela certamente havia planejado fazer uma pequena brincadeira com a melhor das intenções. Mas ela dormia sem sonhos, enquanto Una permanecia acordada, a chuva caía e o vento uivava em torno da velha mansão cinza. E o Rev. John Meredith esqueceu de ir para a cama porque estava absorvido na leitura da vida de Santo Agostinho. Era madrugada cinzenta quando ele terminou e subiu as escadas, lutando com os problemas de dois mil anos atrás. A porta do quarto das meninas estava aberta e ele viu Faith dormindo, rosada e bonita. Ele se perguntou onde estaria Una. Talvez ela tivesse ido "ficar a noite toda" com as meninas Blythe. Ela fazia isso ocasionalmente, considerando-o um ótimo presente. John Meredith suspirou. Ele sentiu que o paradeiro de Una não deveria ser um mistério para ele. Cecelia teria

cuidado dela melhor do que isso.

Se ao menos Cecelia ainda estivesse com ele! Como ela era bonita e alegre! Como a velha mansão em Maywater ecoou em suas canções! E ela se afastara tão repentinamente, rindo e rindo e deixando o silêncio - tão repentinamente que ele nunca havia superado sua sensação de espanto. Como ELA, a bela e viva, morreu?

A ideia de um segundo casamento nunca se apresentara seriamente a John Meredith. Ele amara sua esposa tão profundamente que acreditava que nunca mais poderia cuidar de nenhuma mulher. Ele tinha uma vaga idéia de que, em pouco tempo, Faith teria idade suficiente para substituir o lugar de sua mãe. Até então, ele deve fazer o melhor que pôde sozinho. Ele suspirou e foi para o quarto, onde a cama ainda estava desarrumada. Tia Martha tinha esquecido, e Mary não ousou fazê-lo porque tia Martha a proibira de se meter com qualquer coisa na sala do ministro. Mas o Sr. Meredith não percebeu que era desfeito. Seus últimos pensamentos foram sobre Santo Agostinho.

CAPÍTULO X
A CASA LIMPA DAS MENINAS DA MANSÃO

"Ugh", disse Faith, sentando na cama com um calafrio. "Está chovendo. Eu odeio um domingo chuvoso. Domingo é monótono o suficiente, mesmo quando está tudo bem.

"Não devemos achar o domingo tedioso", disse Una sonolenta, tentando reunir seu juízo sonolento com uma convicção incômoda de que haviam dormido demais.

"Mas sim, você sabe", disse Faith com sinceridade. "Mary Vance diz que a maioria dos domingos é tão chata que ela pode se enforcar."

"Devemos gostar mais do domingo do que Mary Vance", disse Una com remorso. "Nós somos filhos do ministro."

"Queria que fôssemos filhos de um ferreiro", protestou Faith com raiva, procurando suas meias. "ENTÃO, as pessoas não esperam que sejamos melhores que as outras crianças. Basta olhar para os buracos nos meus calcanhares. Mary os enlouqueceu antes de partir, mas eles estão tão ruins como sempre agora. Una, levante-se. Eu não posso tomar o café da manhã sozinho. Oh céus. Eu gostaria que o pai e Jerry estivessem em casa. Você não pensaria que sentiríamos muita falta do pai - não o vemos muito quando ele está em casa. E, no entanto, TUDO parece ter desaparecido. Preciso correr e ver como está a tia Martha.

"Ela está melhor?" Perguntou Una, quando Faith voltou.

"Não, ela não é. Ela ainda está gemendo com a miséria. Talvez devéssemos contar ao Dr. Blythe. Mas ela diz que não - ela nunca teve um médico em sua vida e não vai começar agora. Ela diz que os médicos simplesmente envenenam pessoas. Você acha que sim?

"Não, claro que não", disse Una, indignado. "Tenho certeza que o Dr. Blythe não envenenaria ninguém."

- Bem, teremos que esfregar as costas da tia Martha novamente depois do café da manhã. É melhor não deixar as flanelas tão quentes como fizemos ontem.

Faith riu sobre a lembrança. Eles quase tinham arrancado a pele das costas da pobre tia Martha. Una suspirou. Mary Vance saberia exatamente qual deveria ser a temperatura precisa das flanelas para as costas da miséria. Maria sabia de tudo. Eles não sabiam nada. E como eles poderiam aprender, a não ser pela amarga experiência pela qual, nesse caso, a infeliz tia Martha havia pago?

Na segunda-feira anterior, Meredith partira para a Nova Escócia para passar suas curtas férias, levando Jerry com ele. Na quarta-feira, tia Martha foi

subitamente tomada por uma doença recorrente e misteriosa, que ela sempre chamava de "miséria", e que era tolerável atacá-la nos momentos mais inconvenientes. Ela não conseguia se levantar da cama, qualquer movimento causando agonia. Um médico que ela recusou categoricamente. Faith e Una cozinhavam as refeições e esperavam por ela. Quanto menos se falasse sobre as refeições, melhor - mas não eram muito piores do que as de tia Martha. Havia muitas mulheres na vila que ficariam felizes em vir e ajudar, mas tia Martha se recusou a divulgar sua situação.

"Você deve se preocupar até que eu pare", ela gemeu. "Graças a Deus, John não está aqui. Há uma abundância de carne e pão frios, e você pode tentar fazer mingau.

As meninas haviam tentado sua mão, mas até agora sem muito sucesso. O primeiro dia foi muito magro. No dia seguinte, tão grosso que você poderia cortá-lo em fatias. E os dois dias foram queimados.

"Eu odeio mingau", disse Faith cruelmente. "Quando eu tenho uma casa própria, NUNCA vou ter um pouco de mingau nela".

"O que seus filhos farão então?" Perguntou Una. "As crianças precisam ter mingau ou não vão crescer. Todo mundo diz isso.

"Eles terão que se dar bem sem isso ou permanecer impunes", replicou Faith, obstinadamente. - Aqui, Una, mexa enquanto eu arrumo a mesa. Se eu deixar por um minuto, as coisas horríveis vão queimar. São nove e meia. Vamos nos atrasar para a Escola Dominical.

"Ainda não vi ninguém passar", disse Una. "Provavelmente não haverá muitos. Basta ver como está derramando. E quando não há pregação, o pessoal não se distancia para trazer as crianças. "

"Vá e ligue para Carl", disse Faith.

Carl, ao que parecia, estava com dor de garganta, induzido ao se molhar no pântano do vale do arco-íris na noite anterior, enquanto perseguia moscas-dragão. Ele voltou para casa com meias pingando e botas e sentou a noite neles. Ele não podia tomar café da manhã e Faith o fez voltar para a cama novamente. Ela e Una deixaram a mesa como estavam e foram para a Escola Dominical. Não havia ninguém na sala da escola quando chegaram lá e ninguém veio. Eles esperaram até as onze e depois foram para casa.

"Também não parece haver ninguém na Escola Dominical Metodista", disse Una.

"Estou contente", disse Faith. "Detestaria pensar que os metodistas eram melhores em frequentar a escola dominical nos domingos chuvosos do que os presbiterianos. Mas também não há pregação em sua Igreja hoje, então provavelmente a Escola Dominical é à tarde. "

Una lavou a louça, fazendo-a muito bem, pois havia aprendido muito com Mary Vance. Faith varreu o chão de uma maneira e descascou as batatas para o jantar, cortando o dedo no processo.

"Eu gostaria que tivéssemos algo para o jantar além do mesmo", suspirou Una. "Estou tão cansado disso. As crianças Blythe não sabem o que é o mesmo. E NUNCA temos nenhum pudim. Nan diz que Susan desmaiaria se não tivessem pudim aos domingos. Por que não somos como as outras pessoas, Faith?

"Eu não quero ser como as outras pessoas", riu Faith, amarrando o dedo sangrando. Eu gosto de ser eu mesma. É mais interessante. Jessie Drew é uma governanta tão boa quanto a mãe, mas você gostaria de ser tão burra quanto ela?

"Mas nossa casa não está certa. Mary Vance diz isso. Ela diz que as pessoas falam que isso é tão desarrumado.

A fé teve uma inspiração.

"Vamos limpar tudo", ela chorou. "Nós vamos trabalhar amanhã. É uma boa chance quando tia Martha está deitada e não pode interferir conosco. Teremos tudo lindo e limpo quando o pai chegar em casa, exatamente como quando Mary foi embora. Qualquer um pode varrer, varrer e lavar janelas. As pessoas não poderão mais falar sobre nós. Jem Blythe diz que são apenas os gatos velhos que falam, mas a conversa deles dói tanto quanto a de qualquer pessoa.

"Espero que esteja tudo bem amanhã", disse Una, demitido com entusiasmo. "Oh, Faith, será esplêndido estar tudo limpo e como as outras pessoas."

"Espero que a miséria da tia Martha dure amanhã", disse Faith. "Caso contrário, não faremos nada."

O desejo amável de Faith foi realizado. No dia seguinte, tia Martha ainda não conseguia se levantar. Carl também estava doente e facilmente prevaleceu para ficar na cama. Nem Faith nem Una tinham idéia de como o menino estava realmente doente; uma mãe vigilante teria um médico sem demora; mas não havia mãe, e o pobre e pequeno Carl, com a garganta inflamada, a cabeça dolorida e as bochechas vermelhas, enrolou-se em suas roupas de cama retorcidas e sofreu sozinho, um pouco confortado pela companhia de um pequeno lagarto verde no bolso de sua esfarrapada meia-noite. .

O mundo estava cheio de sol de verão depois da chuva. Era um dia inigualável para a limpeza da casa e Faith e Una foram alegremente para o trabalho.

"Vamos limpar a sala de jantar e a sala de estar", disse Faith. "Não faria sentido se intrometer no estudo, e não importa muito sobre o andar de cima. A primeira coisa é tirar tudo.

Assim, tudo foi retirado. Os móveis estavam empilhados na varanda e no

gramado e a cerca do cemitério metodista estava alegremente coberta por tapetes. Uma orgia de varredura se seguiu, com uma tentativa de tirar o pó da parte de Una, enquanto Faith lavava as janelas da sala de jantar, quebrando um painel e quebrando dois no processo. Una pesquisou o resultado listado duvidosamente.

"Eles não parecem certos, de alguma forma", disse ela. "Sra. As janelas de Elliott e Susan apenas brilham e brilham.

"Deixa pra lá. Eles deixaram a luz do sol passar também - disse Faith alegremente. "Eles DEVEM estar limpos depois de todo o sabão e água que eu usei, e essa é a principal coisa. Agora, são onze e meia, então eu vou limpar essa bagunça no chão e vamos lá fora. Você espanou os móveis e eu sacudirei os tapetes. Eu vou fazer isso no cemitério. Não quero enviar poeira voando por todo o gramado.

Faith gostou do tapete tremendo. Ficar de pé na lápide de Ezequias Pollock, batendo e agitando tapetes, foi realmente divertido. Certamente, o Élder Abraham Clow e sua esposa, passando de carro em seu espaçoso carrinho de dois lugares, pareciam olhá-la com desaprovação.

"Não é uma visão terrível?", Disse o Élder Abraham solenemente.

"Eu nunca teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos", disse a Sra. Elder Abraham, mais solenemente ainda.

Faith agitou um tapete de porta alegremente na festa Clow. Não a preocupou que o ancião e sua esposa não retribuíssem sua saudação. Todos sabiam que o Élder Abraham nunca sorria desde que fora nomeado Superintendente da Escola Dominical, catorze anos antes. Mas magoava-a que Minnie e Adella Clow não acenassem de volta. Faith gostava de Minnie e Adella. Ao lado dos Blythes, eles eram seus melhores amigos na escola e ela sempre ajudava Adella com suas somas. Isso foi gratidão por você. Seus amigos a cortaram porque ela estava sacudindo tapetes em um antigo cemitério onde, como Mary Vance disse, nenhuma alma viva havia sido enterrada há anos. Faith voou para a varanda, onde encontrou Una entristecida de espírito porque as meninas Clow também não acenaram para ela.

"Suponho que estejam loucos por alguma coisa", disse Faith. "Talvez eles estejam com ciúmes porque jogamos muito no Rainbow Valley com os Blythes. Bem, espere até a escola abrir e Adella quer que eu mostre a ela como fazer suas somas! Vamos ficar quadrados então. Vamos lá, vamos devolver as coisas. Estou cansado de morrer e não acredito que os aposentos pareçam muito melhores do que antes de começarmos - embora eu tenha sacudido poeira no cemitério. ODEIO limpar a casa.

Eram duas horas antes das garotas cansadas terminarem os dois quartos.

Eles deram uma mordida triste na cozinha e pretendiam lavar a louça de uma só vez. Mas Faith pegou um novo livro de histórias que Di Blythe a emprestara e se perdeu para o mundo até o pôr do sol. Una levou uma xícara de chá para Carl, mas o encontrou dormindo; então ela se enrolou na cama de Jerry e foi dormir também. Enquanto isso, uma história estranha passou por Glen St. Mary e as pessoas se perguntavam seriamente o que deveria ser feito com esses jovens homens.

"Isso já passou de rir, acredite em mim", disse Miss Cornelia ao marido, com um suspiro pesado. "Eu não podia acreditar no começo. Miranda Drew trouxe a história para casa da Escola Dominical Metodista hoje à tarde e eu simplesmente zombei dela. Mas a Sra. Elder Abraham diz que ela e o Elder viram com seus próprios olhos. "

"Viu o quê?", Perguntou Marshall.

"Faith e Una Meredith ficaram em casa da Escola Dominical esta manhã e limparam a casa", disse Miss Cornelia, com sotaque de desespero. "Quando o Élder Abraham voltou para casa da igreja - ele ficou para endireitar os livros da biblioteca - ele os viu sacudindo tapetes no cemitério metodista. Nunca mais consigo olhar um metodista na cara. Apenas pense que escândalo isso vai causar!

Um escândalo que certamente causou, ficando cada vez mais escandaloso à medida que se espalhava, até que as pessoas do porto ouviram que as crianças não tinham apenas limpado a casa e lavado a roupa no domingo, mas terminado com um piquenique à tarde no cemitério enquanto a Escola Dominical Metodista continuava. A única família que permaneceu em feliz ignorância da coisa terrível foi a própria mansão; no que Faith e Una acreditavam ter sido terça-feira, choveu novamente; pelos três dias seguintes choveu; ninguém chegou perto da mansão; o povo manse não foi a lugar algum; eles poderiam ter atravessado o enevoado Vale do Arco-Íris até Ingleside, mas toda a família Blythe, exceto Susan e a médica, estava fora em uma visita a Avonlea.

"Este é o último de nosso pão", disse Faith, "e o mesmo está feito. Se tia Martha não melhorar logo, o que faremos?

"Podemos comprar pão na vila e há o bacalhau que Mary secou", disse Una. "Mas não sabemos como cozinhar."

"Oh, isso é fácil", riu Faith. "Você apenas ferve."

Ferva, eles fizeram; mas, como não lhes ocorreu de molho de antemão, era salgado demais para comer. Naquela noite eles estavam com muita fome; mas no dia seguinte seus problemas terminaram. A luz do sol voltou ao mundo; Carl estava bem e a miséria de tia Martha a deixou tão repentinamente quanto havia chegado; o açougueiro chamou a mansão e afugentou a fome. Para coroar tudo,

os Blythes voltaram para casa, e naquela noite eles, os filhos da mansão e Mary Vance mantiveram o pôr-do-sol novamente em Rainbow Valley, onde as margaridas flutuavam na grama como espíritos do orvalho e os sinos dos Amantes das Árvores tocavam. como sinos de fadas no crepúsculo perfumado.

CAPÍTULO XI
UMA DESCOBERTA TERRÍVEL

"Bem, vocês já fizeram isso agora", foi a saudação de Mary, quando ela se juntou a eles no vale. A senhorita Cornelia estava em Ingleside, segurando um conclave agonizado com Anne e Susan, e Mary esperava que a sessão fosse longa, pois fazia duas semanas que ela tinha permissão para se divertir com seus amigos no querido vale do arco-íris. .

"Feito o quê?" Exigia todo mundo, menos Walter, que estava sonhando acordado como sempre.

"São vocês jovens, quero dizer", disse Mary. "Foi horrível da sua parte. *Eu* não teria feito isso pelo mundo, e não *fui* criado em uma mansão - não fui criado em QUALQUER LUGAR - apenas vim.

"O que fizemos?" Perguntou Faith, inexpressiva.

"Feito! Você melhor pedir! A conversa é algo terrível. Espero que tenha arruinado seu pai nesta congregação. Ele nunca será capaz de resistir, pobre homem! Todo mundo o culpa por isso, e isso não é justo. Mas nada é justo neste mundo. Vocês devem ter vergonha de si mesmos.

"O que fizemos?" Perguntou Una novamente, desesperada. Faith não disse nada, mas seus olhos lançaram um desprezo marrom-dourado para Mary.

"Oh, não finja inocência", disse Mary, secamente. "Todo mundo sabe o que você fez."

" *Eu* não", interveio Jem Blythe, indignado. - Não me deixe te pegar fazendo Una chorar, Mary Vance. Do que você está falando?"

- Acho que você não sabe, já que acabou de voltar do oeste - disse Mary, um pouco moderada. Jem sempre poderia controlá-la. "Mas todo mundo sabe, é melhor você acreditar."

"Sabe o que?"

"Que Faith e Una ficaram em casa da Escola Dominical no último domingo e da CASA LIMPA."

"Nós não fizemos", gritaram Faith e Una, em negação apaixonada.

Mary olhou com arrogância para eles.

"Eu não imaginei que você negaria, depois do jeito que você me criticou por mentir", disse ela. "De que adianta dizer que não disse? Todo mundo sabe que você fez. O Élder Clow e sua esposa viram você. Algumas pessoas dizem que isso vai quebrar a igreja, mas *eu* não vou tão longe. Vocês são bons. "

Nan Blythe levantou-se e abraçou Faith e Una atordoadas.

"Eles foram legais o suficiente para levá-lo, alimentá-lo e vestir você

quando passava fome no celeiro do Sr. Taylor, Mary Vance", disse ela. "Você é MUITO grato, devo dizer."

"Estou agradecido", replicou Mary. "Você saberia se tivesse me ouvido defender o Sr. Meredith através de grossas e finas. Eu empolguei minha língua falando por ele esta semana. Eu já disse várias vezes que ele não é o culpado se seus filhos limparam a casa no domingo. Ele estava fora e eles sabiam melhor.

"Mas nós não fizemos", protestou Una. "Era segunda-feira que limpamos a casa. Não foi, Faith?

"Claro que foi", disse Faith, com olhos brilhantes. "Fomos à Escola Dominical, apesar da chuva - e ninguém veio - nem mesmo o Élder Abraham, por toda sua conversa sobre os cristãos de bom tempo."

"No sábado, choveu", disse Mary. "Domingo era tão bom quanto seda. Eu não estava na Escola Dominical porque tinha dor de dente, mas todo mundo estava e eles viram todas as suas coisas no gramado. E o Élder Abraham e a Sra. Elder Abraham viram você sacudindo tapetes no cemitério.

Una sentou-se entre as margaridas e começou a chorar.

"Olhe aqui", disse Jem resolutamente, "essa coisa deve ser esclarecida. ALGUÉM cometeu um erro. Domingo estava bom, Faith. Como você pôde pensar que sábado era domingo?

"A reunião de oração foi na noite de quinta-feira", gritou Faith, "e Adam voou para a panela na sexta-feira quando o gato da tia Martha o perseguiu e estragou o jantar; e no sábado havia uma cobra no porão e Carl a pegou com um graveto bifurcado e a levou para fora, e domingo choveu. Então aí!

"A reunião de oração foi quarta-feira à noite", disse Mary. "O Élder Baxter deveria liderar e ele não podia ir na quinta à noite e foi alterado para quarta-feira. Você estava apenas um dia fora, Faith Meredith, e você trabalhou no domingo.

De repente Faith explodiu em uma gargalhada.

Suponho que sim. Que piada!"

"Não é muita piada para o seu pai", disse Mary amargamente.

"Vai dar tudo certo quando as pessoas descobrirem que foi apenas um erro", disse Faith descuidadamente. "Nós vamos explicar."

- Você pode explicar até ficar com o rosto preto - disse Mary -, mas uma mentira como essa vai viajar mais rápido do que você jamais imaginou. Já vi mais do mundo do que você e *eu* sabemos. Além disso, muitas pessoas não acreditam que foi um erro. "

"Eles vão se eu lhes contar", disse Faith.

"Você não pode contar para todo mundo", disse Mary. "Não, eu lhe digo que você desonrou seu pai."

A noite de Una foi estragada por essa terrível reflexão, mas Faith se recusou

a ficar desconfortável. Além disso, ela tinha um plano que colocaria tudo certo. Então, ela deixou o passado com seu erro para trás e se entregou ao prazer do presente. Jem foi pescar e Walter saiu de seu devaneio e começou a descrever a floresta do céu. Maria levantou os ouvidos e ouviu respeitosamente. Apesar de admirar Walter, ela se deleitava com sua "conversa de livro". Isso sempre dava uma sensação agradável. Walter estava lendo seu Coleridge naquele dia e imaginou um paraíso onde *"Havia jardins iluminados por montanhas sinuosas Onde floresceram muitas árvores de incenso,*

E havia florestas antigas como as colinas

Segurando manchas ensolaradas de vegetação.

"Eu não sabia que havia bosques no céu", disse Mary, com um longo suspiro. "Eu pensei que eram todas as ruas - e ruas - e ruas".

"Claro que existem bosques", disse Nan. "Mãe não pode viver sem árvores e eu não, então qual seria a utilidade de ir para o céu se não houvesse árvores?"

"Existem cidades também", disse o jovem sonhador, "cidades esplêndidas - coloridas como o pôr do sol, com torres de safira e cúpulas de arco-íris. Eles são feitos de ouro e diamantes - ruas inteiras de diamantes, brilhando como o sol. Nas praças existem fontes de cristal beijadas pela luz e em todo lugar o asphodel floresce - a flor do céu.

"Chique!" Disse Mary. "Vi a rua principal em Charlottetown uma vez e achei que era realmente grandiosa, mas acho que não é nada para o céu. Bem, tudo soa lindo do jeito que você diz, mas não será meio chato também?

"Ah, acho que podemos nos divertir quando as costas dos anjos estiverem viradas", disse Faith confortavelmente.

"O céu é TUDO divertido", declarou Di.

"A Bíblia não diz isso", exclamou Mary, que havia lido tanto a Bíblia nas tardes de domingo sob os olhos da senhorita Cornelia que agora se considerava uma autoridade nisso.

"A mãe diz que a linguagem da Bíblia é figurativa", disse Nan.

"Isso significa que não é verdade?" Perguntou Mary, esperançosa.

"Não, não exatamente, mas acho que significa que o céu será exatamente como você gostaria que fosse."

"Eu gostaria que fosse como o Rainbow Valley", disse Mary, "com todos os seus filhos para abastecer e brincar. Isso é bom o suficiente para mim. De qualquer forma, não podemos ir para o céu até estarmos mortos e talvez não então, então qual é a utilidade de se preocupar? Aqui está Jem com uma truta e é a minha vez de fritá-los.

"Deveríamos saber mais sobre o céu do que Walter quando somos a família do ministro", disse Una, enquanto voltavam para casa naquela noite.

"Sabemos o mesmo, mas Walter pode IMAGINAR", disse Faith. "Sra. Elliott diz que recebe da mãe.

"Eu gostaria que não tivéssemos cometido esse erro no domingo", suspirou Una.

"Não se preocupe com isso. Pensei em um grande plano para explicar, para que todos saibam ", disse Faith. "Apenas espere até amanhã à noite."

CAPÍTULO XII
UMA EXPLICAÇÃO E UM DESAFIO

O Rev. Dr. Cooper pregou em Glen St. Mary na noite seguinte e a Igreja Presbiteriana estava cheia de pessoas de perto e de longe. O reverendo doutor tinha a reputação de ser um orador muito eloqüente; e, tendo em mente o velho ditado de que um ministro deveria levar suas melhores roupas para a cidade e seus melhores sermões para o país, ele proferiu um discurso muito acadêmico e impressionante. Mas quando o pessoal voltou para casa naquela noite, não foi o sermão do dr. Cooper que eles conversaram. Eles haviam se esquecido completamente disso.

O Dr. Cooper concluiu com um apelo fervoroso, limpou a transpiração de sua enorme testa, disse "Vamos orar", como ele era famoso por dizer isso, e orou devidamente. Houve uma pequena pausa. Na igreja de Glen St. Mary, a antiga moda de levar a coleção depois do sermão, e não antes, ainda era mantida - principalmente porque os metodistas adotaram a nova moda primeiro, e Miss Cornelia e Elder Clow não ouviram falar em seguir para onde os metodistas haviam levado. Charles Baxter e Thomas Douglas, cujo dever era passar as placas, estavam prestes a se levantar. A organista havia ouvido a música de seu hino e o coral pigarreou. De repente Faith Meredith levantou-se no banco da mansão, caminhou até a plataforma do púlpito e encarou a platéia espantada.

A senhorita Cornelia levantou-se e sentou-se novamente. Seu banco estava muito longe e ocorreu-lhe que tudo o que Faith pretendia fazer ou dizer estaria meio acabado ou dito antes que ela pudesse alcançá-la. Não adiantava tornar a exposição pior do que deveria ser. Com um olhar angustiado para a sra. Dra. Blythe e outra para o diácono Warren da Igreja Metodista, Miss Cornelia se resignou a outro escândalo.

"Se a criança estivesse apenas vestida decentemente", ela gemeu em espírito.

Faith, depois de derramar tinta em seu bom vestido, vestira com serenidade um antigo de estampa rosa desbotada. Uma rachadura na saia tinha sido manchada com algodão escarlate e a barra caíra, mostrando uma faixa brilhante de rosa desbotado ao redor da saia. Mas Faith não estava pensando em suas roupas. Ela estava se sentindo subitamente nervosa. O que parecia fácil na imaginação era bastante difícil na realidade. Confrontado com todos aqueles olhos interrogativos, a coragem de Faith quase falhou com ela. As luzes eram tão brilhantes, o silêncio tão incrível. Ela pensou que não podia falar depois de tudo. Mas ela DEVE - seu pai DEVE ser inocentado. Somente - as palavras NÃO

viriam.

O rostinho de pérola de Una brilhava para ela suplicando do banco da mansão. Os filhos de Blythe ficaram perplexos. De volta à galeria, Faith viu a doce graciosidade do sorriso da senhorita Rosemary West e a diversão do senhorita Ellen. Mas nada disso a ajudou. Foi Bertie Shakespeare Drew quem salvou a situação. Bertie Shakespeare estava sentado no banco da frente da galeria e ele fez uma careta de desprezo para Faith. Faith prontamente lhe deu um pavor e, em sua raiva por ter feito uma careta por Bertie Shakespeare, esqueceu o medo do palco. Ela encontrou sua voz e falou de forma clara e corajosa.

"Quero explicar uma coisa", ela disse, "e quero fazê-lo agora, porque todo mundo ouvirá o que ouviu o outro. As pessoas estão dizendo que Una e eu ficamos em casa no último domingo e limpamos a casa em vez de irmos à escola dominical. Bem, nós fizemos - mas não pretendíamos. Nos misturamos nos dias da semana. Foi tudo culpa do Élder Baxter "- sensação no banco de Baxter -" porque ele mudou a reunião de oração para quarta-feira à noite e então pensamos que quinta-feira era sexta-feira e assim por diante, até pensarmos que sábado era domingo. Carl estava doente e tia Martha, então eles não puderam nos acertar. Fomos à Escola Dominical com toda a chuva no sábado e ninguém veio. E então pensamos em limpar a casa na segunda-feira e impedir que os gatos velhos falassem sobre como a mansão era suja - sensação geral em toda a igreja - e nós o fizemos. Sacudi os tapetes no cemitério metodista, porque era um lugar muito conveniente e não porque pretendia desrespeitar os mortos. Não são os mortos que se preocupam com isso - são os vivos. E não é certo que nenhum de vocês culpe meu pai por isso, porque ele estava fora e não sabia, e de qualquer maneira pensávamos que era segunda-feira. Ele é o melhor pai que já viveu no mundo e nós o amamos de todo coração. " Não são os mortos que se preocupam com isso - são os vivos. E não é certo que nenhum de vocês culpe meu pai por isso, porque ele estava fora e não sabia, e de qualquer maneira pensávamos que era segunda-feira. Ele é o melhor pai que já viveu no mundo e nós o amamos de todo coração. " Não são os mortos que se preocupam com isso - são os vivos. E não é certo que nenhum de vocês culpe meu pai por isso, porque ele estava fora e não sabia, e de qualquer maneira pensávamos que era segunda-feira. Ele é o melhor pai que já viveu no mundo e nós o amamos de todo coração. "

A bravata de Faith diminuiu em um soluço. Ela desceu correndo os degraus e saiu pela porta lateral da igreja. Lá, a noite de verão amigável e iluminada pelas estrelas a confortou e a dor saiu de seus olhos e garganta. Ela se sentiu muito feliz. A terrível explicação havia terminado e todos sabiam agora que o pai não era o culpado e que ela e Una não eram tão más a ponto de limpar a casa

conscientemente no domingo.

Dentro da igreja, as pessoas se entreolharam, mas Thomas Douglas se levantou e caminhou pelo corredor com o rosto fixo. Seu dever era claro; a coleta deve ser realizada se o céu cair. Tomado foi; o coro cantou o hino, com uma convicção sombria de que ele caiu terrivelmente, e o Dr. Cooper emitiu o hino final e pronunciou a bênção com consideravelmente menos unção do que o habitual. O Reverendo Doutor tinha senso de humor e a performance de Faith o agradou. Além disso, John Meredith era bem conhecido nos círculos presbiterianos.

O Sr. Meredith voltou para casa na tarde seguinte, mas antes de sua vinda, Faith conseguiu escandalizar Glen St. Mary novamente. Na reação da intensidade e tensão da noite de domingo, ela estava especialmente cheia do que Miss Cornelia chamaria de "demônio" na segunda-feira. Isso a levou a desafiar Walter Blythe a cavalgar pela Main Street em um porco, enquanto ela cavalgava outro.

Os porcos em questão eram dois animais altos e magros, que deveriam pertencer ao pai de Bertie Shakespeare Drew, que vinha assombrando a beira da estrada pelo manse por algumas semanas. Walter não queria montar um porco em Glen St. Mary, mas o que quer que Faith Meredith o desafiasse, precisava ser feito. Eles desceram a colina e atravessaram a vila. Faith dobrou o riso por cima de sua corada, Walter carmesim de vergonha. Eles passaram pelo próprio ministro, voltando da estação para casa; ele, sendo um pouco menos sonhador e abstrato do que o habitual - por ter tido uma conversa no trem com a senhorita Cornelia, que sempre o acordava temporariamente - os notou e pensou que realmente devia falar com Faith sobre isso e dizer a ela que tal conduta não era aparentemente. Mas ele havia esquecido o insignificante incidente quando chegou em casa. Eles passaram pela sra. Alec Davis, que gritou de horror, e passaram pela senhorita Rosemary West, que riu e suspirou. Finalmente, pouco antes de os porcos mergulharem no quintal de Bertie Shakespeare Drew, para nunca mais emergir, o choque de seus nervos foi tão grande - Faith e Walter saltaram, enquanto a Dra. E a Sra. Blythe passavam rapidamente.

"Então é assim que você cria seus filhos", disse Gilbert com severidade fingida.

-Talvez eu os estrague um pouco - disse Anne contritosamente -, mas, oh, Gilbert, quando penso em minha própria infância antes de vir para Green Gables, não tenho coração para ser muito rigoroso. Quão faminta de amor e divertida eu era - um pequeno esforço não amado, sem chance de brincar! Eles passam bons momentos com os filhos da mansão.

-E os pobres porcos? - perguntou Gilbert.

Anne tentou parecer sóbria e falhou.

"Você realmente acha que isso os machucou?" Ela disse. "Eu acho que nada poderia machucar esses animais. Eles foram a praga do bairro neste verão e os Drews não os calaram. Mas vou falar com Walter, se eu não conseguir rir quando o fizer.

Cornelia veio até Ingleside naquela noite para aliviar seus sentimentos no domingo à noite. Para sua surpresa, descobriu que Anne não via a performance de Faith da mesma maneira que ela.

"Eu pensei que havia algo corajoso e patético em ela chegar lá antes daquela igreja cheia de pessoas, para confessar", disse ela. - Dava para ver que ela estava morrendo de medo - mas estava obrigada a limpar o pai. Eu a amava por isso.

"Oh, é claro, a pobre criança teve boas intenções", suspirou Miss Cornelia, "mas mesmo assim foi uma coisa terrível a se fazer e está falando mais do que a limpeza da casa no domingo. Isso começou a desaparecer, e isso começou tudo de novo. Rosemary West é como você - ela disse ontem à noite, quando saiu da igreja, que era uma coisa agradável para Faith fazer, mas também a fez sentir pena da criança. Ellen achou tudo uma boa piada e disse que não se divertia tanto na igreja há anos. É claro que eles não se importam - eles são episcopais. Mas nós, presbiterianos, sentimos isso. E havia tantas pessoas de hotel lá naquela noite e dezenas de metodistas. A sra. Leander Crawford chorou, ela se sentiu tão mal. E a sra. Alec Davis disse que o pequeno hussy deve ser espancado.

"Sra. Leander Crawford está sempre chorando na igreja - disse Susan, com desdém. "Ela chora por todas as coisas que o ministro diz. Mas você nem sempre vê o nome dela em uma lista de assinaturas, senhora Dra. Lágrimas vêm mais baratas. Ela tentou falar comigo um dia sobre tia Martha ser uma governanta tão suja; e eu queria dizer: 'Todo mundo sabe que você foi vista misturando bolos na pia da cozinha, Sra. Leander Crawford!' Mas não disse isso, senhora Dra. Querida, porque tenho muito respeito por mim mesma para condescender em discutir com pessoas como ela. Mas eu poderia dizer coisas piores do que a da sra. Leander Crawford, se eu estivesse disposto a fofocar. E quanto à Sra. Alec Davis, se ela tivesse dito isso para mim, Sra. Dra. Querida, você sabe o que eu teria dito? Eu teria dito, "Se a pobre Faith estivesse vestida decentemente", lamentou Miss Cornelia novamente, "não teria sido tão ruim assim. Mas aquele vestido parecia horrível, enquanto ela estava parada na plataforma.

"Mas estava limpo, senhora Dra. Querida", disse Susan. "Eles são crianças limpas. Eles podem ser muito desatentos e imprudentes, senhora Dra. Querida, e não estou dizendo que não, mas NUNCA esquecem de se lavar atrás das orelhas.

"A idéia de Faith esquecer que dia era domingo", persistiu Miss Cornelia. "Ela crescerá tão descuidada e impraticável quanto o pai, acredite em mim. Suponho que Carl saberia melhor se não estivesse doente. Não sei o que havia de errado com ele, mas acho muito provável que ele estivesse comendo aqueles mirtilos que cresciam no cemitério. Não é à toa que eles o deixaram doente. Se eu fosse metodista, tentaria manter meu cemitério limpo, pelo menos.

"Sou da opinião de que Carl só comia as azedas que crescem no dique", disse Susan, esperançosa. "Acho que o filho de nenhum ministro comeria mirtilos que cresciam nas sepulturas de pessoas mortas. Você sabe que não seria tão ruim, senhora Dra. Querida, comer coisas que cresciam no dique.

"O pior do desempenho da noite passada foi o rosto que Faith fez com alguém na congregação antes de ela começar", disse Miss Cornelia. O Élder Clow declara que fez isso com ele. E você ouviu que ela foi vista montando um porco hoje?

"Eu vi ela. Walter estava com ela. Eu dei a ele um pouco - muito MUITO - xingando sobre isso. Ele não falou muito, mas me deu a impressão de que tinha sido ideia dele e que Faith não era culpada. "

"Eu não acredito nisso, senhora Dra. Querida", exclamou Susan, nos braços. "Essa é apenas a maneira de Walter - assumir a culpa. Mas você sabe tão bem quanto eu, Sra. Dra. Querida, que aquela criança abençoada nunca teria pensado em montar em um porco, mesmo que ele escreva poesia.

"Oh, não há dúvida de que a noção surgiu no cérebro de Faith Meredith", disse Miss Cornelia. "E eu não digo que sinto muito que os porcos velhos de Amos Drew tenham recebido sua ajuda pela primeira vez. Mas a filha do ministro!

-E o filho do médico! - disse Anne, imitando o tom da senhorita Cornelia. Então ela riu. "Querida Srta. Cornelia, são apenas crianças pequenas. E você SABE que eles nunca fizeram nada de ruim - são apenas desatentos e impulsivos - como eu já fui. Eles ficarão calmos e sóbrios, como eu fiz.

Cornelia riu também.

"Às vezes, Anne, querida, quando eu sei pelos seus olhos que a SUA sobriedade é colocada como uma roupa e você está realmente ansiosa para fazer algo selvagem e jovem novamente. Bem, sinto-me encorajado. De alguma forma, uma conversa com você sempre tem esse efeito em mim. Agora, quando vou ver Barbara Samson, é exatamente o oposto. Ela me faz sentir que tudo está errado e sempre será. Mas é claro que viver toda a sua vida com um homem como Joe Samson não seria exatamente uma comemoração.

"É uma coisa muito estranha pensar que ela se casou com Joe Samson depois de todas as suas chances", observou Susan. "Ela era muito procurada

quando era menina. Ela costumava me gabar de ter 21 beaus e o Sr. Pethick.

"O que foi o Sr. Pethick?"

-Bem, ele era uma espécie de vadia, senhora Dra. Querida, mas você não podia chamá-lo exatamente de namorado. Ele realmente não tinha nenhuma intenção. Vinte e um beaus - e eu que nunca tivemos um! Mas Bárbara atravessou a floresta e pegou o palito torto, afinal. E, no entanto, eles dizem que o marido pode fazer biscoitos de fermento em pó melhores do que ela, e ela sempre pede que ele os faça quando a companhia toma chá. "

"O que me lembra que tenho companhia para tomar chá amanhã e preciso ir para casa e preparar meu pão", disse Miss Cornelia. "Mary disse que ela poderia configurá-lo e sem dúvida ela poderia. Mas enquanto eu vivo, me movo e tenho meu ser , ponho meu próprio pão, acredite.

-Como está indo Mary? - perguntou Anne.

-Não tenho culpa em encontrar com Mary - disse a senhorita Cornelia, sombria. "Ela está com um pouco de carne nos ossos e é limpa e respeitosa, embora haja mais nela do que *eu*.pode entender. Ela é uma babaca astuta. Se você cavou por mil anos, não conseguiu chegar ao fundo da mente daquela criança, acredite EM MIM! Quanto ao trabalho, nunca vi nada como ela. Ela come. A sra. Wiley pode ter sido cruel com ela, mas as pessoas não precisam dizer que ela fez Mary trabalhar. Mary é uma trabalhadora nata. Às vezes me pergunto o que vai se desgastar primeiro - as pernas ou a língua. Hoje não tenho o suficiente para me manter longe de travessuras. Ficarei muito feliz quando a escola abrir, pois então terei algo para fazer novamente. Mary não quer ir para a escola, mas eu coloquei o pé no chão e disse que ela deveria. NÃO quero que os metodistas digam que a mantive fora da escola enquanto andava na ociosidade. "

CAPÍTULO XIII

A CASA NO MONTE

Havia uma primavera infalível, sempre gelada e pura de cristal, em uma certa cova do vale do arco-íris, com tela de bétula, no canto inferior, perto do pântano. Poucas pessoas sabiam de sua existência. As crianças da mansão e dos ingleses sabiam, é claro, como sabiam tudo sobre o vale mágico. Ocasionalmente, eles iam até lá para tomar um drinque, e isso figurava em muitas de suas peças como uma fonte de romance antigo. Anne sabia disso e adorava, porque de alguma forma a lembrava da amada Bolha do Dríade em Green Gables. Rosemary West sabia disso; era sua fonte de romance também. Dezoito anos atrás, ela sentou-se atrás dele num crepúsculo de primavera e ouviu o jovem Martin Crawford gaguejar uma confissão de amor fervoroso e infantil. Ela havia sussurrado seu próprio segredo em troca, e eles se beijaram e prometeram na primavera selvagem de madeira. Eles nunca mais permaneceram juntos - Martin partiu em sua viagem fatal pouco depois; mas para Rosemary West sempre foi um local sagrado, santificado por aquela hora imortal de juventude e amor. Sempre que ela passava perto dela, ela se afastava para realizar um encontro secreto com um sonho antigo - um sonho do qual a dor havia desaparecido há muito tempo, deixando apenas sua doçura inesquecível.

A primavera era uma coisa oculta. Você pode ter passado três metros dele e nunca suspeitar de sua existência. Duas gerações passadas, um enorme pinheiro velho caíra quase sobre ele. Nada restava da árvore, a não ser seu tronco em decomposição, do qual as samambaias cresciam espessas, formando um telhado verde e uma tela rendada para a água. Uma árvore de bordo crescia ao seu lado com um tronco curiosamente retorcido e torcido, rastejando um pouco pelo chão antes de disparar no ar, formando um assento singular; e setembro lançou um cachecol de ásteres azul-claros de fumaça ao redor do buraco.

John Meredith, pegando a estrada que cruzava o vale do arco-íris a caminho de casa, depois de algumas visitas pastorais ao redor de Harbor, uma noite, virou-se para beber a pequena primavera. Walter Blythe havia mostrado a ele uma tarde apenas alguns dias antes, e eles tiveram uma longa conversa juntos no banco do bordo. John Meredith, sob toda a sua timidez e indiferença, tinha o coração de um menino. Ele havia sido chamado de Jack em sua juventude, embora ninguém em Glen St. Mary jamais acreditasse nisso. Walter e ele se abraçaram e conversaram sem reservas. O Sr. Meredith encontrou seu caminho em algumas câmaras sagradas e seladas da alma do rapaz, nas quais nem Di

jamais havia olhado.

"Eu nunca acreditei antes que fosse possível conhecer realmente um ministro", disse ele à mãe naquela noite.

John Meredith bebeu da mão esbelta e branca, cujo punho de aço sempre surpreendia as pessoas que não estavam familiarizadas com ele, e então sentou-se no assento de bordo. Ele não tinha pressa de ir para casa; aquele era um lugar bonito e ele estava mentalmente cansado depois de uma rodada de conversas pouco inspiradoras com muitas pessoas boas e estúpidas. A lua estava nascendo. Rainbow Valley era assombrado pelo vento e sentenciado a estrelas apenas onde estava, mas de longe vinham notas gays de risos e vozes de crianças.

A beleza etérea dos ásteres à luz da lua, o brilho da pequena nascente, o canto suave do riacho, a graça vacilante das samambaias, tudo teceu uma mágica branca em volta de John Meredith. Ele esqueceu as preocupações congregacionais e os problemas espirituais; os anos se afastaram dele; ele era um jovem estudante de divindade novamente e as rosas de junho estavam florescendo vermelhas e perfumadas na cabeça escura e rainha de sua Cecilia. Ele ficou sentado e sonhou como qualquer garoto. E foi nesse momento propício que Rosemary West se afastou do caminho e ficou ao lado dele naquele lugar perigoso de tecer feitiços. John Meredith levantou-se quando ela entrou e a viu - REALMENTE a viu - pela primeira vez.

Ele a conhecera em sua igreja uma ou duas vezes e apertou as mãos dela abstratamente, como fez com qualquer pessoa que encontrasse no caminho pelo corredor. Ele nunca a conhecera em nenhum outro lugar, pois os ocidentais eram episcopais, com afinidades de igreja em Lowbridge, e nenhuma ocasião para convocá-los havia surgido. Antes de hoje à noite, se alguém perguntasse a John Meredith como Rosemary West seria, ele não teria a menor noção. Mas ele nunca deveria esquecê-la, pois ela lhe aparecia no glamour da espécie de luar na primavera.

Certamente não era nem um pouco parecida com Cecilia, que sempre fora seu ideal de beleza feminina. Cecilia era pequena, morena e vivaz - Rosemary West era alta, justa e plácida, mas John Meredith achava que nunca tinha visto uma mulher tão bonita.

Ela tinha a cabeça descoberta e seus cabelos dourados - cabelos de um ouro quente, cor "melaço-pegajoso", como Di Blythe havia dito - estavam presos em mechas estreitas e elegantes sobre a cabeça; ela tinha olhos azuis grandes e tranquilos que sempre pareciam cheios de simpatia, uma testa branca alta e um rosto finamente modelado.

Rosemary West sempre foi chamada de "mulher doce". Ela era tão doce que até seu ar imponente e de alta educação nunca ganhou para ela a reputação de

estar "atolado", o que inevitavelmente teria acontecido no caso de alguém mais em Glen St. Mary. A vida a ensinara a ser corajosa, paciente, amar, perdoar. Ela tinha visto o navio em que seu amante navegava do porto de Four Winds até o pôr do sol. Mas, embora ela assistisse por muito tempo, ela nunca tinha visto isso voltando. Essa vigília tirou a infância de seus olhos, mas ela manteve sua juventude em um grau maravilhoso. Talvez isso acontecesse porque ela sempre parecia preservar aquela atitude de surpresa encantada com a vida que muitos de nós deixamos para trás na infância - uma atitude que não apenas fez Rosemary parecer jovem, John Meredith se assustou com a beleza dela e Rosemary se assustou com a presença dele. Ela nunca pensou que encontraria alguém naquela primavera remota, muito menos o recluso da mansão de Glen St. Mary. Ela quase largou a pesada pilha de livros que carregava para casa da biblioteca de Glen, e então, para encobrir sua confusão, contou a uma dessas pequenas mentiras que até as melhores mulheres costumam contar às vezes.

"Eu ... eu vim tomar uma bebida", disse ela, gaguejando um pouco, em resposta à sepultura do Sr. Meredith, "boa noite, senhorita West." Ela sentiu que era um ganso imperdoável e desejava se sacudir. Mas John Meredith não era um homem vaidoso e sabia que ela provavelmente ficaria tão assustada se conhecesse o velho Élder Clow dessa maneira inesperada. A confusão dela o deixou à vontade e ele se esqueceu de ser tímido; além disso, até o mais tímido dos homens às vezes pode ser bastante audacioso ao luar.

"Deixe-me pegar uma xícara", disse ele sorrindo. Havia uma xícara por perto, se ele soubesse, uma xícara azul rachada e sem puxadores, secretada sob o bordo pelas crianças do Vale do Arco-Íris; mas ele não sabia, então foi até uma das árvores de bétula e tirou um pouco de sua pele branca. Habilmente ele transformou isso em uma xícara de três pontas, encheu-a da primavera e entregou a Rosemary.

Rosemary pegou e bebeu cada gota para se punir por sua mentira, pois não estava nem um pouco sedenta, e beber um copo bastante grande de água quando você não está com sede é uma provação. No entanto, a lembrança desse rascunho devia ser muito agradável para Rosemary. Depois de anos, pareceu-lhe que havia algo de sacramental nisso. Talvez seja por isso que o ministro fez quando ela devolveu o copo. Ele se inclinou novamente, encheu e bebeu. Foi só por acidente que ele colocou os lábios exatamente onde Rosemary havia colocado os dela, e Rosemary sabia disso. No entanto, tinha um significado curioso para ela. Os dois haviam bebido da mesma xícara.

John Meredith segurou a xícara incerta. Ele não sabia o que fazer com isso. O lógico seria jogá-lo fora, mas de alguma forma ele não estava disposto a fazer isso. Rosemary estendeu a mão para isso.

"Você vai me deixar tê-lo?" Ela disse. "Você fez isso tão habilmente. Eu nunca vi alguém fazer um copo de bétula, então desde que meu irmãozinho costumava fazê-los há muito tempo, antes de morrer.

"Eu aprendí a fazê-los quando *eu* era um menino, acampando um verão. Um velho caçador me ensinou - disse o Sr. Meredith. "Deixe-me carregar seus livros, senhorita West."

Rosemary se assustou com outra mentira e disse: oh, eles não eram pesados. Mas o ministro tirou-os dela com um ar bastante magistral e eles foram embora juntos. Era a primeira vez que Rosemary ficava na primavera, sem pensar em Martin Crawford. O encontro místico havia sido quebrado.

O pequeno caminho contornou o pântano e depois subiu a longa colina arborizada no topo da qual Rosemary morava. Além, através das árvores, eles podiam ver a luz da lua brilhando através dos campos nivelados de verão. Mas o pequeno caminho era sombrio e estreito. Árvores se amontoavam sobre ela e nunca são tão amigáveis para os seres humanos após o anoitecer quanto à luz do dia. Eles se separam de nós. Eles sussurram e conspiram furtivamente. Se eles nos estenderem a mão, terão um toque hostil e hesitante. As pessoas que andam entre as árvores depois da noite sempre se aproximam instintivamente e involuntariamente, fazendo uma aliança, física e mental, contra certos poderes alienígenas ao seu redor. O vestido de Rosemary roçou contra John Meredith enquanto eles caminhavam. Nem mesmo um ministro distraído, Nunca é seguro pensar que terminamos com a vida. Quando imaginamos que terminamos nossa história, o destino tem um truque de virar a página e nos mostrar mais um CAPÍTULO. Essas duas pessoas pensavam que seus corações pertenciam irrevogavelmente ao passado; mas os dois acharam a caminhada muito agradável. Rosemary achava que o ministro Glen não era de modo algum tímido e com a língua presa como fora representado. Ele parecia não ter dificuldade em falar fácil e livremente. As donas de casa de Glen ficariam surpresas se o tivessem ouvido. Mas então muitas donas de casa de Glen conversavam apenas fofocar e o preço dos ovos, e John Meredith também não estava interessado. Ele conversou com Rosemary sobre livros, música e obras mundiais e algo de sua própria história, e descobriu que ela podia entender e responder. Aparentemente, Rosemary possuía um livro que o Sr. Meredith não havia lido e desejava ler. Ela se ofereceu para emprestá-lo e, quando chegaram à antiga fazenda na colina, ele foi buscá-lo.

A casa em si era cinza antiquada, pendurada em trepadeiras, através das quais a luz da sala piscava de maneira amigável. Olhou para o Glen, sobre o porto, prateado ao luar, para as dunas de areia e o oceano que lamentava. Eles entraram em um jardim que sempre parecia cheirar a rosas, mesmo quando não

havia rosas em flor. Havia uma irmandade de lírios no portão e uma fita de ásteres em ambos os lados da ampla caminhada, e uma fileira de pinheiros na beira da colina além da casa.

"Você tem o mundo inteiro à sua porta aqui", disse John Meredith, com um longo suspiro. "Que visão! Que perspectiva! Às vezes me sinto sufocado lá embaixo no Glen. Você pode respirar aqui.

"Está calmo esta noite", disse Rosemary rindo. "Se houvesse um vento, isso deixaria você sem fôlego. Temos 'a' os ares que o vento pode soprar aqui. Este lugar deveria se chamar Quatro Ventos, em vez de Porto.

"Eu gosto de vento", disse ele. "Um dia em que não há vento me parece MORTO. Um dia ventoso me acorda. Ele deu uma risada consciente. "Em um dia calmo, caio nos sonhos do dia. Sem dúvida, você conhece minha reputação, senhorita West. Se eu te matar da próxima vez que nos encontrarmos, não seja por má educação. Por favor, entenda que é apenas abstração e me perdoe - e fale comigo. "

Encontraram Ellen West na sala de estar quando entraram. Ela deitou os óculos no livro que estava lendo e olhou para eles, espantada, com outra coisa. Mas ela apertou as mãos amigavelmente do Sr. Meredith e ele se sentou e conversou com ela, enquanto Rosemary procurava seu livro.

Ellen West era dez anos mais velha que Rosemary, e tão diferente dela que era difícil acreditar que eram irmãs. Ela era escura e volumosa, com cabelos pretos, sobrancelhas grossas e negras e olhos do azul claro e escorregadio da água do golfo ao vento norte. Ela tinha um olhar severo e proibitivo, mas na realidade era muito alegre, com uma risada calorosa e borbulhante e uma voz profunda, suave e agradável, com uma sugestão de masculinidade. Certa vez, ela havia comentado com Rosemary que realmente gostaria de conversar com o ministro presbiteriano de Glen, para ver se ele conseguia encontrar uma palavra para dizer a uma mulher quando estivesse encurralado. Ela teve sua chance agora e o atacou na política mundial. Miss Ellen, que era uma grande leitora, vinha devorando um livro sobre o Kaiser da Alemanha, "Um homem perigoso", foi sua resposta.

"Eu acredito em você!" Miss Ellen assentiu. "Marque minhas palavras, Sr. Meredith, que esse homem vai lutar com alguém ainda. Ele está ACHANDO. Ele vai incendiar o mundo.

"Se você quer dizer que ele precipitará arbitrariamente uma grande guerra, acho que não", disse Meredith. "O dia passou para esse tipo de coisa."

"Deus te abençoe, não tem", Ellen murmurou. "O dia nunca passa para homens e nações fazerem jumentos e fecharem os punhos. O milênio não está tão perto, Sr. Meredith, e você não acha que é mais do que eu. Quanto a esse

Kaiser, marque minhas palavras, ele vai causar um monte de problemas "- e a senhorita Ellen cutucou enfaticamente o livro com o dedo comprido. "Sim, se ele não for cortado pela raiz, ele causará problemas. Viveremos para vê-lo - você e eu viveremos para vê-lo, Sr. Meredith. E quem vai beliscá-lo? A Inglaterra deveria, mas ela não. QUEM vai beliscá-lo? Diga-me isso, Sr. Meredith.

Meredith não pôde contar, mas eles mergulharam em uma discussão sobre o militarismo alemão que durou muito tempo depois que Rosemary encontrou o livro. Rosemary não disse nada, mas sentou-se em uma pequena cadeira de balanço atrás de Ellen e acariciou um importante gato preto meditativamente. John Meredith caçava grande jogo na Europa com Ellen, mas olhava com mais frequência para Rosemary do que para Ellen, e Ellen percebeu isso. Depois que Rosemary foi até a porta com ele e voltou, Ellen levantou-se e olhou-a acusadoramente.

"Rosemary West, esse homem tem uma noção de cortejar você."

Rosemary tremeu. O discurso de Ellen foi como um golpe para ela. Apagou toda a flor da noite agradável. Mas ela não deixou Ellen ver como isso a machucava.

"Bobagem", disse ela, rindo um pouco descuidada. - Você vê um namorado para mim em todos os arbustos, Ellen. Por que ele me contou tudo sobre sua esposa esta noite - o quanto ela era para ele - como sua morte havia deixado o mundo vazio.

"Bem, essa pode ser sua maneira de cortejar", replicou Ellen. "Os homens têm todos os tipos de maneiras, eu entendo. Mas não esqueça sua promessa, Rosemary.

"Não há necessidade de esquecer ou lembrar", disse Rosemary, um pouco cansada. - Você esquece que eu sou uma empregada idosa, Ellen. É apenas sua ilusão de irmã que eu ainda sou jovem, florescendo e perigoso. O Sr. Meredith apenas quer ser um amigo - se ele quer tanto isso. Ele esquecerá a nós dois muito antes de voltar à mansão.

"Não tenho objeções a você ser amigo dele", admitiu Ellen, "mas não deve ir além da amizade, lembre-se. Eu sempre suspeito de viúvos. Eles não são dados a idéias românticas sobre amizade. Eles tendem a significar negócios. Quanto a este presbiteriano, para que o chamam de tímido? Ele não é um pouco tímido, embora possa estar distraído - tão distraído que se esqueceu de me dar boa noite quando você começou a ir à porta com ele. Ele também tem cérebro. Há tão poucos homens por aqui que podem falar com um corpo. Eu gostei da noite. Eu não me importaria de ver mais dele. Mas nada de tailandês, Rosemary, veja bem, nada de tailandês.

Rosemary estava bastante acostumada a ser avisada por Ellen por ter falado

se ela falasse cinco minutos com qualquer homem casado com menos de oitenta ou dezoito anos. Ela sempre ria do aviso com diversão fingida. Dessa vez não a divertiu - a irritou um pouco. Quem queria philander?

"Não seja tão ganso, Ellen", disse ela com falta de costume enquanto pegava a lâmpada. Ela subiu as escadas sem dizer boa noite.

Ellen balançou a cabeça em dúvida e olhou para o gato preto.

"Sobre o que ela é tão irritada, St. George?" Ela perguntou. "Quando você uiva, é sempre ouvido, George. Mas ela prometeu, Saint - prometeu, e nós, ocidentais, sempre cumprimos nossa palavra. Portanto, não importa se ele quer ser tailandês, George. Ela prometeu. Eu não vou me preocupar.

No andar de cima, em seu quarto, Rosemary ficou sentada por um longo tempo olhando pela janela do outro lado do jardim iluminado pela lua para o porto distante e brilhante. Ela se sentiu vagamente chateada e inquieta. De repente, ela estava cansada de sonhos ultrapassados. E no jardim as pétalas da última rosa vermelha foram espalhadas por um vento súbito. O verão acabou - era outono.

CAPÍTULO XIV
A SRA. ALEC DAVIS FAZ UMA CHAMADA

John Meredith caminhou lentamente para casa. A princípio, pensou um pouco sobre Rosemary, mas, quando chegou ao vale do arco-íris, já havia se esquecido dela e estava meditando sobre um ponto da teologia alemã que Ellen havia levantado. Ele passou pelo vale do arco-íris e não sabia disso. O encanto do vale do arco-íris não tinha força contra a teologia alemã. Quando chegou à mansão, foi ao escritório e abaixou um volume volumoso para ver o que estava certo, ele ou Ellen. Ele permaneceu imerso em seus labirintos até o amanhecer, lançou um novo rastro de especulação e o perseguiu como um cão de caça pela semana seguinte, completamente perdido para o mundo, sua paróquia e sua família. Ele leu dia e noite; ele esqueceu de ir às refeições quando Una não estava lá para arrastá-lo até eles; ele nunca mais pensou em Rosemary ou Ellen. A velha sra. Marshall, no porto, estava muito doente e mandou chamá-lo, mas a mensagem não foi ouvida em sua mesa e acumulou poeira. A sra. Marshall se recuperou, mas nunca o perdoou. Um jovem casal chegou à mansão para se casar e o sr. Meredith, de cabelos não escovados, com chinelos de tapete e roupão desbotado, casou-se com eles. Para ter certeza, ele começou lendo o serviço funerário para eles e se deu tão bem quanto "cinzas a cinzas e pó a pó" antes de suspeitar vagamente que algo estava errado. Meredith, de cabelos escovados, de chinelos e roupão desbotado, casou-se com eles. Para ter certeza, ele começou lendo o serviço funerário para eles e se deu tão bem quanto "cinzas a cinzas e pó a pó" antes de suspeitar vagamente que algo estava errado. Meredith, de cabelos escovados, de chinelos e roupão desbotado, casou-se com eles. Para ter certeza, ele começou lendo o serviço funerário para eles e se deu tão bem quanto "cinzas a cinzas e pó a pó" antes de suspeitar vagamente que algo estava errado.

"Meu Deus", ele disse distraidamente, "isso é estranho, muito estranho".

A noiva, que estava muito nervosa, começou a chorar. O noivo, que não estava nem um pouco nervoso, riu.

"Por favor, senhor, acho que você está nos enterrando em vez de se casar conosco", disse ele.

"Com licença", disse Meredith, pois não importava muito. Ele apareceu no serviço do casamento e terminou com ele, mas a noiva nunca se sentiu bem casada pelo resto da vida.

Ele esqueceu sua reunião de oração novamente - mas isso não importava, pois era uma noite chuvosa e ninguém veio. Ele poderia até ter esquecido o culto

de domingo, se não fosse pela sra. Alec Davis. Tia Martha entrou no sábado à tarde e disse que a sra. Davis estava na sala e queria vê-lo. O Sr. Meredith suspirou. A sra. Davis era a única mulher na igreja de Glen St. Mary que ele detestava positivamente. Infelizmente, ela também era a mais rica, e seu conselho de gerentes havia avisado Meredith de ofendê-la. O Sr. Meredith raramente pensava em um assunto tão mundano como sua bolsa; mas os gerentes eram mais práticos. Além disso, eles eram astutos. Sem mencionar o dinheiro, eles conseguiram instilar na mente do Sr. Meredith a convicção de que ele não deveria ofender a Sra. Davis. De outra forma, ele provavelmente a esqueceria assim que tia Martha saísse. Como foi, ele recusou seu Ewald com um sentimento de aborrecimento e atravessou o corredor até a sala.

A sra. Davis estava sentada no sofá, olhando-a com um ar de desaprovação desdenhosa.

Que sala escandalosa! Não havia cortinas na janela. A sra. Davis não sabia que Faith e Una as haviam retirado no dia anterior para usar como trens da quadra em uma de suas peças e se esqueceram de colocá-las novamente, mas ela não poderia ter acusado essas janelas com mais força se soubesse . As cortinas estavam rachadas e rasgadas. As imagens nas paredes estavam tortas; os tapetes estavam errados; os vasos estavam cheios de flores desbotadas; o pó jazia em montões - literalmente em montes.

-Para o que estamos indo? - perguntou a sra. Davis, e depois preparou sua boca deslumbrante.

Jerry e Carl estavam gritando e deslizando pelos corrimões quando ela atravessou o corredor. Eles não a viram e continuaram gritando e deslizando, e a sra. Davis estava convencida de que o fizeram de propósito. O galo de estimação de Faith caminhou pelo corredor, parou na porta da sala e olhou para ela. Não gostando da aparência dela, ele não se aventurou. A sra. Davis deu uma fungada desdenhosa. Uma mansão bonita, de fato, onde galos desfilavam pelos corredores e olhavam as pessoas fora do semblante.

- Vamos lá - ordenou a sra. Davis, cutucando seu guarda-sol esvoaçante e cambiável.

Adam cagou. Ele era um galo sábio e a sra. Davis torceu o pescoço de tantos galos com suas próprias mãos justas ao longo de seus cinquenta anos que um ar do carrasco parecia pairar ao seu redor. Adam correu pelo corredor quando o ministro entrou.

O Sr. Meredith ainda usava chinelos e roupão, e seus cabelos escuros ainda caíam em mechas por cima da sobrancelha. Mas ele parecia o cavalheiro que era; e a sra. Alec Davis, em seu vestido de seda e gorro, e as luvas de pelica e a corrente de ouro pareciam a mulher vulgar e de alma grosseira que ela era. Cada

um sentiu o antagonismo da personalidade do outro. O Sr. Meredith encolheu, mas a Sra. Davis cingiu os lombos para a briga. Ela veio à mansão para propor uma certa coisa ao ministro e pretendia não perder tempo em propor isso. Ela faria um favor a ele - um grande favor - e quanto mais cedo ele soubesse disso, melhor. Ela tinha pensado nisso o verão inteiro e finalmente chegou a uma decisão. Isso era tudo o que importava, pensou a sra. Davis. Quando ela decidiu uma coisa, foi decidido. Ninguém mais tinha voz a dizer sobre o assunto. Essa sempre foi sua atitude. Quando ela decidiu se casar com Alec Davis, casou-se com ele e esse foi o fim. Alec nunca soube como isso aconteceu, mas que chances? Então, neste caso - Sra. Davis tinha organizado tudo para sua própria satisfação. Agora só restava informar o Sr. Meredith.

-Por favor, feche a porta? - disse a sra. Davis, desamarrando a boca levemente para dizer isso, mas falando com aspereza. "Tenho algo importante a dizer e não posso dizer com essa raquete no corredor."

O Sr. Meredith fechou a porta humildemente. Então ele se sentou diante da Sra. Davis. Ele ainda não estava completamente ciente dela. Sua mente ainda estava lutando com os argumentos de Ewald. A sra. Davis sentiu esse distanciamento e isso a irritou.

"Eu vim lhe dizer, Sr. Meredith", disse ela agressivamente, "que decidi adotar Una".

-Adotar Una! O Sr. Meredith olhou para ela inexpressivamente, sem entender nada.

"Sim. Estou pensando nisso há algum tempo. Eu sempre pensei em adotar um filho, desde a morte do meu marido. Mas parecia tão difícil conseguir um adequado. São muito poucas as crianças que eu gostaria de levar para a MINHA casa. Eu não pensaria em ter um filho em casa - algum pária das favelas com toda a probabilidade. E quase nunca há outra criança para ser alcançada. Um dos pescadores no porto morreu no outono passado e deixou seis jovens. Eles tentaram fazer com que eu pegasse um, mas logo dei a entender que não fazia ideia de adotar lixo assim. O avô deles roubou um cavalo. Além disso, eles eram todos meninos e eu queria uma garota - uma garota quieta e obediente que eu pudesse treinar para ser uma dama. Una vai me servir exatamente. Ela seria uma coisinha agradável se fosse cuidada adequadamente - tão diferente de Faith. Eu nunca sonharia em adotar Faith. Mas levarei Una e darei a ela um bom lar e a criação, Sr. Meredith, e se ela se comportar, deixarei todo o meu dinheiro quando morrer. Nenhum dos meus parentes deve ter um centavo disso, de qualquer forma, estou determinado a isso. Foi a idéia de agravá-los que me levou a pensar em adotar uma criança tanto quanto qualquer coisa em primeiro lugar. Una deve estar bem vestida, educada e treinada, Sr. Meredith, e darei aulas de música e

pintura e tratarei-a como se ela fosse minha. e se ela se comportar, deixarei todo o meu dinheiro quando morrer. Nenhum dos meus parentes deve ter um centavo disso, de qualquer forma, estou determinado a isso. Foi a idéia de agravá-los que me levou a pensar em adotar uma criança tanto quanto qualquer coisa em primeiro lugar. Una deve estar bem vestida, educada e treinada, Sr. Meredith, e darei aulas de música e pintura e tratarei-a como se ela fosse minha. e se ela se comportar, deixarei todo o meu dinheiro quando morrer. Nenhum dos meus parentes deve ter um centavo disso, de qualquer forma, estou determinado a isso. Foi a idéia de agravá-los que me levou a pensar em adotar uma criança tanto quanto qualquer coisa em primeiro lugar. Una deve estar bem vestida, educada e treinada, Sr. Meredith, e darei aulas de música e pintura e tratarei-a como se ela fosse minha.

O Sr. Meredith estava suficientemente acordado a essa altura. Havia um leve rubor em sua bochecha pálida e uma luz perigosa em seus finos olhos escuros. Era essa mulher, cuja vulgaridade e consciência de dinheiro escorria dela em todos os poros, na verdade, pedindo-lhe que desse a Una - sua querida pouco melancólica Una com os próprios olhos azul-escuros de Cecilia - a criança que a mãe moribunda havia apertado em seu coração depois que as outras crianças foram levadas chorando da sala. Cecilia se agarrou ao bebê até que os portões da morte se fecharam entre eles. Ela olhou por cima da cabecinha escura para o marido.

"Cuide bem dela, John", ela pediu. "Ela é tão pequena e sensível. Os outros podem lutar à sua maneira - mas o mundo a machucará. Oh, John, não sei o que você e ela vão fazer. Vocês dois precisam tanto de mim. Mas mantenha-a perto de você, mantenha-a perto de você.

Essas foram quase as últimas palavras dela, exceto algumas inesquecíveis para ele sozinho. E era essa criança que a sra. Davis anunciara friamente sua intenção de tirar dele. Ele se endireitou e olhou para a sra. Davis. Apesar do roupão gasto e dos chinelos desgastados, havia algo nele que fazia a sra. Davis sentir um pouco da antiga reverência pelo "pano" em que fora criada. Afinal, havia uma certa divindade protegendo um ministro, mesmo um pobre, mundano, abstrato.

"Agradeço suas intenções, Sra. Davis", disse Meredith com uma gentil, final e terrível cortesia, "mas não posso lhe dar meu filho."

A senhora Davis parecia em branco. Ela nunca tinha sonhado com a recusa dele.

"Ora, Sr. Meredith", disse ela com espanto. "Você deve ser cr ... você não pode estar falando sério. Você deve pensar bem, pense em todas as vantagens que posso dar a ela.

- Não há necessidade de pensar, sra. Davis. Está totalmente fora de questão. Todas as vantagens mundanas que você tem ao seu alcance não poderiam compensar a perda do amor e dos cuidados de um pai. Agradeço novamente, mas não é para ser pensado.

A decepção irritou a sra. Davis além do poder do velho hábito de controlar. Seu largo rosto vermelho ficou roxo e sua voz tremia.

"Eu pensei que você ficaria muito feliz em me deixar tê-la", ela zombou.

"Por que você achou isso?" Perguntou o Sr. Meredith em voz baixa.

"Porque ninguém jamais supôs que você se importasse com seus filhos", replicou a sra. Davis com desdém. "Você os negligencia escandalosamente. É a conversa do lugar. Eles não são alimentados e vestidos adequadamente, e não são treinados. Eles não têm mais maneiras do que um bando de índios selvagens. Você nunca pensa em cumprir seu dever como pai. Você deixa uma criança perdida vir aqui entre eles por duas semanas e nunca a notou - uma criança que xingou como um soldado, me disseram. VOCÊ não se importaria se eles tivessem apanhado varíola dela. E Faith fez uma exibição de si mesma, pregando e fazendo esse discurso! E ela livrou um porco da rua - sob seus olhos, eu entendo. A maneira como eles agem é uma crença passada e você nunca levanta um dedo para detê-los ou tenta ensinar-lhes algo. E agora, quando ofereço a um deles um bom lar e boas perspectivas, você o recusa e me insulta. Você é um pai bonito, por falar em amar e cuidar de seus filhos!

"Isso serve, mulher!", Disse Meredith. Ele se levantou e olhou para a sra. Davis com olhos que a fizeram tremer. "Isso serve", ele repetiu. - Não desejo mais ouvir, sra. Davis. Você falou demais. Pode ser que eu tenha sido negligente em alguns aspectos em meu dever como pai, mas não cabe a você me lembrar disso nos termos que você usou. Vamos dizer boa tarde.

A sra. Davis não disse nada tão amável quanto a boa tarde, mas ela partiu. Quando ela passou pelo ministro, um sapo grande e rechonchudo, que Carl havia escondido sob o salão, pulou quase debaixo de seus pés. A sra. Davis deu um grito agudo e, ao tentar evitar pisar na coisa horrível, perdeu o equilíbrio e o guarda-sol. Ela não caiu exatamente, mas cambaleou e cambaleou pela sala de uma maneira muito indigna e subiu contra a porta com um baque que a sacudiu da cabeça aos pés. O Sr. Meredith, que não tinha visto o sapo, se perguntou se ela havia sido atacada com algum tipo de ataque apoplético ou paralítico e ficou alarmada com sua ajuda. Mas a sra. Davis, recuperando os pés, acenou de volta furiosamente.

"Não se atreva a me tocar", ela quase gritou. "Isso é mais um feito de seus filhos, suponho. Este não é um lugar adequado para uma mulher decente. Me dê meu guarda-chuva e me deixe ir. Nunca mais escurecerei as portas da sua

mansão ou da sua igreja.

O Sr. Meredith pegou o lindo guarda-sol mansamente e deu a ela. A sra. Davis pegou e marchou. Jerry e Carl haviam desistido do corrimão e estavam sentados na beira da varanda com Faith. Infelizmente, todos os três estavam cantando no topo de suas vozes jovens e saudáveis: "Haverá um momento quente na cidade velha esta noite". A sra. Davis acreditava que a música era para ela e apenas ela. Ela parou e balançou o guarda-sol para eles.

"Seu pai é um tolo", disse ela, "e você é três jovens varmints que devem ser chicoteados dentro de uma polegada de suas vidas."

"Ele não é", exclamou Faith. "Nós não somos", gritaram os meninos. Mas a sra. Davis se foi.

"Deus, ela não está brava!" Disse Jerry. "E o que é um 'varmint', afinal?"

John Meredith andou de um lado para o outro da sala por alguns minutos; depois voltou ao escritório e sentou-se. Mas ele não voltou à sua teologia alemã. Ele ficou muito perturbado por isso. A sra. Davis o acordou com uma vingança. Ele era um pai tão negligente e descuidado como ela o acusara de ser? Ele tinha escandalosamente negligenciado o bem-estar corporal e espiritual das quatro pequenas criaturas sem mãe dependentes dele? O pessoal dele estava falando disso tão severamente quanto a Sra. Davis havia declarado? Deve ser assim, já que a sra. Davis veio pedir a Una com a plena e confiante convicção de que ele entregaria a criança a ela tão despreocupadamente e com alegria quanto alguém poderia entregar um gatinho perdido e indesejado. E se sim, o que então?

John Meredith gemeu e recomeçou a andar de um lado para o outro na sala empoeirada e desordenada. O que ele poderia fazer? Ele amava seus filhos o mais profundamente que qualquer pai podia e sabia, além do poder da sra. Davis ou de qualquer outra pessoa, perturbar sua convicção, que eles o amavam com devoção. Mas ele estava apto a se encarregar deles? Ele sabia - nada melhor - suas fraquezas e limitações. O que era necessário era a presença, influência e bom senso de uma mulher. Mas como isso poderia ser arranjado? Mesmo que ele fosse capaz de conseguir uma governanta tão grande, isso acabaria com a tia Martha. Ela acreditava que ainda poderia fazer tudo o que era necessário e necessário. Ele não poderia machucar e insultar a pobre velha que tinha sido tão gentil com ele e com ele. Como ela era devotada a Cecília! E Cecilia pediu que ele considerasse muito a tia Martha. De fato, lembrou-se de repente que tia Martha havia sugerido uma vez que ele deveria se casar novamente. Ele sentiu que ela não se ressentiria de uma esposa como faria uma governanta. Mas isso estava fora de questão. Ele não queria se casar - não queria e não podia cuidar de ninguém. Então o que ele poderia fazer? De repente, ocorreu-lhe que ele iria para Ingleside e conversaria sobre suas dificuldades com a sra. Blythe. A sra.

Blythe era uma das poucas mulheres com quem ele nunca se sentiu tímido ou com a língua presa. Ela sempre foi muito simpática e refrescante. Pode ser que ela possa sugerir alguma solução para os problemas dele. E mesmo que ela não pudesse, o Sr. Meredith sentiu que precisava de uma companhia humana decente após a dose da Sra.

Vestiu-se às pressas e jantou menos abstratamente do que o habitual. Ocorreu-lhe que era uma refeição ruim. Ele olhou para os filhos; eram róseos e saudáveis o suficiente - exceto Una, e ela nunca fora muito forte mesmo quando sua mãe estava viva. Todos estavam rindo e conversando - certamente pareciam felizes. Carl estava especialmente feliz porque tinha duas aranhas mais bonitas rastejando em volta do prato do jantar. Suas vozes eram agradáveis, seus modos não pareciam ruins, eram atenciosos e gentis um com o outro. No entanto, a sra. Davis havia dito que o comportamento deles era o assunto da congregação.

Quando o Sr. Meredith passou pelo portão, o Dr. Blythe e a Sra. Blythe passaram pela estrada que levava a Lowbridge. O rosto do ministro caiu. A sra. Blythe estava indo embora - não havia sentido em ir para Ingleside. E ele ansiava por um pouco de companhia mais do que nunca. Enquanto olhava sem esperança para a paisagem, a luz do pôr do sol batia em uma janela da antiga fazenda do oeste na colina. Ele brilhou como um farol de boa esperança. De repente, lembrou-se de Rosemary e Ellen West. Ele pensou que iria apreciar um pouco da conversa pungente de Ellen. Ele achou que seria agradável ver o sorriso lento e doce de Rosemary e os olhos azuis celestiais calmos novamente. O que aquele velho poema de Sir Philip Sidney disse? - "conforto contínuo em um rosto" - que apenas lhe convinha. E ele precisava de conforto. Por que não ligar e ligar? Lembrou-se de que Ellen havia pedido que ele aparecesse algumas vezes e que havia o livro de Rosemary para devolver - ele deveria devolver antes que se esquecesse. Ele desconfiava de que havia muitos livros em sua biblioteca que ele havia emprestado diversas vezes e em diversos lugares e que se esquecera de levar de volta. Certamente era seu dever se proteger contra isso neste caso. Ele voltou ao escritório, pegou o livro e mergulhou no vale do arco-íris. Ele desconfiava de que havia muitos livros em sua biblioteca que ele havia emprestado diversas vezes e em diversos lugares e que se esquecera de levar de volta. Certamente era seu dever se proteger contra isso neste caso. Ele voltou ao escritório, pegou o livro e mergulhou no vale do arco-íris. Ele desconfiava de que havia muitos livros em sua biblioteca que ele havia emprestado diversas vezes e em diversos lugares e que se esquecera de levar de volta. Certamente era seu dever se proteger contra isso neste caso. Ele voltou ao escritório, pegou o livro e mergulhou no vale do arco-íris.

CAPÍTULO XV

MAIS FOFOCA

Na noite seguinte ao enterro da sra. Myra Murray, a seção sobre o porto, Miss Cornelia e Mary Vance chegaram a Ingleside. Havia várias coisas a respeito das quais Miss Cornelia desejava desabafar sua alma. O funeral teve que ser discutido, é claro. Susan e Miss Cornelia discutiram isso entre eles; Anne não participou nem se encantou com essas conversas goulish. Ela se sentou um pouco afastada e observou a chama outonal de dálias no jardim e o porto glamouroso e sonhador do pôr do sol de setembro. Mary Vance sentou-se ao lado dela, tricotando mansamente. O coração de Mary estava no vale do arco-íris, de onde vinham sons doces e suavizados da risada das crianças, mas seus dedos estavam sob os olhos da senhorita Cornelia. Ela teve que tricotar tantas rodadas de meias antes de poder ir para o vale. Mary tricotou e segurou a língua, mas usou os ouvidos.

"Nunca vi um cadáver de aparência mais agradável", disse Miss Cornelia judicialmente. "Myra Murray sempre foi uma mulher bonita - ela era uma Corey de Lowbridge e os Coreys eram conhecidos por sua boa aparência."

"Eu disse ao cadáver quando passei, 'pobre mulher. Espero que você esteja tão feliz quanto parece. "Suspirou Susan. "Ela não mudou muito. Esse vestido que ela usava era o cetim preto que ela ganhou no casamento da filha, catorze anos atrás. Sua tia disse-lhe que a guardasse para o funeral, mas Myra riu e disse: 'Eu posso usá-la no meu funeral, tia, mas vou me divertir primeiro.' E posso dizer que ela fez. Myra Murray não era mulher para comparecer ao seu funeral antes de morrer. Muitas vezes depois, quando a vi se divertindo em companhia, pensei comigo mesma: 'Você é uma mulher bonita, Myra Murray, e esse vestido se torna você, mas provavelmente será sua mortalha finalmente'. E você vê que minhas palavras se tornaram realidade, senhora Marshall Elliott.

Susan suspirou novamente pesadamente. Ela estava se divertindo imensamente. Um funeral foi realmente um assunto agradável de conversa.

"Eu sempre gostei de conhecer Myra", disse Miss Cornelia. "Ela sempre foi tão alegre e alegre - ela fez você se sentir melhor apenas pelo aperto de mão dela. Myra sempre fez o melhor das coisas.

"Isso é verdade", afirmou Susan. "A cunhada dela me disse que, quando o médico finalmente disse que ele não podia fazer nada por ela e que ela nunca mais se levantaria daquela cama, Myra disse alegremente: 'Bem, se é assim, eu estou Ainda bem que a preservação está concluída, e não precisarei enfrentar a

limpeza das casas no outono. Sempre gostei de limpar a casa na primavera - ela diz -, mas sempre odiei no outono. Vou esclarecer isso este ano, graças a Deus. Marshall Elliott, há quem chamaria isso de leviandade, e acho que a cunhada dela tinha um pouco de vergonha disso. Ela disse que talvez sua doença tenha deixado Myra um pouco tonta. Mas eu disse: 'Não, senhora Murray, não se preocupe com isso. Era apenas a maneira de Myra ver o lado bom. '"

"A irmã dela, Luella, era exatamente o oposto", disse Miss Cornelia. "Não havia lado positivo para Luella - havia apenas preto e tons de cinza. Durante anos, ela sempre declara que iria morrer em uma semana ou mais. "Não vou ficar aqui para sobrecarregar você por muito tempo", ela dizia à família com um gemido. E se algum deles se aventurasse a falar sobre seus pequenos planos futuros, ela também gemeria e diria: 'Ah, *eunão* estará aqui então. Quando eu fui vê-la, eu sempre concordei com ela e isso a deixou tão brava que ela sempre ficou muito melhor por vários dias depois. Ela tem melhor saúde agora, mas não mais alegria. Myra era tão diferente. Ela estava sempre fazendo ou dizendo algo para fazer alguém se sentir bem. Talvez os homens com quem se casaram tenham algo a ver com isso. O homem de Luella era um tártaro, acredite em mim, enquanto Jim Murray era decente, como os homens. Hoje ele parecia com o coração partido. Não é sempre que sinto pena de um homem no funeral de sua esposa, mas senti pena de Jim Murray.

"Não é à toa que ele parecia triste. Ele não vai conseguir uma esposa como Myra de novo com pressa - disse Susan. "Talvez ele não tente, já que seus filhos já cresceram e Mirabel é capaz de ficar em casa. Mas não há previsão do que um viúvo pode ou não fazer e eu, por exemplo, não tentarei.

"Sentiremos falta da terrível Myra na igreja", disse Miss Cornelia. "Ela era uma trabalhadora. Nada nunca a surpreendeu. Se não conseguisse superar uma dificuldade, contornaria isso e, se não conseguisse contornar, fingiria que não estava lá - e geralmente não estava. "Vou manter um lábio superior rígido até o fim da minha jornada", disse ela uma vez. Bem, ela terminou sua jornada.

"Você acha?" Perguntou Anne de repente, voltando da terra dos sonhos. "Não consigo imaginar sua jornada como tendo terminado. Você consegue pensar nela sentada e dobrando as mãos - o espírito ansioso e exigente dela, com sua bela perspectiva aventureira? Não, acho que, na morte, ela acabou de abrir um portão e passou por novas aventuras brilhantes.

"Talvez ... talvez", concordou Miss Cornelia. "Você sabe, Anne, querida, eu nunca fui muito levado com essa doutrina eterna de descanso - embora eu espero que não seja heresia dizer isso. Eu quero andar no céu da mesma forma que aqui. E espero que haja um substituto celestial para tortas e rosquinhas - algo que precisa ser FEITO. É claro que às vezes a pessoa se cansa demais - e quanto

mais velho você é, mais cansativo é. Mas o mais cansado pode descansar em algo menos que a eternidade, você pensaria - exceto, talvez, um homem preguiçoso.

"Quando eu encontrar Myra Murray novamente", disse Anne, "quero vê-la vindo em minha direção, animada e rindo, como ela sempre fazia aqui."

"Oh, senhora Dra. Querida", disse Susan, em tom chocado, "você certamente não acha que Myra estará rindo no mundo vindouro?"

"Por que não, Susan? Você acha que vamos chorar lá?

"Não, não, senhora Dra. Querida, não me entenda mal. Eu não acho que devemos estar chorando ou rindo.

"O que então?"

"Bem", disse Susan, dirigida a ele, "é minha opinião, Sra. Dra. Querida, que pareceremos solenes e santos."

-E você acha mesmo, Susan - disse Anne, parecendo bastante solene -, para que Myra Murray ou eu possamos parecer solenes e sagradas o tempo todo - o tempo todo, Susan?

"Bem", admitiu Susan com relutância, "eu posso chegar ao ponto de dizer que vocês dois teriam que sorrir de vez em quando, mas nunca posso admitir que haverá risadas no céu. A ideia parece realmente irreverente, senhora Dra. Querida.

"Bem, voltando à Terra", disse Miss Cornelia, "quem podemos assistir às aulas de Myra na Escola Dominical? Julia Clow ensina isso desde que Myra adoeceu, mas ela está indo para a cidade durante o inverno e teremos que arranjar outra pessoa.

"Ouvi dizer que a sra. Laurie Jamieson queria", disse Anne. "Os Jamiesons vêm à igreja com muita regularidade desde que se mudaram para Lowbridge de Glenbridge."

-Vassouras novas! - disse Miss Cornelia, duvidosa. "Espere até eles saírem regularmente por um ano."

"Você não pode depender um pouco da sra. Jamieson, sra. Dra. Querida", disse Susan solenemente. "Ela morreu uma vez e quando eles a mediram para seu caixão, depois de deixá-la linda, ela não voltou e voltou à vida! Agora, senhora Dra. Querida, você sabe que não pode depender de uma mulher assim.

"Ela pode virar metodista a qualquer momento", disse Miss Cornelia. "Eles me dizem que foram à Igreja Metodista em Lowbridge com tanta freqüência quanto ao Presbiteriano. Ainda não os peguei aqui, mas não aprovaria levar a sra. Jamieson para a Escola Dominical. No entanto, não devemos ofendê-los. Estamos perdendo muitas pessoas, por morte ou mau humor. A sra. Alec Davis deixou a igreja, ninguém sabe o porquê. Ela disse aos gerentes que nunca

pagaria outro centavo ao salário de Meredith. Claro, a maioria das pessoas diz que as crianças a ofenderam, mas de alguma forma eu acho que não. Tentei bombear Faith, mas tudo que consegui tirar dela era que a sra. Davis tinha vindo, aparentemente de bom humor, para ver seu pai, e saído furiosa, chamando todos de 'varmints!' "

-Varmints, de fato! - disse Susan furiosa. Alec Davis esquece que seu tio por parte de mãe era suspeito de envenenar sua esposa? Não que isso tenha sido provado, senhora Dra. Querida, e não é necessário acreditar em tudo que você ouve. Mas se *eu* tivesse um tio cuja esposa morresse sem motivo satisfatório, *eu* não passaria pelo país chamando crianças inocentes de varmints.

"A questão é que a sra. Davis pagou uma grande assinatura e a forma como a perda será compensada é um problema. E se ela virar os outros Douglases contra o Sr. Meredith, como ela certamente tentará fazer, ele apenas precisará ir.

"Eu não acho que a sra. Alec Davis seja muito apreciada pelo resto do clã", disse Susan. "Não é provável que ela seja capaz de influenciá-los."

"Mas esses Douglases estão todos juntos. Se você toca em um, você toca em todos. Não podemos ficar sem eles, tanto é certo. Eles pagam metade do salário. Eles não são maus, o que mais se pode dizer deles. Norman Douglas costumava dar cem anos há muito tempo antes de partir.

- Para que ele foi embora? - perguntou Anne.

"Ele declarou que um membro da sessão o traiu em um acordo de vaca. Ele não vem à igreja há vinte anos. Sua esposa costumava vir regularmente enquanto estava viva, coitada, mas ele nunca a deixava pagar nada, exceto um centavo de dólar todo domingo. Ela se sentiu terrivelmente humilhada. Não sei se ele era um marido muito bom para ela, embora ela nunca tenha sido ouvida a reclamar. Mas ela sempre tinha um olhar intimidado. Norman Douglas não conseguiu a mulher que ele queria trinta anos atrás e os Douglases nunca gostaram de tolerar o segundo melhor.

"Quem era a mulher que ele queria."

Ellen West. Eles não estavam noivos exatamente, acredito, mas ficaram juntos por dois anos. E então eles simplesmente se separaram - ninguém nunca sabe o porquê. Apenas uma briga boba, suponho. E Norman foi e se casou com Hester Reese antes que seu temperamento tivesse tempo para esfriar - se casou com ela só para irritar Ellen, não tenho dúvida. Tão como um homem! Hester era uma coisinha legal, mas ela nunca teve muito espírito e ele quebrou o pouco que ela tinha. Ela era muito mansa para Norman. Ele precisava de uma mulher que pudesse enfrentá-lo. Ellen o teria mantido em boas condições e ele teria gostado dela ainda melhor por isso. Ele desprezava Hester, essa é a verdade, apenas porque ela sempre cedia a ele. Eu costumava ouvi-lo dizer muitas vezes, Há

muito tempo, quando ele era jovem, "me dê uma mulher corajosa - corajosa por mim o tempo todo". E então ele se casou com uma garota que não podia dizer vaias a um ganso - parecido com um homem. Aquela família de Reeses eram apenas vegetais. Eles passaram pelos movimentos da vida, mas não viveram. "

"Russell Reese usou o anel de casamento da primeira esposa para se casar com o segundo", disse Susan reminiscentemente. - Na minha opinião, foi muito econômico, senhora Dra. Querida. E seu irmão John tem sua própria lápide no cemitério sobre o porto, com tudo, exceto a data da morte, e ele a olha todos os domingos. A maioria das pessoas não consideraria isso muito divertido, mas é claro que sim. As pessoas têm idéias tão diferentes de diversão. Quanto a Norman Douglas, ele é um pagão perfeito. Quando o último ministro perguntou a ele por que ele nunca foi à igreja, ele disse: 'Muitas mulheres feias lá, pároco - muitas mulheres feias!' Eu gostaria de ir a um homem, senhora Dra. Querida, e dizer-lhe solenemente: 'Existe um inferno!' "

"Oh, Norman não acredita que exista um lugar assim", disse Miss Cornelia. "Espero que ele descubra seu erro quando vier a morrer. Lá, Mary, você tricota três centímetros e pode brincar com as crianças por meia hora.

Maria não precisou de uma segunda tentativa. Ela voou para Rainbow Valley com um coração tão leve quanto os calcanhares e, durante a conversa, contou a Faith Meredith tudo sobre a sra. Alec Davis.

"E a sra. Elliott diz que vai virar todos os Douglases contra seu pai e ele terá que deixar o Glen porque o salário dele não será pago", concluiu Mary. " *Eu* não sei o que está a ser feito, honesto a bondade. Se ao menos o velho Norman Douglas voltasse à igreja e pagasse, não seria tão ruim. Mas ele não vai - e os Douglases vão embora - e todos vocês terão que ir.

Faith carregou um coração pesado para a cama com ela naquela noite. O pensamento de deixar o Glen era insuportável. Em nenhum outro lugar do mundo havia companheiros como os Blythes. Seu pequeno coração se retorceu quando eles deixaram Maywater - ela derramou muitas lágrimas quando se despediu dos companheiros de Maywater e da velha mansão onde sua mãe morara e morrera. Ela não podia contemplar com calma o pensamento de outra chave tão forte. Ela não podia deixar Glen St. Mary, o querido Rainbow Valley e aquele cemitério delicioso.

"É horrível ser a família do ministro", gemeu Faith em seu travesseiro. "Assim que você gosta de um lugar, é arrebatado pelas raízes. Eu nunca, nunca, NUNCA me casarei com um ministro, por melhor que seja.

Faith sentou-se na cama e olhou pela pequena janela pendurada em trepadeiras. A noite estava muito quieta, o silêncio quebrado apenas pela respiração suave de Una. A fé parecia terrivelmente sozinha no mundo. Ela

podia ver Glen St. Mary deitada sob os prados estrelados da noite de outono. Sobre o vale brilhava uma luz no quarto das meninas em Ingleside e outra no quarto de Walter. Faith se perguntou se o pobre Walter teria dor de dente novamente. Então ela suspirou, com um pequeno suspiro de inveja de Nan e Di. Eles tinham uma mãe e um lar estabelecido - NÃO estavam à mercê de pessoas que se zangavam sem motivo algum e o chamavam de verme. Longe além do Glen, em meio a campos muito silenciosos com o sono, outra luz estava acesa. Faith sabia que brilhava na casa onde Norman Douglas morava. Ele tinha a reputação de ficar sentado todas as horas da noite lendo. Mary dissera que, se ele pudesse ser induzido a retornar à igreja, tudo ficaria bem. E porque não? Faith olhou para uma estrela grande e baixa pairando sobre o abeto alto e pontudo no portão da Igreja Metodista e teve uma inspiração. Ela sabia o que deveria ser feito e ela, Faith Meredith, faria. Ela faria tudo certo. Com um suspiro de satisfação, ela se afastou do mundo solitário e sombrio e se aconchegou ao lado de Una. Ela sabia o que deveria ser feito e ela, Faith Meredith, faria. Ela faria tudo certo. Com um suspiro de satisfação, ela se afastou do mundo solitário e sombrio e se aconchegou ao lado de Una. Ela sabia o que deveria ser feito e ela, Faith Meredith, faria. Ela faria tudo certo. Com um suspiro de satisfação, ela se afastou do mundo solitário e sombrio e se aconchegou ao lado de Una.

CAPÍTULO XVI

OLHO POR OLHO

Com Faith, decidir era agir. Ela não perdeu tempo em realizar a ideia. Assim que chegou da escola no dia seguinte, deixou a mansão e desceu o Glen. Walter Blythe se juntou a ela quando ela passou pelos correios.

"Vou para a sra. Elliott em uma missão para a mãe", disse ele. "Onde você está indo, Faith?"

"Estou indo a algum lugar nos negócios da igreja", disse Faith com veemência. Ela não ofereceu mais informações e Walter se sentiu um pouco desprezado. Eles caminharam em silêncio por um tempo. Era uma noite quente e ventosa, com um ar doce e resinoso. Além das dunas de areia havia mares cinzentos, macios e bonitos. O ribeiro Glen carregava uma carga de folhas douradas e vermelhas, como chalotas de fadas. Na terra de restolho do Sr. James Reese, com seus belos tons de vermelho e marrom, estava sendo realizado um parlamento de corvos, onde estavam em andamento deliberações solenes sobre o bem-estar das colinas. Faith cruelmente interrompeu a assembléia de agosto subindo na cerca e arremessando uma grade quebrada nela. Instantaneamente o ar ficou cheio de asas negras batendo e gritos indignados.

"Por que você fez isso?" Disse Walter, reprovador. "Eles estavam se divertindo muito."

"Oh, eu odeio corvos", disse Faith com ar. "Eles são tão negros e astutos que tenho certeza de que são hipócritas. Eles roubam ovos de passarinhos de seus ninhos, você sabe. Eu vi um fazer em nosso gramado na primavera passada. Walter, o que te deixa tão pálida hoje? Você teve dor de dente novamente ontem à noite?

Walter estremeceu.

"Sim, um furioso. Eu não conseguia dormir uma piscadela - então eu apenas andava de um lado para o outro no chão e imaginava que eu era um mártir cristão primitivo sendo torturado ao comando de Nero. Isso ajudou muito por um tempo - e então fiquei tão ruim que não conseguia imaginar nada. "

"Você chorou?" Perguntou Faith, ansiosa.

"Não - mas eu deitei no chão e gemi", admitiu Walter. - Então as meninas entraram e Nan colocou pimenta caiena - e isso piorou - Di me fez segurar uma gole de água fria na boca - e eu não aguentava mais, então chamaram Susan. Susan disse que me serviu bem por me sentar ontem no sótão frio, escrevendo lixo de poesia. Mas ela ligou a lareira da cozinha, pegou uma garrafa de água

quente e parou a dor de dente. Assim que me senti melhor, disse a Susan que minha poesia não era lixo e que ela não era juíza. E ela disse que não, graças a Deus ela não era e ela não sabia nada sobre poesia, exceto que eram principalmente muitas mentiras. Agora você sabe, Faith, isso não é verdade. Essa é uma das razões pelas quais gosto de escrever poesia - você pode dizer muitas coisas verdadeiras na poesia, mas não na prosa. Eu disse a Susan, mas ela disse para parar meu queixo e ir dormir antes que a água esfriasse, ou ela me deixaria para ver se a rima curaria a dor de dente, e ela esperava que fosse uma lição para mim.

"Por que você não vai ao dentista em Lowbridge e tira o dente?"

Walter estremeceu novamente.

"Eles querem que eu faça, mas eu não posso. Isso doeria tanto.

"Você tem medo de um pouco de dor?" Perguntou Faith com desprezo.

Walter corou.

"Seria uma grande dor. Eu odeio ser machucado. O pai disse que não insistiria em minha partida - ele esperaria até que eu decidisse ir embora.

"Não machucaria enquanto a dor de dente", argumentou Faith, "você teve cinco períodos de dor de dente. Se você simplesmente fosse lá, não haveria mais noites ruins. *Eu* tive um dente uma vez. Eu gritei por um momento, mas estava tudo acabado, apenas o sangramento.

"O sangramento é o pior de tudo - é tão feio", exclamou Walter. "Isso só me deixou doente quando Jem cortou o pé no verão passado. Susan disse que eu parecia mais desmaiar do que Jem. Mas eu também não conseguia ouvir Jem machucado. Alguém está sempre se machucando, Faith - e é horrível. Eu simplesmente não consigo suportar ver as coisas doerem. Isso me faz querer correr - e correr - e correr - até que eu não possa ouvi-los ou vê-los.

"Não adianta fazer barulho por alguém se machucar", disse Faith, jogando seus cachos. "É claro que, se você se machucou muito, tem que gritar - e o sangue está bagunçado - e eu também não gosto de ver outras pessoas machucadas. Mas não quero correr - quero ir trabalhar e ajudá-los. Seu pai tem que machucar as pessoas muitas vezes para curá-las. O que eles fariam se ele fugisse?

"Eu não disse que iria correr. Eu disse que queria correr. Isso é diferente. Também quero ajudar as pessoas. Mas ah, eu gostaria que não houvesse coisas feias e terríveis no mundo. Eu gostaria que tudo estivesse feliz e bonito.

"Bem, não vamos pensar no que não é", disse Faith. "Afinal, é muito divertido estar vivo. Você não teria dor de dente se estivesse morto, mas ainda assim, não preferiria estar vivo do que morto? Eu faria cem vezes. Oh, aqui está Dan Reese. Ele esteve no porto em busca de peixes.

"Eu odeio Dan Reese", disse Walter.

"Eu também. Todas nós, meninas, fazemos. Eu só vou passar e nunca dar a mínima atenção a ele. Você me observa!

Faith passou por Dan com o queixo aberto e uma expressão de desprezo que mordeu sua alma. Ele se virou e gritou atrás dela.

"Porquinha! Porco-menina !! Porquinha !!! "em um crescendo de insulto.

Faith continuou andando, aparentemente inconsciente. Mas seu lábio tremia levemente com uma sensação de indignação. Ela sabia que não era páreo para Dan Reese quando se tratava de uma troca de epítetos. Ela desejou que Jem Blythe estivesse com ela em vez de Walter. Se Dan Reese tivesse ousado chamá-la de porquinha na audiência de Jem, Jem teria limpado a poeira com ele. Mas nunca ocorreu a Faith esperar que Walter o fizesse, ou culpá-lo por não fazer isso. Walter, ela sabia, nunca brigou com outros meninos. Nem Charlie Clow, da estrada norte. A parte estranha era que, embora ela desprezasse Charlie por um covarde, nunca lhe ocorreu desdenhar Walter. Simplesmente ele lhe parecia um habitante de um mundo próprio, onde prevaleciam diferentes tradições. Faith esperaria que um jovem anjo de olhos estrelados batesse sujo e sardento em Dan Reese por Walter Blythe. Ela não teria culpado o anjo e ela não culpou Walter Blythe. Mas ela desejou que Jem ou Jerry robusto estivessem lá e o insulto de Dan continuasse a irritar sua alma.

Walter não estava mais pálido. Ele ficou vermelho e seus lindos olhos estavam nublados de vergonha e raiva. Ele sabia que deveria ter vingado Faith. Jem teria chegado e faria Dan comer suas palavras com molho amargo. Ritchie Warren teria sobrecarregado Dan com "nomes" piores do que Dan havia chamado de Faith. Mas Walter não podia - simplesmente não podia - chamar nomes. Ele sabia que iria tirar o pior disso. Ele nunca poderia conceber ou proferir os insultos vulgar e irreverente dos quais Dan Reese tinha um comando ilimitado. E quanto ao julgamento por punho, Walter não pôde lutar. Ele odiava a ideia. Foi áspero e doloroso - e, pior de tudo, foi feio. Ele nunca conseguiu entender a exultação de Jem em um conflito ocasional. Mas ele desejou que ele pudesse lutar contra Dan Reese. Ele ficou terrivelmente envergonhado porque Faith Meredith havia sido insultada em sua presença e ele não havia tentado punir o insulador dela. Ele tinha certeza de que ela devia desprezá-lo. Ela nem tinha falado com ele desde que Dan a chamou de porquinha. Ele ficou contente quando eles se separaram.

A fé também foi aliviada, embora por uma razão diferente. Ela queria ficar sozinha porque de repente se sentiu um pouco nervosa com sua tarefa. O impulso esfriou, especialmente desde que Dan machucou seu respeito próprio. Ela deve continuar com isso, mas não tinha mais entusiasmo para sustentá-la.

Ela ia ver Norman Douglas e pedir que ele voltasse à igreja, e começou a ter medo dele. O que parecia tão fácil e simples no Glen parecia muito diferente aqui embaixo. Ela ouvira falar bastante sobre Norman Douglas e sabia que até os maiores garotos da escola tinham medo dele. Suponha que ele a chamasse de algo desagradável - ela ouvira que ele era dado a isso. Faith não podia suportar ser chamada de nomes - eles a subjugavam muito mais rapidamente do que um golpe físico. Mas ela continuava - Faith Meredith sempre continuava. Se não o fizesse, seu pai teria que deixar o Glen.

No final da longa faixa, Faith chegou à casa - uma grande e antiquada, com uma fileira de Lombardas militares marchando por ela. Na varanda dos fundos, o próprio Norman Douglas estava sentado, lendo um jornal. Seu cachorro grande estava ao lado dele. Atrás, na cozinha, onde sua empregada, a sra. Wilson, estava jantando, havia um barulho de pratos - um barulho de raiva, pois Norman Douglas acabara de brigar com a sra. Wilson, e ambos estavam de mau humor. acima dele. Consequentemente, quando Faith pisou na varanda e Norman Douglas abaixou o jornal, ela se viu olhando nos olhos coléricos de um homem irritado.

Norman Douglas era um personagem bonito em seu caminho. Ele tinha uma longa barba ruiva sobre o peito largo e uma juba de cabelos ruivos, desgrenhados pelos anos, em sua cabeça enorme. Sua testa alta e branca estava enrugada e seus olhos azuis ainda podiam brilhar com todo o fogo de sua juventude tempestuosa. Ele poderia ser muito amável quando quisesse, e ele poderia ser muito terrível. A Pobre Fé, tão ansiosamente empenhada em recuperar a situação em relação à igreja, o pegou em um de seus terríveis humores.

Ele não sabia quem ela era e olhou para ela com desagrado. Norman Douglas gostava de garotas de espírito, chamas e risadas. Nesse momento, Faith estava muito pálida. Ela era do tipo em que cor significa tudo. Sem as bochechas vermelhas, ela parecia mansa e até insignificante. Ela parecia apologética e com medo, e o valentão no coração de Norman Douglas se mexeu.

"Quem diabos é você? E o que você quer aqui? - ele exigiu em sua grande voz retumbante, com uma carranca feroz.

Pela primeira vez na vida, Faith não tinha nada a dizer. Ela nunca imaginou que Norman Douglas fosse assim. Ela ficou paralisada pelo terror dele. Ele viu e isso o deixou pior.

"Qual é o problema com você?" Ele explodiu. "Você parece querer dizer algo e estava com medo de dizer. O que está incomodando você? Confunda, fale, não é?

Não. Faith não pôde falar. Nenhuma palavra viria. Mas seus lábios

começaram a tremer.

"Pelo amor de Deus, não chore", gritou Norman. "Eu não suporto snivelling. Se você tem algo a dizer, diga e já o fez. Grande Kitty, a menina possui um espírito idiota? Não me olhe assim - sou humano - não tenho rabo! Quem é você, quem é você, eu digo?

A voz de Norman poderia ter sido ouvida no porto. As operações na cozinha foram suspensas. A sra. Wilson estava ouvindo de olhos abertos e olhos abertos. Norman colocou as mãos enormes e marrons nos joelhos e se inclinou para frente, encarando o rosto pálido e encolhido de Faith. Ele parecia pairar sobre ela como um gigante do mal de um conto de fadas. Ela sentiu como se ele a comesse na próxima coisa, corpo e ossos.

"Eu sou - Faith - Meredith", disse ela, em pouco mais que um sussurro.

"Meredith, ei? Um dos jovens do pastor, hein? Eu ouvi falar de você - eu ouvi falar de você! Montando porcos e quebrando o sábado! Muito bom! O que você quer aqui, ei? O que você quer do velho pagão, ei? *Eu* não peço favores de Parsons e eu não dou qualquer. O que você quer, eu digo?

Faith desejou-se a milhares de quilômetros de distância. Ela gaguejou seu pensamento em sua simplicidade nua.

"Eu vim, para pedir-lhe, para ir à igreja e pagar, para o salário."

Norman olhou para ela. Então ele explodiu novamente.

"Seu atrevido insolente - você! Quem te colocou nisso, jade? Quem colocou você nisso?

"Ninguém", disse a pobre Faith.

"Isso é uma mentira. Não minta para mim! Quem te enviou aqui? Não era seu pai - ele não tem o pulmão de uma pulga -, mas ele não mandava você fazer o que ele próprio não faz. Suponho que foram algumas delas que confundiram as velhas empregadas no Glen, foi? Não foi?

"Não - eu - eu apenas vim."

- Você me aceita como boba? - gritou Norman.

"Não, eu pensei que você fosse um cavalheiro", disse Faith fracamente, e certamente sem pensar em ser sarcástico.

Norman saltou.

"Não é da tua conta. Não quero ouvir mais nenhuma palavra sua. Se você não era tão criança, eu ensinaria você a interferir no que não lhe diz respeito. Quando eu quiser parsons ou dosadores de pílulas, eu os mandarei. Até que eu faça, não terei caminhão com eles. Voce entende? Agora saia, cara de queijo.

Faith saiu. Ela tropeçou cegamente pelos degraus, saiu do portão do quintal e entrou na rua. Na metade do caminho, seu torpor de medo passou e uma reação de raiva formigante a possuiu. Quando chegou ao fim da pista, estava com um

temperamento tão furioso como nunca havia experimentado antes. Os insultos de Norman Douglas queimavam em sua alma, acendendo uma chama abrasadora. Ir para casa! Ela não! Ela voltaria direto e diria àquele velho ogro exatamente o que pensava dele - mostraria a ele - oh, não? Cara de queijo, de fato!

Sem hesitar, ela se virou e voltou. A varanda estava deserta e a porta da cozinha fechada. Faith abriu a porta sem bater e entrou. Norman Douglas acabara de se sentar à mesa do jantar, mas ele ainda segurava o jornal. Faith caminhou inflexivelmente pela sala, pegou o papel da mão dele, jogou-o no chão e o estampou. Então ela o encarou, com seus olhos brilhantes e bochechas escarlates. Ela era uma fúria jovem tão bonita que Norman Douglas mal a reconheceu.

"O que a trouxe de volta?" Ele rosnou, mas mais perplexo do que com raiva.

Inquebrantemente, ela olhou de volta para os olhos furiosos, contra os quais tão poucas pessoas podiam se segurar.

"Voltei para lhe dizer exatamente o que penso de você", disse Faith em tons claros e toque. Não tenho medo de você. Você é um velho rude, injusto, tirânico e desagradável. Susan diz que você com certeza irá para o inferno, e eu senti muito por você, mas não estou agora. Sua esposa nunca teve um chapéu novo por dez anos - não admira que ela tenha morrido. Vou fazer caretas para você sempre que te ver depois disso. Toda vez que estou atrás de você, você saberá o que está acontecendo. Papai tem uma foto do diabo em um livro em seu escritório, e eu pretendo ir para casa e escrever seu nome embaixo. Você é um vampiro velho e espero que você tenha o violino escocês!

Faith não sabia o que um vampiro queria dizer, assim como não sabia o que era o violino escocês. Ela ouvira Susan usar as expressões e percebeu pelo tom que ambas eram coisas terríveis. Mas Norman Douglas sabia o que o último significava pelo menos. Ele ouvira em absoluto silêncio o discurso de Faith. Quando ela parou para respirar, com uma batida no pé, ele de repente caiu na gargalhada. Com um poderoso tapa na mão no joelho, ele exclamou:

- Juro que você tem coragem, afinal - eu gosto de coragem. Venha, sente-se, sente-se!

"Eu não vou." Os olhos de Faith brilharam mais apaixonadamente. Ela pensou que estava sendo ridicularizada - tratada com desprezo. Ela teria desfrutado de outra explosão de raiva, mas isso cortou fundo. "Eu não sentarei em sua casa. Eu estou indo para casa Mas estou feliz por ter voltado aqui e ter dito exatamente qual é minha opinião sobre você.

"Eu também - eu também", riu Norman. "Eu gosto de você - você está bem - você é ótima. Que rosas, que vim! Eu a chamei de cara de queijo? Ela nunca

cheirou um queijo. Sentar-se. Se você parecia assim no começo, garota! Então você escreverá meu nome embaixo da foto do diabo, não é? Mas ele é preto, menina, ele é preto - e eu sou vermelha. Não vai dar - não vai dar! E você espera que eu tenha o violino escocês, não é? Deus te amo, garota, eu tinha quando era menino. Não o deseje novamente. Sente-se, sente-se. Vamos tomar uma xícara de bondade.

"Não, obrigado", disse Faith, arrogante.

"Ah sim, você vai. Venha, venha agora, peço desculpas, garota - peço desculpas. Eu me fiz de bobo e sinto muito. O homem não pode dizer mais justo. Esquecer e perdoar. Aperte as mãos, garota - aperte as mãos. Ela não vai - não, ela não vai! Mas ela deve! Olha aqui, garota, se você apertar as mãos e partir o pão comigo, pagarei o que costumava pagar e vou à igreja no primeiro domingo de cada mês e farei Kitty Alec segure sua mandíbula. Eu sou o único no clã que pode fazer isso. É uma pechincha, menina?

Parecia uma pechincha. Faith se viu apertando a mão do ogro e depois sentando-se à prancha dele. Seu temperamento tinha terminado - os temperamentos de Faith nunca duravam muito -, mas a excitação ainda brilhava em seus olhos e carmesim em suas bochechas. Norman Douglas olhou para ela com admiração.

- Vá, consiga algumas de suas melhores conservas, Wilson - ele ordenou -, e pare de ficar de mau humor, mulher, pare de ficar de mau humor. E se tivéssemos uma briga, mulher? Uma boa tempestade limpa o ar e acelera as coisas. Mas sem chuviscos e neblina depois - sem chuviscos e neblina, mulher. Eu não suporto isso. Temperança em uma mulher, mas sem lágrimas por mim. Aqui, menina, está um pouco de carne e batatas bagunçadas para você. Comece por isso. Wilson tem um nome sofisticado, mas eu chamo macanaccady iluminado. Qualquer coisa que eu não consiga analisar na fila de comida que chamo de macanaccady e qualquer coisa molhada que me intriga, eu chamo de homem de verdade. O chá de Wilson é muito bom. Eu juro que ela sai de bardana. Não tome nenhum líquido preto ímpio - aqui está um pouco de leite para você. Como você disse que se chamava?

"Fé."

"Sem nome, sem nome! Não suporto esse nome. Tem mais algum?

"Não senhor."

"Não goste do nome, não goste. Não há smeddum nisso. Além disso, isso me faz pensar na minha tia Jinny. Ela chamou as três meninas de fé, esperança e caridade. Faith não acreditava em nada - Hope era um pessimista nato - e Charity era um avarento. Você deveria se chamar Rosa Vermelha - parece uma quando está brava. Eu ligo para você, Rosa Vermelha. E você me levou a

prometer ir à igreja? Mas lembre-se apenas uma vez por mês - apenas uma vez por mês. Venha agora, garota, você vai me deixar sair? Eu costumava pagar cem por salário todos os anos e frequentar a igreja. Se eu prometer pagar duzentos por ano, você me deixará ir à igreja? Venha agora!"

"Não, não, senhor", disse Faith, ondulando maliciosamente. "Eu quero que você vá à igreja também."

"Bem, uma pechincha é uma pechincha. Acho que aguento doze vezes por ano. Que sensação fará no primeiro domingo que eu for! E a velha Susan Baker diz que eu vou para o inferno, não é? Você acredita que eu irei para lá? Venha, agora, não é?

"Espero que não, senhor", gaguejou Faith em alguma confusão.

Por que você espera que não? Venha, agora, por que você espera que não? Dê-nos uma razão, menina, dê-nos uma razão.

- Deve ser um lugar muito desconfortável, senhor.

"Desconfortável? Tudo depende do seu gosto em confortável, menina. Eu logo me cansaria dos anjos. Agora, goste da velha Susan em uma auréola!

Faith gostava disso, e isso lhe dava tanto cócegas que ela teve que rir. Norman a olhou com aprovação.

"Veja a diversão, não é? Oh, eu gosto de você - você é ótima. Sobre esse assunto da igreja agora - seu pai pode pregar? "

"Ele é um esplêndido pregador", disse Faith leal.

"Ele é, ei? Eu vou ver - eu vou cuidar de falhas. É melhor ele tomar cuidado com o que ele diz antes de mim. Eu vou pegá-lo, vou tropeçar nele, vou ficar de olho em seus argumentos. Eu sou obrigado a me divertir um pouco com os negócios desta igreja. Ele já pregou o inferno?

"Não-o-o-acho que não."

"Que pena. Eu gosto de sermões sobre esse assunto. Você diz a ele que, se ele quer me manter de bom humor para pregar um bom sermão estridente no inferno uma vez a cada seis meses - e quanto mais enxofre, melhor. Eu gosto de fumar. E pense em todo o prazer que ele daria às velhas empregadas também. Todos ficavam olhando para o velho Norman Douglas e pensando: 'Isso é para você, seu velho réprobo. É isso que está reservado para VOCÊ! Darei dez dólares extras toda vez que seu pai pregar no inferno. Aqui está Wilson e a geléia. Assim, ei? Não é macanaccady. Gosto!"

Faith obedientemente engoliu a grande colher que Norman estendeu para ela. Felizmente, foi bom.

"Melhor geléia de ameixa do mundo", disse Norman, enchendo um pires grande e colocando-o diante dela. "Estou feliz por ter gostado. Vou lhe dar alguns jarros para levar para casa. Não há nada mau sobre mim - nunca houve. O

diabo não pode me pegar naquele canto, de qualquer maneira. Não foi minha culpa que Hester não usasse um chapéu novo por dez anos. Era o dela - ela beliscava os chapéus para economizar dinheiro para dar camaradas amarelos na China. *Eu* nunca dei um centavo a missões na minha vida - nunca darei. Nunca tente me enganar nisso! Cem por ano para o salário e a igreja uma vez por mês - mas não estraga os bons pagãos para fazer cristãos pobres! Ora, garota, eles não seriam adequados para o céu ou o inferno - limpos e mimados para qualquer lugar - limpos e mimados. Ei, Wilson, você ainda não sorriu? Bate tudo como vocês, mulheres, podem ficar de mau humor! *Eu* nunca *fiquei de* mau humor na minha vida - é apenas um grande lampejo e bate comigo e depois - pufe - a tempestade acabou e o sol está brilhando e você pode comer da minha mão. "

Norman insistiu em levar Faith para casa após o jantar e encheu o carrinho com maçãs, repolhos, batatas, abóboras e potes de geléia.

- Há uma bela gatinha no celeiro. Eu vou te dar isso também, se você quiser. Diga a palavra - ele disse.

"Não, obrigado", disse Faith decididamente. "Não gosto de gatos e, além disso, tenho um galo."

"Ouça ela. Você não pode abraçar um galo como um gatinho. Quem já ouviu falar em acariciar um galo? Melhor levar o pequeno Tom. Eu quero encontrar um bom lar para ele.

"Não. Tia Martha tem um gato e ele mataria um gatinho estranho.

Norman cedeu o argumento com certa relutância. Ele deu a Faith um emocionante caminho de volta para casa, atrás de sua selvagem filha de dois anos, e quando a deixou sair na porta da cozinha da mansão e jogou sua carga na varanda dos fundos, ele se afastou gritando:

"É apenas uma vez por mês - apenas uma vez por mês, lembre-se!"

Faith foi para a cama, sentindo-se um pouco tonta e sem fôlego, como se tivesse acabado de escapar das garras de um turbilhão genial. Ela estava feliz e agradecida. Agora não temam que tivessem que deixar o Glen, o cemitério e o Rainbow Valley. Mas ela adormeceu perturbada por um subconsciente desagradável que Dan Reese a chamara de porquinha e que, tendo tropeçado em um epíteto tão agradável, ele continuaria a chamá-la sempre que houvesse oportunidade.

CAPÍTULO XVII
UMA VITÓRIA DUPLA

Norman Douglas foi à igreja no primeiro domingo de novembro e fez toda a sensação que desejava. O Sr. Meredith apertou-lhe as mãos distraidamente nos degraus da igreja e esperou sonhadoramente que a sra. Douglas estivesse bem.

"Ela não estava muito bem pouco antes de eu a enterrar há dez anos, mas acho que ela tem uma saúde melhor agora", disse Norman, para horror e diversão de todos, exceto o Sr. Meredith, que ficou absorto em imaginar se ele teria deixou o último CAPÍTULO de seu sermão o mais claro possível, e não tinha a menor idéia do que Norman havia dito a ele ou a ele.

Norman interceptou Faith no portão.

"Mantive minha palavra, você vê - manteve minha palavra, Rosa Vermelha. Estou livre agora até o primeiro domingo de dezembro. Bom sermão, garota - bom sermão. Seu pai tem mais na cabeça do que ele carrega na cara. Mas ele se contradiz uma vez - diga a ele que se contradiz. E diga a ele que quero aquele sermão de enxofre em dezembro. Ótima maneira de encerrar o ano antigo - com um gostinho do inferno, você sabe. E qual é o problema de um belo e saboroso discurso no céu para o Ano Novo? Embora não fosse tão interessante quanto o inferno, garota - não a metade. Só gostaria de saber o que seu pai pensa sobre o céu - ele PODE pensar - a coisa mais rara do mundo - uma pessoa que pode pensar. Mas ele se contradiz. Ha, ha! Aqui está uma pergunta que você pode fazer em algum momento em que ele estiver acordado, garota. 'Deus pode fazer uma pedra tão grande que ele não poderia erguê-la?' Não esqueça agora. Eu quero ouvir a opinião dele sobre isso. Eu confundi muitos ministros com isso, garota.

Faith ficou feliz por escapar dele e correr para casa. Dan Reese, parado no meio da multidão de garotos no portão, olhou para ela e transformou sua boca em "porquinha", mas não ousou pronunciar em voz alta ali. O dia seguinte na escola era uma questão diferente. Ao meio-dia, Faith encontrou Dan na pequena plantação de abetos atrás da escola e Dan gritou mais uma vez:

"Porquinha! Menina porco! GAROTA GALO! "

Walter Blythe subitamente se levantou de uma almofada musgosa atrás de um pequeno grupo de abetos onde estava lendo. Ele estava muito pálido, mas seus olhos ardiam.

"Você segura sua língua, Dan Reese!", Ele disse.

Walter! - retrucou Dan, nada envergonhado. Ele saltou para o alto da cerca

e cantou insultuosamente:

"Covardia, custódia-covarde Roubou uma panela de mostarda,

Covarde, covarde!

- Você é uma coincidência! - disse Walter com desdém, ficando ainda mais branco. Ele tinha apenas uma idéia muito nebulosa do que era uma coincidência, mas Dan não tinha nenhuma e achou que devia ser algo particularmente desagradável.

"Yah! Covarde! - ele gritou ganho. "Sua mãe escreve mentiras - mentiras - mentiras! E Faith Meredith é uma porquinha - uma - porquinha - uma porquinha! E ela é uma garota de galo - uma garota de galo - uma garota de galo! Yah! Covardia - covardia - cust ...

Dan não avançou. Walter havia se arremessado pelo espaço intermediário e derrubado Dan da cerca com um golpe bem direcionado. A repentina expansão inglória de Dan foi recebida com uma explosão de risadas e palmas de Faith. Dan levantou-se, roxo de raiva, e começou a subir a cerca. Mas então a campainha da escola tocou e Dan sabia o que havia acontecido com garotos que estavam atrasados durante o regime de Hazard.

"Nós vamos lutar contra isso", ele uivou. "Covardia!"

"Quando você quiser", disse Walter.

"Oh, não, não, Walter", protestou Faith. "Não lute com ele. *Eu* não me importo com o que ele diz - eu não condescenderia com o gosto dele.

"Ele te insultou e insultou minha mãe", disse Walter, com a mesma calma mortal. "Hoje à noite depois da escola, Dan."

"Eu tenho que ir direto da escola para escolher farrapos depois das grades, diz o pai", respondeu Dan, emburrado. "Mas amanhã à noite vai dar."

- Tudo bem, amanhã à noite - concordou Walter.

"E eu vou esmagar sua cara de maricas para você", prometeu Dan.

Walter estremeceu - não tanto pelo medo da ameaça, mas pela repulsa pela feiúra e vulgaridade dela. Mas ele manteve a cabeça erguida e marchou para a escola. A fé seguiu um conflito de emoções. Ela odiava pensar em Walter lutando contra aquele pequeno furtivo, mas oh, ele tinha sido esplêndido! E ele estava indo lutar por ELA - Faith Meredith - para punir seu insolente! É claro que ele venceria - esses olhos significavam vitória.

A confiança de Faith em seu campeão havia diminuído um pouco à noite, no entanto. Walter parecia tão quieto e sem graça o resto do dia na escola.

"Se fosse apenas Jem", ela suspirou para Una, enquanto eles estavam sentados na lápide de Ezequias Pollock no cemitério. "Ele é um lutador - ele poderia acabar com Dan em pouco tempo. Mas Walter não sabe muito sobre brigas.

"Eu tenho tanto medo que ele se machuque", suspirou Una, que odiava brigar e não conseguia entender a sutil e secreta exultação que ela adivinhava em Faith.

"Ele não deveria estar", disse Faith desconfortavelmente. "Ele é tão grande quanto Dan."

"Mas Dan é muito mais velho", disse Una. "Ora, ele é quase um ano mais velho."

"Dan não lutou muito quando você conta", disse Faith. "Eu acredito que ele é realmente um covarde. Ele não achava que Walter lutaria ou não teria chamado nomes antes dele. Ah, se você pudesse ter visto o rosto de Walter quando ele olhou para ele, Una! Isso me fez tremer - com um bom arrepio. Ele parecia exatamente com Sir Galahad naquele poema que o pai leu para nós no sábado.

"Eu odeio o pensamento deles lutando e gostaria que pudesse ser interrompido", disse Una.

"Oh, tem que continuar agora", exclamou Faith. "É uma questão de honra. Não ouse contar a ninguém, Una. Se você o fizer, nunca mais vou lhe contar segredos!

"Eu não vou contar", concordou Una. "Mas não vou ficar amanhã para assistir à luta. Estou voltando para casa.

"Oh tudo bem. *Eu* tenho que estar lá - seria mau não, quando Walter está lutando por mim. Vou amarrar minhas cores no braço dele - é o que se deve fazer quando ele é meu cavaleiro. Que sorte a Sra. Blythe me deu aquela bonita fita azul no meu aniversário! Eu só usei duas vezes, então será quase novo. Mas gostaria de ter certeza de que Walter venceria. Será assim - tão humilhante se ele não o fizer.

Faith teria sido ainda mais duvidosa se pudesse ter visto seu campeão naquele momento. Walter havia voltado da escola com toda a sua ira justa em um fluxo baixo e um sentimento muito desagradável em seu lugar. Ele teve que lutar contra Dan Reese na noite seguinte - e ele não queria - ele odiava pensar nisso. E ele ficou pensando nisso o tempo todo. Nem por um minuto ele conseguiu se afastar do pensamento. Dói muito? Ele estava com muito medo de que isso doesse. E ele seria derrotado e envergonhado?

Ele não podia jantar nada que valesse a pena falar. Susan fez um lote grande de suas caras de macaco favoritas, mas ele só conseguiu sufocar uma. Jem comeu quatro. Walter se perguntou como ele poderia. Como NINGUÉM poderia comer? E como todos eles poderiam falar alegremente como estavam falando? Havia mãe, com seus olhos brilhantes e bochechas rosadas. Ela não sabia que seu filho tinha que lutar no dia seguinte. Ela seria tão gay se soubesse, Walter pensou sombriamente. Jem havia tirado a foto de Susan com sua nova câmera e

o resultado foi passado em volta da mesa e Susan ficou terrivelmente indignada com isso.

"Eu não sou bonita, Sra. Dra. Querida, e bem, eu sei disso, e sempre soube disso", disse ela em um tom ofendido, "mas eu sou tão feia quanto essa foto me mostra que nunca, não , nunca acredite. "

Jem riu disso e Anne riu novamente com ele. Walter não aguentou. Ele se levantou e fugiu para o quarto.

"Essa criança tem algo em mente, senhora Dra. Querida", disse Susan. "Ele não tem quase nada. Você acha que ele está tramando outro poema?

O pobre Walter estava muito distante do espírito dos reinos estrelados da poesia naquele momento. Ele apoiou o cotovelo no parapeito da janela aberta e apoiou a cabeça tristemente nas mãos.

- Venha para a praia, Walter - gritou Jem, entrando. - Os meninos vão queimar a grama do monte de areia esta noite. Pai diz que podemos ir. Vamos."

Em qualquer outro momento, Walter ficaria encantado. Ele se gloriou na queima da grama do monte de areia. Mas agora ele se recusava categoricamente a ir, e nenhum argumento ou pedido o comovia. Desapontado, Jem, que não se importava com a longa caminhada escura até Four Winds Point, retirou-se para o museu no sótão e se enterrou em um livro. Ele logo esqueceu sua decepção, se divertindo com os heróis do romance antigo, e fazendo uma pausa ocasional para se imaginar um general famoso, levando suas tropas à vitória em algum grande campo de batalha.

Walter ficou sentado à sua janela até a hora de dormir. Di entrou, esperando saber o que estava errado, mas Walter não podia falar sobre isso, nem mesmo com Di. Falar sobre isso parecia dar uma realidade da qual ele se encolheu. Já era tortura o suficiente para pensar nisso. As folhas nítidas e murchas farfalhavam nos áceres do lado de fora da janela. O brilho das rosas e das chamas havia desaparecido do céu oco e prateado, e a lua cheia subia gloriosamente sobre o vale do arco-íris. Ao longe, uma fogueira corada cortava uma página de glória no horizonte além das colinas. Era uma noite nítida e clara quando sons distantes eram ouvidos distintamente. Uma raposa latia através do lago; um motor estava engolindo na estação de Glen; um gaio-azul gritava loucamente no bosque; houve risadas no gramado do manse. Como as pessoas podiam rir? Como as raposas, os gaios-azuis e os motores poderiam se comportar como se nada fosse acontecer amanhã?

"Oh, eu gostaria que tivesse acabado", gemeu Walter.

Ele dormiu muito pouco naquela noite e teve muito trabalho para engolir o mingau de manhã. Susan era generosa em seus pratos. Hazard o considerou um aluno insatisfatório naquele dia. A inteligência de Faith Meredith também

parecia estar juntando lã. Dan Reese continuava desenhando imagens clandestinas de garotas, com cabeças de porco ou galo, em sua lousa e segurando-as para todos verem. As notícias da batalha que se aproximava vazaram e a maioria dos meninos e muitas das meninas estavam na plantação de abetos quando Dan e Walter procuraram após a escola. Una tinha ido para casa, mas Faith estava lá, amarrando a fita azul no braço de Walter. Walter estava agradecido por nem Jem, Di nem Nan estarem entre a multidão de espectadores. De alguma forma eles não ouviram falar do que estava ao vento e foram para casa, também. Walter encarou Dan sem se intimidar agora. No último momento, todo o seu medo desapareceu, mas ele ainda sentia nojo da idéia de lutar. Dan, observou-se, estava realmente mais pálido sob as sardas do que Walter. Um dos meninos mais velhos deu a palavra e Dan bateu no rosto de Walter.

Walter cambaleou um pouco. A dor do golpe formigou por toda a sua estrutura sensível por um momento. Então ele não sentiu mais dor. Algo, como ele nunca havia experimentado antes, parecia rolar sobre ele como uma inundação. Seu rosto ficou vermelho, seus olhos ardiam como chamas. Os estudiosos da escola Glen St. Mary nunca sonharam que "Miss Walter" pudesse ser assim. Ele se lançou para frente e fechou com Dan como um jovem gato selvagem.

Não havia regras particulares nas brigas dos garotos da escola em Glen. Era uma lata de pegar e pegar, e de qualquer maneira. Walter lutou com uma fúria selvagem e uma alegria na luta contra a qual Dan não conseguiu se defender. Tudo acabou muito rapidamente. Walter não tinha uma consciência clara do que estava fazendo até que de repente a névoa vermelha se dissipou de sua vista e ele se viu ajoelhado no corpo do Dan prostrado, cujo nariz - oh, horror! - estava jorrando sangue.

- Você já teve o bastante? - exigiu Walter entre os dentes cerrados.

Dan admitiu que sim.

"Minha mãe não escreve mentiras?"

"Não."

"Faith Meredith não é uma porquinha?"

"Não."

"Nem uma garota de galo?"

"Não."

"E eu não sou covarde?"

"Não."

Walter pretendia perguntar: "E você é um mentiroso?", Mas a piedade interveio e ele não humilhou mais Dan. Além disso, esse sangue era tão horrível.

"Você pode ir, então", disse ele com desdém.

Houve um barulho alto dos meninos que estavam empoleirados na cerca, mas algumas das meninas estavam chorando. Eles estavam assustados. Eles haviam visto brigas de estudantes antes, mas nada como Walter, como ele havia lutado com Dan. Havia algo de assustador nele. Eles pensaram que ele mataria Dan. Agora que tudo acabara, soluçavam histericamente - exceto Faith, que continuava tenso e carmesim.

Walter não ficou para qualquer medalha de conquistador. Ele pulou a cerca e correu morro abaixo para o vale do arco-íris. Ele não sentiu a alegria do vencedor, mas sentiu uma certa satisfação calma no dever cumprido e na honra vingada - misturada com um escrúpulo repugnante ao pensar no nariz sangrento de Dan. Tinha sido tão feio, e Walter odiava a feiura.

Além disso, ele começou a perceber que ele próprio estava um pouco dolorido e machucado. Seu lábio estava cortado e inchado e um olho parecia muito estranho. No vale do arco-íris, ele encontrou o Sr. Meredith, que voltava para casa depois de uma ligação à tarde no Miss Wests. Aquele reverendo cavalheiro olhou seriamente para ele.

"Parece-me que você está lutando, Walter?"

"Sim, senhor", disse Walter, esperando uma bronca.

"O que foi isso?"

"Dan Reese disse que minha mãe escreveu mentiras e que Faith era uma porquinha", respondeu Walter sem rodeios.

"Ah-h! Então você certamente estava justificado, Walter.

-Você acha certo lutar, senhor? - perguntou Walter, curioso.

"Nem sempre - e nem sempre - mas às vezes - sim, às vezes", disse John Meredith. "Quando as mulheres são insultadas, por exemplo - como no seu caso. Meu lema, Walter, é: não lute até ter certeza de que deve, e ENTÃO coloque toda a sua força nele. Apesar de várias descolorações, deduzo que você se saiu melhor.

"Sim. Eu o fiz levar tudo de volta.

"Muito bom, muito bom mesmo. Não achei que você fosse um lutador, Walter.

"Eu nunca lutei antes - e não queria ir até o fim - e depois", disse Walter, determinado a fazer um peito limpo, "eu gostei enquanto estava nele".

Os olhos do Rev. John brilharam.

"Você estava - um pouco assustada - no começo?"

"Fiquei muito assustado", disse Walter honestamente. - Mas não vou mais ter medo, senhor. Ter medo das coisas é pior do que as próprias coisas. Vou pedir ao pai que me leve até Lowbridge amanhã para tirar o dente.

"Certo novamente. "O medo é mais dor do que a dor que ele teme." Você

sabe quem escreveu isso, Walter? Foi Shakespeare. Havia algum sentimento, emoção ou experiência do coração humano que aquele homem maravilhoso não conhecia? Quando você voltar para casa, diga à sua mãe que tenho orgulho de você.

Walter não disse isso a ela, no entanto; mas ele contou a ela todo o resto, e ela simpatizou com ele e disse que estava feliz por ele ter defendido ela e Faith, e ela ungiu seus pontos doloridos e esfregou colônia na cabeça dolorida.

"Todas as mães são tão legais quanto você?" Perguntou Walter, abraçando-a. "Você vale a pena defender."

Cornelia e Susan estavam na sala quando Anne desceu as escadas e ouviram a história com muito prazer. Susan, em particular, ficou muito satisfeita.

-Estou muito feliz em saber que ele teve uma boa luta, senhora Dra. Querida. Talvez isso possa lhe tirar esse absurdo de poesia. E eu nunca, não, nunca poderia suportar aquela pequena víbora de Dan Reese. Você não vai se sentar mais perto do fogo, Sra. Marshall Elliott? Essas noites de novembro são muito frias.

"Obrigado, Susan, não estou com frio. Liguei para a mansão antes de vir para cá e me aquecer bastante - embora tivesse que ir à cozinha para fazer isso, pois não havia fogo em nenhum outro lugar. A cozinha parecia ter sido mexida com um pedaço de pau, acredite em mim. O Sr. Meredith não estava em casa. Não consegui descobrir onde ele estava, mas tenho uma ideia de que ele estava no Wests. Você sabe, Anne, querida, eles dizem que ele esteve lá frequentemente durante todo o outono e as pessoas estão começando a pensar que ele vai ver Rosemary.

"Ele conseguiría uma esposa muito charmosa se casasse com Rosemary", disse Anne, empilhando madeira flutuante no fogo. "Ela é uma das garotas mais deliciosas que eu já conheci - realmente uma das raças de Joseph."

- Sim, só que ela é episcopal - disse Miss Cornelia, duvidosa. "Claro, isso é melhor do que se ela fosse metodista - mas acho que o Sr. Meredith poderia encontrar uma esposa suficientemente boa em sua própria denominação. No entanto, muito provavelmente não há nada nele. Há apenas um mês, eu disse a ele: 'Você deveria se casar de novo, Sr. Meredith'. Ele parecia tão chocado como se eu tivesse sugerido algo impróprio. - Minha esposa está no túmulo dela, sra. Elliott - ele disse, daquele jeito gentil e santo dele. Suponho que sim disse eu, ou não o aconselharia a casar novamente. Então ele parecia mais chocado do que nunca. Então, duvido que haja muito nessa história de Rosemary. Se um único ministro telefona duas vezes em uma casa onde há uma mulher solteira, todas as fofocas têm, ele a está cortejando.

"Parece-me - se eu posso presumir dizer isso - que o Sr. Meredith é tímido

demais para cortejar uma segunda esposa", disse Susan solenemente.

"Ele não é tímido, acredite em mim", respondeu Miss Cornelia. "Distraído, sim, mas tímido, não. E, apesar de tudo, ele é tão abstrato e sonhador que tem uma opinião muito boa de si mesmo, semelhante ao homem, e quando ele está realmente acordado, não acha que é uma tarefa muito difícil pedir a qualquer mulher que o tenha. Não, o problema é que ele está se iludindo, acreditando que seu coração está enterrado, enquanto o tempo todo está batendo dentro dele como qualquer outra pessoa. Ele pode ter uma noção de Rosemary West e ele não pode. Se ele tiver, devemos fazer o melhor possível. Ela é uma menina doce e uma boa empregada, e seria uma boa mãe para aquelas crianças pobres e negligenciadas. E - concluiu Miss Cornelia resignada -, minha própria avó era episcopal.

CAPÍTULO XVIII
MARIA TRAZ MÁS NOTICIAS

Mary Vance, a quem a Sra. Elliott havia enviado para a mansão em uma missão, desceu o Rainbow Valley a caminho de Ingleside, onde passaria a tarde com Nan e Di como um presente de sábado. Nan e Di estavam colhendo chiclete com Faith e Una no bosque de manse e agora os quatro estavam sentados em um pinheiro caído perto do riacho, todos, é preciso admitir, mascando vigorosamente. Os gêmeos ingleses não tinham permissão para mascar chiclete em lugar nenhum, exceto na reclusão de Rainbow Valley, mas Faith e Una eram irrestritas por essas regras de etiqueta e a mastigavam alegremente em todos os lugares, em casa e no exterior, para o horror apropriado do Glen. Faith havia mastigado na igreja um dia; mas Jerry havia percebido a enormidade disso, "Eu estava com tanta fome que senti como se tivesse que mastigar alguma coisa", protestou ela. - Você sabe muito bem como foi o café da manhã, Jerry Meredith. Eu não podia comer mingau queimado e meu estômago parecia tão estranho e vazio. O chiclete ajudou muito - e eu não mastiguei MUITO. Não fiz barulho e nunca rachei o chiclete uma vez.

"Você não deve mascar chiclete na igreja", insistiu Jerry. "Não me deixe pegar você de novo."

"Você se mastigou na reunião de oração na semana passada", exclamou Faith.

"Isso é diferente", disse Jerry, orgulhoso. "A reunião de oração não é no domingo. Além disso, sentei-me nos fundos em um assento escuro e ninguém me viu. Você estava sentado bem na frente, onde todos viram você. E tirei o chiclete da minha boca pelo último hino e o colei na parte de trás do banco bem na frente, onde todos viam você. Então eu fui embora e esqueci. Voltei para buscá-lo na manhã seguinte, mas havia sumido. Suponho que Rod Warren o tenha roubado. E foi uma mastigação dândi.

Mary Vance desceu o vale com a cabeça erguida. Ela usava um novo boné de veludo azul com uma roseta escarlate, um casaco de tecido azul marinho e um pequeno regalo de pele de esquilo. Ela estava muito consciente de suas roupas novas e muito satisfeita consigo mesma. Seu cabelo estava delicadamente enrugado, seu rosto era bastante carnudo, as bochechas rosadas, os olhos brancos brilhando. Ela não se parecia muito com a desamparada e desolada que os Meredith haviam encontrado no velho celeiro Taylor. Una tentou não sentir inveja. Aqui estava Mary com um novo boné de veludo, mas ela e Faith tiveram que usar suas velhas e velhas dobras cinza novamente neste inverno. Ninguém

nunca pensou em adquiri-los novos e eles tinham medo de pedir ao pai deles por medo de que ele estivesse com pouco dinheiro e então se sentisse mal. Mary lhes disse uma vez que os ministros estavam semprecom pouco dinheiro e achou "muito difícil"

sobreviver. Desde então, Faith e Una teriam se metido em trapos, em vez de pedir alguma coisa ao pai, se pudessem evitar. Eles não se preocuparam muito com sua falta de jeito; mas estava tentando ver Mary Vance saindo com esse estilo e exibindo esses ares também. O novo regalo de esquilo foi realmente a gota d'água. Nem Faith nem Una tiveram um abafamento, considerando-se sortudos se pudessem compor luvas sem buracos. Tia Martha não conseguia enxergar buracos e, embora Una tentasse, ela ficou triste. De alguma forma, eles não podiam fazer a saudação de Maria muito cordial. Maria, porém, não se importou ou percebeu isso; ela não era excessivamente sensível. Ela saltou levemente para um assento no pinheiro e apoiou o regalo no galho. Una viu que estava forrada com cetim vermelho e borlas vermelhas. Ela olhou para suas próprias mãos roxas, rachadas, e se perguntou se alguma vez JÁ conseguiría colocá-las em um regalo assim.

- Dê uma mordida - disse Mary, amigavelmente. Nan, Di e Faith tiraram um ou dois nós de bolsos de âmbar e os passaram para Mary. Una ficou muito quieto. Ela tinha quatro grandes e adoráveis nós no bolso de sua pequena jaqueta apertada e sem fio, mas ela não daria um deles a Mary Vance - nenhum deixaria Mary escolher seu próprio chiclete! Pessoas com regalo de esquilo não precisam esperar ter tudo no mundo.

"Ótimo dia, não é?" Disse Mary, balançando as pernas, talvez melhor exibisse novas botas com tops de tecido muito inteligentes. Una colocou os pés debaixo dela. Havia um buraco na ponta de uma das botas e os dois cadarços estavam muito atados. Mas eles eram os melhores que ela tinha. Oh, essa Mary Vance! Por que eles não a deixaram no velho celeiro?

Una nunca se sentiu mal porque os gêmeos ingleses estavam mais bem vestidos do que ela e Faith. Eles usavam suas roupas bonitas com graça descuidada e nunca pareciam pensar nelas. De alguma forma, eles não fizeram as outras pessoas se sentirem surradas. Mas quando Mary Vance estava vestida, ela parecia exalar roupas - andar em uma atmosfera de roupas - para fazer todo mundo sentir e pensar em roupas. Una, sentada ali sob o sol cor de mel da graciosa tarde de dezembro, estava aguda e miseravelmente consciente de tudo o que vestia - o tampo desbotado, que ainda era o seu melhor, a jaqueta acanhada que usara durante três invernos, o buracos na saia e nas botas, a tremida insuficiência de suas pobres roupas íntimas. Claro, Mary estava saindo para uma visita e ela não estava. Mas, mesmo que tivesse sido, não tinha nada melhor para

vestir e nisto estava o aguilhão.

"Diga, isso é ótimo chiclete. Ouça-me quebrando. Não há chiclete no Four Winds - disse Mary. "Às vezes eu apenas anseio por uma mastigação. A Sra. Elliott não me deixa mascar chiclete se ela me vir. Ela diz que não é como uma dama. Esse negócio de mulheres me intriga. Não consigo entender tudo isso. Diga, Una, qual é o seu problema? O gato comeu sua língua?"

"Não", disse Una, que não conseguia tirar os olhos fascinados daquele regalo de esquilo. Mary se inclinou, pegou-a e enfiou-a nas mãos de Una.

"Coloque suas patas nisso por um tempo", ela ordenou. "Eles parecem classificadores beliscados. Não é um muff elegante? A senhora Elliott me deu na semana passada um presente de aniversário. Eu vou pegar a coleira no Natal. Eu a ouvi dizendo isso ao Sr. Elliott.

"Sra. Elliott é muito bom para você ", disse Faith.

"Você pode apostar que ela é. E também sou bom com ela - replicou Mary. "Eu trabalho como um negro para facilitar as coisas para ela e ter tudo como ela gosta. Nós fomos feitos um para o outro. Nem todos podem se dar bem com ela, assim como eu. Ela é pizen pura, mas eu também, e por isso concordamos bem.

"Eu disse que ela nunca iria chicoteá-lo."

"Então você fez. Ela nunca tentou colocar um dedo em mim e eu nunca contei uma mentira para ela - não é verdade que você vive. Às vezes ela me penteia com a língua, mas isso me escapa como água nas costas de um pato. Diga, Una, por que você não se agarrou ao muff?

Una colocou de volta no galho.

"Minhas mãos não estão frias, obrigado", disse ela rigidamente.

"Bem, se você estiver satisfeito, *eu* estou. Digamos, a velha Kitty Alec voltou à igreja tão mansa quanto Moisés e ninguém sabe o porquê. Mas todo mundo está dizendo que Faith trouxe Norman Douglas para fora. A governanta dele diz que você foi até lá e deu a ele uma terrível punição na língua. Você fez?"

"Fui e pedi que ele fosse à igreja", disse Faith desconfortavelmente.

-Goste da sua coragem! - disse Mary, admirada. " *Eu* não ousaria fazer isso e não sou tão lento. A sra. Wilson diz que vocês dois queixaram algo escandaloso, mas vocês se saem melhor e então ele simplesmente se vira e gosta de te comer. Diga, seu pai vai pregar aqui amanhã?

"Não. Ele vai trocar com o Sr. Perry de Charlottetown. Papai foi à cidade hoje de manhã e o Sr. Perry vai sair esta noite.

Pensei que havia algo no vento, embora a velha Martha não me desse nenhuma satisfação. Mas tive certeza de que ela não estaria matando aquele galo por nada.

"Que galo? Como assim? - exclamou Faith, empalidecendo.

" *Eu* não sei o galo. Eu não vi. Quando pegou a manteiga que a sra. Elliott enviou, ela disse que estava no celeiro matando um galo no jantar amanhã.

A fé brotou do pinheiro.

"É Adam - não temos outro galo - ela matou Adam."

"Agora, não fuja da maçaneta. Martha disse que o açougueiro no Glen não tinha carne esta semana e que ela tinha que ter alguma coisa e as galinhas estavam todas deitadas e muito pobres. "

"Se ela matou Adam ..." Faith começou a subir a colina.

Mary encolheu os ombros.

"Ela vai ficar louca agora. Ela gostava tanto desse Adam. Ele deveria estar no pote há muito tempo - ele será tão resistente quanto o couro. Mas *eu* não gostaria de estar no lugar de Martha. A fé é branca de raiva; Una, é melhor você ir atrás dela e tentar pacificá-la.

Mary deu alguns passos com as meninas Blythe quando Una de repente se virou e correu atrás dela.

-Aqui está um chiclete para você, Mary - disse ela, com um tom arrependido na voz, enfiando todos os quatro nós nas mãos de Mary -, e estou feliz que você tenha um muffin tão bonito.

"Ora, obrigada", disse Mary, bastante surpresa. Para as meninas Blythe, depois que Una se foi, ela disse: - Ela não é um pequeno ácaro? Mas eu sempre disse que ela tinha um bom coração.

CAPÍTULO XIX
POBRE ADÃO!

Quando Una chegou em casa, Faith estava deitada de bruços na cama, recusando-se totalmente a ser confortada. Tia Martha havia matado Adam. Ele estava repousando em uma bandeja na despensa naquele mesmo minuto, amarrado e vestido, rodeado por seu fígado, coração e moela. Tia Martha atendeu à paixão de Faith e raiva, nem um pouco.

"Tínhamos que ter algo para o estranho jantar do ministro", disse ela. "Você é uma garota muito grande para fazer tanto barulho por um galo velho. Você sabia que ele teria que ser morto algum dia.

"Vou contar ao pai, quando ele chegar em casa, o que você fez", soluçou Faith.

- Não vá incomodando seu pobre pai. Ele já tem problemas o suficiente. E eu sou empregada aqui.

"Adam era meu - senhora. Johnson o deu para mim. Você não tinha como tocá-lo - invadiu Faith.

"Não fique atrevida agora. O galo está morto e há um fim. Não vou designar nenhum ministro estranho para um jantar de carne de carneiro frita e crocante. Fui educado para saber melhor do que isso, se eu já caí no mundo. "

Faith não iria jantar naquela noite e ela não iria à igreja na manhã seguinte. Mas na hora do jantar ela foi para a mesa, os olhos inchados de tanto chorar, o rosto sombrio.

O reverendo James Perry era um homem elegante e rubicundo, com um bigode branco arrepiado, sobrancelhas espessas e brancas e uma cabeça careca e brilhante. Ele certamente não era bonito e era uma pessoa muito cansativa e pomposa. Mas se ele se parecesse com o Arcanjo Miguel e falasse com as línguas dos homens e dos anjos, Faith ainda o detestaria completamente. Ele esculpiu Adam com destreza, mostrando suas mãos brancas e gordas e um lindo anel de diamante. Além disso, ele fez comentários joviais durante toda a performance. Jerry e Carl riram, e até Una sorriu fracamente, porque ela pensou que a educação exigia isso. Mas Faith apenas fez uma careta sombria. O Rev. James achou suas maneiras chocantemente ruins. Uma vez, quando ele estava fazendo um comentário untuoso para Jerry, Faith rompeu bruscamente com uma contradição simples. O Rev. James juntou as sobrancelhas espessas para ela.

"As meninas não devem interromper", disse ele, "e não devem contradizer as pessoas que sabem muito mais do que sabem".

Isso colocou Faith em um temperamento pior do que nunca. Ser chamada

de "garotinha" como se não fosse maior que a gordinha Rilla Blythe em Ingleside! Era insuportável. E como aquele abominável Sr. Perry comeu! Ele até pegou os ossos do pobre Adam. Nem Faith nem Una tocariam um bocado, e consideravam os meninos um pouco melhores que os canibais. Faith achava que, se aquela terrível refeição não chegasse ao fim, ela acabaria jogando algo na cabeça brilhante do Sr. Perry. Felizmente, o Sr. Perry achou demais a torta de maçã de couro da tia Martha, mesmo por seus poderes mastigatórios, e a refeição terminou, depois de uma longa graça em que o Sr. Perry ofereceu agradecimentos devidos pela comida que uma providência gentil e beneficente tinha provido para sustento e prazer temperado.

"Deus não tinha nada a ver com fornecer Adão para você", murmurou Faith, rebelde, baixinho.

Os meninos fugiram alegremente para o exterior, Una foi ajudar a tia Martha com a louça - embora aquela velha dama bastante rabugenta nunca tenha recebido com agrado sua assistência tímida - e Faith se dirigiu ao escritório onde um fogo de lenha alegre queimava na lareira. Ela pensou que assim escaparia do odiado Sr. Perry, que anunciara sua intenção de tirar uma soneca em seu quarto durante a tarde. Mas Mal tinha Faith se acomodado em um canto, com um livro, quando ele entrou e, diante do fogo, começou a examinar o estudo desordenado com um ar de desaprovação.

"Os livros de seu pai parecem estar em certa confusão deplorável, minha garotinha", disse ele severamente.

Faith escureceu em seu canto e não disse uma palavra. Ela NÃO falaria com isso - essa criatura.

"Você deveria tentar colocá-los em ordem", continuou Perry, brincando com sua bonita corrente de relógio e sorrindo paternalmente para Faith. "Você tem idade suficiente para cumprir essas tarefas. Minha filha em casa tem apenas dez anos e ela já é uma excelente governanta e a maior ajuda e conforto para sua mãe. Ela é uma criança muito doce. Eu gostaria que você tivesse o privilégio de conhecê-la. Ela poderia ajudá-lo de várias maneiras. Obviamente, você não teve o privilégio inestimável de cuidar e treinar uma boa mãe. Uma falta triste - uma falta muito triste. Falei mais de uma vez com seu pai nesse sentido e apontei seu dever para ele fielmente, mas até agora sem efeito. Confio que ele pode despertar para a realização de sua responsabilidade antes que seja tarde demais. Enquanto isso, é seu dever e privilégio procurar ocupar o lugar de sua santa mãe. Você pode exercer uma grande influência sobre seus irmãos e sua irmãzinha - pode ser uma verdadeira mãe para eles. Receio que você não pense nessas coisas como deveria. Meu querido filho, permita-me abrir seus olhos em relação a eles.

A voz oleosa e complacente do Sr. Perry apareceu. Ele estava em seu

elemento. Nada o convinha melhor do que estabelecer a lei, apadrinhar e exortar. Ele não tinha ideia de parar e não parou. Ele estava diante do fogo, com os pés firmemente plantados no tapete e derramou uma inundação de banalidades pomposas. Faith não ouviu uma palavra. Ela realmente não estava ouvindo ele. Mas ela estava observando as longas caudas negras de seu casaco com um prazer travesso crescendo em seus olhos castanhos. O Sr. Perry estava em pé MUITO perto do fogo. O rabo do casaco começou a queimar - o rabo do casaco começou a fumar. Ele ainda continuou, envolvido em sua própria eloqüência. O rabo do casaco fumou pior. Uma pequena faísca voou da madeira queimando e pousou no meio de uma. Ele se agarrou e pegou e se espalhou em uma chama ardente.

O Sr. Perry parou, irritado com essa impertinência. De repente, ele ficou consciente de que um fedor de pano queimava enchendo a sala. Ele girou e não viu nada. Então ele bateu as mãos nas caudas do casaco e as trouxe à sua frente. Já havia um buraco em um deles - e este era o novo traje dele. Faith sacudiu com uma risada desamparada sua pose e expressão.

"Você viu minhas caudas de casaco queimando?" Ele exigiu, irritado.

"Sim, senhor", disse Faith timidamente.

"Por que você não me contou?" Ele exigiu, olhando para ela.

"Você disse que não era bom educar interromper, senhor", disse Faith, ainda mais humildemente.

"Se - se eu fosse seu pai, eu lhe daria uma surra de que você se lembraria a vida toda, senhorita", disse um cavalheiro reverendo muito zangado, enquanto saía do escritório. O casaco do segundo melhor traje do sr. Meredith não combinava com o sr. Perry, então ele teve que ir ao culto à noite com o rabo de casaco chamuscado. Mas ele não caminhou pelo corredor com sua consciência habitual da honra que estava conferindo ao edifício. Ele nunca mais concordaria com uma troca de púlpitos com o Sr. Meredith novamente, e ele era mal educado com o último quando se encontraram por alguns minutos na estação na manhã seguinte. Mas Faith sentiu uma certa satisfação sombria. Adam foi parcialmente vingado.

CAPÍTULO XX

A FAITH FAZ UM AMIGO

No dia seguinte na escola foi difícil para Faith. Mary Vance contou a história de Adam, e todos os estudiosos, exceto os Blythes, acharam uma piada. As meninas disseram a Faith, entre risadinhas, que era muito ruim, e os meninos escreveram notas sardônicas de condolências para ela. Pobre Faith voltou para casa da escola sentindo sua própria alma crua e dolorosa dentro dela.

"Estou indo para Ingleside para conversar com a sra. Blythe", ela soluçou. "Ela não rirá de mim, como todo mundo faz. Acabei de falar com alguém que entende o quanto estou me sentindo mal. "

Ela correu pelo vale do arco-íris. O encantamento estivera no trabalho na noite anterior. Havia caído uma neve leve e os abetos em pó sonhavam com uma primavera por vir e uma alegria por estar. A longa colina além era ricamente roxa com faias sem folhas. A luz rosada do pôr do sol pairava sobre o mundo como um beijo rosa. De todos os lugares arejados e cheios de fadas, cheios de graça estranha e elfa, o vale do arco-íris naquela noite de inverno era o mais bonito. Mas toda a sua beleza onírica se perdeu na pobre e infeliz pequena fé.

Perto do riacho, de repente ela se deparou com Rosemary West, que estava sentada no velho pinheiro. Ela estava voltando de Ingleside, onde estava dando aulas de música para as meninas. Ela ficou no Rainbow Valley por um bom tempo, olhando através de sua beleza branca e vagando por alguns caminhos de sonho. A julgar pela expressão de seu rosto, seus pensamentos eram agradáveis. Talvez o leve toque ocasional dos sinos dos Amantes das Árvores tenha trazido um pequeno sorriso espreitando aos lábios. Ou talvez tenha sido ocasionado pela consciência de que John Meredith raramente deixava de passar a noite de segunda-feira na casa cinzenta na colina varrida pelo vento.

Nos sonhos de Rosemary estourou Faith Meredith cheia de amargura rebelde. Faith parou abruptamente quando viu a senhorita West. Ela não a conhecia muito bem - apenas o suficiente para falar quando se conheceram. E ela não queria ver ninguém naquele momento - exceto a Sra. Blythe. Ela sabia que seus olhos e nariz estavam vermelhos e inchados e odiava que um estranho soubesse que estava chorando.

"Boa noite, senhorita West", disse ela desconfortavelmente.

"Qual é o problema, Faith?" Perguntou Rosemary gentilmente.

"Nada", disse Faith em breve.

"Oh!" Rosemary sorriu. "Você não quer dizer nada que possa dizer aos

estrangeiros, não é?"

Faith olhou para Miss West com repentino interesse. Aqui estava uma pessoa que entendeu as coisas. E como ela era bonita! Quão dourados eram os cabelos dela debaixo do chapéu felpudo! Quão rosadas estavam as bochechas sobre o casaco de veludo! Como seus olhos eram azuis e amigáveis! Faith achava que a senhorita West poderia ser uma amiga adorável - se ao menos ela fosse amiga em vez de estranha!

"Eu ... vou contar à senhora Blythe", disse Faith. "Ela sempre entende - ela nunca ri de nós. Eu sempre converso com ela. Isso ajuda."

-Querida garota, lamento ter que lhe dizer que a senhora Blythe não está em casa - disse Miss West, com simpatia. "Ela foi a Avonlea hoje e só voltará no final da semana."

O lábio de Faith tremeu.

"Então eu poderia muito bem ir para casa novamente", disse ela miseravelmente.

-Suponho que sim - a menos que você pense que pode falar comigo comigo - disse Miss Rosemary gentilmente. "É de grande ajuda conversar sobre isso. *Eu* sei Acho que não consigo entender tão bem quanto a sra. Blythe, mas prometo que não vou rir.

"Você não iria rir lá fora", hesitou Faith. "Mas você pode - por dentro."

"Não, eu também não riria por dentro. Por que eu deveria? Algo te machucou - nunca me diverte ver alguém machucado, não importa o que os machuque. Se você sente que gostaria de me dizer o que o machucou, ficarei feliz em ouvir. Mas se você acha que prefere não, tudo bem também, querida.

Faith deu outra olhada longa e sincera nos olhos da senhorita West. Eles eram muito sérios - não havia risos neles, nem mesmo longe, muito atrás. Com um pequeno suspiro, sentou-se no velho pinheiro ao lado de sua nova amiga e contou tudo sobre Adam e seu destino cruel.

Rosemary não riu ou teve vontade de rir. Ela entendeu e simpatizou - na verdade, era quase tão boa quanto a sra. Blythe - sim, muito bem.

"Senhor. Perry é um ministro, mas ele deveria ter sido um AÇOUGUEIRO - disse Faith amargamente. "Ele gosta tanto de esculpir as coisas. Ele gostava de cortar o pobre Adam em pedaços. Ele apenas o cortou como se fosse um galo comum.

"Entre você e eu, Faith, *eu* também não gosto muito do Sr. Perry", disse Rosemary, rindo um pouco - mas para o Sr. Perry, não para Adam, como Faith claramente entendeu. "Eu nunca gostei dele. Eu fui para a escola com ele - ele era um garoto Glen, você sabe - e ele era um pequeno detestável detestável até então. Ah, como nós, as meninas, odiamos segurar suas mãos gordas e úmidas

nos jogos. Mas devemos lembrar, querida, que ele não sabia que Adam tinha sido um animal de estimação seu. Ele pensou que era apenas um galo comum. Devemos ser justos, mesmo quando estamos terrivelmente feridos. "

"Suponho que sim", admitiu Faith. - Mas por que todo mundo parece engraçado que eu devesse amar tanto Adam, senhorita West? Se tivesse sido um gato velho e horrível, ninguém o teria achado estranho. Quando o gatinho de Lottie Warren teve as pernas cortadas pelo fichário, todo mundo sentiu pena dela. Ela chorou dois dias na escola e ninguém riu dela, nem mesmo Dan Reese. E todos os seus companheiros foram ao funeral do gatinho e a ajudaram a enterrá-lo - só que eles não podiam enterrar suas pobres patinhas com ele, porque não conseguiam encontrá-los. Foi uma coisa horrível que aconteceu, é claro, mas não acho que foi tão terrível quanto ver seu animal de estimação COMIDO. No entanto, todo mundo ri de mim.

"Acho que é porque o nome 'galo' parece um tanto engraçado", disse Rosemary gravemente. "Tem algo que é cômico. Agora, 'frango' é diferente. Não parece tão engraçado falar em amar uma galinha.

-Adam era a galinha mais querida, senhorita West. Ele era apenas uma bolinha de ouro. Ele corria até mim e bicava na minha mão. E ele era bonito quando cresceu também - branco como a neve, com uma cauda branca tão bonita e curva, embora Mary Vance tenha dito que era muito curta. Ele sabia seu nome e sempre vinha quando eu o chamava - ele era um galo muito inteligente. E tia Martha não tinha o direito de matá-lo. Ele era meu. Não foi justo, senhorita West?

"Não, não foi", disse Rosemary decididamente. "Não é um pouco justo. Lembro-me de ter uma galinha de estimação quando menina. Ela era uma coisinha tão bonita - toda dourada e manchada. Eu a amava tanto quanto eu já amei qualquer animal de estimação. Ela nunca foi morta - ela morreu de velhice. Mãe não a mataria porque ela era minha mascote.

"Se minha mãe estivesse vivendo, ela não deixaria Adam ser morto", disse Faith. "Aliás, o pai também não teria, se ele estivesse em casa e soubesse disso. Tenho certeza de que não, senhorita West.

"Eu também tenho certeza", disse Rosemary. Havia um pouco de rubor no rosto. Ela parecia bastante consciente, mas Faith não notou nada.

- Foi MUITO perverso da minha parte não contar ao Sr. Perry que as caudas do casaco estavam queimando? - perguntou ela, ansiosa.

"Oh, terrivelmente perversa", respondeu Rosemary, com olhos dançantes. "Mas *eu* teria sido tão desobediente, Faith - *eu* não teria dito a ele que estavam queimando - e eu não acredito que algum dia eu sentiria um pouco pela minha maldade."

"Una pensou que eu deveria ter dito a ele porque ele era um ministro."

"Querido, se um ministro não se comporta como um cavalheiro, não somos obrigados a respeitar a cauda do casaco. Eu sei *que* adoraria ver as caudas do casaco de Jimmy Perry queimando. Deve ter sido divertido.

Ambos riram; mas Faith terminou com um suspiro amargo.

"Bem, de qualquer maneira, Adam está morto e eu nunca mais vou amar nada."

"Não diga isso, querida. Sentimos muita falta da vida se não amamos. Quanto mais amamos, mais rica é a vida - mesmo que seja apenas um animal de estimação peludo ou de penas. Você gostaria de um canário, Faith - um pedacinho de ouro? Se você quiser, eu lhe darei uma. Temos dois em casa.

"Oh, eu gostaria disso", exclamou Faith. Eu amo pássaros. Apenas - o gato da tia Martha comia? É tão trágico comer seus animais de estimação. Eu não acho que poderia suportar uma segunda vez.

"Se você pendurar a gaiola longe o suficiente da parede, não acho que o gato possa machucá-la. Vou lhe dizer como cuidar disso e levarei para Ingleside para você na próxima vez que descer.

Para si mesma, Rosemary estava pensando:

"Isso dará a todas as fofocas do Glen algo para falar, mas eu não vou me importar. Quero confortar esse pobre coraçãozinho.

A fé foi consolada. Simpatia e compreensão eram muito doces. Ela e a senhorita Rosemary sentaram-se no pinheiro velho até o crepúsculo descer suavemente sobre o vale branco e a estrela da noite brilhando sobre o bosque de bordo cinza. Faith contou a Rosemary toda sua pequena história e esperanças, seus gostos e desgostos, os meandros da vida na mansão, os altos e baixos da sociedade escolar. Finalmente eles separaram amigos firmes.

O Sr. Meredith estava, como sempre, perdido em sonhos quando o jantar começou naquela noite, mas atualmente um nome perfurou sua abstração e o trouxe de volta à realidade. Faith estava dizendo a Una sobre seu encontro com Rosemary.

"Ela é simplesmente adorável, eu acho", disse Faith. "Tão legal quanto a Sra. Blythe, mas diferente. Eu senti como se quisesse abraçá-la. Ela me abraçou - um abraço tão agradável e aveludado. E ela me chamou de 'mais querida'. Isso me emocionou. Eu poderia contar a ela QUALQUER COISA.

"Então você gostou da senhorita West, Faith?", Perguntou Meredith, com uma entonação bastante estranha.

"Eu a amo", exclamou Faith.

"Ah!" Disse o Sr. Meredith. Ah!

CAPÍTULO XXI
A PALAVRA IMPOSSÍVEL

John Meredith caminhou meditativamente pela nítida nitidez de uma noite de inverno em Rainbow Valley. As colinas além brilhavam com o brilho esplêndido e frio da luz da lua na neve. Toda pequena árvore de abeto no longo vale cantava sua própria canção selvagem à harpa de vento e geada. Seus filhos e os rapazes e moças de Blythe estavam descendo a encosta leste e zunindo sobre o lago vítreo. Eles estavam tendo um tempo glorioso e suas vozes gays e risadas alegres ecoavam de um lado para o outro do vale, morrendo em cadências élficas entre as árvores. À direita, as luzes de Ingleside brilhavam através do bosque com a atração e o convite geniais que parecem sempre brilhar nos faróis de uma casa onde sabemos que há amor, bom humor e boas-vindas a todos os parentes. seja de carne ou espírito. O Sr. Meredith gostava muito de ocasionalmente passar uma noite discutindo com o médico pelo fogo à deriva, onde os famosos cães chineses de Ingleside vigiavam incansavelmente a enfermaria, como se tornaram divindades da lareira, mas esta noite ele não parecia dessa maneira. Longe, na colina ocidental, brilhava uma estrela mais pálida, porém mais atraente. O Sr. Meredith estava a caminho de ver Rosemary West, e pretendia contar a ela algo que florescia lentamente em seu coração desde o primeiro encontro deles e florescera na noite anterior, quando Faith expressou calorosamente sua admiração por Rosemary. . onde os famosos cães chineses de Ingleside vigiavam e vigiavam incessantemente, como se tornaram divindades da lareira, mas esta noite ele não parecia assim. Longe, na colina ocidental, brilhava uma estrela mais pálida, porém mais atraente. O Sr. Meredith estava a caminho de ver Rosemary West, e ele pretendia contar a ela algo que havia lentamente florescido em seu coração desde o primeiro encontro deles e que floresceu na noite em que Faith expressou com entusiasmo sua admiração por Rosemary. . onde os famosos cães chineses de Ingleside vigiavam e vigiavam incessantemente, como se tornaram divindades da lareira, mas esta noite ele não parecia assim. Longe, na colina ocidental, brilhava uma estrela mais pálida, porém mais atraente. O Sr. Meredith estava a caminho de ver Rosemary West, e ele pretendia contar a ela algo que havia lentamente florescido em seu coração desde o primeiro encontro deles e que floresceu na noite em que Faith expressou com entusiasmo sua admiração por Rosemary. .

Ele percebeu que havia aprendido a cuidar de Rosemary. Não como ele se importava com Cecilia, é claro. Isso foi completamente diferente. Aquele amor pelo romance, sonho e glamour nunca poderia, ele pensou, retornar. Mas

Rosemary era linda, doce e querida - muito querida. Ela era a melhor das companheiras. Ele estava mais feliz na companhia dela do que jamais esperava estar novamente. Ela seria uma amante ideal para sua casa, uma boa mãe para seus filhos.

Durante os anos de sua viuvez, o Sr. Meredith recebeu inúmeras sugestões de irmãos do Presbitério e de muitos paroquianos que não podiam ser suspeitos de qualquer motivo oculto, bem como de alguns que podiam, que ele deveria se casar novamente: Mas essas sugestões nunca causou nenhuma impressão nele. Costumava-se pensar que ele nunca estava ciente deles. Mas ele estava bastante consciente deles. E em suas visitas ocasionais ao senso comum, ele sabia que a coisa mais sensata a ele fazer era se casar. Mas o senso comum não era o ponto forte de John Meredith, e escolher, deliberada e a sangue-frio, alguma mulher "adequada", como se pode escolher uma governanta ou um parceiro de negócios, era algo que ele era incapaz de fazer. Como ele odiava a palavra "adequado". Isso o lembrou fortemente de James Perry. "Uma mulher capaz de SUIT em idade adequada", dissera o irmão untuoso do tecido, em sua sugestão longe de ser sutil. No momento, John Meredith tinha um desejo perfeitamente inacreditável de se apressar loucamente e propor casamento à mulher mais jovem e inadequada que era possível descobrir.

A sra. Marshall Elliott era sua grande amiga e ele gostava dela. Mas quando ela lhe disse sem rodeios que ele deveria se casar novamente, sentiu como se ela tivesse arrancado o véu que pairava diante de algum santuário sagrado de sua vida mais íntima, e ele tinha mais ou menos medo dela desde então. Ele sabia que havia mulheres em sua congregação "em idade adequada" que se casariam com ele com bastante facilidade. Esse fato se infiltrara em toda a sua abstração desde muito cedo em seu ministério em Glen St. Mary. Elas eram mulheres boas, substanciais e desinteressantes, uma ou duas razoavelmente graciosas, as outras não exatamente assim e John Meredith teria pensado em se casar com qualquer uma delas e se enforcar. Ele tinha alguns ideais aos quais nenhuma necessidade aparente poderia torná-lo falso. Ele não podia pedir a nenhuma mulher que ocupasse o lugar de Cecilia em sua casa, a menos que ele pudesse oferecer a ela pelo menos um pouco do carinho e homenagem que ele havia dado à sua noiva. E onde, em seu conhecimento feminino limitado, uma mulher assim poderia ser encontrada?

Rosemary West entrara em sua vida naquela noite de outono, trazendo com ela uma atmosfera na qual seu espírito reconhecia o ar nativo. Do outro lado do golfo da estranheza, apertaram as mãos da amizade. Ele a conhecia melhor naqueles dez minutos na primavera oculta do que Emmeline Drew ou Elizabeth Kirk ou Amy Annetta Douglas em um ano, ou poderia conhecê-las, em um

século. Ele fugiu para ela em busca de conforto quando a sra. Alec Davis ultrajou sua mente e alma e a encontrou. Desde então, ele costumava ir à casa na colina, percorrendo os caminhos sombrios da noite em Rainbow Valley com tanta astúcia que as fofocas de Glen nunca podiam ter certeza absoluta de que ele foi ver Rosemary West. Uma ou duas vezes ele foi pego na sala de estar do oeste por outros visitantes; isso era tudo o que o Ladies 'Aid tinha que passar. Mas quando Elizabeth Kirk ouviu, ela guardou uma esperança secreta que se permitira valorizar, sem uma mudança de expressão em seu rosto gentil e gentil, e Emmeline Drew resolveu que, na próxima vez em que visse um certo solteirão de Lowbridge, ela não desprezaria. ele como ela fez em uma reunião anterior. É claro que, se Rosemary West quisesse pegar o ministro, ela o pegaria; ela parecia mais jovem do que ela era e os homens a consideravam bonita; além disso, as meninas do oeste tinham dinheiro! e Emmeline Drew resolveu que na próxima vez em que visse um certo solteirão de Lowbridge, não o desprezaria, como havia feito em uma reunião anterior. É claro que, se Rosemary West quisesse pegar o ministro, ela o pegaria; ela parecia mais jovem do que ela era e os homens a consideravam bonita; além disso, as meninas do oeste tinham dinheiro! e Emmeline Drew resolveu que na próxima vez em que visse um certo solteirão de Lowbridge, não o desprezaria, como havia feito em uma reunião anterior. É claro que, se Rosemary West quisesse pegar o ministro, ela o pegaria; ela parecia mais jovem do que ela era e os homens a consideravam bonita; além disso, as meninas do oeste tinham dinheiro!

"Espera-se que ele não seja tão distraído a ponto de propor Ellen por engano", foi a única coisa maliciosa que ela se permitiu dizer a uma irmã simpática, Drew. Emmeline não guardou mais rancor por Rosemary. Quando tudo foi dito e feito, um solteirão livre era muito melhor do que um viúvo com quatro filhos. Foi apenas o glamour da mansão que cegou temporariamente os olhos de Emmeline para a melhor parte.

Um trenó com três ocupantes berrantes acelerou passando o Sr. Meredith para o lago. Os longos cachos de Faith corriam ao vento e seu riso ecoava acima do dos outros. John Meredith cuidou deles gentilmente e com saudade. Ele estava feliz por seus filhos terem amigos como os Blythes - feliz por terem um amigo tão sábio, alegre e terno como a Sra. Blythe. Mas eles precisavam de algo mais, e que algo seria fornecido quando ele trouxesse Rosemary West como noiva para a velha mansão. Havia nela uma qualidade essencialmente materna.

Era sábado à noite e ele não costumava telefonar no sábado à noite, que deveria ser dedicado a uma revisão cuidadosa do sermão de domingo. Mas ele escolheu essa noite porque soube que Ellen West estaria fora e Rosemary estaria sozinha. Muitas vezes, como passara noites agradáveis na casa da colina, nunca

mais, desde aquela primeira reunião na primavera, via Rosemary sozinha. Ellen sempre esteve lá.

Ele não se opôs precisamente a Ellen estar lá. Ele gostava muito de Ellen West e eles eram os melhores amigos. Ellen tinha uma compreensão quase masculina e um senso de humor que sua própria apreciação tímida e escondida da diversão achou muito agradável. Ele gostava do interesse dela em política e eventos mundiais. Não havia homem no Glen, nem mesmo o dr. Blythe, que compreendia melhor essas coisas.

"Acho que é bom estar interessado nas coisas enquanto você vive", ela disse. "Se você não é, não me parece que haja muita diferença entre os rápidos e os mortos."

Ele gostava da voz agradável, profunda e estridente; ele gostou da risada calorosa com a qual ela sempre terminava uma história alegre e bem contada. Ela nunca deu a ele escavações sobre seus filhos, como outras mulheres Glen fizeram; ela nunca o entediava com fofocas locais; ela não tinha maldade nem insignificância. Ela sempre foi esplendidamente sincera. O Sr. Meredith, que adotou o modo de classificar as senhoritas Cornelia, considerou que Ellen pertencia à raça de Joseph. No total, uma mulher admirável para uma cunhada. No entanto, um homem não queria nem mesmo a mais admirável das mulheres quando estava propondo outra mulher. E Ellen estava sempre por perto. Ela não insistiu em falar com o sr. Meredith o tempo todo. Ela deixou Rosemary ter uma parte justa dele. Muitas noites, de fato, Ellen se apagou quase totalmente, sentando-se no canto com St. George no colo e deixando o Sr. Meredith e Rosemary conversar, cantar e ler livros juntos. Às vezes eles esqueciam bastante a presença dela. Mas se a conversa ou a escolha de duetos traiu a menor tendência para o que Ellen considerava fenomenal, Ellen prontamente cortou a tendência pela raiz e apagou Rosemary pelo resto da noite. Mas nem mesmo o mais sombrio dos dragões amáveis pode impedir completamente uma certa linguagem sutil de olho e sorriso e silêncio eloqüente; e assim o namoro do ministro progrediu de certa maneira. Às vezes eles esqueciam bastante a presença dela. Mas se a conversa ou a escolha de duetos traiu a menor tendência para o que Ellen considerava fenomenal, Ellen prontamente cortou a tendência pela raiz e apagou Rosemary pelo resto da noite. Mas nem mesmo o mais sombrio dos dragões amáveis pode impedir completamente uma certa linguagem sutil de olho e sorriso e silêncio eloqüente; e assim o namoro do ministro progrediu de certa maneira. Às vezes eles esqueciam bastante a presença dela. Mas se a conversa ou a escolha de duetos traiu a menor tendência para o que Ellen considerava fenomenal, Ellen prontamente cortou a tendência pela raiz e apagou Rosemary pelo resto da noite. Mas nem mesmo o mais sombrio dos

dragões amáveis pode impedir completamente uma certa linguagem sutil de olho e sorriso e silêncio eloqüente; e assim o namoro do ministro progrediu de certa maneira. Mas nem mesmo o mais sombrio dos dragões amáveis pode impedir completamente uma certa linguagem sutil de olho e sorriso e silêncio eloqüente; e assim o namoro do ministro progrediu de certa maneira. Mas nem mesmo o mais sombrio dos dragões amáveis pode impedir completamente uma certa linguagem sutil de olho e sorriso e silêncio eloqüente; e assim o namoro do ministro progrediu de certa maneira.

Mas, para alcançar um clímax, esse clímax deve ocorrer quando Ellen estiver fora. E Ellen raramente estava longe, principalmente no inverno. Ela achou sua própria lareira o lugar mais agradável do mundo, prometeu. Gadding não tinha atração por ela. Ela gostava de companhia, mas queria isso em casa. O Sr. Meredith quase foi levado à conclusão de que ele deveria escrever para Rosemary o que ele queria dizer, quando Ellen anunciou casualmente uma noite que ela estava indo para um casamento de prata no próximo sábado à noite. Ela era dama de honra quando os diretores se casaram. Apenas convidados antigos foram convidados, então Rosemary não foi incluída. O Sr. Meredith ergueu um pouco os ouvidos e um brilho brilhou em seus sonhadores olhos escuros. Ellen e Rosemary viram; e Ellen e Rosemary sentiram, "É melhor acabar logo com isso, St. George", Ellen disse severamente ao gato preto, depois que o Sr. Meredith voltou para casa e Rosemary subiu silenciosamente as escadas. "Ele quer perguntar a ela, St. George - eu tenho certeza disso. Então ele pode ter a chance de fazer isso e descobrir que não pode pegá-la, George. Ela prefere levá-lo, Saint. Eu sei disso - mas ela prometeu, e ela tem que manter sua promessa. Sinto muito em alguns aspectos, St. George. Não conheço um homem que teria mais cedo como cunhado se um cunhado fosse conveniente. Eu não tenho nada contra ele, Saint - nada exceto que ele não verá e não poderá ver que o Kaiser é uma ameaça à paz da Europa. Esse é o seu ponto cego. Mas ele é uma boa companhia e eu gosto dele. Uma mulher pode dizer o que quiser a um homem com uma boca como a de John Meredith e ter certeza de não ser mal interpretada. Um homem assim é mais precioso que rubis, Saint - e muito mais raro, George. Mas ele não pode ter Rosemary - e suponho que quando ele descobrir que não pode tê-la, ele nos abandonará. E sentiremos falta dele, Saint - sentiremos falta dele, algo escandaloso, George. Mas ela prometeu, e verei que ela mantém sua promessa!

O rosto de Ellen parecia quase feio em sua resolução mais baixa. No andar de cima, Rosemary estava chorando em seu travesseiro.

Então, o Sr. Meredith encontrou sua dama sozinha e muito bonita. Rosemary não fez nenhum banheiro especial para a ocasião; ela queria, mas

achava absurdo se vestir para um homem que você pretendia recusar. Então, ela usava seu vestido liso escuro da tarde e parecia uma rainha nele. Sua excitação reprimida coloriu seu rosto com brilho, seus grandes olhos azuis eram poças de luz menos plácidas do que o habitual.

Ela desejou que a entrevista terminasse. Ela tinha esperado ansiosamente por isso o dia inteiro com pavor. Ela tinha certeza de que John Meredith se importava muito com ela de certa maneira - e tinha tanta certeza de que ele não se importava com ela quanto de seu primeiro amor. Ela sentiu que sua recusa o decepcionaria consideravelmente, mas ela não achava que isso o sobrecarregaria. No entanto, ela odiava fazê-lo; odiava por ele e - Rosemary era bastante honesta consigo mesma - por si mesma. Ela sabia que poderia ter amado John Meredith se - se isso fosse permitido. Ela sabia que a vida seria uma coisa em branco se, rejeitado como amante, ele se recusasse mais a ser amigo. Ela sabia que poderia ser muito feliz com ele e que poderia fazê-lo feliz. Mas entre ela e a felicidade estava o portão da prisão da promessa que ela fizera a Ellen anos atrás. Rosemary não conseguia se lembrar do pai. Ele morreu quando ela tinha apenas três anos de idade. Ellen, que tinha treze anos, lembrava-se dele, mas sem ternura especial. Ele era um homem severo e reservado muitos anos mais velho que sua bela e bela esposa. Cinco anos depois, seu irmão de doze anos também morreu; desde a sua morte, as duas meninas sempre moravam sozinhas com a mãe. Eles nunca haviam se misturado muito livremente na vida social de Glen ou Lowbridge, embora para onde fossem a inteligência e o espírito de Ellen e a doçura e beleza de Rosemary os fizessem receber convidados. Ambos tiveram o que foi chamado de "uma decepção" na infância. O mar não havia desistido do amante de Rosemary; e Norman Douglas, Não faltavam candidatos para os lugares de Martin e Norman, mas nenhum parecia encontrar favor aos olhos das meninas do Ocidente, que se afastaram lentamente da juventude e do bellehood sem nenhum arrependimento aparente. Eles eram devotados à mãe, que era inválida crônica. Os três tinham um pequeno círculo de interesses em casa - livros, animais de estimação e flores - que os deixavam felizes e contentes.

A morte da sra. West, que ocorreu no vigésimo quinto aniversário de Rosemary, foi um pesar amargo para eles. A princípio eles estavam intoleravelmente solitários. Ellen, especialmente, continuou a lamentar-se, suas reflexões longas e sombrias interrompidas apenas por acessos de choro tempestuoso e apaixonado. O velho médico de Lowbridge disse a Rosemary que ele temia uma melancolia permanente ou pior.

Certa vez, quando Ellen ficou sentada o dia inteiro, recusando-se a falar ou comer, Rosemary se jogou de joelhos ao lado da irmã.

"Oh, Ellen, você ainda me tem", disse ela implorando. Não sou nada para

você? Nós sempre nos amávamos.

"Eu não vou ter você sempre", Ellen disse, quebrando seu silêncio com intensidade severa. "Você se casará e me deixará. Eu serei deixado sozinho. Não suporto o pensamento - NÃO POSSO. Eu preferia morrer."

"Eu nunca vou me casar", disse Rosemary, "nunca, Ellen."

Ellen se inclinou para frente e olhou com perspicácia nos olhos de Rosemary.

"Você me promete isso solenemente?" Ela disse. "Prometa na Bíblia da mãe."

Rosemary consentiu de uma vez, bastante disposta a humor Ellen. O que isso importa? Ela sabia muito bem que nunca iria querer se casar com ninguém. Seu amor se afundara com Martin Crawford nas profundezas do mar; e sem amor ela não podia se casar com ninguém. Então ela prometeu prontamente, embora Ellen tenha feito um ritual bastante assustador. Eles apertaram as mãos sobre a Bíblia, no quarto vago de sua mãe, e ambos juraram um ao outro que nunca se casariam e sempre viveriam juntos.

A condição de Ellen melhorou a partir dessa hora. Ela logo recuperou seu equilíbrio alegre normal. Por dez anos, ela e Rosemary viveram felizes na casa velha, sem serem perturbadas por qualquer pensamento de se casar ou se casar. A promessa deles sentou-se muito levemente neles. Ellen nunca deixou de lembrar sua irmã sempre que qualquer criatura masculina elegível cruzava seu caminho, mas nunca ficou realmente alarmada até John Meredith chegar em casa naquela noite com Rosemary. Quanto a Rosemary, a obsessão de Ellen em relação a essa promessa sempre fora um pouco de alegria para ela - até recentemente. Agora, era um grilhão impiedoso, auto-imposto, mas nunca para ser abalado. Por causa disso esta noite, ela deve desviar o rosto da felicidade.

Era verdade que o amor tímido, doce e botão de rosa que ela dera a seu namorado, ela nunca poderia dar a outro. Mas agora sabia que poderia dar a John Meredith um amor mais rico e feminino. Ela sabia que ele tocava profundidades em sua natureza que Martin nunca havia tocado - que talvez não estivesse na garota de dezessete anos para tocar. E ela deve mandá-lo embora esta noite - mandá-lo de volta para sua lareira solitária, sua vida vazia e seus problemas de partir o coração, porque ela prometera a Ellen, dez anos antes, na Bíblia de sua mãe, que nunca se casaria.

John Meredith não aproveitou a oportunidade imediatamente. Pelo contrário, ele conversou por duas boas horas sobre o assunto menos amante. Ele até tentou política, embora a política sempre entedia Rosemary. Os últimos começaram a pensar que ela estava completamente enganada, e seus medos e expectativas de repente pareciam grotescos. Ela se sentiu plana e tola. O brilho

saiu de seu rosto e o brilho de seus olhos. John Meredith não tinha a menor intenção de pedir que ela se casasse com ele.

E então, de repente, ele se levantou, atravessou a sala e, ao lado da cadeira dela, perguntou. A sala ficou terrivelmente quieta. Até St. George deixou de ronronar. Rosemary ouviu seu próprio coração bater e tinha certeza de que John Meredith também deveria ouvir.

Agora era a hora de ela dizer não, gentilmente, mas com firmeza. Ela estava pronta há dias com sua pequena fórmula arrependida e arrependida. E agora as palavras desapareceram completamente de sua mente. Ela teve que dizer não - e de repente descobriu que não podia dizer. Era a palavra impossível. Ela sabia agora que não era que ela poderia amar John Meredith, mas que ela o amava. O pensamento de tirá-lo da vida dela era agonia.

Ela deve dizer ALGO; ela ergueu a cabeça dourada e curvou-se e pediu-lhe que gaguejasse alguns dias por - para consideração.

John Meredith ficou um pouco surpreso. Ele não era vaidoso do que qualquer homem tem o direito de ser, mas esperava que Rosemary West dissesse sim. Ele tinha certeza de que ela se importava com ele. Então, por que essa dúvida - essa hesitação? Ela não era uma menina da escola para ter dúvidas quanto à sua própria mente. Ele sentiu um choque feio de decepção e consternação. Mas ele concordou com o pedido dela com sua cortesia gentil infalível e foi embora imediatamente.

- Vou lhe contar em alguns dias - disse Rosemary, com olhos baixos e rosto ardente.

Quando a porta se fechou atrás dele, ela voltou ao quarto e torceu as mãos.

CAPÍTULO XXII
ST. GEORGE SABE TUDO

À meia-noite, Ellen West estava voltando para casa do casamento de prata de Pollock. Ela ficou um pouco depois que os outros convidados se foram, para ajudar a noiva de cabelos grisalhos a lavar a louça. A distância entre as duas casas não era longa e a estrada era boa, de modo que Ellen estava gostando da caminhada de volta para casa ao luar.

A noite tinha sido agradável. Ellen, que não estava em uma festa há anos, achou muito agradável. Todos os convidados eram membros de seu antigo conjunto e não havia juventude intrusiva para estragar o sabor, pois o único filho da noiva e do noivo estava longe na faculdade e não podia estar presente. Norman Douglas estava lá e eles se conheceram socialmente pela primeira vez em anos, embora ela o tivesse visto uma ou duas vezes na igreja naquele inverno. Nem o mínimo sentimento foi despertado no coração de Ellen pelo encontro. Ela estava acostumada a pensar, quando pensava nisso, como poderia ter gostado dele ou se sentir tão mal por seu casamento repentino. Mas ela gostava de encontrá-lo novamente. Ela tinha esquecido o quão estimulante e estimulante ele poderia ser. Nenhuma reunião ficou estagnada quando Norman Douglas estava presente. Todos ficaram surpresos quando Norman chegou. Era sabido que ele nunca foi a lugar algum. Os Pollock o convidaram porque ele tinha sido um dos convidados originais, mas eles nunca pensaram que ele viria. Ele levara sua prima de segundo grau, Amy Annetta Douglas, para jantar e parecia bastante atenta a ela. Mas Ellen sentou-se do outro lado da mesa e teve uma discussão animada com ele - uma discussão durante a qual todos os seus gritos e brincadeiras não poderiam perturbá-la e na qual ela se saiu melhor, pavimentando Norman com tanta compostura e tão completamente que ficou em silêncio por dez anos. minutos. No final do período, ele murmurou em sua barba corada - "corajosa como sempre - corajosa como sempre" - e começou a odiar Amy Annetta, Ellen pensou sobre essas coisas enquanto caminhava para casa, provando-as com reminiscência de sabor. O ar iluminado pela lua brilhava com gelo. A neve estalou sob seus pés. Abaixo dela, estava o Glen, com o porto branco adiante. Havia uma luz no estudo da mansão. Então John Meredith tinha ido para casa. Ele pediu para Rosemary se casar com ele? E depois de que moda ela fez sua recusa conhecida? Ellen sentiu que nunca saberia disso, embora estivesse bastante curiosa. Ela tinha certeza de que Rosemary nunca lhe contaria nada e não ousaria perguntar. Ela deve apenas se contentar com o fato da recusa. Afinal, essa era a única coisa que realmente importava.

"Espero que ele tenha bom senso para voltar de vez em quando e ser amigável", disse ela para si mesma. Ela não gostava tanto de ficar sozinha que pensar em voz alta era um de seus dispositivos para contornar a solidão indesejada. "É horrível nunca ter um corpo humano com cérebro para conversar de vez em quando. E como ele nunca mais chegará perto de casa. Também há Norman Douglas - eu gosto desse homem e gostaria de ter uma boa discussão empolgante com ele de vez em quando. Mas ele nunca ousaria pensar em temer que as pessoas pensassem que ele estava me cortejando de novo - por medo de que eu ache isso também, muito provavelmente - embora ele seja mais um estranho para mim agora do que John Meredith. Parece um sonho que poderíamos ter sido beaus. Mas aqui está - há apenas dois homens no Glen com quem eu gostaria de conversar - e com as fofocas e esse negócio miserável de fazer amor, não é provável que eu jamais os veja novamente. Eu poderia ", disse Ellen, abordando as estrelas impassíveis com uma ênfase maldosa," eu poderia ter feito um mundo melhor eu mesmo ".

Ela parou no portão com uma súbita vaga sensação de alarme. Ainda havia uma luz na sala e, de um lado para o outro, através das persianas, a sombra de uma mulher caminhando sem descanso para cima e para baixo. O que Rosemary estava fazendo acordada a essa hora da noite? E por que ela estava andando como um lunático?

Ellen entrou suavemente. Quando ela abriu a porta do corredor, Rosemary saiu da sala. Ela estava corada e sem fôlego. Uma atmosfera de estresse e paixão pairava sobre ela como uma roupa.

"Por que você não está na cama, Rosemary?" Exigiu Ellen.

"Venha aqui", disse Rosemary intensamente. "Eu quero te contar uma coisa."

Ellen removeu os envoltórios e os casacos e seguiu a irmã até a sala quente e iluminada pelo fogo. Ela ficou com a mão na mesa e esperou. Ela estava muito bonita, em seu próprio estilo sombrio e de sobrancelha negra. O novo vestido de veludo preto, com seu trem e decote em V, que ela havia feito propositadamente para a festa, tornou-se sua figura imponente e maciça. Ela usava enrolada no pescoço o rico colar pesado de contas de âmbar, que era uma herança de família. Sua caminhada no ar gelado tinha picado suas bochechas em um vermelho escarlate. Mas seus olhos azul-aço eram tão gelados e inflexíveis quanto o céu da noite de inverno. Ela ficou esperando em um silêncio que Rosemary só poderia quebrar por um esforço convulsivo.

"Ellen, o Sr. Meredith esteve aqui esta noite."

"Sim?"

"E - e - ele me pediu em casamento."

"Então eu esperava. Claro, você o recusou?

"Não."

"Rosemary." Ellen apertou as mãos e deu um passo involuntário para a frente. "Você quer me dizer que o aceitou?"

"Não não."

Ellen recuperou seu autocontrole.

"O que voce fez em seguida?"

"Eu - pedi a ele que me desse alguns dias para pensar sobre isso."

- Mal vejo por que isso foi necessário - disse Ellen, friamente desdenhosa - quando há apenas uma resposta que você pode dar a ele.

Rosemary estendeu as mãos suplicante.

"Ellen", ela disse desesperadamente, "eu amo John Meredith, quero ser sua esposa. Você vai me libertar dessa promessa?

"Não", disse Ellen, impiedosa, porque ela estava doente de medo.

"Ellen, Ellen-"

"Ouça", interrompeu Ellen. "Eu não lhe pedi essa promessa. Você ofereceu.

"Eu sei eu sei. Mas não achei que pudesse me importar com alguém de novo.

"Você ofereceu", continuou Ellen, imóvel. "Você prometeu sobre a Bíblia de nossa mãe. Era mais do que uma promessa - era um juramento. Agora você quer quebrá-lo.

"Eu só pedi para você me libertar disso, Ellen."

"Eu não vou fazer isso. Uma promessa é uma promessa aos meus olhos. Eu não vou fazer isso. Quebre sua promessa - seja perdoado, se quiser - mas não será com nenhum consentimento meu.

"Você é muito duro comigo, Ellen."

"Duro com você! E eu? Você já pensou em qual seria minha solidão aqui se você me deixasse? Eu não aguentava - eu enlouquecia. Eu não posso viver sozinho. Não fui uma boa irmã para você? Eu já me opus a algum desejo seu? Não te entreguei a tudo?

"Sim Sim."

"Então por que você quer me deixar por esse homem que você não tinha visto um ano atrás?"

"Eu o amo, Ellen."

"Ame! Você fala como uma falta da escola em vez de uma mulher de meia idade. Ele não ama você. Ele quer uma governanta e uma governanta. Você não o ama. Você quer ser "sra." - é uma daquelas mulheres de mente fraca que pensam que é uma desgraça ser classificada como uma empregada idosa. É tudo o que há para fazer.

Rosemary tremeu. Ellen não podia, ou não iria entender. Não adiantava discutir com ela.

"Então você não vai me libertar, Ellen?"

Não, não vou. E não voltarei a falar disso. Você prometeu e tem que manter sua palavra. Isso é tudo. Ir para a cama. Olha as horas! Você é todo romântico e excitado. Amanhã você será mais sensato. De qualquer forma, não me deixe ouvir mais nada disso. Ir."

Rosemary ficou sem outra palavra, pálida e sem espírito. Ellen caminhou tempestuamente pela sala por alguns minutos, depois parou diante da cadeira onde St. George dormia calmamente a noite toda. Um sorriso relutante tomou conta de seu rosto escuro. Houve apenas um momento em sua vida - o tempo da morte de sua mãe - em que Ellen não foi capaz de temperar tragédia com comédia. Mesmo naquela amargura há muito tempo, quando Norman Douglas a abandonara, de certa forma, ela ria de si mesma tantas vezes quanto chorara.

- Espero que haja algum mau humor, St. George. Sim, santo, espero que passemos alguns dias desagradáveis de neblina. Bem, vamos resistir a eles, George. Já lidamos com crianças tolas antes, Saint. Rosemary fica de mau humor por um tempo - e depois supera isso - e tudo ficará como antes, George. Ela prometeu - e ela tem que cumprir sua promessa. E essa é a última palavra sobre o assunto que direi a você ou a ela ou a alguém, santo.

Mas Ellen ficou selvagemente acordada até de manhã.

Não houve mau humor, no entanto. Rosemary estava pálida e quieta no dia seguinte, mas além disso Ellen não conseguiu detectar nenhuma diferença nela. Certamente, ela parecia não guardar rancor a Ellen. Como estava tempestuoso, não houve menção de ir à igreja. À tarde, Rosemary se trancou no quarto e escreveu um bilhete para John Meredith. Ela não podia confiar em si mesma para dizer "não" pessoalmente. Ela tinha certeza de que, se ele suspeitasse que ela estava dizendo "não" com relutância, ele não aceitaria uma resposta, e ela não poderia enfrentar pedidos ou súplicas. Ela deve fazê-lo pensar que não se importava com ele e só podia fazer isso por carta. Ela escreveu para ele a recusa mais rígida e legal que se possa imaginar. Mal foi cortês; certamente não deixava nenhuma brecha de esperança para o amante mais ousado - e John Meredith era tudo menos isso. Ele se encolheu, magoado e mortifícado, quando leu a carta de Rosemary no dia seguinte em seu escritório empoeirado. Mas, sob sua mortificação, uma realização terrível se fez sentir. Ele pensara que não amava Rosemary tão profundamente quanto amava Cecilia. Agora, quando ele a havia perdido, ele sabia que sim. Ela era tudo para ele - tudo! E ele deve tirá-la de sua vida completamente. Até a amizade era impossível agora. A vida se estendia diante dele em tristeza intolerável. Ele deve continuar - havia o trabalho dele - os

filhos -, mas o coração se fora dele. Ele ficou sozinho a noite toda em seu escritório escuro, frio e sem conforto, com a cabeça baixa nas mãos.

"O que as mulheres fariam se nunca tivessem sido inventadas dores de cabeça, St. George? Mas não importa, santo. Vamos piscar o outro olho por algumas semanas. Admito que não me sinto à vontade, George. Sinto como se tivesse afogado um gatinho. Mas ela prometeu, Saint - e ela foi a única a oferecer, George. Bismillah!

CAPÍTULO XXIII

O CLUBE DE BOA CONDUTA

Uma chuva leve caíra o dia inteiro - uma pequena, delicada e linda chuva de primavera, que de alguma forma parecia sugerir e sussurrar flores da primavera e violetas que acordavam. O porto, o golfo e os campos baixos da costa estavam escuros com névoas cinza-pérola. Mas agora à noite a chuva cessara e as névoas haviam soprado para o mar. Nuvens espalhavam o céu sobre o porto como pequenas rosas ardentes. Além disso, as colinas eram escuras contra um esplendor esbanjador de narciso e vermelho. Uma grande estrela prateada da noite estava vigiando o bar. Um vento forte e dançante soprava de Rainbow Valley, resinoso com os odores do abeto e dos musgos úmidos. Cantou nos velhos abetos vermelhos ao redor do cemitério e arrepiou os esplêndidos cachos de Faith quando ela se sentou na lápide de Ezequias Pollock, com os braços em volta de Mary Vance e Una. Carl e Jerry estavam sentados em frente a eles em outra lápide e todos estavam cheios de travessuras depois de ficarem presos o dia inteiro.

"O ar brilha esta noite, não é? Foi lavado tão limpo, você vê - disse Faith alegremente.

Mary Vance olhou-a sombriamente. Sabendo o que sabia, ou imaginava que sabia, Mary considerou que Faith era muito alegre. Mary tinha algo em mente para dizer e pretendia dizê-lo antes de voltar para casa. A sra. Elliott a enviou para a mansão com alguns ovos recém-postos e disse-lhe para não ficar mais de meia hora. A meia hora estava quase acabando, então Mary desenrolou suas pernas apertadas e disse abruptamente:

"Não se preocupe com o ar. Apenas você me escuta. Vocês, jovens, têm que se comportar melhor do que estão fazendo nesta primavera - é tudo o que há para isso. Acabei de chegar de propósito noturno para lhe dizer isso. A maneira como as pessoas estão falando sobre você é horrível.

"O que estamos fazendo agora?", Exclamou Faith, espantada, afastando o braço de Mary. Os lábios de Una tremeram e sua pequena e sensível alma se encolheu dentro dela. Maria sempre foi tão brutalmente franca. Jerry começou a assobiar por bravata. Ele pretendia deixar Mary ver que ele não se importava com suas tiradas. O comportamento deles não era da conta dela. Que direito ELA lhes daria um sermão sobre sua conduta?

"Fazendo agora! Você está fazendo o tempo todo - replicou Mary. "Assim que a conversa sobre um de seus didos desaparece, você faz outra coisa para

recomeçar. Parece-me que você não tem idéia de como os filhos de homens devem se comportar!

"Talvez você possa nos dizer", disse Jerry, extremamente sarcástico.

O sarcasmo foi bastante jogado fora em Mary.

" *Eu* posso lhe dizer o que acontecerá se você não aprender a se comportar. A sessão pedirá que seu pai renuncie. Agora, mestre Jerry, sabe tudo. A sra. Alec Davis disse isso à sra. Elliott. Eu a ouvi. Eu sempre tenho meus ouvidos eriçados quando a Sra. Alec Davis vem para o chá. Ela disse que todos vocês estavam indo de mal a pior e que, embora fosse apenas o que era esperado quando você não tinha ninguém para apresentá-lo, ainda assim não se podia esperar que a congregação o tolerasse por muito mais tempo, e algo teria ser feito. Os metodistas apenas riem e riem de você, e isso magoa os sentimentos presbiterianos. ELA diz que todos precisam de uma boa dose de tônico de bétula. Lor ', se isso faria as pessoas boas euDeveria ser um jovem santo. Não estou lhe dizendo isso porque quero magoar SEUS sentimentos. Sinto muito por você. - Mary era amante da arte suave da condescendência. " *Eu* entendo que você não tem muita chance, do jeito que as coisas são. Mas outras pessoas não pagam tanto quanto *eu* . Drew diz que Carl tinha um sapo no bolso na Escola Dominical no último domingo e pulou enquanto ela ouvia a lição. Ela diz que vai desistir da aula. Por que você não guarda suas braçadeiras em casa?

"Coloquei de volta", disse Carl. "Não machucou ninguém - um sapinho pobre! E eu gostaria que a velha Jane Drew desistisse de nossa aula. Eu a odeio. O sobrinho dela tinha um pedaço de tabaco sujo no bolso e nos ofereceu uma mastigação quando o Élder Clow estava orando. Acho que isso é pior que um sapo.

"Não, porque os sapos são mais inesperados. Eles fazem mais uma sensação. Além disso, ele não foi pego nisso. E então aquela competição de oração que você teve na semana passada causou um escândalo de medo. Todo mundo está falando sobre isso.

"Ora, os Blythes estavam nisso tanto quanto nós", exclamou Faith, indignada. "Foi Nan Blythe quem sugeriu isso em primeiro lugar. E Walter levou o prêmio.

"Bem, você recebe o crédito de qualquer maneira. Não teria sido tão ruim se você não o tivesse no cemitério.

"Acho que um cemitério era um lugar muito bom para orar", replicou Jerry.

"O diácono Hazard passou quando você estava orando", disse Mary, "e ele viu e ouviu você, com as mãos cruzadas sobre o estômago e gemendo após cada frase. Ele pensou que você estava tirando sarro dele.

"Eu estava", declarou Jerry descaradamente. "Só que eu não sabia que ele

estava passando, é claro. Isso foi apenas um acidente. *Não* estava rezando de verdade - sabia que não tinha chance de ganhar o prêmio. Então, eu estava conseguindo o máximo de diversão possível. Walter Blythe pode orar valentão. Por que ele pode orar tanto quanto o pai.

"Una é o único dos EUA que realmente gosta de orar", disse Faith, pensativa.

"Bem, se orar escandaliza tanto as pessoas, não devemos mais fazê-lo", suspirou Una.

"Shucks, você pode orar tudo o que quiser, apenas não no cemitério - e não brinque com isso. Foi isso que tornou tudo tão ruim - e fazer uma festa de chá nas lápides.

"Nós não tínhamos."

"Bem, uma festa de bolhas de sabão então. Você teve algo. O pessoal do porto jura que você fez uma festa de chá, mas estou disposto a aceitar sua palavra. E você usou essa lápide como mesa.

"Bem, Martha não nos deixou soprar bolhas em casa. Ela ficou horrível naquele dia - explicou Jerry. "E esta laje velha fez uma mesa tão alegre."

"Eles não eram bonitos?", Exclamou Faith, seus olhos brilhando sobre a lembrança. "Eles refletiam as árvores, as colinas e o porto como pequenos mundos de fadas, e quando os soltamos, eles flutuaram para o vale do arco-íris."

"Todos, exceto um, acabaram e explodiram na torre metodista", disse Carl.

"Estou feliz por termos feito isso uma vez, antes de descobrirmos que estava errado", disse Faith.

"Não seria errado jogá-los no gramado", disse Mary, impaciente. "Parece que eu não posso bater em nenhum sentido em suas cabeças. Você já foi informado com frequência de que não deveria brincar no cemitério. Os metodistas são sensíveis a isso.

"Nós esquecemos", disse Faith com tristeza. "E o gramado é tão pequeno - e tão lagarto - e tão cheio de arbustos e outras coisas. Não podemos estar no vale do arco-íris o tempo todo - e para onde vamos?

"São as coisas que você faz no cemitério. Não importaria se você apenas sentasse aqui e conversasse quieto, como estamos fazendo agora. Bem, não sei o que vai dar tudo, mas sei que o Élder Warren vai falar com seu pai sobre isso. O diácono Hazard é primo dele.

"Eu gostaria que eles não incomodassem o pai sobre nós", disse Una.

"Bem, as pessoas pensam que ele deveria se preocupar um pouco mais com você. *Eu não ... eu o* entendo. Ele é uma criança de certa forma - é isso que ele é e precisa de alguém para cuidar dele tão mal quanto você. Bem, talvez ele tenha alguém em breve, se todas as histórias forem verdadeiras.

"Como assim?" Perguntou Faith.

- Você não tem idéia - honesto? - exigiu Mary.

"Não não. O que você quer dizer?"

"Bem, você é muitos inocentes, de acordo com a minha palavra. Todo mundo está falando disso. Seu pai vai ver Rosemary West. Ela será sua madrasta.

"Eu não acredito", gritou Una, corando de vermelho.

"Bem, *eu não* sei. Eu apenas sigo o que as pessoas dizem. *Eunão* dê por um fato. Mas seria uma coisa boa. Rosemary West faria você acertar em cheio se ela viesse aqui, aposto um centavo, por tudo que ela é tão doce e sorridente no rosto. Eles são sempre assim até pegá-los. Mas você precisa de alguém para trazê-lo à tona. Você está desonrando seu pai e eu sinto por ele. Eu sempre pensei muito em seu pai desde aquela noite em que ele falou tão bem comigo. Nunca disse palavrões desde então, nem menti. E gostaria de vê-lo feliz e confortável, com os botões e as refeições decentes, e vocês jovens lambendo a forma, e aquele velho gato de uma Martha colocou em seu lugar. A maneira como ela olhou para os ovos que eu a trouxe hoje à noite. "Espero que sejam frescos", diz ela. Eu só queria que eles estivessem podres. Mas você só se importa que ela lhe dê uma no café da manhã, incluindo seu pai. Faça um barulho, se ela não fizer. Foi para isso que eles foram enviados - mas não confio na velha Martha. Ela é bastante capaz de alimentá-los com seu gato.

Como a língua de Mary estava temporariamente cansada, um breve silêncio caiu sobre o cemitério. Os filhos da mansão não tinham vontade de conversar. Eles estavam digerindo as idéias novas e não totalmente palatáveis que Mary lhes sugerira. Jerry e Carl ficaram um pouco assustados. Mas, afinal, o que importava? E não era provável que houvesse uma palavra de verdade nela. A fé, em geral, ficou satisfeita. Somente Una estava seriamente chateada. Ela sentiu que gostaria de fugir e chorar.

"Haverá estrelas na minha coroa?" Cantou o coro metodista, começando a praticar na igreja metodista.

" *Eu* quero apenas três", disse Maria, cujo conhecimento teológico tinha aumentado notavelmente desde sua residência com a Sra Elliott. "Apenas três - montando na minha cabeça, como um corownet, um grande no meio e um pequeno de cada lado."

"Existem tamanhos diferentes nas almas?" Perguntou Carl.

"Claro. Ora, bebês pequenos devem ter bebês menores que homens grandes. Bem, está escurecendo e preciso voltar para casa. A senhora Elliott não gosta que eu saia depois de escurecer. Leis, quando eu morava com a Sra. Wiley, a escuridão era a mesma da luz do dia para mim. Eu não me importei mais com

um gato cinza. Esses dias parecem cem anos atrás. Agora, vocês se importam com o que eu disse e tentam se comportar, pelo bem do seu pai. Eu sempre vou te apoiar e defender - você pode ter certeza disso. A sra. Elliott diz que nunca me viu por defender meus amigos. Fui realmente atrevida com a sra. Alec Davis sobre você e a sra. Elliott me criticou depois disso. A feira Comelia tem uma língua própria e não se engane. Mas ela estava satisfeita por todos,*Eu* posso ver através das pessoas.

Mary partiu, excelentemente satisfeita consigo mesma, deixando um pequeno grupo bastante deprimido para trás.

"Mary Vance sempre diz algo que nos faz sentir mal quando ela aparece", disse Una, ressentida.

"Gostaria que a tivéssemos deixado morrer de fome no velho celeiro", disse Jerry vingativamente.

"Oh, isso é mau, Jerry", repreendeu Una.

"Pode também ter o jogo como o nome", respondeu Jerry arrependido. "Se as pessoas dizem que somos tão ruins, sejamos maus."

"Mas não se machuca o pai", implorou Faith.

Jerry se contorceu desconfortavelmente. Ele adorava o pai. Pela janela de escritório sem sombra, eles podiam ver o Sr. Meredith em sua mesa. Ele não parecia estar lendo ou escrevendo. Sua cabeça estava em suas mãos e havia algo em toda a sua atitude que falava em cansaço e desânimo. As crianças de repente sentiram isso.

"Ouso dizer que alguém o preocupa hoje conosco", disse Faith. "Gostaria que pudéssemos nos dar bem sem fazer as pessoas falarem. Oh, Jem Blythe! Como você me assustou!

Jem Blythe entrou no cemitério e sentou-se ao lado das meninas. Ele andava rondando pelo vale do arco-íris e conseguira encontrar o primeiro pequeno aglomerado de medronho branco para sua mãe. Os filhos da mansão ficaram em silêncio após a sua chegada. Jem estava começando a se afastar deles um pouco nesta primavera. Ele estava estudando para o vestibular da Queen's Academy e ficou depois da escola com os alunos mais velhos para aulas extras. Além disso, suas noites eram tão cheias de trabalho que ele raramente se juntava aos outros em Rainbow Valley agora. Ele parecia estar se afastando para uma terra adulta.

"O que há com você esta noite?" Ele perguntou. "Não há graça em você."

"Não muito", concordou Faith com tristeza. "Não haveria muita diversão em você também, se você soubesse que estava desonrando seu pai e fazendo as pessoas falarem sobre você."

"Quem está falando sobre você agora?"

"Todo mundo - é o que Mary Vance diz." E Faith espalhou seus problemas para Jem simpático. "Você vê", ela concluiu tristemente, "não temos ninguém para nos educar. E assim entramos em brigas e as pessoas pensam que somos ruins. "

"Por que você não se levanta?" Sugeriu Jem. "Eu vou te dizer o que fazer. Forme um clube de boa conduta e se castigue cada vez que fizer algo que não está certo. "

"É uma boa idéia", disse Faith, impressionada com isso. "Mas", ela acrescentou duvidosamente, "coisas que não parecem um pouco prejudiciais aos EUA parecem simplesmente terríveis para outras pessoas. Como podemos saber? Não podemos incomodar o pai o tempo todo - e ele tem que ficar muito longe, de qualquer maneira.

"Na maioria das vezes, você pode dizer se parou para pensar em algo antes de fazer isso e se perguntar o que a congregação diria sobre isso", disse Jem. "O problema é que você simplesmente se apressa nas coisas e não pensa nelas de maneira alguma. A mãe diz que você é muito impulsivo, como costumava ser. O Clube de Boa Conduta ajudaria você a pensar, se você fosse justo e honesto em se punir quando violasse as regras. Você teria que punir de alguma forma que realmente dói, ou não faria nenhum bem.

"Chicotear um ao outro?"

"Não exatamente. Você teria que pensar em diferentes maneiras de punir para se adequar à pessoa. Você não se puniria - se puniria. Eu li tudo sobre esse clube em um livro de histórias. Você experimenta e vê como funciona.

"Vamos", disse Faith; e quando Jem se foi, eles concordaram que sim. "Se as coisas não estão certas, precisamos consertá-las", disse Faith, resolutamente.

"Temos que ser justos e honestos, como Jem diz", disse Jerry. "Este é um clube para se destacar, já que não há mais ninguém para fazê-lo. Não adianta ter muitas regras. Vamos apenas ter um e qualquer um de nós que quebrar isso deve ser punido com força. "

"Mas como."

"Vamos pensar nisso à medida que avançamos. Realizamos uma sessão do clube aqui no cemitério todas as noites e conversamos sobre o que fizemos durante o dia, e se achamos que fizemos algo que não está certo ou que iria desonrar o pai que faz ou é responsável por isso, deve ser punido. Essa é a regra. Todos nós vamos decidir sobre o tipo de punição - ela deve ser feita para se encaixar no crime, como o Sr. Flagg diz. E aquele que for culpado será obrigado a executá-lo e não se esquivar. Vai ser divertido nisso ", concluiu Jerry, com prazer.

"Você sugeriu a festa da bolha de sabão", disse Faith.

"Mas isso foi antes de formarmos o clube", disse Jerry apressadamente. "Tudo começa da noite para o dia."

"Mas e se não concordarmos com o que é certo ou qual deveria ser o castigo? Suponhamos que dois de nós pensamos em uma coisa e duas outra. Deveria haver cinco em um clube como este.

"Podemos pedir a Jem Blythe para ser árbitro. Ele é o garoto mais quadrado de Glen St. Mary. Mas acho que podemos resolver nossos próprios assuntos principalmente. Queremos manter isso o mais secreto possível. Não dê uma palavra a Mary Vance. Ela gostaria de se juntar e fazer a abertura.

" *Eu* acho", disse Faith, "que não adianta estragar todos os dias arrastando punições. Vamos ter um dia de punição."

"É melhor escolhermos o sábado porque não há escola para interferir", sugeriu Una.

"E estrague o único feriado da semana", exclamou Faith. "Não muito! Não, vamos a sexta-feira. De qualquer forma, é dia dos peixes, e todos nós odiamos peixes. Nós também podemos ter todas as coisas desagradáveis em um dia. Em outros dias, podemos seguir em frente e nos divertir.

"Bobagem", disse Jerry autoritariamente. "Esse esquema não daria certo. Apenas nos puniremos enquanto continuarmos e mantermos uma lista clara. Agora, todos nós entendemos, não é? Este é um clube de boa conduta, com o objetivo de nos educar. Concordamos em nos punir por má conduta, e sempre paramos antes de fazer qualquer coisa, não importa o que aconteça, e nos perguntamos se é provável que isso machuque o pai de alguma forma, e qualquer um que se esquiva deve ser expulso do clube e nunca foi permitido jogar com o resto de nós em Rainbow Valley novamente. Jem Blythe para ser árbitro em caso de disputas. Chega de levar insetos para a Escola Dominical, Carl, e não mais chicletes em público, por favor, Srta. Faith.

"Chega de tirar sarro dos anciãos orando ou indo à reunião de oração metodista", replicou Faith.

"Ora, não faz mal ir à reunião de oração metodista", protestou Jerry, espantado.

"Sra. Elliott diz que sim. Ela diz que os filhos de homens não têm nenhum negócio para ir a lugar algum, a não ser às coisas presbiterianas.

"Droga, não vou desistir de ir à reunião de oração metodista", exclamou Jerry. "É dez vezes mais divertido que o nosso."

"Você disse uma palavra travessa", exclamou Faith. "Agora, você tem que se punir."

"Não até que tudo fique em preto e branco. Estamos apenas conversando sobre o clube. Não é realmente formado até que tenhamos escrito e assinado.

Tem que haver uma constituição e estatutos. E você SABE que não há nada errado em ir a uma reunião de oração. "

"Mas não é apenas pelas coisas erradas que devemos nos punir, mas qualquer coisa que possa machucar o pai."

"Não vai machucar ninguém. Você sabe que a Sra. Elliott está maluca sobre o assunto dos metodistas. Ninguém mais se preocupa com a minha partida. Eu sempre me comporto. Você pergunta a Jem ou Sra. Blythe e vê o que eles dizem. Eu respeitarei a opinião deles. Vou pegar o jornal agora, trago a lanterna e todos assinamos.

Quinze minutos depois, o documento foi solenemente assinado na lápide de Ezequias Pollock, no centro da qual estava a lanterna fumegante, enquanto as crianças se ajoelhavam em volta. A sra. Elder Clow estava passando no momento e, no dia seguinte, todos os Glen ouviram que as crianças da mansão estavam tendo outra competição de orações e acabaram perseguindo-se por todos os túmulos com uma lanterna. Provavelmente, esse pedaço de bordado foi sugerido pelo fato de que, depois que a assinatura e o lacre foram concluídos, Carl pegou a lanterna e caminhou circunspectamente até o pequeno buraco para examinar seu formigueiro. Os outros haviam entrado em silêncio na mansão e na cama.

"Você acha que é verdade que o pai vai se casar com a senhorita West?" Una havia pedido tremulamente a Faith, depois que suas orações foram feitas.

"Eu não sei, mas eu gostaria", disse Faith.

"Oh, eu não faria", disse Una, engasgada. "Ela é legal do jeito que é. Mas Mary Vance diz que muda as pessoas ALTAS para serem madrastas. Eles se tornam horríveis, malvados e odiosos, e tornam seu pai contra você. Ela diz que eles certamente farão isso. Ela nunca soube que falharia em um único caso.

"Eu não acredito que a senhorita West NUNCA tentaria fazer isso", exclamou Faith.

"Maria diz que qualquer um faria. Ela sabe TUDO sobre madrastas, Faith - ela diz que já viu centenas delas - e você nunca viu uma. Oh, Mary me contou coisas de gelar o sangue sobre eles. Ela diz que conhecia alguém que chicoteava as meninas do marido nos ombros nus até sangrarem e depois as trancava em uma adega fria e escura a noite toda. Ela diz que todos estão doendo para fazer coisas assim. "

West não acredito. Você não a conhece tão bem quanto eu, Una. Basta pensar no passarinho doce que ela me enviou. Eu amo isso muito mais do que Adam.

"É apenas ser madrasta que os muda. Maria diz que eles não podem evitar. Eu não me importaria tanto com as chicotadas quanto com o pai nos odiar.

"Você sabe que nada poderia fazer o pai nos odiar. Não seja bobo, Una. Ouso dizer que não há com que se preocupar. Provavelmente, se administrarmos bem o clube e nos educarmos adequadamente, o pai não pensará em se casar com ninguém. E se ele o fizer, sei que a senhorita West será adorável para nós.

Mas Una não tinha essa convicção e chorou até dormir.

CAPÍTULO XXIV

UM IMPULSO CARIDOSO

Durante duas semanas, as coisas correram bem no Clube de Boa Conduta. Pareceu fUncionar admiravelmente. Nem uma vez Jem Blythe foi chamado como árbitro. Nenhuma das crianças ricas pôs as fofocas de Glen pelas orelhas. Quanto aos pequenos pecadilhos em casa, mantiveram-se atentos e sofreram uma punição autoimposta - geralmente uma ausência voluntária de alguma brincadeira gay na noite de sexta-feira em Rainbow Valley ou uma estadia na cama em alguma noite de primavera, quando todos os jovens ossos doíam por estar fora e fora. Faith, por cochichar na Escola Dominical, condenou-se a passar o dia inteiro sem falar uma única palavra, a menos que fosse absolutamente necessário, e a cumprisse. Foi bastante lamentável que o Sr. Baker, de Over Harbor, deveria ter escolhido aquela noite para chamar a mansão, e que Faith deveria ter ido à porta. Nenhuma palavra ela respondeu à sua saudação genial, mas foi silenciosamente para ligar brevemente para o pai. O Sr. Baker ficou um pouco ofendido e disse à esposa, quando voltou para casa, que a maior garota Meredith parecia uma coisinha muito tímida e mal-humorada, sem maneiras suficientes para falar quando lhe falavam. Mas nada pior aconteceu e, geralmente, suas penitências não fizeram mal a si ou a mais ninguém. Todos estavam começando a sentir-se bastante convencidos de que, afinal, era uma questão muito fácil de se levantar. mas foi embora silenciosamente para ligar brevemente para o pai. O Sr. Baker ficou um pouco ofendido e disse à esposa, quando voltou para casa, que a maior garota Meredith parecia uma coisinha muito tímida e mal-humorada, sem maneiras suficientes para falar quando lhe falavam. Mas nada pior aconteceu e, geralmente, suas penitências não fizeram mal a si ou a mais ninguém. Todos estavam começando a sentir-se bastante convencidos de que, afinal, era uma questão muito fácil de se levantar. mas foi embora silenciosamente para ligar brevemente para o pai. O Sr. Baker ficou um pouco ofendido e disse à esposa, quando voltou para casa, que a maior garota Meredith parecia uma coisinha muito tímida e mal-humorada, sem maneiras suficientes para falar quando lhe falavam. Mas nada pior aconteceu e, geralmente, suas penitências não fizeram mal a si ou a mais ninguém. Todos estavam começando a sentir-se bastante convencidos de que, afinal, era uma questão muito fácil de se levantar.

"Eu acho que as pessoas logo verão que podemos nos comportar adequadamente, assim como qualquer pessoa", disse Faith com júbilo. "Não é

difícil quando pensamos nisso."

Ela e Una estavam sentadas na lápide de Pollock. Tinha sido um dia frio, cru e chuvoso de tempestade de primavera e o Rainbow Valley estava fora de questão para as meninas, embora a mansão e os meninos de Ingleside estivessem lá embaixo pescando. A chuva havia aguentado, mas o vento leste soprava impiedosamente do mar, cortando ossos e medula. A primavera estava atrasada, apesar de sua promessa inicial, e ainda havia uma forte nevasca e gelo no canto norte do cemitério. Lida Marsh, que havia chegado para levar o manse para uma bagunça de arenque, entrou pelo portão tremendo. Ela pertencia à vila de pescadores na foz do porto e, por trinta anos, seu pai havia mandado uma bagunça de sua primeira captura de primavera para a mansão. Ele nunca escureceu a porta da igreja; ele bebia muito e era um homem imprudente, mas desde que enviasse os arenques ao manse toda primavera, como seu pai fizera antes dele, sentia-se confortavelmente seguro de que sua conta com os Poderes que Governavam era regular durante o ano . Ele não esperaria uma boa captura de cavala se não tivesse enviado as primeiras frutas da temporada.

Lida tinha dez anos e parecia mais jovem, porque era uma criatura pequena e enrugada. Hoje à noite, quando ela se aproximou com ousadia o suficiente até as meninas homens, ela parecia como se nunca tivesse estado quente desde que nasceu. Seu rosto estava roxo e seus pequenos olhos azuis e arrojados eram vermelhos e lacrimejantes. Ela usava um vestido estampado esfarrapado e um edredom de lã esfarrapado, amarrado nos ombros finos e debaixo dos braços. Ela caminhara os cinco quilômetros da foz do porto descalça, por uma estrada onde ainda havia neve, lama e lama. Seus pés e pernas eram tão roxos quanto seu rosto. Mas Lida não se importava tanto. Ela estava acostumada a sentir frio e já estava com os pés descalços por um mês, como todos os outros filhotes que pululam na vila de pescadores. Não havia autocomiseração em seu coração quando ela se sentou na lápide e sorriu alegremente para Faith e Una. Faith e Una sorriram alegremente de volta. Eles conheciam Lida um pouco, pois a encontraram uma ou duas vezes no verão anterior, quando desceram o porto com os Blythes.

"Olá!" Disse Lida, "não é uma noite feroz? Não é adequado para um cachorro sair, não é?

"Então por que você saiu?" Perguntou Faith.

"Papai me fez trazer um pouco de arenque para você", respondeu Lida. Ela estremeceu, tossiu e esticou os pés descalços. Lida não estava pensando em si mesma e em seus pés e não fazia nenhuma tentativa de simpatia. Ela estendeu os pés instintivamente para afastá-los da grama molhada ao redor da lápide. Mas Faith e Una foram instantaneamente inundadas com uma onda de piedade por

ela. Ela parecia tão fria - tão infeliz.

"Oh, por que você está descalço em uma noite tão fria?", Exclamou Faith. "Seus pés devem estar quase congelados."

"Bem perto", disse Lida com orgulho. "Eu digo a você que foi feroz subir aquela estrada do porto."

"Por que você não calçou os sapatos e as meias?" Perguntou Una.

"Não há ninguém para vestir. Tudo o que eu tinha acabara quando o inverno terminava - disse Lida, indiferente.

Por um momento, Faith declarou horrorizada. Isso foi terrível. Ali estava uma garotinha, quase uma vizinha, meio congelada porque não tinha sapatos nem meias naquele clima cruel de primavera. A fé impulsiva não pensava em nada além da terrível coisa dela. Em um momento ela estava tirando seus próprios sapatos e meias.

"Aqui, pegue-os e coloque-os no lugar", disse ela, forçando-os às mãos da atônita Lida. "Rápido agora. Você vai morrer de frio. Eu tenho outros. Coloque-os logo.

Lida, recuperando o juízo, agarrou o presente oferecido, com um brilho nos olhos sem graça. Claro que ela iria vesti-los, e isso muito rápido, antes que alguém aparecesse com autoridade para lembrá-los. Em um minuto ela colocou as meias sobre as perninhas magras e colocou os sapatos de Faith sobre os grossos tornozelos.

"Sou grato a você", disse ela, "mas seus pais não serão zangados?"

"Não - e eu não me importo se são", disse Faith. "Você acha que eu poderia ver alguém morrendo de frio sem ajudá-los, se pudesse? Não seria certo, especialmente quando meu pai é ministro.

"Você vai querer eles de volta? Faz muito frio na foz do porto - muito tempo depois de aquecer aqui - disse Lida maliciosamente.

"Não, você deve mantê-los, é claro. Foi isso que eu quis dizer quando os dei. Eu tenho outro par de sapatos e muitas meias.

Lida pretendia ficar um pouco e conversar com as meninas sobre muitas coisas. Mas agora ela pensava que era melhor fugir antes que alguém viesse e a fizesse ceder o espólio. Então ela se arrastou pelo crepúsculo amargo, da maneira silenciosa e sombria em que havia entrado. Assim que ficou fora de vista da mansão, sentou-se, tirou os sapatos e as meias e os colocou na cesta de arenque. Ela não tinha intenção de mantê-los naquela estrada suja do porto. Eles deveriam ser mantidos bons para ocasiões de gala. Nenhuma outra garotinha na foz do porto tinha meias finas de cashmere pretas e sapatos tão elegantes e quase novos. Lida foi mobilizada para o verão. Ela não tinha escrúpulos no assunto. Aos olhos dela, o povo manse era fabulosamente rico, e, sem dúvida, essas

garotas tinham pares de sapatos e meias. Então Lida correu para a vila de Glen e brincou por uma hora com os meninos diante da loja do Sr. Flagg, mergulhando em uma poça de lama com os mais loucos deles, até que a sra. Elliott apareceu e mandou-a para casa.

"Eu não acho, Faith, que você deveria ter feito isso", disse Una, um tanto reprovador, depois que Lida se foi. "Você terá que usar suas boas botas todos os dias agora e elas logo se desgastarão."

"Eu não me importo", exclamou Faith, ainda com o brilho de ter feito uma gentileza com uma criatura. "Não é justo que eu deva ter dois pares de sapatos e a pobre Lida Marsh não a tenha. Agora nós dois temos um par. Você sabe perfeitamente bem, Una, que o pai disse em seu sermão no domingo passado que não havia verdadeira felicidade em receber ou receber - apenas em dar. E é verdade. Eu me sinto MUITO mais feliz agora do que em toda a minha vida antes. Pense em Lida voltando para casa neste exato momento, com seus pezinhos pobres, agradáveis, quentes e confortáveis.

"Você sabe que não tem outro par de meias pretas de caxemira", disse Una. - Seu outro par estava tão cheio de buracos que tia Martha disse que não podia mais amaldiçoá-los e cortou as pernas em busca de espanadores de fogão. Você não tem nada além daqueles dois pares de meias listradas que você odeia.

Todo o brilho e elevação desapareceu da fé. Sua alegria desmoronou como um balão picado. Ela ficou sentada por alguns tristes minutos em silêncio, encarando as consequências de seu ato precipitado.

"Oh, Una, eu nunca pensei nisso", disse ela com tristeza. "Eu não parei para pensar."

As meias listradas eram grossas, pesadas, grossas, com nervuras, de azul e vermelho, que tia Martha tricotara para Faith no inverno. Eles eram sem dúvida hediondos. Faith os detestava como nunca detestara nada antes. Usá-los, ela certamente não usaria. Eles ainda não estavam usados na gaveta da escrivaninha.

"Você terá que usar as meias listradas depois disso", disse Una. "Apenas pense em como os meninos da escola vão rir de você. Você sabe como eles riem de Mamie Warren por suas meias listradas e a chamam de vara de barbeiro e a sua é muito pior.

"Não vou usá-los", disse Faith. "Eu vou descalço primeiro, frio como está."

"Você não pode andar descalço para a igreja amanhã. Pense no que as pessoas diriam.

"Então eu vou ficar em casa."

Você não pode. Você sabe muito bem que tia Martha vai fazer você ir.

Faith sabia disso. A única coisa em que tia Martha se preocupou em insistir foi que todos deveriam ir à igreja, chover ou fazer sol. Como eles estavam

vestidos, ou se estavam vestidos, nunca a preocupou. Mas eles devem. Foi assim que tia Martha foi criada há setenta anos atrás, e foi assim que ela quis criá-las.

- Você não tem um par que possa me emprestar, Una? - disse a pobre Faith, com piedade.

Una balançou a cabeça. "Não, você sabe que só tenho o par preto. E eles são tão apertados que eu mal consigo pegá-los. Eles não iriam contra você. Nem meus cinza. Além disso, as pernas deles são todas danadas e danadas.

"Não vou usar essas meias listradas", disse Faith, obstinadamente. "A sensação deles é ainda pior do que a aparência. Eles me fazem sentir como se minhas pernas fossem tão grandes quanto canos e são tão SCRATCHY. "

"Bem, eu não sei o que você vai fazer."

"Se o pai estivesse em casa, eu iria pedir que ele me arranjasse um novo par antes que a loja fechasse. Mas ele não estará em casa até tarde demais. Vou perguntar na segunda-feira - e não vou à igreja amanhã. Vou fingir que estou doente e tia Martha terá que me deixar ficar em casa.

"Isso seria mentir, Faith", exclamou Una. "Você não pode fazer isso. Você sabe que seria terrível. O que o pai diria se soubesse? Você não se lembra de como ele falou conosco depois que a mãe morreu e nos disse que devemos sempre ser VERDADEIROS, não importa o que mais tenhamos falhado? Ele disse que nunca devemos contar ou mentir - ele disse que confiaria em nós para não . Você não pode fazer isso, Faith. Basta usar as meias listradas. Será apenas uma vez. Ninguém os notará na igreja. Não é como a escola. E seu novo vestido marrom é tão longo que não mostra muito. Não foi uma sorte que a tia Martha a fizesse grande, para que você tivesse espaço para crescer nela, por tudo que odiava quando ela terminou?

"Não vou usar essas meias", repetiu Faith. Ela desenrolou as pernas nuas e brancas da lápide e caminhou deliberadamente pela grama molhada e fria até o banco de neve. Apertando os dentes, ela pisou nele e ficou lá.

"O que você está fazendo?", Exclamou Una, horrorizado. "Você vai morrer de frio, Faith Meredith."

"Estou tentando", respondeu Faith. "Espero pegar um resfriado com medo e ficar MUITO doente amanhã. Então não vou estar mentindo. Vou ficar aqui enquanto aguentar.

"Mas, Faith, você pode realmente morrer. Você pode ter pneumonia. Por favor, Faith não. Vamos entrar em casa e pegar ALGO para os seus pés. Oh, aqui está Jerry. Estou muito agradecido. Jerry, FAÇA Faith sair dessa neve. Olhe para os pés dela.

"Santos gatos! Faith, o que você está fazendo? - exigiu Jerry. "Você é louco?"

"Não. Vá embora! - retrucou Faith.

"Então você está se punindo por alguma coisa? Não está certo, se você estiver. Você ficará doente.

Eu quero ficar doente. Eu não estou me punindo. Vá embora."

- Onde estão os sapatos e as meias dela? - perguntou Jerry, de Una.

"Ela deu a Lida Marsh."

Lida Marsh? Pelo que?"

"Porque Lida não tinha, e seus pés estavam tão frios. E agora ela quer ficar doente para não precisar ir à igreja amanhã e usar suas meias listradas. Mas Jerry, ela pode morrer.

"Faith", disse Jerry, "saia desse banco de gelo ou eu puxo você."

"Afaste-se", ousou Faith.

Jerry saltou para ela e a pegou pelos braços. Ele puxou um caminho e Faith puxou outro. Una correu atrás de Faith e empurrou. Faith invadiu Jerry para deixá-la sozinha. Jerry a atacou para não ser uma idiota tonta; e Una chorou. Eles não fizeram barulho e estavam perto da cerca do cemitério. Henry Warren e sua esposa passaram, ouviram e viram. Muito em breve o Glen soube que os filhos de uma mansão estavam tendo uma briga terrível no cemitério e usando a linguagem mais imprópria. Enquanto isso, Faith se permitira ser arrancada do gelo porque seus pés doíam tanto que ela estava pronta para sair de qualquer maneira. Todos entraram amigavelmente e foram dormir. Faith dormiu como um querubim e acordou de manhã sem deixar vestígios de resfriado. Ela sentiu que não podia fingir doença e mentir, depois de se lembrar daquela conversa há muito tempo com o pai. Mas ela ainda estava tão determinada como sempre que não usaria aquelas meias abomináveis na igreja.

CAPÍTULO XXV
OUTRO ESCÂNDALO E OUTRA "EXPLICAÇÃO"

Faith foi cedo para a Escola Dominical e estava sentada no canto do banco da classe antes que alguém chegasse. Portanto, a terrível verdade não explodiu em ninguém até Faith deixar o banco da turma perto da porta para caminhar até o banco da mansão depois da Escola Dominical. A igreja já estava meio cheia e todos os que estavam sentados perto do corredor viram que a filha do ministro usava botas, mas não meias!

O novo vestido marrom de Faith, que tia Martha havia feito com um padrão antigo, era absurdamente comprido para ela, mas mesmo assim não encontrava seus topos de botas. Duas boas polegadas de perna branca nua apareciam claramente.

Faith e Carl sentaram-se sozinhos no banco da mansão. Jerry entrou na galeria para sentar com um amigo e as meninas Blythe levaram Una com eles. As crianças Meredith foram dedicadas a "ficarem sentadas por toda a igreja" dessa maneira, e muitas pessoas acharam isso muito impróprio. A galeria, especialmente, onde rapazes irresponsáveis se reuniam e eram conhecidos por sussurrar e suspeitar de mascar tabaco durante o serviço, não era lugar para um filho da mansão. Mas Jerry odiava o banco da mansão no topo da igreja, sob os olhos do Élder Clow e sua família. Ele escapava dela sempre que podia.

Carl, absorvido ao ver uma aranha girando sua teia na janela, não percebeu as pernas de Faith. Ela voltou para casa com o pai depois da igreja e ele nunca os notou. Ela vestiu as odiadas meias listradas antes de Jerry e Una chegarem, de modo que, por enquanto, nenhum dos ocupantes da mansão sabia o que ela havia feito. Mas ninguém mais em Glen St. Mary ignorava isso. Os poucos que não tinham visto logo ouviram. Nada mais se falou no caminho de casa para a igreja. A sra. Alec Davis disse que era apenas o que ela esperava, e a próxima coisa que você veria alguns jovens chegando à igreja sem roupas. A presidente da Ladies 'Aid decidiu que ela abordaria o assunto na próxima reunião da Aid e sugeriu que eles esperassem em um corpo no ministro e protestassem. Cornelia disse que, por sua vez, desistiu. Não adiantava mais se preocupar com os camarões. Até a sra. Dra. Blythe se sentiu um pouco chocada, embora ela atribuísse a ocorrência apenas ao esquecimento de Faith. Susan não pôde começar imediatamente a tricotar meias para Faith porque era domingo, mas ela já tinha uma antes de qualquer outra pessoa sair da cama em Ingleside na manhã seguinte.

- Você não precisa me dizer nada, a não ser que a culpa foi da velha Martha,

senhora Dra. Querida. - ela disse a Anne. - Suponho que a pobre criança não tivesse meias decentes para vestir. Suponho que todas as meias que ela tinha estavam em buracos, como você sabe muito bem, elas geralmente são. E *eu* acho que, a Sra Dr. querida, que a ajuda das Senhoras seria melhor empregado em tricô algum para eles do que na luta contra o sobre o tapete novo para a plataforma púlpito. *Eunão* sou ajudante de damas, mas tricotarei Faith dois pares de meias, com este belo fio preto, o mais rápido que meus dedos podem se mover e com os quais você pode amarrar. Nunca esquecerei minhas sensações, Sra. Dra. Querida, quando vi o filho de um ministro andando pelo corredor de nossa igreja sem meias. Eu realmente não sabia como olhar.

"E a igreja estava cheia de metodistas ontem também", gemeu a senhorita Cornelia, que subira ao Glen para fazer algumas compras e se deparara com Ingleside para discutir o assunto. "Eu não sei como é, mas com a mesma certeza que essas crianças fazem algo especialmente terrível, a igreja certamente estará lotada de metodistas. Pensei que os olhos da sra. Deacon Hazard caíssem de sua cabeça. Quando ela saiu da igreja, disse: 'Bem, essa exposição não era mais do que decente. Tenho pena dos presbiterianos. E nós apenas tivemos que aceitar. Não havia nada que se pudesse dizer.

"Havia algo que *eu* poderia ter dito, senhora Dra. Querida, se eu a tivesse ouvido", disse Susan, sombria. "Eu teria dito, por um lado, que, na minha opinião, pernas nuas limpas eram tão decentes quanto buracos. E eu diria, por outro lado, que os presbiterianos não sentiam muita necessidade de piedade, pois tinham um ministro que podia PREGAR e os metodistas não. Eu poderia ter esmagado a Sra. Deacon Hazard, a Sra. Dra. Querida, e que você possa amarrar.

"Gostaria que o Sr. Meredith não pregasse tão bem e cuidasse da família um pouco melhor", replicou Miss Cornelia. "Ele podia pelo menos dar uma olhada em seus filhos antes de irem à igreja e ver que estavam vestidos adequadamente. Estou cansado de dar desculpas por ele, acredite em mim.

Enquanto isso, a alma de Faith estava sendo atormentada em Rainbow Valley. Mary Vance estava lá e, como sempre, em um clima de palestras. Ela deu a Faith para entender que havia desonrado a si mesma e a seu pai além da redenção e que ela, Mary Vance, havia terminado com ela. "Todo mundo" estava falando, e "todo mundo" disse a mesma coisa.

"Simplesmente sinto que não posso mais me associar a você", concluiu.

"Vamos nos associar a ela então", exclamou Nan Blythe. Nan secretamente pensou que Faith tinha feito uma coisa horrível, mas ela não deixaria Mary Vance resolver os problemas dessa maneira arrogante. "E se você não é, não precisa mais ir a Rainbow Valley, senhorita Vance."

Nan e Di abraçam Faith e encaram Mary. De repente, este caiu, sentou-se

no tronco e começou a chorar.

"Não é que eu não queira", ela lamentou. "Mas se eu continuar com Faith, as pessoas dirão que eu a recomendo a fazer as coisas. Alguns estão dizendo agora, é verdade que você vive. Não posso me dar ao luxo de ter essas coisas ditas sobre mim, agora que estou em um lugar respeitável e tentando ser uma dama. E *eu* nunca foi bare-legged na igreja em meus dias mais difíceis. Eu nunca teria pensado em fazer uma coisa dessas. Mas a velha e odiosa Kitty Alec diz que Faith nunca mais foi a mesma garota desde aquela época em que fiquei na mansão. Ela diz que Cornelia Elliott viverá para lamentar o dia em que me levou. Dói meus sentimentos, eu lhe digo. Mas é com o Sr. Meredith que estou realmente preocupado.

"Eu acho que você não precisa se preocupar com ele", disse Di com desdém. "Provavelmente não é necessário. Agora, querida Faith, pare de chorar e diga-nos por que você fez isso.

Faith explicou chorosa. As meninas Blythe simpatizavam com ela, e até Mary Vance concordava que era uma posição difícil de se estar. Mas Jerry, em quem a coisa veio como um raio, se recusou a ser aplacado. Então era isso que algumas dicas misteriosas que ele recebera na escola naquele dia significavam! Ele marchou para casa de Faith e Una sem cerimônia, e o Clube de Boa Conduta realizou uma sessão imediata no cemitério para julgar o caso de Faith.

"Não vejo mal nenhum", disse Faith, desafiadora. "Nem muitas das minhas pernas apareceram. Não foi ERRADO e não machucou ninguém. "

"Isso machucará papai. Você sabe que sim. Você sabe que as pessoas o culpam sempre que fazemos algo esquisito.

"Eu não pensei nisso", murmurou Faith.

"Esse é apenas o problema. Você não pensou e deveria ter pensado. É para isso que serve o nosso clube - nos educar e nos fazer pensar. Prometemos sempre parar e pensar antes de fazer as coisas. Você não o fez e precisa ser punido, Faith - e muito duro também. Você vai usar essas meias listradas na escola por uma semana para punição.

"Oh, Jerry, um dia não serve - dois dias? Não é uma semana inteira!

"Sim, uma semana inteira", disse Jerry inexorável. "É justo - pergunte a Jem Blythe se não é."

Faith achou que preferiria se submeter a perguntar a Jem Blythe sobre esse assunto. Ela estava começando a perceber que sua ofensa era bastante vergonhosa.

"Eu vou fazer isso, então", ela murmurou, um pouco emburrada.

"Você está saindo fácil", disse Jerry severamente. "E não importa como nós o punamos, isso não ajudará o pai. As pessoas sempre pensam que você fez isso

por travessuras e culparão o pai por não pará-lo. Nós nunca podemos explicar isso para todo mundo.

Esse aspecto do caso pesou na mente de Faith. Sua própria condenação ela podia suportar, mas a torturou que seu pai fosse culpado. Se as pessoas soubessem os fatos verdadeiros do caso, não o culpariam. Mas como ela poderia torná-los conhecidos em todo o mundo? Levantar-se na igreja, como ela havia feito uma vez, e explicar o assunto estava fora de questão. Faith ouvira de Mary Vance como a congregação encarara essa apresentação e percebeu que ela não deve repeti-la. Faith ficou preocupada com o problema por meia semana. Então ela teve uma inspiração e prontamente agiu de acordo. Ela passou a noite no sótão, com uma lâmpada e um caderno de exercícios, escrevendo ocupado, com bochechas coradas e olhos brilhantes. Foi exatamente isso! Como ela era esperta por ter pensado nisso! Colocaria tudo certo e explicaria tudo e, no entanto, não causaria escândalo. Eram onze horas quando ela terminou a sua satisfação e desceu até a cama, terrivelmente cansada, mas perfeitamente feliz.

Em poucos dias, o pequeno semanário publicado no Glen sob o nome de *The Journal* saiu como sempre, e o Glen teve outra sensação. Uma carta assinada "Faith Meredith" ocupava um lugar de destaque na primeira página e dizia o seguinte:

"A QUEM POSSA INTERESSAR:

"Quero explicar a todos como fui para a igreja sem meias, para que todos saibam que o pai não era o culpado nem um pouco, e as velhas fofocas não precisam dizer que ele é, porque não é verdade. Eu dei meu único par de meias pretas para Lida Marsh, porque ela não tinha nenhuma e seus pészinhos estavam terrivelmente frios e eu sentia muito por ela. Nenhuma criança deveria ficar sem sapatos e meias em uma comunidade cristã antes que a neve acabasse, e acho que o WFMS deveria ter dado meias a ela. Claro, eu sei que eles estão enviando coisas para as crianças pagãs, e está tudo bem e uma coisa gentil a se fazer. Mas as crianças pagãs têm muito mais clima quente do que nós, e acho que as mulheres de nossa igreja devem cuidar de Lida e não deixar tudo para mim. Quando dei a ela minhas meias, esqueci que elas eram o único par preto que eu tinha sem furos, mas estou feliz por ter dado a ela, porque minha consciência teria ficado desconfortável se não tivesse. Quando ela se foi, parecendo tão orgulhosa e feliz, a coitadinha, lembrei-me de que tudo o que eu precisava vestir eram as horríveis coisas vermelhas e azuis que tia Martha tricotou no inverno passado para mim com alguns fios que a senhora Joseph Burr, de Upper Glen nos enviou. Era fio terrivelmente grosseiro e todos os nós, e nunca vi nenhum dos filhos da sra. Burr usar coisas feitas com esse fio. Mas Mary Vance diz que a sra. Burr dá ao ministro coisas que ela não pode usar ou comer sozinha, "Eu

simplesmente não suportava usar aquelas meias odiosas. Eles eram tão feios e ásperos e pareciam tão arranhados. Todo mundo teria tirado sarro de mim. Eu pensei que a princípio fingiria estar doente e não iria à igreja no dia seguinte, mas decidi que não poderia fazer isso, porque seria uma mentira, e o pai nos disse depois que a mãe morreu que era algo que nunca devemos fazer. , nunca faça. É tão ruim fazer uma mentira quanto contar uma, embora conheço algumas pessoas, aqui mesmo no Glen, que as agem, e nunca parecem se sentir um pouco mal com isso. Não vou mencionar nomes, mas sei quem eles são e o pai também.

"Então eu tentei o meu melhor para pegar um resfriado e ficar realmente doente em pé no banco de neve no cemitério metodista com meus pés descalços até Jerry me tirar. Mas isso não me machucou nem um pouco e por isso não consegui sair da igreja. Então eu decidi que calçaria as botas e seguiria por esse caminho. Não vejo por que estava tão errado e tomei tanto cuidado para lavar minhas pernas tão limpas quanto meu rosto, mas, de qualquer maneira, o pai não era o culpado por isso. Ele estava no escritório pensando em seu sermão e outras coisas celestiais, e eu me afastei dele antes de ir para a Escola Dominical. Papai não olha para as pernas das pessoas na igreja, então é claro que ele não percebeu as minhas, mas todas as fofocas fizeram e falaram sobre isso, e é por isso que estou escrevendo esta carta para o *Journal*. explicar. Suponho que fiz muito errado, já que todo mundo diz isso, e sinto muito e estou usando aquelas meias horríveis para me punir, embora o pai tenha me comprado dois novos pares pretos agradáveis assim que a loja do Sr. Flagg abriu na manhã de segunda-feira. Mas foi tudo culpa minha, e se as pessoas culpam o pai por isso depois de lerem isso, elas não são cristãs e, portanto, não me importo com o que dizem.

"Há outra coisa que quero explicar antes de parar. Mary Vance me disse que o Sr. Evan Boyd está culpando os Lew Baxters por roubar batatas de seu campo no outono passado. Eles não tocaram suas batatas. Eles são muito pobres, mas são honestos. Fomos nós que fizemos isso - Jerry, Carl e eu. Una não estava conosco na época. Nós nunca pensamos que era roubo. Só queríamos algumas batatas para cozinhar em uma fogueira em Rainbow Valley uma noite para comer com nossa truta frita. O campo do Sr. Boyd era o mais próximo, logo entre o vale e a vila, por isso subimos por cima da cerca e puxamos alguns talos. As batatas eram terrivelmente pequenas, porque o Sr.

Boyd não colocou fertilizante suficiente nelas e tivemos que puxar muitos talos antes de conseguirmos o suficiente, e então eles não eram muito maiores que bolinhas de gude. Walter e Di Blythe nos ajudaram a comê-los, mas eles não vieram até que nós os tivéssemos cozinhado e não sabíamos onde os conseguimos, então eles não eram os culpados, apenas nós. Não tivemos nenhum dano, mas, se foi roubo, sentimos muito e pagaremos o Sr. Boyd por eles, se ele

esperar até crescermos. Agora nunca temos dinheiro, porque não somos grandes o suficiente para ganhar, e tia Martha diz que é preciso cada centavo do salário do pobre pai, mesmo quando é pago regularmente - e não é frequente - para administrar esta casa. Mas Boyd não deve mais culpar os Lew Baxters, quando eles eram bastante inocentes, e dar-lhes um nome ruim. então eles não eram os culpados, apenas nós. Não tivemos nenhum dano, mas, se foi roubo, sentimos muito e pagaremos o Sr. Boyd por eles, se ele esperar até crescermos. Agora nunca temos dinheiro, porque não somos grandes o suficiente para ganhar, e tia Martha diz que é preciso cada centavo do salário do pobre pai, mesmo quando é pago regularmente - e não é frequente - para administrar esta casa. Mas Boyd não deve mais culpar os Lew Baxters, quando eles eram bastante inocentes, e dar-lhes um nome ruim. então eles não eram os culpados, apenas nós. Não tivemos nenhum dano, mas, se foi roubo, sentimos muito e pagaremos o Sr. Boyd por eles, se ele esperar até crescermos. Agora nunca temos dinheiro, porque não somos grandes o suficiente para ganhar, e tia Martha diz que é preciso cada centavo do salário do pobre pai, mesmo quando é pago regularmente - e não é frequente - para administrar esta casa. Mas Boyd não deve mais culpar os Lew Baxters, quando eles eram bastante inocentes, e dar-lhes um nome ruim. mesmo quando é pago regularmente - e não é frequente - para administrar esta casa. Mas Boyd não deve mais culpar os Lew Baxters, quando eles eram bastante inocentes, e dar-lhes um nome ruim. mesmo quando é pago regularmente - e não é frequente - para administrar esta casa. Mas Boyd não deve mais culpar os Lew Baxters, quando eles eram bastante inocentes, e dar-lhes um nome ruim.

"Atenciosamente, **"FE MEREDITH."**

CAPÍTULO XXVI
MISS CORNELIA TEM UM NOVO PONTO DE VISTA

"Susan, depois que eu morrer, voltarei à terra toda vez que os narcisos soprarem neste jardim", disse Anne, extasiada. "Ninguém pode me ver, mas eu estarei aqui. Se alguém estiver no jardim no momento - acho que chegarei a uma noite como esta, mas PODE ser apenas ao amanhecer - um adorável amanhecer de primavera rosa claro - eles verão os narcisos balançando a cabeça descontroladamente. se uma rajada de vento extra tivesse passado por eles, mas serei *eu* .

"De fato, senhora Dra. Querida, você não estará pensando em exibir coisas mundanas como narcisos depois de morto", disse Susan. "E eu não acredito em fantasmas, vistos ou invisíveis."

"Oh, Susan, não serei um fantasma! Esse som é horrível. Eu serei apenas EU. E correrei no crepúsculo, seja de manhã ou de véspera, e verei todos os lugares que amo. Você se lembra do quanto eu me senti quando deixei nossa pequena Casa dos Sonhos, Susan? Eu pensei que nunca poderia amar Ingleside tão bem. Mas eu sim. Eu amo cada centímetro do chão e cada pau e pedra nele.

- Eu também gosto muito do lugar - disse Susan, que teria morrido se ela fosse removida -, mas não devemos deixar muito a nossa afeição nas coisas terrenas, senhora Dra. Querida. Existem coisas como incêndios e terremotos. Devemos sempre estar preparados. O porto de Tom MacAllisters foi queimado três noites atrás. Alguns dizem que Tom MacAllister incendiou a casa para conseguir o seguro. Isso pode ou não ser. Mas aconselho o médico a ver nossas chaminés de uma só vez. Um grama de prevenção vale um quilo de cura. Mas vejo a sra. Marshall Elliott entrando no portão, como se tivesse sido chamada e não pudesse ir.

"Anne, querida, você viu o *diário* hoje?"

A voz da senhorita Cornelia estava tremendo, em parte pela emoção, em parte pelo fato de ela ter saído da loja rápido demais e perdido o fôlego.

Anne inclinou-se sobre os narcisos para esconder um sorriso. Ela e Gilbert riram de coração e sem coração pela primeira página do *Journal* naquele dia, mas sabia que, para a querida Miss Cornelia, era quase uma tragédia, e ela não deve ferir seus sentimentos por qualquer demonstração de leviandade.

"Não é terrível? O que há para ser feito? - perguntou Miss Cornelia, desesperada. A senhorita Cornelia havia jurado que tinha terminado de se preocupar com as brincadeiras dos filhos da mansão, mas continuou se preocupando da mesma forma.

Anne liderou o caminho para a varanda, onde Susan estava tricotando, com Shirley e Rilla carregando suas cartilhas dos dois lados. Susan já estava em seu segundo par de meias para Faith. Susan nunca se preocupou com a pobre humanidade. Ela fez o que nela estava para melhorar e deixou serenamente o resto para os Poderes Superiores.

"Cornelia Elliott pensa que nasceu para governar este mundo, Sra. Dra. Querida", dissera certa vez a Anne, "e por isso está sempre se metendo em alguma coisa. Eu nunca pensei *que* era, e por isso vou calmamente. Não, mas o que às vezes me ocorreu que as coisas podem correr um pouco melhor do que elas são. Mas não é para nós, pobres vermes, que nutrimos esses pensamentos. Eles apenas nos deixam desconfortáveis e não nos levam a lugar algum. "

-Não vejo que algo possa ser feito, agora ... - disse Anne, puxando uma cadeira agradável e almofadada para a senhorita Cornelia. "Mas como no mundo o Sr. Vickers permitiu que essa carta fosse impressa? Certamente ele deveria saber melhor.

-Ora, ele está fora, Anne querida, ele está fora de New Brunswick há uma semana. E aquele jovem escalador de Joe Vickers está editando o *Journal* na sua ausência. É claro que o Sr. Vickers nunca o teria colocado, mesmo que seja um metodista, mas Joe consideraria uma boa piada. Como você diz, não creio que exista algo a ser feito agora, apenas viva isso. Mas se algum dia Joe Vickers for encurralado em algum lugar, conversarei com ele, que ele não esquecerá com pressa. Eu queria que Marshall parasse nossa assinatura do *Journal*instantaneamente, mas ele apenas riu e disse que a edição de hoje era a única que tinha algo legível por um ano. Marshall nunca levará nada a sério - como um homem. Felizmente, Evan Boyd também é assim. Ele entende isso como uma piada e está rindo por todo o lugar. E ele é outro metodista! Quanto à sra. Burr, de Upper Glen, é claro que ela ficará furiosa e eles deixarão a igreja. Não que seja uma grande perda de qualquer ponto de vista. Os metodistas são bem-vindos a eles.

"Serve a sra. Burr certo", disse Susan, que tinha uma antiga disputa com a dama em questão e havia sido muito agradada pela referência a ela na carta de Faith. "Ela descobrirá que não será capaz de enganar o pároco metodista do seu salário com maus fios".

"O pior é que não há muita esperança de que as coisas melhorem", disse Miss Cornelia, sombria. "Enquanto o Sr. Meredith fosse ver Rosemary West, eu esperava que a mansão logo tivesse uma amante adequada. Mas está tudo errado. Suponho que ela não o teria por causa dos filhos - pelo menos, todo mundo parece pensar assim.

"Não acredito que ele tenha perguntado a ela", disse Susan, que não

conseguia conceber ninguém recusando um ministro.

"Bem, ninguém sabe nada sobre isso. Mas uma coisa é certa, ele não vai mais lá. E Rosemary não parecia bem durante toda a primavera. Espero que a visita dela a Kingsport faça bem a ela. Ela se foi há um mês e ficará mais um mês, eu entendo. Não me lembro quando Rosemary estava fora de casa antes. Ela e Ellen nunca poderiam suportar se separar. Mas eu entendo que Ellen insistiu que ela fosse dessa vez. Enquanto isso, Ellen e Norman Douglas estão esquentando a velha sopa.

"É mesmo assim?" Perguntou Anne, rindo. "Ouvi rumores sobre isso, mas mal acreditei."

"Acredite! Você pode acreditar, Anne, querida. Ninguém ignora isso. Norman Douglas nunca deixou ninguém em dúvida quanto às suas intenções em relação a alguma coisa. Ele sempre cortejava perante o público. Ele disse a Marshall que não pensava em Ellen há anos, mas a primeira vez que ele foi à igreja no outono passado, ele a viu e se apaixonou por ela novamente. Ele disse que tinha esquecido como ela era bonita. Ele não a via há vinte anos, se você pode acreditar. É claro que ele nunca foi à igreja, e Ellen nunca foi a nenhum outro lugar por aqui. Ah, todos sabemos o que Norman quer dizer, mas o que Ellen quer dizer é uma questão diferente. Não devo prever se será uma partida ou não.

-Ele a abandonou uma vez - mas parece que isso não conta com algumas pessoas, sra. Dra. Querida - observou Susan com acidez.

"Ele a deixou com raiva e se arrependeu a vida toda", disse Miss Cornelia. "Isso é diferente de uma sacudida a sangue frio. Pela minha parte, nunca detestei Norman como algumas pessoas fazem. Ele nunca poderia exagerar em ME. Eu me pergunto o que o levou a ir à igreja. Nunca pude acreditar na história da sra. Wilsons de que Faith Meredith foi até lá e o intimidou. Sempre pretendi perguntar a Faith, mas nunca pensei nisso quando a vi. Que influência ela poderia ter sobre Norman Douglas? Ele estava na loja quando eu saí, berrando de rir por causa daquela carta escandalosa. Você poderia tê-lo ouvido em Four Winds Point. "A melhor garota do mundo", ele estava gritando. - Ela é tão cheia de coragem que está explodindo com isso. E todos os velhos avós querem domá-la, condená-los. Mas eles nunca serão capazes de fazê-lo - nunca! Eles também podem tentar afogar um peixe. Boyd, veja que você coloca mais fertilizante nas batatas no próximo ano. Ho, ho, ho! E então ele riu até o telhado tremer.

"Senhor. Douglas paga bem pelo salário, pelo menos ", observou Susan.

"Oh, Norman não é mau em alguns aspectos. Ele daria mil sem pestanejar e rugiria como um touro de Basã se tivesse que pagar cinco centavos a mais por qualquer coisa. Além disso, ele gosta dos sermões do Sr. Meredith, e Norman

Douglas estava sempre disposto a desembolsar se fizesse cócegas no cérebro. Não há mais cristianismo sobre ele do que há sobre um pagão preto e nu na África e nunca haverá. Mas ele é inteligente e bem lido e julga sermões como faria nas palestras. De qualquer forma, é bom que ele apoie o Sr. Meredith e as crianças como ele, pois elas precisarão de amigos mais do que nunca depois disso. Estou cansado de dar desculpas para eles, acredite em mim.

-Sabe, querida senhorita Cornelia - disse Anne com seriedade -, acho que todos estamos dando desculpas demais. É muito tolo e devemos parar com isso. Vou lhe dizer o que eu gostaria de fazer. É claro que não vou fazê-lo - Anne havia notado um brilho de alarme nos olhos de Susan - seria muito convencional, e devemos ser convencionais ou morrer depois de atingir o que é supostamente uma idade digna. Mas eu gostaria de fazer isso. Gostaria de convocar uma reunião da Ladies Aid, WMS e Girls Sewing Society, e incluir na platéia todos e quaisquer metodistas que criticaram os Merediths - embora eu ache que, se nós presbiterianos parássemos de criticar e desculpar, encontraríamos que outras denominações se incomodariam muito pouco com o nosso pessoal. Eu diria a eles, 'Caros amigos cristãos' - com acentuada ênfase em 'Cristão' - tenho algo a dizer a você e quero dizer bom e duro, que você possa levá-lo para casa e repeti-lo para sua família. Vocês metodistas não precisam ter pena de nós, e nós presbiterianos não precisamos ter pena de nós mesmos. Não vamos mais fazer isso. E vamos dizer, com ousadia e sinceridade, a todos os críticos e simpatizantes: 'Estamos orgulhosos de nosso ministro e de sua família. Meredith é o melhor pregador que a igreja de Glen St. Mary já teve. Além disso, ele é um sincero e sincero professor de verdade e caridade cristã. Ele é um amigo fiel, um pastor criterioso em todos os aspectos essenciais e um homem refinado, acadêmico e bem-educado. Sua família é digna dele. Gerald Meredith é o aluno mais inteligente da escola de Glen e o Sr. Hazard diz que ele está destinado a uma carreira brilhante. Ele é um camarada viril, honrado e honesto. Faith Meredith é uma beleza, e tão inspiradora e original quanto ela é linda. Não há nada de comum nela. Todas as outras garotas do Glen juntas não têm o humor, a inteligência, a alegria e a coragem que ela tem. Ela não tem um inimigo no mundo. Todo mundo que a conhece a ama. De quantos, crianças ou adultos, isso pode ser dito? Una Meredith é a doçura personificada. Ela fará uma mulher muito amável. Carl Meredith, com seu amor por formigas, sapos e aranhas, um dia será um naturalista que todo o Canadá - ou seja, todo o mundo, terá prazer em honrar. Você conhece alguma outra família em Glen, ou fora dela, de quem todas essas coisas podem ser ditas? Fora com desculpas envergonhadas e desculpas. Nós nos regozijamos em nosso ministro e em seus esplêndidos meninos e meninas! "

Anne parou, em parte porque estava sem fôlego após seu discurso veemente e em parte porque não podia confiar em si mesma para falar mais em vista do rosto da senhorita Cornelia. Aquela boa dama estava olhando impotente para Anne, aparentemente envolta em novas idéias. Mas ela suspirou e partiu para a costa galantemente.

"Anne Blythe, desejo que você ligue para essa reunião e diga exatamente isso! Você me envergonhou, por exemplo, e longe de mim me recusar a admitir isso. É claro que é assim que deveríamos ter conversado - especialmente com os metodistas. E é cada palavra verdadeira - cada palavra. Acabamos de fechar os olhos para as grandes coisas que valem a pena e apertar os olhos para as pequenas coisas que realmente não importam o valor de um alfinete. Oh, Anne, querida, eu vejo uma coisa quando é martelada na minha cabeça. Não há mais desculpas por Comelia Marshall! Awdepois disso, acredite em MIM -, embora EU POSSA conversar com você como de costume, apenas para aliviar meus sentimentos se os Meredith fizerem mais acrobacias surpreendentes. Até a carta em que me senti tão mal - afinal, é apenas uma boa piada, como diz Norman. Poucas garotas teriam sido fofas o suficiente para pensar em escrevê-lo - e todas pontuaram tão bem e nenhuma palavra com erros de ortografia. Apenas deixe-me ouvir qualquer metodista dizer uma palavra sobre isso - embora, mesmo assim, nunca perdoarei Joe Vickers - acredite em mim! Onde está o resto da sua batata frita esta noite?

"Walter e os gêmeos estão no vale do arco-íris. Jem está estudando no sótão.

"Eles são todos loucos por Rainbow Valley. Mary Vance acha que é o único lugar do mundo. Ela estaria aqui todas as noites se eu deixasse. Mas não a encorajo a brincar. Além disso, sinto falta da criatura quando ela não está por perto, Anne, querida. Eu nunca pensei que iria gostar tanto dela. Não é o que vejo as falhas dela e tento corrigi-las. Mas ela nunca me disse uma palavra atrevida desde que veio à minha casa e é uma GRANDE ajuda - pois quando tudo está dito e feito, Anne, querida, não sou tão jovem como era antes e não há sentido em negar. isto. Eu tinha cinquenta e nove no meu último aniversário. Não sinto isso, mas não há como negar a Bíblia da família. "

CAPÍTULO XXVII

UM CONCERTO SAGRADO

Apesar do novo ponto de vista da Srta. Cornelia, ela não pôde deixar de se sentir um pouco perturbada com a próxima apresentação das crianças da mansão. Em público, ela transmitiu a situação esplendidamente, dizendo a todas as fofocas a substância do que Anne havia dito na época do narciso, e dizendo de maneira tão clara e forçada que seus ouvintes se sentiram um tanto tolos e começaram a pensar que, afinal, eles estavam fazendo muita brincadeira infantil. Mas, em particular, a senhorita Cornelia se permitiu o alívio de lamentar a Anne.

"Anne, querida, eles tiveram um concerto no cemitério na noite de quinta-feira passada, enquanto a reunião de oração metodista continuava. Ali estavam sentados, na lápide de Ezequias Pollock, e cantaram por uma hora seguida. Claro, eu entendo que eram principalmente hinos que eles cantavam, e não teria sido tão ruim se eles não tivessem feito mais nada. Mas me disseram que eles terminaram com *Polly Wolly Doodle* por inteiro - e isso quando Deacon Baxter estava orando. "

"Eu estava lá naquela noite", disse Susan, "e, embora não tenha dito nada a você, senhora Dra. Querida, não pude deixar de pensar que era uma grande pena que eles tivessem escolhido naquela noite em particular. Foi realmente assustador ouvi-los sentados ali naquela morada dos mortos, gritando aquela canção frívola no topo de seus pulmões.

"Eu não sei o que você estava fazendo em uma reunião de oração metodista", disse Miss Cornelia acidamente.

"Eu nunca achei que o metodismo estivesse pegando", replicou Susan rigidamente. "E, como eu diria quando fui interrompido, por mais que me sentisse, não cedi aos metodistas. Quando a sra. Deacon Baxter disse, quando saímos, 'Que exibição vergonhosa!' *Eu* disse, olhando-a bem nos olhos: 'Eles são todos cantores lindos, e nenhum do SEU coral, Sra. Baxter, se incomoda em ir à sua reunião de oração, parece. Suas vozes parecem estar em sintonia apenas aos domingos! Ela era bastante mansa e eu senti que a tinha desprezado adequadamente. Mas eu poderia ter feito isso com muito mais cuidado, senhora Dra. Querida, se eles tivessem deixado de fora *Polly Wolly Doodle*. É realmente terrível pensar nisso cantado em um cemitério.

"Alguns desses mortos cantaram *Polly Wolly Doodle* quando estavam vivendo, Susan. Talvez eles gostem de ouvir ainda - sugeriu Gilbert.

A senhorita Cornelia olhou para ele com reprovação e decidiu que, em

alguma ocasião futura, sugeriria a Anne que o médico deveria ser advertido a não dizer essas coisas. Eles podem prejudicar sua prática. As pessoas podem pensar que ele não era ortodoxo. Para ter certeza, Marshall disse coisas ainda piores habitualmente, mas então ele não era um homem público.

"Entendo que o pai deles estava no escritório dele o tempo todo, com as janelas abertas, mas nunca os notava. Claro, ele estava perdido em um livro, como de costume. Mas falei com ele sobre isso ontem, quando ele ligou.

- Como você se atreve, sra. Marshall Elliott? - perguntou Susan, repreendendo.

"Atreva-se! Está na hora de alguém ousar algo. Dizem que ele não sabe nada sobre essa carta de Faith para a REVISTA, porque ninguém gostava de mencioná-la. Ele nunca olha para um JORNAL, é claro. Mas eu pensei que ele deveria saber disso para impedir essas performances no futuro. Ele disse que 'discutia isso com eles'. Mas é claro que ele nunca mais pensaria nisso depois de sair do nosso portão. Aquele homem não tem senso de humor, Anne, acredite em mim. Ele pregou no domingo passado em 'Como Criar Filhos'. Era um belo sermão também - e todos na igreja pensavam 'que pena que você não pode praticar o que prega'. "

A senhorita Cornelia fez ao Sr. Meredith uma injustiça ao pensar que logo esqueceria o que ela lhe dissera. Ele voltou para casa muito perturbado e, quando as crianças vieram do vale do arco-íris naquela noite, muito mais tarde do que deveriam estar vagando nele, ele as chamou para o escritório.

Eles entraram, um tanto impressionados. Era algo tão incomum para o pai deles. O que ele poderia lhes dizer? Eles guardaram suas memórias por qualquer transgressão recente de importância suficiente, mas não conseguiram se lembrar de nenhuma. Carl derramou uma porção de geléia no vestido de seda da sra. Peter Flagg duas noites antes, quando, a convite de tia Martha, ela ficou para jantar. Mas o Sr. Meredith não percebeu, e a Sra. Flagg, que era uma alma gentil, não fez nenhum barulho. Além disso, Carl havia sido punido por ter que usar o vestido de Una o resto da noite.

De repente, Una pensou que talvez seu pai quisesse dizer a eles que ele iria se casar com a senhorita West. Seu coração começou a bater violentamente e suas pernas tremiam. Então ela viu que o Sr. Meredith parecia muito severo e triste. Não, não poderia ser isso.

"Crianças", disse Meredith, "ouvi algo que me doeu muito. É verdade que você ficou sentado no cemitério durante toda a noite de quinta-feira passada e cantou canções rudes enquanto uma reunião de oração estava sendo realizada na igreja metodista? "

"Grande César, pai, esquecemos tudo sobre a noite da reunião de oração",

exclamou Jerry, consternado.

"Então é verdade - você fez isso?"

"Ora, pai, eu não sei o que você quer dizer com canções irreverentes. Cantamos hinos - era um concerto sagrado, você sabe. Que mal foi esse? Eu digo a você que nunca pensamos que seria noite de reunião de oração metodista. Eles costumavam se reunir nas noites de terça-feira e, desde que mudaram para as quintas-feiras, é difícil lembrar.

"Você cantou nada além de hinos?"

"Por que", disse Jerry, ficando vermelho, "nós cantamos *Polly Wolly Doodle* no final. Faith disse: 'Vamos ter algo alegre para terminar'. Mas não quisemos fazer mal, pai - realmente não quisemos.

"O show foi minha ideia, pai", disse Faith, com medo de que o Sr. Meredith pudesse culpar Jerry demais. "Você sabe que os próprios metodistas tiveram um concerto sagrado em sua igreja três noites de domingo atrás. Eu pensei que seria muito divertido criar uma imitação disso. Só eles tinham orações, e nós deixamos essa parte de fora, porque ouvimos que as pessoas achavam horrível orarmos em um cemitério. Você estava aqui sentado o tempo todo - acrescentou ela - e nunca disse uma palavra para nós.

"Eu não percebi o que você estava fazendo. Isso não é desculpa para mim, é claro. Eu sou mais culpado do que você - eu percebo isso. Mas por que você cantou essa música tola no final? "

"Nós não pensamos", murmurou Jerry, sentindo que era uma desculpa muito esfarrapada, visto que ele havia ensinado Faith tão fortemente nas sessões do Clube de Boa Conduta por sua falta de pensamento. "Sinto muito, padre, realmente somos. Entre com força em nós - merecemos um penteado regular.

Mas o sr. Meredith não fez piadas ou críticas. Ele se sentou e reuniu seus pequenos culpados perto dele e conversou um pouco com eles, com ternura e sabedoria. Eles foram tomados de remorso e vergonha, e sentiram que nunca mais poderiam ser tão tolos e impensados.

"Nós apenas temos que nos punir bem e duro por isso", sussurrou Jerry enquanto subiam as escadas. "Amanhã teremos uma sessão do clube e decidiremos como fazê-lo. Eu nunca vi o pai tão cortado. Mas desejo a Deus que os metodistas cumpram uma noite para a reunião de oração e não percam a semana toda. "

- De qualquer forma, fico feliz que não tenha sido o que eu estava com medo - murmurou Una para si mesma.

Atrás deles, no escritório, o Sr. Meredith havia se sentado à sua mesa e enterrado o rosto nos braços.

"Deus me ajude!" Ele disse. "Eu sou um pobre pai. Oh, Rosemary! Se você

tivesse apenas se importado!

CAPÍTULO XXVIII
UM DIA RÁPIDO

O Clube de Boa Conduta teve uma sessão especial na manhã seguinte antes da escola. Após várias sugestões, decidiu-se que um dia rápido seria uma punição apropriada.

"Não vamos comer nada durante um dia inteiro", disse Jerry. "Estou meio curioso para ver como é o jejum. Esta será uma boa chance de descobrir.

"Que dia vamos escolher para isso?", Perguntou Una, que achou que seria uma punição fácil e imaginou que Jerry e Faith não haviam planejado algo mais difícil.

"Vamos escolher segunda-feira", disse Faith. "Na maioria das vezes, jantamos bastante aos domingos, e as refeições às segundas-feiras nunca são tão grandes assim."

"Mas esse é o ponto", exclamou Jerry. "Não devemos aproveitar o dia mais fácil para jejuar, mas o mais difícil - e é domingo, porque, como você diz, geralmente temos carne assada naquele dia, em vez de idem frio. Não seria muito punitivo jejuar da mesma maneira. Vamos no próximo domingo. Será um bom dia, pois o pai vai trocar pelo culto da manhã com o ministro de Upper Lowbridge. Pai ficará ausente até a noite. Se a tia Martha se perguntar o que aconteceu conosco, diremos a ela que estamos jejuando pelo bem de nossas almas, e isso está na Bíblia e ela não deve interferir, e acho que não.

Tia Martha não. Ela apenas disse, à sua maneira irritada e resmungona: "Que tolice você jovem rasga até agora?" E não pensou mais nisso. O Sr. Meredith tinha ido embora de manhã cedo, antes que alguém acordasse. Ele também ficou sem o café da manhã, mas é claro que isso era comum. Metade do tempo ele esqueceu e não havia ninguém para lembrá-lo. O café da manhã - o café da manhã da tia Martha - não foi uma refeição difícil de perder. Até os famintos "jovens rasgos" não sentiram grande privação em se abster do "mingau irregular e leite azul" que despertara o desprezo de Mary Vance. Mas era diferente na hora do jantar. Eles estavam furiosamente famintos então, e o odor de carne assada que permeava a mansão, e que era totalmente agradável, apesar do fato de que a carne assada estava mal passada, era quase mais do que eles podiam suportar. Desesperados, correram para o cemitério, onde não podiam sentir o cheiro. Mas Una não conseguia desviar o olhar da janela da sala de jantar, através da qual o ministro de Upper Lowbridge podia ser visto, comendo placidamente.

"Se eu pudesse ter apenas um pedaço pequenino e pequenino", ela suspirou.

"Agora, pare com isso", ordenou Jerry. "Claro que é difícil, mas esse é o castigo. Eu poderia comer uma imagem esculpida neste exato momento, mas estou reclamando? Vamos pensar em outra coisa. Nós apenas temos que subir acima do estômago.

Na hora do jantar, eles não sentiram as dores da fome que haviam sofrido no início do dia.

"Suponho que estamos nos acostumando", disse Faith. "Sinto uma sensação estranhamente estranha, mas não posso dizer que estou com fome."

"Minha cabeça é engraçada", disse Una. "Às vezes dá voltas e voltas."

Mas ela foi alegremente à igreja com os outros. Se o Sr. Meredith não estivesse tão envolvido e empolgado com o assunto, ele poderia ter notado o rostinho pálido e os olhos vazios no banco de mansão embaixo. Mas ele não notou nada e seu sermão foi algo mais longo que o normal. Então, pouco antes de proferir o hino final, Una Meredith caiu do assento do banco da mansão e deitou no chão, desmaiada.

A Sra. Elder Clow foi a primeira a alcançá-la. Ela pegou o corpinho magro dos braços de Faith aterrorizada e de rosto branco e o carregou para dentro da sacristia. O Sr. Meredith esqueceu o hino e tudo mais e correu loucamente atrás dela. A congregação se despediu da melhor maneira possível.

"Oh, Sra. Clow", ofegou Faith, "Una está morta? Nós a matamos?

"Qual é o problema com meu filho?" Exigiu o pai pálido.

"Ela acabou de desmaiar, eu acho", disse a sra. Clow. "Oh, aqui está o médico, graças a Deus."

Gilbert não achou muito fácil trazer Una de volta à consciência. Ele trabalhou sobre ela por um longo tempo antes que seus olhos se abrissem. Então ele a levou para a mansão, seguida por Faith, soluçando histericamente em seu alívio.

"Ela está com fome, você sabe - ela não comeu nada hoje - nenhum de nós - nós todos estávamos jejuando."

"Jejum!", Disse o Sr. Meredith, e "Jejum?", Perguntou o médico.

"Sim - nos punir por cantar *Polly Wolly* no cemitério", disse Faith.

"Meu filho, não quero que você se castigue por isso", disse Meredith, angustiado. "Eu dei a você sua pequena bronca - e você era todo penitente - e eu te perdoei."

"Sim, mas tivemos que ser punidos", explicou Faith. "É nossa regra - em nosso Clube de Boa Conduta, você sabe - se fizermos algo errado ou algo que possa prejudicar o pai na congregação, temos que nos punir. Estamos nos educando, você sabe, porque não há ninguém para fazer isso. "

O Sr. Meredith gemeu, mas o médico levantou-se do lado de Una com um

ar de alívio.

"Então essa criança simplesmente desmaiou por falta de comida e tudo que ela precisa é de uma boa refeição quadrada", disse ele. "Sra. Clow, você terá a gentileza de ver que ela entende? E penso na história de Faith que todos seriam melhores para algo comer, ou teremos mais desmaios. "

"Suponho que não devíamos ter feito Una rápido", disse Faith com remorso. "Quando penso nisso, apenas Jerry e eu deveríamos ter sido punidos. Fizemos o show e éramos os mais velhos. "

"Eu cantei *Polly Wolly* da mesma forma que o resto de vocês", disse a voz fraca e fraca de Una, "então eu tive que ser punida também."

A sra. Clow veio com um copo de leite, Faith, Jerry e Carl foram furtivamente para a despensa, e John Meredith entrou em seu escritório, onde ficou sentado no escuro por um longo tempo, sozinho com seus pensamentos amargos. Então, seus filhos estavam se educando porque não havia "ninguém para fazer isso" - lutando entre suas pequenas perplexidades sem uma mão para guiar ou uma voz para aconselhar. A frase inocentemente proferida de Faith aflorou na mente de seu pai como uma flecha farpada. Não havia "ninguém" para cuidar deles - para confortar suas pequenas almas e cuidar de seus pequenos corpos. Quão frágil Una parecia, deitada ali no sofá da sacristia naquele tempo tão fraco! Quão finas eram suas mãos minúsculas, quão pálida sua pequena face! Ela parecia que poderia escapar dele em um suspiro - doce e pequena Una, dos quais Cecília lhe implorara para tomar um cuidado tão especial. Desde a morte de sua esposa, ele não sentia uma agonia de pavor, como quando pairava sobre sua filhinha, inconsciente. Ele deve fazer alguma coisa - mas o que? Ele deveria pedir para Elizabeth Kirk se casar com ele? Ela era uma boa mulher - seria gentil com os filhos dele. Ele poderia fazê-lo, se não fosse por seu amor por Rosemary West. Mas até que ele esmagasse isso, ele não podería procurar outra mulher em casamento. E ele não conseguiu esmagar - ele tentou e não conseguiu. Rosemary estava na igreja naquela noite, pela primeira vez desde seu retorno de Kingsport. Ele vislumbrou o rosto dela na parte de trás da igreja lotada, exatamente quando terminara o sermão. Seu coração deu uma pulsação feroz. Ele sentou-se enquanto o coral cantava a "peça de coleta", com a cabeça inclinada e pulsos formigantes. Ele não a via desde a noite em que pedira que se casasse com ele. Quando ele se levantou para dar o hino, suas mãos tremiam e seu rosto pálido estava vermelho. Então o desmaio de Una havia banido tudo de sua mente por um tempo. Agora, na escuridão e solidão do escritório, ele voltou correndo. Rosemary era a única mulher no mundo para ele. Não adiantava pensar em se casar com outro. Ele não podia cometer um sacrilégio nem por causa dos filhos. Ele deve assumir seu fardo sozinho - ele deve tentar ser um pai melhor e mais

vigilante - ele deve dizer aos filhos para não terem medo de procurá-lo com todos os seus pequenos problemas. Então ele acendeu sua lâmpada e pegou um livro novo e volumoso que estava definindo o mundo teológico pelos ouvidos. Ele lia apenas um CAPÍTULO para compor sua mente. Cinco minutos depois, ele estava perdido para o mundo e para os problemas do mundo.

CAPÍTULO XXIX

UM CONTO ESTRANHO

Numa noite de junho, Rainbow Valley era um lugar totalmente agradável e as crianças sentiam que era assim, pois sentavam-se na clareira aberta, onde os sinos tocavam de forma indelével nos Amantes das Árvores, e a Dama Branca sacudia suas madeixas verdes. O vento ria e assobiava sobre eles como um camarada leal e de bom coração. As samambaias jovens eram picantes no oco. As cerejeiras silvestres espalhadas pelo vale, entre os abetos escuros, eram enevoadas de branco. Os robins assobiavam nos bordos atrás de Ingleside. Além, nas encostas do Glen, havia pomares florescendo, doces, místicos e maravilhosos, velados no crepúsculo. Era primavera, e as coisas novas DEVEM ser felizes na primavera.

Jem não estava lá. Jem passou a noite estudando para o exame de admissão no sótão Ingleside. Jerry estava no lago, trotando. Walter estava lendo os poemas do mar de Longfellow para os outros e eles estavam mergulhados na beleza e no mistério dos navios. Depois, conversaram sobre o que fariam quando crescessem - para onde viajariam - nas margens distantes e justas que veríam. Nan e Di pretendiam ir para a Europa. Walter ansiava pelo Nilo que passava por suas areias egípcias e um vislumbre da esfinge. Faith opinou com tristeza que supunha que teria que ser missionária - a velha sra. Taylor disse que deveria ser - e então, pelo menos, veria a Índia ou a China, aquelas terras misteriosas do Oriente. O coração de Carl estava em selvas africanas. Una não disse nada. Ela pensou que gostaria de ficar em casa. Era mais bonito aqui do que em qualquer outro lugar. Seria terrível quando todos eles crescessem e tivessem que se espalhar pelo mundo. A própria idéia fez Una se sentir solitária e com saudades de casa. Mas os outros sonharam deliciosamente até Mary Vance chegar e desaparecer a poesia e os sonhos de uma só vez.

"Leis, mas estou sem graça", ela exclamou. "Eu corri morro abaixo como sessenta. Eu tenho um susto terrível lá em cima na antiga casa de Bailey.

"O que te assustou?", Perguntou Di.

"Não sei. Eu estava cutucando debaixo dos lilases no velho jardim, tentando ver se ainda havia lírios do vale. Estava escuro como um bolso ali - e de repente vi algo mexendo e farfalhando do outro lado do jardim, naqueles arbustos de cerejeira. Era branco. Eu lhe digo que não parei para um segundo olhar. Voei sobre o dique mais rápido do que rápido. Eu tinha certeza de que era o fantasma de Henry Warren.

"Quem era Henry Warren?", Perguntou Di.

"E por que ele deveria ter um fantasma?" Perguntou Nan.

"Leis, você nunca ouviu a história? E você criou no Glen. Bem, espere um minuto até eu recuperar o fôlego e eu lhe direi.

Walter estremeceu deliciosamente. Ele amava histórias de fantasmas. Seu mistério, seu clímax dramático, sua estranheza lhe davam um prazer temível e requintado. Longfellow instantaneamente se tornou manso e comum. Ele jogou o livro de lado e se esticou, apoiado nos cotovelos para ouvir de todo o coração, fixando seus grandes olhos luminosos no rosto de Mary. Mary desejou que ele não olhasse para ela. Ela sentiu que poderia fazer um trabalho melhor da história de fantasmas se Walter não estivesse olhando para ela. Ela poderia usar vários detalhes e inventar alguns detalhes artísticos para aumentar o horror. Como era, ela teve que se ater à verdade nua - ou ao que lhe fora dito a verdade.

"Bem", ela começou, "você sabe que o velho Tom Bailey e sua esposa moravam naquela casa há trinta anos atrás. Dizem que ele era um péssimo e terrível marido e sua esposa não era muito melhor. Eles não tinham filhos, mas uma irmã do velho Tom morreu e deixou um menino - esse Henry Warren - e eles o levaram. Ele tinha cerca de doze anos quando chegou a eles, e meio subdimensionado e delicado. Dizem que Tom e sua esposa o usaram horrivelmente desde o início - açoitaram-no e morreram de fome. As pessoas disseram que queriam que ele morresse, para que pudessem receber o pouco de dinheiro que sua mãe havia deixado para ele. Henry não morreu logo, mas começou a ter crises - epileps, como eles os chamavam - e ele cresceu meio que simples, até os dezoito anos. Seu tio costumava bater nele naquele jardim lá em cima porque era nos fundos da casa onde ninguém podia vê-lo. Mas as pessoas podiam ouvir, e dizem que era horrível ouvir o pobre Henry implorar ao tio para não matá-lo. Mas ninguém se atreveu a interferir, porque o velho Tom era tão reprovador que ele certamente iria acertar com eles de alguma maneira. Ele queimou os celeiros de um homem em Harbor Head que o ofendeu. Por fim, Henry morreu e seu tio e tia desistiram de morrer em um de seus ataques, e isso era tudo o que todos sabiam, mas todos diziam que Tom havia acabado de acordar e matá-lo para sempre. E não demorou muito para que Henry andasse. Aquele velho jardim foi odiado. Ele foi ouvido lá à noite, gemendo e chorando. O velho Tom e sua esposa saíram - foram para o oeste e nunca mais voltaram. O lugar tinha um nome tão ruim que ninguém o compraria ou alugaria. É por isso que tudo foi arruinado. Isso foi há trinta anos, mas o fantasma de Henry Warren ainda não o deteve.

- Você acredita nisso? - perguntou Nan, desdenhosa. " *Eu* não."

"Bem, BOAS pessoas o viram e o ouviram." Replicou Mary. "Dizem que

ele aparece e se agacha no chão e segura você pelas pernas, gibbers e gemidos como ele fazia quando estava vivo. Pensei nisso assim que vi aquela coisa branca nos arbustos e pensei que, se me pegasse assim e gemesse, eu cairia morto no local. Então eu corto e corro. Talvez não fosse o fantasma dele, mas eu não me arriscaria com nada.

"Provavelmente era o bezerro branco da velha sra. Stimson", riu Di. "Pastam naquele jardim - eu já vi."

"Talvez sim. Mas não vou mais para casa pelo jardim Bailey. Aqui está Jerry com uma grande quantidade de trutas e é a minha vez de cozinhá-las. Jem e Jerry dizem que sou a melhor cozinheira do Glen. E Cornelia me disse que eu poderia trazer esse lote de biscoitos. Eu quase os derrubei quando vi o fantasma de Henry.

Jerry piou quando ouviu a história de fantasma - que Mary repetiu enquanto fritava o peixe, um pouco mais ou menos, já que Walter tinha ido ajudar Faith a pôr a mesa. Não causou nenhuma impressão em Jerry, mas Faith, Una e Carl estavam secretamente muito assustados, embora nunca tivessem cedido a isso. Tudo bem, desde que os outros estivessem com eles no vale; mas, quando o banquete terminou e as sombras caíram, eles tremeram de lembrança. Jerry foi até Ingleside com os Blythes para ver Jem sobre alguma coisa, e Mary Vance foi até lá em casa. Então Faith, Una e Carl tiveram que voltar para a mansão. Eles caminharam muito juntos e deram um amplo espaço ao antigo jardim Bailey. Eles não acreditavam que era assombrado, é claro,

CAPÍTULO XXX

O FANTASMA NO DIQUE

De alguma forma, Faith, Carl e Una não conseguiram se livrar da influência que a história do fantasma de Henry Warren havia tomado em sua imaginação. Eles nunca haviam acreditado em fantasmas. As histórias de fantasmas que eles ouviram bastante - Mary Vance havia contado muito mais sangue-frio do que isso; mas esses contos eram todos de lugares, pessoas e fantasmas distantes e desconhecidos. Após a primeira emoção meio horrível e meio agradável de reverência e terror, eles não pensaram mais neles. Mas essa história chegou em casa para eles. O antigo jardim Bailey estava quase à sua porta - quase no seu amado Rainbow Valley. Eles passaram e repassaram isso constantemente; eles caçaram flores nela; eles haviam feito atalhos quando desejavam ir direto da vila para o vale. Mas nunca mais! Depois da noite em que Mary Vance lhes contou sua história horrenda, eles não teriam passado por ela nem se aproximaram dela sob pena de morte. Morte! O que era a morte comparada à possibilidade sobrenatural de cair nas garras do fantasma sombrio de Henry Warren?

Numa noite quente de julho, os três estavam sentados sob os Amantes das Árvores, sentindo-se um pouco solitários. Ninguém mais havia chegado perto do vale naquela noite. Jem Blythe estava fora em Charlottetown, escrevendo nos exames de admissão. Jerry e Walter Blythe partiam para velejar no porto com o velho capitão Crawford. Nan, Di, Rilla e Shirley haviam percorrido a estrada do porto para visitar Kenneth e Persis Ford, que haviam acompanhado os pais para uma visita de avião à pequena Casa dos Sonhos. Nan pediu a Faith para ir com eles, mas Faith recusou. Ela nunca teria admitido, mas sentiu um pouco de ciúmes secretos de Persis Ford, sobre cuja beleza maravilhosa e glamour da cidade ela ouvira bastante. Não, ela não iria lá e tocaria violino para ninguém. Ela e Una levaram seus livros de história para Rainbow Valley e leram, enquanto Carl investigava insetos nas margens do riacho, e os três ficaram felizes até perceberem de repente que era crepúsculo e que o antigo jardim Bailey estava desconfortavelmente próximo. Carl veio e sentou-se perto das meninas. Todos desejavam ter voltado para casa um pouco antes, mas ninguém disse nada.

Grandes nuvens aveludadas e roxas se amontoavam no oeste e se espalhavam sobre o vale. Não havia vento e tudo estava subitamente, estranhamente, terrivelmente quieto. O pântano estava cheio de milhares de moscas do fogo. Certamente algum parlamento de fadas estava sendo convocado

naquela noite. Ao todo, Rainbow Valley não era um lugar sagaz naquele momento.

Faith olhou com medo para o antigo jardim de Bailey. Então, se o sangue de alguém congelou, Faith Meredith certamente congelou naquele momento. Os olhos de Carl e Una seguiram seu olhar extasiado e calafrios começaram a galopar por suas espinhas também. Pois ali, embaixo da grande árvore de tamarack, no dique caído de capim do jardim Bailey, havia algo branco - sem forma, branco na penumbra crescente. Os três Merediths sentaram-se e olharam como se virassem pedra.

- É ... é o bezerro - sussurrou Una, finalmente.

"É muito grande para o bezerro", sussurrou Faith. Sua boca e lábios estavam tão secos que ela mal conseguia articular as palavras.

De repente Carl ofegou, "Está vindo aqui."

As meninas deram um último olhar agoniado. Sim, estava rastejando sobre o dique, como nenhum bezerro fazia ou podia rastejar. A razão fugiu antes do pânico repentino e dominador. No momento, todos do trio estavam firmemente convencidos de que o que eles viram foi o fantasma de Henry Warren. Carl ficou de pé e saiu às cegas. Com um grito simultâneo, as meninas o seguiram. Como criaturas loucas, eles subiram a colina, atravessaram a rua e entraram na mansão. Eles deixaram tia Martha costurando na cozinha. Ela não estava lá. Eles correram para o escritório. Estava escuro e sem inquilino. Como com um impulso, eles se viraram e seguiram para Ingleside - mas não através do vale do arco-íris. Descendo a colina e atravessando a rua Glen, eles voaram nas asas de seu terror selvagem, Carl na liderança, Una na retaguarda. Ninguém tentou detê-los, embora todos que os viram se perguntassem que novo demônio esses jovens homens estavam fazendo agora. Mas, no portão de Ingleside, encontraram Rosemary West, que acabara de passar um momento para devolver alguns livros emprestados.

Ela viu seus rostos medonhos e olhos arregalados. Ela percebeu que suas pobres pequenas almas estavam atormentadas com algum medo terrível e real, qualquer que fosse a causa. Ela pegou Carl com um braço e Faith com o outro. Una tropeçou contra ela e segurou-se desesperadamente.

"Filhos, querido, o que aconteceu?", Ela disse. "O que te assustou?"

"O fantasma de Henry Warren", respondeu Carl, entre os dentes.

"Henry - Warren - fantasma!" Disse Rosemary, que nunca ouvira a história.

"Sim", soluçou Faith histericamente. "Está lá - no dique de Bailey - nós vimos - e começou a nos perseguir."

Rosemary levou as três criaturas distraídas para a varanda do Ingleside. Gilbert e Anne estavam fora, tendo ido também à Casa dos Sonhos, mas Susan

apareceu na porta, magra, prática e sem graça.

- Sobre o que é toda essa zaragata?

Mais uma vez, as crianças engasgaram com sua terrível história, enquanto Rosemary as segurou perto dela e as acalmou com conforto sem palavras.

"Provavelmente era uma coruja", disse Susan, sem se mexer.

Uma coruja! Os filhos Meredith nunca tiveram qualquer opinião sobre a inteligência de Susan depois disso!

"Era maior que um milhão de corujas", disse Carl, soluçando - oh, como Carl tinha vergonha daquele soluço depois de dias - "e ele - CRESCEU exatamente como Mary disse - e estava rastejando sobre o dique para chegar a nos. As corujas CRAWL?

Rosemary olhou para Susan.

"Eles devem ter visto algo para assustá-los", disse ela.

"Eu vou ver", disse Susan friamente. "Agora, filhos, acalmem-se. O que quer que você tenha visto, não era um fantasma. Quanto ao pobre Henry Warren, tenho certeza de que ele ficaria muito feliz em descansar em silêncio em seu túmulo pacífico quando chegasse lá. Não tenha medo de ele voltar atrás e com quem você possa se vincular. Se conseguir fazê-los ver a razão, senhorita West, vou descobrir a verdade do problema.

Susan partiu para Rainbow Valley, agarrando valentemente um forcado que encontrou encostado na cerca traseira, onde o médico trabalhava em seu pequeno campo de feno. Um forcado pode não ser muito útil contra "ha'nts", mas era um tipo reconfortante de arma. Não havia nada a ser visto no vale do arco-íris quando Susan o alcançou. Nenhum visitante branco parecia espreitar no jardim sombrio e emaranhado de Bailey. Susan marchou ousadamente por ela e além dela, e bateu com o forcado na porta da pequena cabana do outro lado, onde a sra. Stimson morava com as duas filhas.

De volta ao Ingleside, Rosemary conseguiu acalmar as crianças. Eles ainda choravam um pouco de choque, mas estavam começando a sentir uma suspeita espreita e salutar de que haviam feito gansos terríveis. Essa suspeita se tornou uma certeza quando Susan finalmente voltou.

"Eu descobri qual era o seu fantasma", disse ela, com um sorriso sombrio, sentando-se em uma cadeira de balanço e se abanando. - A velha sra. Stimson tem um par de lençóis de algodão branqueados no jardim Bailey há uma semana. Ela as espalhou no dique embaixo da árvore de tamarack, porque a grama era limpa e curta lá. Hoje à noite, ela foi buscá-los. Ela a tricotava nas mãos e pendurava os lençóis sobre os ombros para carregá-los. E então ela deve ter deixado cair uma de suas agulhas e achar que não podia e ainda não o fez. Mas ela caiu de joelhos e rastejou para caçá-lo, e ficou assim quando ouviu gritos

terríveis no vale e viu as três crianças correndo pela colina. Ela pensou que eles haviam sido mordidos por alguma coisa e isso deu a seu pobre e velho coração uma reviravolta que ela não conseguia se mexer nem falar, mas apenas se agachou ali até desaparecerem. Então ela cambaleou de volta para casa e eles vêm aplicando estimulantes nela desde então, e seu coração está em uma condição terrível e ela diz que não vai superar esse susto o verão inteiro. "

Os Meredith sentaram-se, carmesim com uma vergonha que nem a simpatia compreensiva de Rosemary não conseguiu remover. Eles fugiram de casa, encontraram Jerry no portão da mansão e fizeram uma confissão arrependida. Uma sessão do Clube de Boa Conduta foi marcada para a manhã seguinte.

West não foi gentil conosco esta noite? - sussurrou Faith na cama.

"Sim", admitiu Una. "É uma pena que mude tanto as pessoas para serem madrastas".

"Eu não acredito que sim", disse Faith lealmente.

CAPÍTULO XXXI
CARL FAZ PENITÊNCIA

"Não vejo por que devemos ser punidos", disse Faith, um pouco emburrada. "Nós não fizemos nada de errado. Não podíamos deixar de ter medo. E isso não fará mal ao pai. Foi apenas um acidente.

"Vocês eram covardes", disse Jerry com desprezo judicial, "e você deu lugar à sua covardia. É por isso que você deve ser punido. Todo mundo vai rir de você sobre isso, e isso é uma vergonha para a família.

"Se você soubesse o quão terrível tudo isso era", disse Faith com um calafrio, "você pensaria que já tínhamos sido punidos o suficiente. Eu não passaria por isso novamente por nada no mundo inteiro. "

"Eu acredito que você se mataria se estivesse lá", murmurou Carl.

"De uma velha em um lençol de algodão", zombou Jerry. "Ho, ho, ho!"

"Não parecia nem um pouco velha", exclamou Faith. "Era apenas uma coisa grande, grande e branca rastejando na grama, assim como Mary Vance disse que Henry Warren. Está tudo bem para você rir, Jerry Meredith, mas você teria rido do outro lado da boca se estivesse lá. E como devemos ser punidos? *Eu* não acho que é justo, mas vamos saber o que temos que fazer, o Juiz Meredith!"

"A maneira como encaro as coisas", disse Jerry, franzindo a testa, "é que Carl era o culpado. Ele fugiu primeiro, como eu o entendo. Além disso, ele era um menino, então ele deveria ter se mantido firme para proteger vocês, qualquer que fosse o perigo. Você sabe disso, Carl, não é?

"Acho que sim", rosnou Carl, envergonhado.

"Muito bem. Este é o seu castigo. Hoje à noite você ficará sentado na lápide do Sr. Hezekiah Pollock, apenas no cemitério, até as 12 horas.

Carl estremeceu um pouco. O cemitério não estava muito longe do antigo jardim de Bailey. Seria uma provação difícil, mas Carl estava ansioso para acabar com sua desgraça e provar que ele não era um covarde, afinal.

"Tudo bem", disse ele com firmeza. "Mas como vou saber quando tiver doze anos?"

"As janelas do escritório estão abertas e você ouvirá o relógio bater. E lembre-se de que você não deve sair daquele cemitério até o último golpe. Quanto a vocês, meninas, vocês precisam ficar sem geléia no jantar por uma semana.

Faith e Una pareciam bastante vazias. Eles estavam inclinados a pensar que mesmo a agonia comparativamente curta, embora aguda, de Carl era uma punição mais leve do que essa longa provação prolongada. Uma semana inteira

de pão empapado sem a graça salvadora da geléia! Mas não era permitido fugir do clube. As meninas aceitaram o seu lote com a filosofia que eles poderiam convocar.

Naquela noite, todos foram dormir às nove, exceto Carl, que já estava vigiando a lápide. Una entrou para lhe dar boa noite. Seu coração terno estava torcido de simpatia.

"Oh, Carl, você está com muito medo?" Ela sussurrou.

"Nem um pouco", disse Carl alegremente.

"Não vou dormir uma piscadela até depois das doze", disse Una. "Se você ficar sozinho, olhe para a nossa janela e lembre-se de que estou lá dentro, acordado e pensando em você. Será uma pequena companhia, não é?

"Eu vou ficar bem. Não se preocupe comigo - disse Carl.

Mas apesar de suas palavras assustadoras, Carl era um garoto muito solitário quando as luzes se apagaram na mansão. Ele esperava que seu pai estivesse no escritório, como costumava fazer. Ele não se sentiria sozinho então. Mas naquela noite o Sr. Meredith foi convocado para a vila de pescadores na foz do porto para ver um homem morrendo. Ele provavelmente só voltaria depois da meia-noite. Carl deve dominar seu estranho sozinho.

Um homem de Glen passou carregando uma lanterna. As sombras misteriosas causadas pela luz da lanterna caíam loucamente sobre o cemitério como uma dança de demônios ou bruxas. Então eles passaram e a escuridão caiu novamente. Uma a uma, as luzes do Glen se apagaram. Era uma noite muito escura, com um céu nublado e um vento leste cru que estava frio, apesar do calendário. Longe, no horizonte, havia o baixo brilho das luzes de Charlottetown. O vento uivava e suspirava nos velhos pinheiros. O alto monumento do sr. Alec Davis brilhava na escuridão. O salgueiro ao lado lançava longos braços se contorcendo espectralmente. Às vezes, os giros de seus galhos faziam parecer que o monumento também estava se movendo.

Carl se enrolou na lápide com as pernas dobradas sob ele. Não era exatamente agradável pendurá-los sobre a beira da pedra. Apenas suponha - suponha - que as mãos ossudas devam subir do túmulo do Sr. Pollock embaixo dele e segurá-lo pelos tornozelos. Essa tinha sido uma das especulações alegres de Mary Vance uma vez, quando todos estavam sentados lá. Ele voltou a assombrar Carl agora. Ele não acreditou nessas coisas; ele nem sequer acreditava no fantasma de Henry Warren. Quanto ao Sr. Pollock, ele estava morto há sessenta anos, por isso não era provável que ele se importasse com quem estava sentado em sua lápide agora. Mas há algo muito estranho e terrível em estar acordado quando o resto do mundo está dormindo. Você está sozinho, então, com nada além de sua própria personalidade débil para enfrentar os poderosos

principados e poderes das trevas. Carl tinha apenas dez anos e os mortos estavam à sua volta - e ele desejou que, oh, desejasse que o relógio batesse doze horas. NUNCA atingiria doze? Certamente tia Martha deve ter esquecido de dar corda.

E então atingiram onze - apenas onze! Ele deve ficar mais uma hora naquele lugar sombrio. Se ao menos houvesse algumas estrelas amigas para serem vistas! A escuridão era tão densa que parecia pressionar seu rosto. Houve um som de passos furtivos por todo o cemitério. Carl estremeceu, em parte com um terror formigante, em parte com um frio de verdade.

Então começou a chover - uma garoa fria e penetrante. A blusa e a camisa fina de algodão de Carl logo estavam molhadas. Ele sentiu um calafrio até os ossos. Ele esqueceu terrores mentais em seu desconforto físico. Mas ele deve ficar lá até as doze - ele estava se punindo e estava em sua honra. Nada foi dito sobre a chuva - mas não fez nenhuma diferença. Quando o relógio do relógio finalmente bateu doze horas, uma pequena figura encharcada rastejou rigidamente para baixo da lápide do Sr. Pollock, entrou na mansão e subiu para a cama. Os dentes de Carl estavam batendo. Ele pensou que nunca iria se aquecer novamente.

Ele estava quente o suficiente quando a manhã chegou. Jerry deu uma olhada assustada em seu rosto vermelho e depois correu para ligar para o pai. O Sr. Meredith veio às pressas, seu próprio rosto branco como marfim pela palidez de sua longa vigília noturna ao lado de um leito de morte. Ele não havia chegado em casa até a luz do dia. Ele se inclinou sobre o menino ansiosamente.

"Carl, você está doente?", Ele disse.

"Aquela lápide aqui", disse Carl, "está se movendo - está chegando em mim - mantenha-a longe - por favor."

O Sr. Meredith correu para o telefone. Em dez minutos, a Dra. Blythe estava na mansão. Meia hora depois, um fio foi enviado à cidade para uma enfermeira treinada, e todos os Glen sabiam que Carl Meredith estava muito doente com pneumonia e que o Dr. Blythe tinha sido visto balançando a cabeça.

Gilbert balançou a cabeça mais de uma vez na quinzena seguinte. Carl desenvolveu pneumonia dupla. Houve uma noite em que o sr. Meredith andava de um lado para o outro da sala de estudos, e Faith e Una se aconchegavam no quarto e choravam, e Jerry, enlouquecido de remorso, se recusou a sair do chão do corredor do lado de fora da porta de Carl. O Dr. Blythe e a enfermeira nunca deixaram a cabeceira. Eles lutaram galantemente com a morte até o amanhecer vermelho e conquistaram a vitória. Carl se reuniu e passou a crise em segurança. Foi recebida a notícia sobre a espera de Glen e as pessoas descobriram o quanto elas realmente amavam o ministro e os filhos dele.

- Não dormi uma noite decente desde que soube que a criança estava doente

- disse Miss Cornelia a Anne - e Mary Vance chorou até que seus olhos estranhos pareciam buracos queimados em um cobertor. É verdade que Carl teve pneumonia por ter se desviado no cemitério naquela noite molhada por um desafio?

"Não. Ele estava lá para se punir por covardia naquele caso do fantasma de Warren. Parece que eles têm um clube para se educar e se punem quando cometem erros. Jerry contou a Meredith tudo sobre isso.

"As pobres pequenas almas", disse Miss Cornelia.

Carl melhorou rapidamente, pois a congregação levou coisas suficientes para a mansão para fornecer um hospital. Norman Douglas ia de carro todas as noites com uma dúzia de ovos frescos e um pote de creme de Jersey. Às vezes, ele ficava uma hora e berrava argumentos sobre predestinação com Meredith no estudo; mais frequentemente ele dirigia até a colina que dava para o Glen.

Quando Carl pôde voltar a Rainbow Valley, eles tiveram um banquete especial em sua homenagem, e o médico desceu e os ajudou com os fogos de artifício. Mary Vance também estava lá, mas não contou histórias de fantasmas. A senhorita Cornelia conversara sobre o assunto que Mary não esqueceria às pressas.

CAPÍTULO XXXII

DUAS PESSOAS TEIMOSAS

Rosemary West, a caminho de casa, depois de uma aula de música em Ingleside, virou-se para a nascente escondida em Rainbow Valley. Ela não esteve lá o verão inteiro; o belo local não tinha mais nenhum atrativo para ela. O espírito de seu jovem amante nunca chegou ao encontro agora; e as memórias relacionadas a John Meredith eram muito dolorosas e pungentes. Mas, por acaso, ela olhou para trás, subindo o vale e viu Norman Douglas saltando tão arejadamente quanto passear sobre o velho dique de pedra do jardim Bailey e pensou que ele estava subindo a colina. Se ele a ultrapassasse, ela teria que voltar para casa com ele e não faria isso. Então ela deslizou imediatamente para trás dos bordos da primavera, esperando que ele não a visse e passasse adiante.

Mas Norman a tinha visto e, além do mais, estava em busca dela. Ele queria há algum tempo conversar com Rosemary, mas ela sempre o pareceu evitá-lo. Rosemary nunca gostara muito de Norman Douglas. Sua tagarelice, seu temperamento, sua barulhenta hilaridade sempre a antagonizaram. Há muito tempo ela se perguntava como Ellen poderia ser atraída por ele. Norman Douglas estava perfeitamente ciente de sua aversão e ele riu. Norman nunca se preocupou se as pessoas não gostassem dele. Isso nem o fez não gostar deles em troca, pois ele considerou isso uma espécie de elogio extorquido. Ele achava que Rosemary era uma ótima garota e pretendia ser um excelente cunhado generoso para ela. Mas antes que ele pudesse ser seu cunhado, ele teve que conversar com ela, então, Rosemary estava sentada pensativa no assento de bordo onde John Meredith estivera sentado naquela noite quase um ano atrás. A pequena primavera brilhava e covinha sob sua franja de samambaias. Raios avermelhados do pôr-do-sol caíam entre os galhos arqueados. Um grupo alto de ásteres perfeitos cresceu ao seu lado. O pequeno local era tão sonhador, bruxo e evasivo quanto qualquer refúgio de fadas e dríades nas florestas antigas. Norman Douglas saltou, espalhando e aniquilando seu charme em um momento. Sua personalidade parecia engolir o lugar. Simplesmente não havia nada além de Norman Douglas, grande, barbudo, complacente.

"Boa noite", disse Rosemary friamente, levantando-se.

"'Boa noite, garota. Sente-se novamente - sente-se novamente. Eu quero conversar com você. Abençoe a garota, para que ela está me olhando assim? Não quero comer você - jantei. Sente-se e seja civilizado.

"Eu posso ouvir o que você tem a dizer muito bem aqui", disse Rosemary.

"Então você pode, garota, se você usa seus ouvidos. Eu só queria que você se sentisse confortável. Você parece tão desconfortável, parado ali. Bem, vou me sentar assim mesmo.

Norman, portanto, sentou-se no mesmo lugar em que John Meredith estivera. O contraste era tão ridículo que Rosemary tinha medo de cair na gargalhada histérica por causa disso. Norman largou o chapéu, colocou as mãos enormes e vermelhas nos joelhos e olhou para ela com os olhos brilhando.

"Venha, garota, não seja tão rígida", disse ele, de forma agradável. Quando ele gostava, podia ser muito agradável. "Vamos ter uma conversa razoável, sensata e amigável. Há algo que quero lhe perguntar. Ellen diz que não vai, então cabe a mim fazer isso.

Rosemary olhou para a primavera, que parecia ter encolhido do tamanho de uma gota de orvalho. Norman olhou para ela em desespero.

"Dum tudo, você pode ajudar um companheiro um pouco", ele explodiu.

- O que você quer que eu ajude a dizer? - perguntou Rosemary com desdém.

"Você sabe tão bem quanto eu, garota. Não ponha seus ares de tragédia. Não é de admirar que Ellen tenha medo de perguntar a você. Olha aqui, garota, Ellen e eu queremos nos casar. Isso é inglês simples, não é? Percebido? E Ellen diz que não pode, a menos que você devolva a ela alguma promessa tola que ela fez. Venha agora, você vai fazer isso? Você vai fazer isso?

"Sim", disse Rosemary.

Norman saltou e agarrou sua mão relutante.

"Boa! Eu sabia que você iria - eu disse a Ellen que você faria. Eu sabia que levaria apenas um minuto. Agora, garota, você vai para casa e conta para Ellen, e nós teremos um casamento em duas semanas e você virá morar conosco. Não vamos deixar você pousar no topo da colina como um corvo solitário - não se preocupe. Eu sei que você me odeia, mas, Senhor, será muito divertido morar com alguém que me odeia. A vida terá um pouco de tempero depois disso. Ellen vai me assar e você vai me congelar. Não terei um momento de tédio.

Rosemary não condescendeu em dizer-lhe que nada jamais a induziria a morar em sua casa. Ela o deixou voltar a passos largos para Glen, exalando deleite e complacência, e subiu lentamente a colina para casa. Ela sabia que isso aconteceria desde que retornara de Kingsport e encontrou Norman Douglas estabelecido como um frequentador noturno frequente. O nome dele nunca foi mencionado entre ela e Ellen, mas a própria evitação foi significativa. Não era da natureza de Rosemary sentir-se amarga, ou ela teria se sentido muito amarga. Ela era friamente civilizada com Norman e não fazia nenhuma diferença com Ellen. Mas Ellen não havia encontrado muito conforto em seu segundo namoro.

Ela estava no jardim, frequentada por St. George, quando Rosemary chegou em casa. As duas irmãs se encontraram na caminhada da dália. St. George sentou-se no caminho de cascalho entre eles e dobrou o rabo preto brilhante graciosamente em torno de suas patas brancas, com toda a indiferença de um gato bem alimentado, bem-educado, bem-preparado.

"Você já viu essas dálias?" Exigiu Ellen com orgulho. "Eles são os melhores que já tivemos."

Rosemary nunca se importou com dálias. A presença deles no jardim era sua concessão ao gosto de Ellen. Ela notou uma enorme manchada de vermelho e amarelo que dominava sobre todas as outras.

"Essa dália," ela disse, apontando para ela, "é exatamente como Norman Douglas. Pode ser facilmente o irmão gêmeo dele.

O rosto sombrio de Ellen ficou vermelho. Ela admirava a dália em questão, mas sabia que Rosemary não, e que nenhum elogio era pretendido. Mas ela não ousou se ressentir do discurso de Rosemary - a pobre Ellen não ousou se ressentir de nada naquele momento. E foi a primeira vez que Rosemary mencionou o nome de Norman para ela. Ela sentiu que isso anunciava algo.

"Eu conheci Norman Douglas no vale", disse Rosemary, olhando diretamente para a irmã ", e ele me disse que você e ele queria se casar - se eu lhe desse permissão".

"Sim? O que você disse? "Perguntou Ellen, tentando falar de forma natural e desinteressada, e falhando completamente. Ela não conseguiu encontrar os olhos de Rosemary. Ela olhou para as costas elegantes de St. George e sentiu um medo terrível. Rosemary tinha dito que faria ou não. Se ela quisesse, Ellen se sentiria tão envergonhada e arrependida que seria uma noiva eleita muito desconfortável; e se ela não quisesse, bem, Ellen aprendera a viver sem Norman Douglas, mas havia esquecido a lição e achava que nunca mais poderia aprendê-la.

"Eu disse que, para mim, você tinha plena liberdade de se casar assim que quisesse", disse Rosemary.

"Obrigado", disse Ellen, ainda olhando para St. George.

O rosto de Rosemary se suavizou.

"Espero que você seja feliz, Ellen", disse ela gentilmente.

"Oh, Rosemary", Ellen olhou com angústia, "eu estou tão envergonhada - eu não mereço isso - depois de tudo o que eu disse para você"

"Nós não vamos falar sobre isso", disse Rosemary apressadamente e decididamente.

"Mas - mas", persistiu Ellen, "você está livre agora também - e não é tarde demais - John Meredith -"

"Ellen West!" Rosemary tinha uma pequena centelha de temperamento sob toda a sua doçura e agora brilhava em seus olhos azuis. "Você perdeu completamente os sentidos em TODOS os aspectos? Você acha que por um instante que *eu* estou indo para ir para John Meredith e dizer humildemente: 'Por favor, senhor, eu mudei minha mente e, por favor, senhor, eu espero que você não mudou seu.' É isso que você quer que eu faça?

"Não, não, mas um pouco de incentivo, ele voltaria ..."

"Nunca. Ele me despreza - e com razão. Nada mais disso, Ellen. Não guardo rancor - case com quem você gosta. Mas não se intrometa nos meus negócios.

"Então você deve vir morar comigo", disse Ellen. "Eu não vou deixar você aqui em paz."

"Você realmente acha que eu iria morar na casa de Norman Douglas?"

- Por que não? - exclamou Ellen, meio zangada, apesar de sua humilhação.

Rosemary começou a rir.

Ellen, pensei que você tivesse senso de humor. Você pode me ver fazendo isso?

"Não vejo por que você não veria. A casa dele é grande o suficiente - você teria a sua parte para si mesmo - ele não iria interferir.

Ellen, a coisa não deve ser pensada. Não traga isso à tona novamente.

- Então - disse Ellen friamente e com determinação -, não vou me casar com ele. Eu não vou deixar você aqui em paz. Isso é tudo o que há para ser dito sobre isso. "

"Bobagem, Ellen."

"Não é bobagem. É a minha firme decisão. Seria absurdo você pensar em morar aqui sozinho - a uma milha de qualquer outra casa. Se você não vir comigo, eu ficarei com você. Agora, não discutiremos o assunto, então não tente.

"Vou deixar Norman para discutir", disse Rosemary.

Vou lidar com Norman. Eu posso gerenciar ele. Eu nunca teria pedido que você me devolvesse minha promessa - nunca -, mas tive que dizer a Norman por que não podia me casar com ele e ele disse que ELE pedia. Eu não pude impedi-lo. Você não precisa supor que é a única pessoa no mundo que possui respeito próprio. Eu nunca sonhei em casar e deixar você aqui sozinha. E você descobrirá que posso ser tão determinado quanto você.

Rosemary se virou e entrou na casa, encolhendo os ombros. Ellen olhou para St. George, que nunca piscou os cílios ou mexeu em um bigode durante toda a entrevista.

"St. George, este mundo seria um lugar monótono sem os homens, admito, mas estou quase tentado a desejar que não houvesse nenhum deles. Veja o

problema e a preocupação que eles criaram aqui, George - rasgou nossa feliz e velha vida completamente pelas raízes, santo. John Meredith começou e Norman Douglas terminou. E agora os dois têm que entrar no limbo. Norman é o único homem que conheci que concorda comigo que o Kaiser da Alemanha é a criatura mais perigosa que existe nesta terra - e não posso me casar com essa pessoa sensata porque minha irmã é teimosa e eu sou teimosa. Marque minhas palavras, St. George, o ministro voltaria se ela levantasse o dedo mindinho. Mas ela não vai George - ela nunca fará isso - ela não vai nem torcer - e eu não ouso me intrometer, Saint. Não vou ficar de mau humor, George; Rosemary não ficou de mau humor, então estou decidida que também não, Saint; Norman rasgará a grama, mas o mais longo e mais difícil é, St. George, que todos nós, velhos tolos, devemos parar de pensar em casar. Bem, bem, 'o desespero é um homem livre, a esperança é um escravo', santo. Então agora entre em casa, George, e eu vou consolá-lo com um molho de creme. Então haverá pelo menos uma criatura feliz e contente nesta colina.

CAPÍTULO XXXIII
CARL-NÃO-É CHICOTEADO

"**Acho** que devo lhe dizer uma coisa", disse Mary Vance misteriosamente.

Ela, Faith e Una estavam andando de braços dados pela vila, tendo se reunido na loja do Sr. Flagg. Una e Faith trocaram olhares que diziam: "Agora algo desagradável está chegando." Quando Mary Vance pensou que deveria lhes dizer coisas, raramente havia muito prazer na audiência. Eles sempre se perguntavam por que continuavam gostando de Mary Vance - como ela, apesar de tudo. Para ter certeza, ela geralmente era uma companheira estimulante e agradável. Se ela não tivesse essas convicções de que era seu dever contar-lhes coisas!

-Você sabia que Rosemary West não se casará com seu pai porque ela pensa que você é muito louca? Ela tem medo de não ter conseguido trazê-lo à tona direito e, por isso, recusou-o.

O coração de Una emocionou com exultação secreta. Ficou muito feliz ao saber que a senhorita West não se casaria com o pai. Mas Faith ficou bastante decepcionada.

"Como você sabe?" Ela perguntou.

"Oh, todo mundo está dizendo isso. Ouvi a sra. Elliott conversando com a sra. Doutor. Eles achavam que eu estava longe demais para ouvir, mas tenho ouvidos como os de um gato. A sra. Elliott disse que não tinha dúvida de que Rosemary tinha medo de tentar adotá-la porque você tinha essa reputação. Seu pai nunca sobe a colina agora. Norman Douglas também não. As pessoas dizem que Ellen o abandonou apenas para se acertar com ele por abandonar suas idades atrás. Mas Norman está declarando que a pegará ainda. E eu acho que você deveria saber que você estragou o jogo de seu pai e *eu* acho que é uma pena, pois ele é obrigado a casar com alguém antes de tempo, e Rosemary West teria sido a melhor esposa *que eu* conheço para ele."

"Você me disse que todas as madrastas eram cruéis e más", disse Una.

-Oh - bem - disse Mary, confusa -, a maior parte é horrível, eu sei. Mas Rosemary West não podia ser muito má com ninguém. Digo-lhe que se seu pai se virar e se casar com Emmeline Drew, você desejará que se comportasse melhor e não assustasse Rosemary por isso. É horrível que você tenha tal reputação que nenhuma mulher decente se case com seu pai por sua causa. Claro que eusaiba que metade dos fios que são contados sobre você não é verdade. Mas dê a um cachorro um nome ruim. Algumas pessoas estão dizendo que foram Jerry e Carl que atiraram as pedras pela janela da sra. Stimson na outra noite,

quando na verdade eram os dois garotos do Boyd. Mas receio que tenha sido Carl quem colocou a enguia no carrinho da velha sra. Carr, embora eu tenha dito a princípio que não acreditaria até que tivesse uma prova melhor do que a palavra da velha Kitty Alec. Eu disse à sra. Elliott tão bem na cara dela.

"O que Carl fez?", Exclamou Faith.

"Bem, eles dizem - agora, lembre-se, eu só estou lhe dizendo o que as pessoas dizem - então não adianta você me culpar por isso - que Carl e muitos outros garotos estavam pescando enguias na ponte uma noite na semana passada. A sra. Carr passou por aquele velho carrinho de rato com as costas abertas. E Carl, ele levantou e jogou uma grande enguia nas costas. Quando a pobre sra. Carr estava subindo a colina perto de Ingleside, a enguia veio se contorcendo entre os pés. Ela pensou que era uma cobra e apenas deu um grito terrível, levantou-se e pulou limpo sobre as rodas. O cavalo disparou, mas foi para casa e nenhum dano foi causado. Mas a sra. Carr balançou as pernas de maneira terrível e teve espasmos nervosos desde sempre que pensa na enguia. Digamos, foi um truque podre de brincar com a pobre e velha alma.

Faith e Una se entreolharam novamente. Isso era assunto do Clube de Boa Conduta. Eles não conversariam sobre isso com Mary.

- Lá vai o seu pai - disse Mary quando o Sr. Meredith passou por eles - e nunca mais nos viu se não estivéssemos aqui. Bem, estou ficando assim, não me importo. Mas tem gente que sim.

O Sr. Meredith não os tinha visto, mas ele não estava andando da maneira sonhadora e abstrata de sempre. Ele subiu a colina agitado e angustiado. A sra. Alec Davis acabara de contar a história de Carl e da enguia. Ela ficou muito indignada com isso. A velha sra. Carr era sua prima em terceiro grau. O Sr. Meredith estava mais do que indignado. Ele ficou ferido e chocado. Ele não tinha pensado que Carl faria algo assim. Ele não estava inclinado a ser duro com brincadeiras de negligência ou esquecimento, mas isso era diferente. Isso tinha um sabor desagradável. Quando chegou em casa, encontrou Carl no gramado, estudando pacientemente os hábitos e costumes de uma colônia de vespas. Chamando-o para o escritório, o Sr. Meredith o confrontou, com uma expressão mais severa do que qualquer um de seus filhos já havia visto antes, "Sim", disse Carl, corando, mas encontrando os olhos de seu pai bravamente.

O Sr. Meredith gemeu. Ele esperava que houvesse pelo menos exagero.

"Diga-me o assunto todo", disse ele.

"Os meninos estavam pescando enguias na ponte", disse Carl. - Link Drew havia capturado uma enorme - quero dizer, uma enorme - a maior enguia que já vi. Ele o pegou logo no começo e ele estava deitado em sua cesta há muito tempo, imóvel como ainda. Eu pensei que estava morto, honestamente, eu

pensei. Então a velha sra. Carr passou pela ponte e chamou todos nós jovens e disse-nos para irmos para casa. E nós não tínhamos dito uma palavra para ela, pai, verdadeiramente. Então, quando ela voltou, depois de ir à loja, os meninos me desafiaram a colocar a enguia de Link em seu carrinho. Eu pensei que estava tão morto que não poderia machucá-la e joguei dentro. Então a enguia voltou à vida na colina e a ouvimos gritar e a vimos pular. Eu sinto muito. Isso é tudo, pai.

Não era tão ruim quanto o Sr. Meredith temia, mas já era bastante ruim. "Eu devo puni-lo, Carl", disse ele com tristeza.

"Sim, eu sei pai."

"Eu - eu devo chicoteá-lo."

Carl estremeceu. Ele nunca fora chicoteado. Então, vendo o quanto seu pai se sentia, ele disse alegremente:

"Tudo bem, pai."

O Sr. Meredith entendeu mal sua alegria e o considerou insensível. Ele disse a Carl para ir ao escritório depois do jantar, e quando o menino saiu, ele se jogou na cadeira e gemeu novamente. Ele temia a noite sete vezes mais do que Carl. O pobre ministro nem sabia com o que deveria chicotear o garoto. O que foi usado para chicotear meninos? Rods? Bastões? Não, isso seria brutal demais. Um interruptor de madeira, então? E ele, John Meredith, deve levá-lo ao bosque e cortar um. Era um pensamento abominável. Então uma imagem se apresentou espontaneamente à sua mente. Ele viu o rostinho enrugado e quebradiço da sra. Carr ao ver aquela enguia revivente - ele a viu navegando como bruxa sobre as rodas de buggy. Antes que ele pudesse se impedir, o ministro riu. Então ele ficou com raiva de si mesmo e ainda mais irritado com Carl. Ele receberia o interruptor de uma só vez - e não deve ser muito flexível, afinal.

Carl estava conversando sobre o assunto no cemitério com Faith e Una, que tinham acabado de chegar em casa. Eles ficaram horrorizados com a idéia de ele ser chicoteado - e pelo pai, que nunca havia feito isso! Mas eles concordaram sobriamente que era justo.

"Você sabe que foi uma coisa terrível de se fazer", suspirou Faith. "E você nunca pertenceu ao clube."

"Eu esqueci", disse Carl. "Além do mais, não achei que nenhum mal tivesse acontecido. Eu não sabia que ela balançou as pernas. Mas vou ser chicoteado e isso tornará as coisas mais acertadas.

"Vai doer muito?" Disse Una, deslizando a mão na de Carl.

"Oh, nem tanto, eu acho", disse Carl com veemência. "De qualquer forma, não vou chorar, não importa o quanto dói. Isso faria o pai se sentir tão mal, se eu sentisse. Ele está todo cortado agora. Eu gostaria de poder me chicotear forte o

suficiente e salvá-lo fazendo isso.

Depois do jantar, no qual Carl comeu pouco e o Sr. Meredith nada, os dois foram silenciosamente para o escritório. O interruptor estava sobre a mesa. Meredith teve um mau momento conseguindo um interruptor adequado a ele. Ele cortou um, depois sentiu que era muito fino. Carl fez uma coisa realmente indefensável. Então ele cortou outro - era grosso demais. Afinal, Carl pensou que a enguia estava morta. O terceiro lhe convinha melhor; mas quando ele o pegou da mesa, parecia muito grosso e pesado - mais como uma vara do que como um interruptor.

"Estenda sua mão", disse ele a Carl.

Carl jogou a cabeça para trás e estendeu a mão sem vacilar. Mas ele era jovem e não conseguia esconder um pouco de medo. O Sr. Meredith olhou para aqueles olhos - bem, eles eram os olhos de Cecilia - seus próprios olhos - e neles estava a mesma expressão que ele já vira nos olhos de Cecilia quando ela o procurou para lhe dizer algo que ela estava com um pouco de medo. para contar a ele. Ali estavam os olhos dela no rostinho branco de Carl - e seis semanas atrás ele pensara, durante uma noite interminável e terrível, que seu menino estava morrendo.

John Meredith desligou o interruptor.

"Vá", disse ele, "não posso chicotear você".

Carl fugiu para o cemitério, sentindo que o olhar no rosto de seu pai era pior do que qualquer chicotada.

"Acabou tão cedo?" Perguntou Faith. Ela e Una estavam de mãos dadas e colocando os dentes na lápide de Pollock.

"Ele - ele não me chicoteou", disse Carl com um soluço, "e - eu gostaria que ele tivesse - e ele está lá, se sentindo horrível."

Una se afastou. Seu coração ansiava por confortar o pai. Tão silenciosamente quanto um ratinho cinzento, ela abriu a porta do escritório e entrou. O quarto estava escuro com o crepúsculo. O pai dela estava sentado em sua mesa. Ele estava de costas para ela - a cabeça estava nas mãos. Ele estava falando consigo mesmo - palavras quebradas e angustiadas - mas Una ouviu - ouviu e entendeu, com a súbita iluminação que chega a crianças sensíveis e não-maternas. Tão silenciosamente quanto entrara, saiu e fechou a porta. John Meredith continuou falando sobre sua dor no que considerava sua solidão imperturbada.

CAPÍTULO XXXIV

UNA VISITA O MONTE

Una subiu as escadas. Carl e Faith já estavam a caminho através do luar para o vale do arco-íris, depois de terem ouvido falar do elfo elf da harpa de judeus de Jerry e adivinhado que os Blythes estavam lá e se divertindo. Una não queria ir. Ela procurou seu próprio quarto primeiro, onde se sentou na cama e chorou um pouco. Ela não queria que ninguém viesse no lugar de sua querida mãe. Ela não queria uma madrasta que a odiasse e fizesse com que o pai a odiasse. Mas o pai estava tão desesperadamente infeliz - e se ela pudesse fazer algo para fazê-lo mais feliz, DEVE fazê-lo. Só havia uma coisa que ela podia fazer - e ela sabia que, no momento em que deixara o estudo, deveria fazê-lo. Mas foi uma coisa muito difícil de fazer.

Depois que Una chorou, ela enxugou os olhos e foi para o quarto de hóspedes. Estava escuro e mofado, pois as cortinas não haviam sido fechadas nem a janela aberta por um longo tempo. Tia Martha não era uma viciada em ar fresco. Mas como ninguém jamais pensou em fechar uma porta na casa de campo, isso não importava muito, exceto quando algum infeliz ministro veio ficar a noite toda e foi obrigado a respirar a atmosfera do quarto de hóspedes.

Havia um armário no quarto de hóspedes e, lá atrás, um vestido de seda cinza estava pendurado. Una entrou no armário e fechou a porta, ajoelhou-se e pressionou o rosto contra as suaves dobras de seda. Era o vestido de noiva da mãe. Ainda estava cheio de um perfume doce, fraco e assustador, como um amor persistente. Una sempre se sentiu muito perto de sua mãe ali - como se estivesse ajoelhada aos pés com a cabeça no colo. Ela foi lá de vez em quando quando a vida era MUITO difícil.

"Mãe", ela sussurrou para o vestido de seda cinza, " *Eu* nunca vou esquecer você, mãe, e eu sempre vou te amar melhor. Mas eu tenho que fazer isso, mãe, porque o pai é muito infeliz. Eu sei que você não gostaria que ele fosse infeliz. E serei muito bom com ela, mãe, e tentarei amá-la, mesmo que ela seja como Mary Vance disse que as madrastas sempre foram.

Una carregou uma boa força espiritual para longe de seu santuário secreto. Ela dormiu em paz naquela noite com as manchas de lágrimas ainda brilhando em seu doce, sério, rostinho.

Na tarde seguinte, ela colocou seu melhor vestido e chapéu. Eles estavam surrados o suficiente. Todas as outras garotas do Glen tinham roupas novas naquele verão, exceto Faith e Una. Mary Vance tinha um lindo vestido de

gramado bordado branco, com faixa de seda escarlate e arcos nos ombros. Hoje, porém, Una não se importava com sua vergonha. Ela só queria ser muito elegante. Ela lavou o rosto com cuidado. Ela escovou os cabelos pretos até ficarem macios como cetim. Amarrou os cadarços com cuidado, depois de costurar duas corridas com um par de boas meias. Ela gostaria de enegrecer os sapatos, mas não conseguiu encontrar nenhum preto. Finalmente, ela se afastou da mansão, atravessou o vale do arco-íris, atravessou a floresta sussurrante e saiu para a estrada que passava pela casa na colina.

Ela viu Rosemary West sentada embaixo de uma árvore no jardim e passou pelas camas de dália para ela. Rosemary tinha um livro no colo, mas ela estava olhando para longe do porto e seus pensamentos estavam tristes o suficiente. Ultimamente a vida não era agradável na casa da colina. Ellen não estava de mau humor - Ellen tinha sido um tijolo. Mas pode-se sentir coisas que nunca são ditas e, às vezes, o silêncio entre as duas mulheres era intoleravelmente eloqüente. Todas as muitas coisas familiares que outrora haviam tornado a vida doce tinham um sabor de amargura agora. Norman Douglas também fez irrupções periódicas, intimidando e persuadindo Ellen por turnos. Rosemary acreditava que isso acabaria arrastando Ellen com ele algum dia, e Rosemary sentiu que ela ficaria quase feliz quando isso acontecesse. A existência seria terrivelmente solitária então, Ela foi despertada de seu devaneio desagradável por um tímido toque em seu ombro. Virando-se, ela viu Una Meredith.

"Por que, Una, querida, você subiu aqui em todo esse calor?"

"Sim", disse Una, "vim para ... vim para"

Mas ela achou muito difícil dizer o que viera fazer. Sua voz falhou - seus olhos se encheram de lágrimas.

"Una, garotinha, qual é o problema? Não tenha medo de me dizer.

Rosemary colocou o braço em volta da forma fina e puxou a criança para perto dela. Seus olhos eram muito bonitos - seu toque era tão terno que Una encontrou coragem.

"Eu vim, para lhe pedir, para casar com o pai", ela ofegou.

Rosemary ficou em silêncio por um momento por pura perplexidade. Ela olhou para Una inexpressivamente.

"Oh, não fique com raiva, por favor, querida senhorita West", disse Una, suplicante. "Veja bem, todo mundo está dizendo que você não se casaria com o pai porque somos muito maus. Ele está MUITO infeliz com isso. Por isso, pensei em vir dizer-lhe que nunca somos maus de propósito. E se você apenas se casar com o pai, todos tentaremos ser bons e fazer exatamente o que você nos disser. Tenho certeza que você não terá nenhum problema conosco. West, por favor.

Rosemary estava pensando rapidamente. A suspeita de fofoca, ela viu,

havia colocado essa idéia errada na mente de Una. Ela deve ser perfeitamente franca e sincera com a criança.

"Una, querida", disse ela suavemente. "Não é por causa de suas pobres almas que eu não posso ser a esposa de seu pai. Eu nunca pensei nisso. Você não é ruim - nunca imaginei que fosse. Lá ... havia outra razão, Una.

- Você não gosta de pai? - perguntou Una, erguendo os olhos reprovadores. West, você não sabe como ele é legal. Tenho certeza que ele faria de você um bom marido.

Mesmo no meio de sua perplexidade e angústia, Rosemary não pôde evitar um pequeno sorriso torcido.

"Oh, não ria, senhorita West", Una chorou apaixonadamente. "O pai sente medo sobre isso."

"Acho que você está enganado, querida", disse Rosemary.

"Eu não estou. Tenho certeza que não. Oh, Srta. West, o pai ia chicotear Carl ontem - Carl tinha sido travesso - e o pai não podia fazer isso porque você vê que ele não tinha PRÁTICA em chicotear. Então, quando Carl saiu e nos disse que o pai estava tão mal, entrei no escritório para ver se eu poderia ajudá-lo - ele gosta de mim para confortá-lo, senhorita West - e ele não me ouviu entrar e ouvi o que ele estava dizendo. West, se você me deixar sussurrar em seu ouvido.

Una sussurrou seriamente. O rosto de Rosemary ficou vermelho. Então John Meredith ainda se importava. Ele não havia mudado de idéia. E ele deveria se importar intensamente se dissesse isso - importa mais do que ela jamais imaginara que ele. Ela ficou parada por um momento, acariciando os cabelos de Una. Então ela disse:

"Você vai levar uma pequena carta minha para seu pai, Una?"

"Oh, você vai se casar com ele, senhorita West?" Perguntou Una, ansiosa.

"Talvez, se ele realmente quer que eu faça", disse Rosemary, corando novamente.

"Estou feliz - estou feliz", disse Una corajosamente. Então ela olhou para cima, com os lábios trêmulos. - Oh, senhorita West, você não vai virar pai contra nós - você não o fará nos odiar, vai? - ela disse suplicante.

Rosemary olhou novamente.

"Una Meredith! Você acha que eu faria uma coisa dessas? O que colocou essa idéia em sua cabeça?

"Mary Vance disse que as madrastas eram todas assim - e que todas elas odiavam seus enteados e faziam com que o pai as odiasse - ela disse que elas simplesmente não podiam evitar - apenas ser madrastas as fazia assim" - "Pobre criança! E ainda assim você veio aqui e me pediu em casamento com seu pai porque queria fazê-lo feliz? Você é uma querida - uma heroína - como diria

Ellen, você é um tijolo. Agora ouça-me, muito de perto, querida. Mary Vance é uma garotinha boba que não sabe muito e está terrivelmente enganada sobre algumas coisas. Eu nunca sonharia em tentar virar seu pai contra você. Eu amaria todos vocês ternamente. Não quero tomar o lugar de sua própria mãe - ela sempre deve ter isso em seus corações. Mas também não tenho intenção de ser madrasta. Eu quero ser seu amigo, ajudante e amigo. Você não acha que seria legal, Una, se você, Faith, Carl e Jerry pudessem pensar em mim como um bom amigo alegre, uma grande irmã mais velha?

"Oh, seria adorável", exclamou Una, com um rosto transfigurado. Ela jogou os braços impulsivamente em volta do pescoço de Rosemary. Ela estava tão feliz que sentiu como se pudesse voar sobre asas.

"Os outros - Faith e os meninos têm a mesma idéia que você teve sobre madrastas?"

"Não. Faith nunca acreditou em Mary Vance. Eu era terrivelmente tolo em acreditar nela também. A fé já o ama - ela o ama desde que o pobre Adam foi comido. E Jerry e Carl vão pensar que é alegre. Oh, Srta. West, quando você vier morar conosco, poderá me ensinar a cozinhar um pouco e costurar e fazer coisas? Eu não sei de nada Não terei muitos problemas, vou tentar aprender rápido.

"Querida, eu vou te ensinar e ajudá-lo tudo que puder. Agora, você não dirá uma palavra a ninguém sobre isso, dirá - nem mesmo a Faith, até que seu próprio pai lhe diga que você pode? E você vai ficar e tomar chá comigo?

"Oh, obrigada - mas - mas - acho que prefiro voltar e levar a carta para o pai", vacilou Una. "Veja bem, ele ficará feliz em breve, senhorita West."

"Entendo", disse Rosemary. Ela foi até a casa, escreveu um bilhete e deu para Una. Quando aquela pequena donzela fugiu, um monte palpitante de felicidade, Rosemary foi até Ellen, que estava descascando ervilhas na varanda dos fundos.

"Ellen", ela disse, "Una Meredith acaba de estar aqui para me pedir em casamento com o pai dela".

Ellen olhou para cima e leu o rosto da irmã.

"E você vai?" Ela disse.

"É bem provável."

Ellen continuou descascando ervilhas por alguns minutos. Então, de repente, ela colocou as mãos no rosto. Havia lágrimas em seus olhos negros.

"Eu - espero que todos fiquemos felizes", disse ela entre um soluço e uma risada.

Na mansão, Una Meredith, quente, rosada, triunfante, marchou ousadamente para o escritório de seu pai e colocou uma carta na mesa diante

dele. Seu rosto pálido ficou vermelho ao ver a letra clara e fina que ele conhecia tão bem. Ele abriu a carta. Foi muito curto - mas ele perdeu vinte anos ao ler. Rosemary perguntou se ele poderia encontrá-la naquela noite ao pôr do sol na primavera em Rainbow Valley.

CAPÍTULO XXXV
"DEIXE O FLAUTISTA VIR"

"E assim", disse Miss Cornelia, "o casamento duplo será em meados deste mês".

Havia um leve frio no ar no começo da noite de setembro, então Anne acendeu seu fogo sempre pronto de troncos na grande sala de estar, e ela e a senhorita Cornelia se deliciaram com o brilho das fadas.

"É tão delicioso, especialmente em relação ao Sr. Meredith e Rosemary", disse Anne. "Estou tão feliz com isso, como quando estava me casando. Eu me senti exatamente como uma noiva novamente na noite passada, quando eu estava na colina vendo o enxoval de Rosemary.

"Eles me dizem que as coisas dela estão bem o suficiente para uma princesa", disse Susan de um canto sombrio, onde ela estava abraçando seu menino marrom. "Fui convidado para vê-los também e pretendo ir uma noite. Entendo que Rosemary deve usar seda branca e um véu, mas Ellen será casada em azul marinho. Sra. Dra. Querida, não tenho dúvidas de que isso é muito sensível a ela, mas, por minha parte, sempre senti que, se alguma vez *me* casasse , preferiria o branco e o véu, como se fosse mais uma noiva. "

Uma visão de Susan em "branco e véu" se apresentou diante da visão interior de Anne e foi quase demais para ela.

"Quanto ao Sr. Meredith", disse Miss Cornelia, "até o noivado dele fez dele um homem diferente. Ele não é tão sonhador e distraído, acredite. Fiquei tão aliviada quando soube que ele havia decidido fechar a mansão e deixar as crianças visitarem enquanto ele estava em lua de mel. Se ele os tivesse deixado com a velha tia Martha sozinha por um mês, eu deveria esperar acordar todas as manhãs e ver o lugar incendiado.

"Tia Martha e Jerry estão vindo para cá", disse Anne. "Carl está indo para o Élder Clow. Não ouvi onde as meninas estão indo.

"Oh, eu vou levá-los", disse Miss Cornelia. "Claro, fiquei feliz em fazê-lo, mas Mary não teria me dado paz até que eu pedisse a eles. O Ladies 'Aid vai limpar a mansão de cima para baixo antes da volta dos noivos, e Norman Douglas combinou de encher a adega com legumes. Ninguém nunca viu ou ouviu algo parecido com Norman Douglas hoje em dia, acredite em mim. Ele está tão agradado que vai se casar com Ellen West depois de querer a vida toda. Se *eu* fosse Ellen - mas então não, e se ela estiver satisfeita, posso muito bem estar. Eu a ouvi dizer anos atrás, quando ela era uma estudante, que não queria um filhote de cachorro manso para o marido. Não há nada manso em Norman,

acredite em mim.

O sol estava se pondo sobre o vale do arco-íris. A lagoa estava usando um maravilhoso tecido roxo, dourado, verde e vermelho. Uma leve neblina azul repousava na colina leste, sobre a qual uma grande e pálida lua redonda flutuava como uma bolha de prata.

Estavam todos lá, agachados na pequena clareira aberta - Faith e Una, Jerry e Carl, Jem e Walter, Nan e Di e Mary Vance. Eles estavam tendo uma comemoração especial, pois seria a última noite de Jem em Rainbow Valley. No dia seguinte, ele partiria para Charlottetown para frequentar a Queen's Academy. Seu círculo encantado seria quebrado; e, apesar da alegria de seu pequeno festival, havia uma pitada de tristeza em todo coração jovem gay.

"Veja, há um grande palácio de ouro ali ao pôr do sol", disse Walter, apontando. "Olhe para a torre brilhante - e as faixas vermelhas escorrendo delas. Talvez um conquistador esteja voltando da batalha para casa - e eles os estão esperando para fazer honra a ele.

"Oh, eu gostaria que tivéssemos os velhos tempos de volta", exclamou Jem. "Eu adoraria ser um soldado, um grande general triunfante. Eu daria tudo para ver uma grande batalha.

Bem, Jem deveria ser um soldado e ver uma batalha maior do que jamais havia sido travada no mundo; mas isso ainda estava longe no futuro; e a mãe, cujo filho primogênito era, costumava olhar para seus filhos e agradecer a Deus que os "dias corajosos da antiguidade", pelos quais Jem ansiava, se foram para sempre, e que nunca seria necessário para o filho. filhos do Canadá a cavalgarem para a batalha "pelas cinzas de seus pais e pelos templos de seus deuses".

A sombra do Grande Conflito ainda não havia sentido nenhum precursor de seu frio. Os rapazes que brigavam, e talvez caíssem, nos campos da França e Flandres, Gallipoli e Palestina, ainda eram garotos de escola malandros, com uma vida justa em perspectiva diante deles: as garotas cujos corações deviam torcer ainda eram donzelas bonitas. estrela com esperanças e sonhos.

Lentamente, os estandartes da cidade do pôr-do-sol cederam o vermelho e o ouro; lentamente o concurso do conquistador desapareceu. Crepúsculo rastejou sobre o vale e o pequeno grupo ficou em silêncio. Walter estava lendo novamente naquele dia em seu amado livro de mitos e lembrou-se de como uma vez imaginara o flautista descendo o vale em uma noite como esta.

Ele começou a falar sonhadoramente, em parte porque queria emocionar um pouco seus companheiros, em parte porque algo à parte dele parecia estar falando através de seus lábios.

"O Flautista está se aproximando", ele disse, "ele está mais perto do que estava naquela noite em que o vi antes. Sua capa longa e sombria está soprando

em torno dele. Ele canta - ele canta - e devemos seguir - Jem, Carl, Jerry e eu - em volta do mundo. Ouça ... ouça ... você não consegue ouvir a música selvagem dele?

As meninas estremeceram.

"Você sabe que está apenas fingindo", protestou Mary Vance, "e eu gostaria que não. Você faz isso muito real. Eu odeio esse seu velho Flautista.

Mas Jem apareceu com uma risada alegre. Ele se levantou em uma pequena colina, alta e esplêndida, com a testa aberta e os olhos destemidos. Havia milhares como ele em toda a terra do bordo.

"Deixe o flautista vir e bem-vindo", ele gritou, acenando com a mão. "Vou segui-lo com prazer ao redor do mundo."

FIM

Table of Contents

I-DE NOVO EM CASA
II-MAIS FOFOCA
III-AS CRIANÇAS INGLESAS
IV-AS CRIANÇAS DA MANSÃO
V-O ADVENTO DE MARY VANCE
VI-MARY PERMANECE NA MANSÃO
VII-UM EPISÓDIO DUVIDOSO
VIII-MISS CORNELIA INTERVÉM
IX-UNA INTERVÉM
X-A CASA LIMPA DAS MENINAS DA MANSÃO
XI-UMA DESCOBERTA TERRÍVEL
XII-UMA EXPLICAÇÃO E UM DESAFIO
XIII-A CASA NO MONTE
XIV-A SRA. ALEC DAVIS FAZ UMA CHAMADA
XV-MAIS FOFOCA
XVI-OLHO POR OLHO
XVII-UMA VITÓRIA DUPLA
XVIII-MARIA TRAZ MÁS NOTICIAS
XIX-POBRE ADÃO!
XX-A FAITH FAZ UM AMIGO
XXI-A PALAVRA IMPOSSÍVEL
XXII-ST. GEORGE SABE TUDO
XXIII-O CLUBE DE BOA CONDUTA
XXIV-UM IMPULSO CARIDOSO
XXV-OUTRO ESCÂNDALO E OUTRA "EXPLICAÇÃO"
XXVI-MISS CORNELIA TEM UM NOVO PONTO DE VISTA
XXVII-UM CONCERTO SAGRADO
XXVIII-UM DIA RÁPIDO
XXIX-UM CONTO ESTRANHO
XXX-O FANTASMA NO DIQUE
XXXI-CARL FAZ PENITÊNCIA
XXXII-DUAS PESSOAS TEIMOSAS

XXXIII-CARL-NÃO-É CHICOTEADO
XXXIV-UNA VISITA O MONTE
XXXV-"DEIXE O FLAUTISTA VIR"